UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DENISE BATISTA PEREIRA JORGE

JARDIM, PEDRA, MAR:
UM OLHAR ARQUETÍPICO PARA A CIDADE

(Versão Corrigida)

São Paulo

2018

DENISE BATISTA PEREIRA JORGE

**JARDIM, PEDRA, MAR:
UM OLHAR ARQUETÍPICO PARA A CIDADE**

(Versão Corrigida)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IP/USP – como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Martineli Massola.

São Paulo

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo autor

Jorge, Denise Batista Pereira.
Jardim, Pedra, Mar: um olhar arquetípico para a cidade /
Denise Batista Pereira Jorge; orientador Gustavo Martineli
Massola. -- São Paulo, 2018.
221 f.
Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em
Psicologia.
Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Alma do lugar 2. cidade 3. Etnografia sensorial
4. Psicologia arquetípica 5. imagem
I. Massola, Prof. Dr. Gustavo Martineli, orient II. Título.

Nome: JORGE, Denise Batista Pereira

Título: Jardim, Pedra, Mar: um olhar arquetípico para a cidade

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Psicologia Social.

Aprovado em: 20 /04 /2018

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Laura Villares de Freitas

Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura: _____

Dr^a. Sandra Maria Greger Tavares

Instituição: Secretaria da Saúde – São Paulo

Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Eliana Braga Aloia Atihe

Instituição: Ateliê Ocuili

Assinatura: _____

Prof. Dr. Arley Andriolo

Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura: _____

Prof. Dr. Gustavo Martineli Massola

Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura: _____

Dedico este trabalho a meus pais, José Batista Pereira (*in memoriam*) e Eunice Coelho Batista (*in memoriam*), que me deram a vida e me ensinaram a amar o mundo e todas as suas coisas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que nos fez co-criadores do mundo, quando o dotou de uma alma que pode ser cultivada por nós.

A meu esposo Rodolfo e a minhas filhas Aimée e Yasmin, que estão sempre ao meu lado, me incentivando e entendendo os momentos de ausência, que se fizeram necessários para a realização deste sonho.

Aos meus irmãos Marcelo, Hércius e Fernando, por me incentivarem e brindarem minhas conquistas.

A Thiago, Fernanda, Bedeu, D. Cida, Seu Nego, Cida, Zezão, Marilene, Fabiana, Mariçô, Bozinho, Jhonata, Seu Gonzaga, Seu Aloísio, Marcos, Tainã, aos adolescentes da equipe da biblioteca e a todos os moradores do Jardim Pedramar, que me acolheram de corpo e alma e compartilharam sua história de vida e seus sonhos comigo. Sem eles este trabalho não teria sido realizado.

A Isabel Labriola que caminhou comigo, na imaginação, pelas ruas do Jardim Pedramar, agradeço os conhecimentos compartilhados.

A Gustavo Barcellos pela rica troca de conhecimentos sobre as ideias de James Hillman.

A Magela Borbagatto que, como psicopompo, me guiou até o Jardim Pedramar.

À amiga Meire Galvão pelas reflexões alçadas e pelo olhar atento e cuidadoso para os meus escritos.

A Elizabete Sgrott, pela ajuda com a formatação do texto.

A Marinalva Gil, Rosângela Sigaki e Selma Loyola responsáveis pela secretaria do PST-IPUSP, pela orientação carinhosa.

Agradeço a dedicação, a confiança e o direcionamento seguro do meu orientador, Professor Gustavo Martineli Massola, sempre incentivando e mostrando caminhos, compartilhando de uma maneira generosa seu conhecimento comigo.

E, por último, agradeço aos professores Arley Andriolo e Laura Villares de Freitas, pela participação na banca de qualificação e de defesa, e a Sandra Maria Greger Tavares e Eliana Braga Aloia Atihe, pela participação na banca de defesa.

A cidade é a maior de nossas obras de arte, disse Lewis Mumford, colocando assim a cidade no campo da imaginação. Que fantasias incríveis são esses fenômenos levantando-se dos campos e das florestas, ao largo de rios e oceanos – essas incríveis rajadas sinfônicas desnecessárias, a não ser para dar grandiosidade física e extrapolações tumultuosas à imaginação humana. Colmeias, formigueiros, tocas de roedores são necessidades de seus construtores; mas, e nossas cidades? Para que mesmo servem nossas cidades? Nós imaginamos sua existência, e depois as explicamos com nossas ideias (HILLMAN, 2006, p.17).

RESUMO

JORGE, Denise Batista Pereira (2018). *Jardim, Pedra, Mar: um olhar arquetípico para a cidade*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Num empenho em levar a psicologia para além da clínica, James Hillman resgatou a ideia platônica de *anima mundi* (alma do mundo) e a colocou na base de suas reflexões sobre cidade e alma. Nesta perspectiva, não apenas os seres humanos, mas o mundo e as coisas do mundo, inclusive as cidades e os lugares, possuem alma. Dizer que todas as coisas possuem alma, significa dizer que, por meio de sua apresentação sensorial, as coisas exibem sua imagem interior, sua presença como realidade psíquica, e se colocam à disposição de nossa imaginação. Com essas ideias em mente esta pesquisadora recebeu um chamado e foi conhecer o Jardim Pedramar, bairro localizado na periferia da cidade de Jacareí (SP), recorte da cidade que foi eleito para a realização desta investigação. Adotando como método a etnografia sensorial, proposta por Sarah Pink, segundo a qual o etnógrafo adquire conhecimento com seu corpo inteiro, experimentando, a pesquisadora conviveu com os moradores do lugar durante três anos e meio, registrando em imagens tudo o que via e experimentava. A investigação culminou na edição do documentário “Jardim Pedra MareAlma”, em parceria com alguns moradores do lugar, cujo processo de produção acabou se configurando uma intervenção via imagens. Neste trabalho, e no documentário, pode-se ver que, no Jardim Pedramar as pessoas dançam moçambique, compõem músicas e escrevem poesias homenageando o bairro, grafitam muros e cuidam do meio ambiente, desenvolvendo um patrimônio cultural e de resistência que os ajuda a lidar com a falta de saneamento básico, escolas, equipamentos de lazer e unidade básica de saúde. Os moradores do Jardim Pedramar cultivam a alma do lugar, na medida em que se envolvem com ele, prestam atenção àquele território de imagens e procuram dar sentido a elas. Percebe-se, no Jardim Pedramar, que é possível conjugar vulnerabilidade e felicidade, duas qualidades da alma que raramente imaginamos estarem presentes ao mesmo tempo. Refletindo sobre essa experiência, à luz da psicologia analítica e da psicologia arquetípica, constatou-se que as imagens no mundo são um meio privilegiado de acesso à alma de um lugar, pois permitem um olhar poético e metafórico para suas coisas, criando cultura psicológica e formas de viver. Por meio desta investigação, foi possível constatar também, que a etnografia sensorial é uma metodologia que permite estudar e compreender a alma de um lugar.

Palavras-chave: alma; alma do lugar; cidade; imagem; etnografia sensorial; psicologia arquetípica; psicologia analítica.

ABSTRACT

JORGE, Denise Batista Pereira (2018). *Garden, Stone, Sea: an archetypal look at the city*. Ph.D. Thesis, Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.

In an effort to take psychology beyond the clinic, James Hillman rescued the platonic idea of anima mundi (soul of the world) and placed it at the base of his reflections on city and soul. In this perspective, not only human beings, but the world and the things of the world, including cities and places, have soul. To say that all things have soul means to say that through their sensorial presentation things exhibit their inner image, their presence as psychic reality, and are put at the disposal of our imagination. With these ideas in mind this researcher received a calling and got to know Jardim Pedramar, a neighborhood located on the outskirts of the city of Jacareí (SP), a part of the city that was chosen to carry out this research. Utilizing as a method the sensory ethnography, proposed by Sarah Pink, according to which the ethnographer acquires knowledge with his/her entire body, experimenting, the researcher lived closely with the local residents for three and a half years, recording via images everything they saw and experienced. The investigation culminated in the edition of the documentary "Jardim Pedra MareAlma" (Stone, Sea and Soul- Garden), in partnership with some local residents, whose production process ended up being an intervention via images. In this work, and in the documentary, one can see that in Jardim Pedramar people dance to Mozambique, compose songs and write poetry honoring the neighborhood, graffiti walls and take care of the environment, developing a cultural and residence heritage that helps them cope with lack of basic sanitation, schools, leisure equipment and a basic health unit. The residents of Jardim Pedramar cultivate the soul of the place, as they become involved with it. They pay attention to that territory of images and try to make sense of them. One can see in Jardim Pedramar that it is possible to combine vulnerability and happiness, two qualities of the soul that we rarely imagine to be present at the same time. Reflecting on this experience, in the light of analytical and archetypal psychology, it has been found that images in the world are a privileged means of accessing the soul of a place, since they allow a poetic and metaphorical look at their things, creating psychological culture and ways of living. Through this research, it was also possible to verify that sensorial ethnography is a methodology that allows us to study and understand the soul of a place.

Keywords: soul; soul of the place; city; image; sensorial ethnography; archetypal psychology; analytical psychology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Grupo de moçambique do Jardim Pedramar	19
Figura 2: Livro Cidade e Alma e estojo-tênis para gravador	55
Figura 3: Jardim do Seu Aloísio: (A) No início da pesquisa e (B) No final.....	56
Figura 4: (A) Coador-saci (acima) e (B) Botina-vaso (à esquerda)	57
Figura 5: Gansos no quintal de Bedeu	59
Figura 6: Panfleto divulgando venda dos lotes no Jardim Pedramar	66
Figura 7: Imagem aérea do Jardim Pedramar.....	68
Figura 8: Imagem da Capela de São Benedito no início do bairro	69
Figura 9: (A) Livro de ata, (B) cupom e (C) carnê	70
Figura 10: Trilha caminhando com Zedequias	82
Figura 11: Reportagem sobre show de banda do Jardim Pedramar	84
Figura 12: (A) O palhaço Gonzaga, (B) Histórias do circo e (C) Álbum de fotos.....	85
Figura 13: Praça Guarani	94
Figura 14: Praça Guarani em 2011	94
Figura 15: Área atingida pelo fogo	97
Figura 16: (A) Lixo na área do incêndio e (B) Enconsta entre rodovia e bairro	97
Figura 17: Bancos na Praça Guarani	98
Figura 18: Lixeiras na Praça Guarani.....	99
Figura 19: Um jardim feito com arte	100
Figura 20: (A) A oratória, (B) a namoradeira, (C) outras obras de arte e (D) o cavalinho	101
Figura 21: Grafite no muro: Arte é vida	102
Figura 22: Antiga lanchonete da família de Thiago	105
Figura 23: Cultura no morro	106
Figura 24: Arte geração de renda.....	109
Figura 25: Teatro Má Pele.....	111
Figura 26: Exposição de fotografias: narrativas do silêncio	111
Figura 27: (A) Logotipo do Cultura no Morro e (B) cupinzeiros ao lado da Estrada do Tanquinho	117

Figura 28: Biblioteca vista da Praça Guarani	121
Figura 29: Preparação da BLPC para sua inauguração	123
Figura 30: Sarau de inauguração da BCLP	124
Figura 31: Sarau de São João.....	124
Figura 32: Aniversário da Biblioteca LPC	125
Figura 33: Procissão de São Benedito	128
Figura 34: Capela de São Benedito após a pintura.....	130
Figura 35: Grupo de moçambique na festa de São Benedito.....	134
Figura 36: A rua é o nosso quintal. Sirva-se, o mundo é seu	134
Figura 37: Tema musical do AgromeraArte – 2015.....	136
Figura 38: Os muros criam vida	136
Figura 39: Sala de projeção de vídeo grafitada na parede da lanchonete	136
Figura 40: Feira de produtos locais	137
Figura 41: (A) Maracatu e (B) Show musical	138
Figura 42: (A) Casa de pau-a-pique e (B) amassando o barro	138
Figura 43: Grafites no AgromeraArte – 2016.....	139
Figura 44: Caminhão-palco e feijoada vegana no AgromeraArte – 2016.....	140
Figura 45: Eco-trilha e visita à Praça Guarani no AgromeraArte – 2017	141
Figura 46: Área de camping e palco para luau.....	141
Figura 47: Varal de máscaras	142
Figura 48: Matinê de carnaval	142
Figura 49: (A) Homens bebendo na calçada e (B) lixo e entulho	143
Figura 50: Parede lateral do Cultura no Morro	149
Figura 51: (A) Nascente cristalina e (B) Córrego poluído.....	150
Figura 52: Grafitando o nome do campeonato UniQuebradas	162
Figura 53: Quadra em construção – abr. 2011	163
Figura 54: Aula de capoeira na quadra com iluminação improvisada	163
Figura 55: Moradores cuidando da quadra	168
Figura 56: UniQuebradas – 2014	168
Figura 57: (A) UniQuebradas 2016 e (B) UniQuebradas 2017	169
Figura 58: Grafites nos muros no fundo da quadra	170
Figura 59: Fauna e flora no Jardim Pedramar.....	173
Figura 60: À beira do Córrego do Tanquinho	174
Figura 61: (A) Escultura e (B) Modelagem com biscoit	176

Figura 62: Reuniões, reflexões e refeições	180
Figura 63: Entrevista com D. Cida.....	184
Figura 64: D. Cida atualizando registros de empréstimos de livros.....	185
Figura 65: Refeições na casa de D. Cida.....	186
Figura 66: Entrevista com Bedeu na cozinha	187
Figura 67: A rotatória, ponto de encontro.....	188
Figura 68: Entrevista com Seu Nego.....	190
Figura 69: Entrevista com Seu Aloísio	191
Figura 70: Entrevista com Zezão.....	192
Figura 71: Entrevista com Seu Gonzaga.....	193
Figura 72: Equipe de produção registrando <i>making of</i>	195

SUMÁRIO

1 ENCONTRO COM O JARDIM PEDRAMAR	13
1.1 Como assim, eles são felizes?	13
1.2 Encontrando profundidades na cultura dos territórios	28
2 É JARDIM, É PEDRA, É MAR: A HISTÓRIA DO JARDIM PEDRAMAR	62
2.1 A criação do Jardim Pedramar: encontrando um lugar	64
2.2 Cultivando o Jardim: cultura, alma e imaginação	91
2.3 Luzes e sombras: sobre viver no Jardim Pedramar	144
3 A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO: UMA INTERVENÇÃO VIA IMAGENS.....	175
4 REFLEXOS NA ALMA: CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
REFERÊNCIAS.....	201
APÊNDICES	207

1 ENCONTRO COM O JARDIM PEDRAMAR

1.1 Como assim, eles são felizes?

As coisas atraem-nos para o conhecimento íntimo como se necessitassem de nós para se completarem. A beleza do mundo tira a alma de uma inclinação para o domínio autocentrado do mundo por meio do desengajamento e a conduz ao engajamento com a realidade. Esse desejo intenso de experimentar o mundo pulsando através do corpo busca nos iniciar no cuidado com todas as coisas. Quando nos aproximamos das coisas com o cuidado da alma, a alma delas brilha em torno (SARDELLO, 1997, p.41).

Entre os anos de 2010 e 2013, época em que eu cursei o mestrado, realizei um estudo empírico no município de Jacareí, visando compreender os significados atribuídos ao termo vulnerabilidade e a forma pela qual os agentes envolvidos em programas de intervenção dirigidos a uma parcela da sociedade entendida como altamente vulnerável – a adolescência – utilizam esta palavra e a relacionam com suas práticas sociais (JORGE, 2013). Eu parti da hipótese de que o termo vulnerabilidade era usado como ponto de apoio para a elaboração das políticas públicas e para as ações sociais que visam prevenir e enfrentar situações de risco e de vulnerabilidade.

O significado encontrado no dicionário (FERREIRA, 1999) para o termo vulnerável - “ferido, sujeito a ser atacado, derrotado, frágil, prejudicado ou ofendido” remeteu-me ao mito de Aquiles, cujo “ponto frágil”, o calcanhar, foi atingido por uma flecha envenenada que o matou.

Na *Odisséia*, Homero retrata Aquiles como o mais reconhecido de todos os guerreiros gregos. Ele ficou muito conhecido pela sua coragem lutando na Guerra de Tróia. Filho da Deusa Tétis e do rei Peleu, ele era mortal como seu pai. Sua mãe, inconformada com isso, tentou torná-lo imortal, como contam duas versões do mito. Uma das versões diz que, quando Aquiles era recém-nascido, Tétis o mergulhou nas águas do Rio Estige, com o objetivo de dar-lhe a imortalidade. Porém, ela o segurou pelo calcanhar e esta parte de seu corpo não foi banhada, tornando-se seu ponto vulnerável.

A outra versão relata que a Deusa queimava o filho nas chamas avermelhadas do fogo e em seguida cuidava de suas feridas com ambrosia. Essa era uma outra maneira de imortalizar um humano. A Deusa o segurava diante das chamas pelo calcanhar e este local acabou se tornando seu ponto vulnerável, pois as chamas não o haviam atingido.

Certo dia, Peleu viu Tétis segurando Aquiles diante das chamas e, desde esse dia, proibiu que ela ficasse com ele. O menino passou a ser educado pelo centauro Quíron, com quem ele aprendeu a arte da medicina e o segredo das plantas. Ele vivia feliz no meio dos bosques e, com o passar do tempo, ele tornou-se forte, inteligente e muito corajoso. Quando as batalhas de Tróia começaram, os gregos consultaram o oráculo e ele informou-lhes que a vitória só aconteceria se eles contassem com a coragem e a força de Aquiles.

Tétis, preocupada com a possibilidade de seu filho ir para a guerra, tentou impedir sua ida, mas em vão. Para protegê-lo, ela deu ao filho uma armadura impenetrável, que havia sido forjada pelo Deus Hefesto. Aquiles lutou usando esta armadura durante muitos anos e tornou-se o maior herói grego, muito temido por seus inimigos. Porém, numa das batalhas, quando Aquiles liderava os gregos num ataque às muralhas de Tróia, ele foi atingido no calcanhar por uma flecha envenenada disparada por Páris, e morreu.

A leitura do mito nos permite refletir sobre o tema vulnerabilidade e entender que, como Aquiles, nós, humanos, também temos nossos pontos frágeis. De fato, a vulnerabilidade é inerente à vida humana. Nossa vulnerabilidade decorre do fato de termos um corpo, que está sujeito ao adoecimento e ao envelhecimento; dos riscos que corremos diante das intempéries da natureza – furacões, inundações, terremotos, secas, dentre outros; da possibilidade de sermos feridos ou morrermos em consequência de atos de outros seres humanos – guerras, acidentes ou violência. E claro, de questões socioeconômicas.

Sob a ótica dos agentes sociais investigados durante meu mestrado, a vulnerabilidade está relacionada com a baixa renda, com a precariedade ou a ausência de serviços públicos nas áreas da saúde, educação, habitação, transporte e lazer, e com os ciclos de vida (infância, a adolescência, velhice, gestação, pessoas portadoras de deficiências) – fases nas quais as pessoas podem precisar de ajuda para sair das situações de fragilidade em que se encontram.

Eu percebi que esta definição de vulnerabilidade transita pelo viés da pobreza. Os peritos, embasados na legislação, mas também numa ideia paternalista – herança dos primórdios da Assistência Social no Brasil – estão muito voltados para uma ideia de vulnerabilidade existente como algo concreto e já definido. Diante disso, eles realizam a busca ativa, procurando no território considerado de vulnerabilidade, pessoas que supostamente se encontram em situação de vulnerabilidade, com o

objetivo de trazê-las para serem atendidas no CRAS. Eu percebi que a busca ativa vem, muitas vezes, associada a uma necessidade de atender determinado número de pessoas, porque isso está previsto na lei.

A exigência de proteção aos indivíduos vulneráveis aplica-se a pessoas ou grupos específicos, cujas capacidades ou liberdades encontram-se limitadas, por questões físicas, naturais, econômicas, sociais ou políticas. O uso da palavra vulnerabilidade implica a percepção de que o indivíduo ao qual se atribui isso não teria condições de sair, sem ajuda, da situação em que se encontra, o que acaba sendo usado como justificativa das ações sociais.

A análise do tema vulnerabilidade evidenciou que este vocábulo emerge recorrentemente tanto nos textos da legislação das políticas públicas de assistência social quanto no discurso espontâneo dos agentes sociais, e que a maioria das ações propostas e materializadas é pensada e explicada em termos da presença de uma categoria particular: pessoas em situação de vulnerabilidade. A história contada na perspectiva da vulnerabilidade é a de que determinados territórios são de vulnerabilidade e que as pessoas que vivem nesses lugares são, conseqüentemente, vulneráveis.

Porém, a atribuição de vulnerabilidade traz um risco evidente de, ao rotular pessoas, grupos e territórios como vulneráveis, favorecer que, ao contrário do que se espera – prevenir e combater a vulnerabilidade –, eles sejam mantidos nessas condições (JORGE, 2013).

Usar o termo vulnerável para falar sobre determinados grupos ou pessoas, mesmo com a intenção de ajudá-las, traz o risco de expô-las a mais violência e de mantê-las aprisionadas na categoria de populações vulneráveis (GUARESCHI e cols., 2007), se os efeitos produzidos por essa enunciação não forem considerados no planejamento e na execução das ações sociais.

Com aquela pesquisa, eu concluí que a vulnerabilidade é prerrogativa do território e que a percepção que os agentes sociais têm de um lugar, provavelmente impacta a percepção que eles têm das pessoas que ali vivem, e embasa a enunciação de que elas são vulneráveis (JORGE, 2013). Eu fiquei com a seguinte questão: Será que os adolescentes que observei receberiam a atribuição de vulneráveis se eles vivessem em um território que não fosse caracterizado como uma região de vulnerabilidade?

Eu iniciei o doutorado em 2014, visando observar adolescentes em diferentes

territórios e contextos, na tentativa de responder essa questão e compreender o impacto desta enunciação. Certo dia, eu assisti ao filme indiano “Como estrelas na terra”, dirigido por Aamir Khan, cujo título original é “Taare Zameen Par – Every Child is Special”¹. Lançado em 2007, o filme conta a história de um menino indiano de 9 anos de idade, chamado Ishaan, que sofria devido a dificuldades de acompanhar sua turma na escola. Todos pensavam que ele não aprendia porque não se esforçava o suficiente. Após recorrentes mudanças de escola, ele foi transferido pelo pai para um colégio interno que possuía regras muito rígidas. Lá Ishaan foi ficando cada vez mais isolado e entrou em depressão.

Quando o professor Nikumbh assumiu a disciplina de arte, ele percebeu que a dificuldade de Ishaan se devia ao fato de ele ter dislexia. Nikumbh se tornou seu tutor e o menino conseguiu aprender e acompanhar seus colegas de sala.

Ao final do ano letivo, Nikumbh organizou um concurso para eleger a melhor pintura. Todos os alunos e professores da escola participaram da atividade, que foi realizada no jardim da escola. Eu fiquei extremamente emocionada diante daquela cena que mostrava o pátio da escola repleto de obras de arte. Foi entre lágrimas que assisti as cenas finais do filme. Fui capturada por aquelas imagens e eu não conseguia parar de pensar que aquilo estava relacionado de alguma maneira com o estudo que eu estava iniciando.

Embora eu não tivesse a menor ideia do que aquilo significasse, decidi confiar no que estava sentido. Mobilizada com as cores, as texturas e o poder de transformação que a arte oferece, decidi telefonar para um amigo, o artista plástico Magela Borbagatto, reconhecido pelo Ministério da Cultura como mestre da cultura popular em Jacareí (SP), na expectativa de que ele pudesse me ajudar.

Magela me contou que estava participando de um projeto “Pedramar: Arte e Geração de Renda” e realizava oficinas com adolescentes em um bairro que eu não conhecia, o Jardim Pedramar, bairro localizado na periferia da cidade de Jacareí (SP). Ele convidou-me para conhecer o lugar e o grupo, e eu aceitei.

Fui com ele de ônibus urbano e, durante o percurso fomos conversando sobre os adolescentes que participavam da oficina. Ele me contou que eles eram muito animados e gostavam de brincar nas ruas, mas que era interessante o fato de eles se agruparem por rua, quando se juntavam para as brincadeiras. Num certo momento da

¹ No Apêndice A pode ser encontrada uma sinopse deste filme, elaborada por mim.

conversa, Magela disse uma coisa que me deixou extremamente intrigada: “Eles são adolescentes felizes!”

Nós estávamos indo para um loteamento localizado na periferia da cidade que, até onde eu sabia, apresentava muitas das características definidas pela política pública de assistência social do Brasil como indicadores de vulnerabilidade:

[...] insuficiência de renda; precariedade dos serviços públicos – saúde, educação, transporte, lazer; a presença de crianças, adolescentes, idosos e pessoas portadoras de deficiência em famílias com renda de até meio salário mínimo; analfabetismo ou a baixa escolaridade dos responsáveis pelos domicílios; famílias chefiadas por mulheres sem cônjuge; desemprego de chefes de famílias; situações de trabalho infantil; e crianças e adolescentes em idade escolar obrigatória fora da escola (BRASIL, 2005 apud JORGE, 2013, p. 79).

Eu imaginava que as pessoas me dissessem que aquele era um território de vulnerabilidade e que os adolescentes que viviam lá eram vulneráveis. Como assim, eles são adolescentes felizes?

Com a afirmativa do Magela vibrando dentro de mim, muitas outras questões vieram à minha mente. Seria minha expectativa de encontrar no Jardim Pedramar adolescentes vulneráveis um resquício da perspectiva que eu havia adotado no mestrado, a perspectiva de buscar o vulnerável e a vulnerabilidade? Será que o Magela, sendo um artista, teria uma perspectiva diferente para olhar para as pessoas e os lugares e, por isso, em vez de vulnerabilidade, ele estaria vendo felicidade? Ou haveria algo naquele lugar, que eu estava prestes a conhecer, que estaria por trás dessa atribuição de felicidade? Haveria uma possibilidade de se conjugar vulnerabilidade com felicidade?

Inundada por estes questionamentos, eu guardei minha inquietação e esforcei-me para manter uma postura aberta, ficando o mais livre possível de ideias preconcebidas, para ir ao encontro dos adolescentes. Eu adotei a atitude de uma viajante, que saindo do seu cotidiano se abre para a experiência de conhecer outros lugares. Esta minha atitude está relacionada ao conceito de afastamento proposto por Urry (1996), segundo o qual, quando rompemos com as práticas de nosso cotidiano, quando nos afastamos do lugar conhecido, nossos sentidos se abrem para estímulos que se contrapõem às nossas vivências conhecidas. Quando nos distanciamos do lugar onde passamos a maior parte de nossos dias tendemos a olhar com mais interesse e curiosidade para o que está ao nosso redor e nos deixamos ser tocados

por isso.

Se o viajante fura o horizonte da proximidade e transpõe os limites de seu mundo para fixar a atenção mais além – no que não se deixa ver, mas apenas adivinhar ou entrever -, é sempre pelos vãos do próprio mundo que ele penetra, na medida em que surgem brechas na sua evidência, abrindo passagens na paisagem ou contornando desníveis e vazios (CARDOSO, 1988, p. 358 apud ANDRIOLO, 2011, p. 124).

O ônibus fez um percurso que durou cerca de 35 minutos, parando muitas vezes para entrada e saída de pessoas e, após subir um morro, pela Estrada do Tanquinho, chegou ao lugar. Eu e Magela desembarcamos e fomos direto para o Cultura no Morro, local onde a oficina seria realizada. Nós fomos recebidos com muita alegria por Fernanda, que não é moradora do Jardim Pedramar, mas, junto com seu noivo Thiago, fundou e coordena o espaço cultural.

Magela havia contado aos adolescentes, na semana anterior, que levaria uma amiga (eu) para conhecê-los. Eu percebi que eles ficaram bem à vontade com a minha presença entre eles. Eles iniciaram suas atividades, cada um pegando no armário a peça que estava produzindo e separando os materiais necessários para dar continuidade à obra. Eles estavam produzindo bonecos modelados em argila, que seriam colados em cenários construídos em madeira.

Logo de início deparei-me com as risadas e as vozes dos adolescentes, em meio às cores e ao cheiro das tintas e não pude deixar de registrar o colorido do momento e do lugar com fotografias. Eu não conseguia deixar de pensar nas palavras do Magela: “Eles são adolescentes felizes!”.

Fernanda explicou-me que o objetivo do projeto "Pedramar: Arte e Geração de Renda²" era oferecer gratuitamente aos moradores do Jardim Pedramar, o aprendizado de uma atividade que poderia vir a ser uma possibilidade de geração de renda. Durante aquelas oficinas, os adolescentes estavam aprendendo técnicas de modelagem em argila, empapelamento, desenho com pirógrafo e também pintura. As peças produzidas seriam vendidas em feiras de artesanato a serem realizadas posteriormente no bairro.

Eu conversava com Fernanda quando Seu Nego, um dos primeiros moradores do bairro chegou ao Cultura no Morro. Ele cumprimentou-me, educadamente, apresentou-se e foi logo me contando que aos seis anos de idade ele

² Este projeto contou com o apoio financeiro da Fundação Cultural de Jacareí e da empresa CCR-Nova Dutra.

começou a dançar moçambique.

O moçambique³ é uma dança dramática (Figura 1), um folguedo de origem africana, bem comum no Vale do Paraíba. O grupo de moçambiqueiros é conduzido por um mestre, que usa um apito para dirigir a música e a dança. É o mestre quem define quem serão os personagens, que podem ser rei, rainha, príncipe, general, capitão, contramestre, dentre outros. Eles se vestem com roupas tradicionais, calças largas e brancas, camisas brancas, usam faixas e fitas coloridas e os pés descalços. Alguns deles, amarram guizos (paiá) abaixo dos joelhos. Há os que batem caixa – instrumento de percussão – e aqueles que manejam dois bastões, que são batidos nos bastões de outros membros do grupo, em movimentos cruzados, seguindo a coreografia e o ritmo da música selecionadas pelo mestre. O mestre canta e os outros repetem, entoando hinos em honra dos santos. Há bandeiras em homenagem a São Benedito, ao Divino Espírito Santo e a Nossa Senhora, que em certo momento todos reverenciam e beijam.

Figura 1: Grupo de moçambique do Jardim Pedramar
Fonte: Foto de Denise

Seu Nego dança há mais de sessenta anos e recentemente ele foi condecorado com o título de mestre da cultura em Jacareí⁴, mesma premiação que

³ Disponível em: <https://dancasfolcloricas.blogspot.com.br/2011/07/mocambique.html>

⁴ A prefeitura de Jacareí entrega periodicamente prêmios para pessoas que se destacam em manifestações culturais na cidade. A premiação Mestre Cultura Viva tem como objetivo reconhecer a atuação de mestres da tradição cultural, homenageando pessoas que contribuíram para o fortalecimento da identidade cultural da cidade. A pessoa selecionada recebe um valor em dinheiro, um certificado e uma placa de homenagem. Essa premiação está prevista no Plano Nacional de Cultura e atende às recomendações da Unesco sobre a necessidade de valorizar o patrimônio cultural imaterial.

que Magela recebeu. Ele contou que tudo começou com um acidente, em que ele se queimou, e uma promessa, feita por sua mãe.

Ao cumprir essa promessa, Seu Nego acabou sendo capturado pelo moçambique, e desde então, há 62 anos, ele dança. Ele me contou como isso aconteceu, em detalhes.

Eu sou mestre do moçambique, em Jacaré. O moçambique, pra mim, começou com a idade de 2 anos, quando eu me queimei inteirinho... Eu nem mamava, porque eu queimei o céu da boca. Ai a minha mãe fez a promessa que, se eu sarasse, ela ia me vestir de branco e eu ia dançar, cumprir a promessa na irmandade de São Benedito. Quando eu tinha 6 anos, ela me vestiu de branco pra cumprir a promessa. Na promessa quem tá sendo batizado não pode dançar, porque passa no colo do rei, do mestre e de outros dançadores... Mas eu queria dançar. Até apanhei da minha mãe naquele dia. E o falecido J. S. falou: 'Dá um bastão na mão do moleque'. E eu peguei o bastão. Que eu danço moçambique, faz 62 anos.

Eu percebi que aquele senhor tinha muita coisa para contar, muito saber para compartilhar. Eu fiquei encantada ouvindo parte de sua história de vida e ficaria horas ali, escutando-o, mas as atividades da oficina estavam chegando ao fim, e fomos surpreendidos por um delicioso cheiro de café, que Fernanda estava preparando na cozinha. O aroma do café se misturou ao cheiro da tinta, da cola e do verniz utilizados para confecção dos bonecos. Ao mesmo tempo, o colorido das peças chamava minha atenção, bem como o vozerio e as risadas descontraídas daqueles jovens. Os adolescentes foram finalizando seus trabalhos e vieram em nossa direção, também atraídos pelo aroma do café. Este foi o primeiro café da tarde que eu compartilhei com as pessoas do Jardim Pedramar. Aquele lanche simples, mas preparado com muito carinho, estava especialmente delicioso porque foi saboreado num local animado.

Após o lanche, os adolescentes foram se despedindo e retornando às suas casas. Eu me despedi de todos e eles me convidaram para voltar lá sempre que eu quisesse. Quando eu conversei com aquelas pessoas sobre meu desejo de conhecer melhor o bairro, alguns garotos se ofereceram para me acompanhar em uma caminhada pelo lugar num outro dia, para me mostrarem o lugar onde viviam.

Fernanda acompanhou-me até o ponto de ônibus e enquanto caminhávamos ela contou, com muita empolgação, sobre as outras atividades que são desenvolvidas no bairro, dentre elas festas juninas e apresentações de teatro e dança. Eu voltei para minha casa muito mobilizada, desejando voltar ao Jardim Pedramar para conhecer

melhor as pessoas e o lugar.

Alguns dias depois, eu retornei ao Cultura no Morro e conheci o Thiago. Ele contou-me que se mudou para o bairro ainda criança, na época em que ele foi construído. Thiago me falou que se mudou para o bairro aos seis anos de idade e que teve uma infância muito boa, típica de bairros da periferia. Interessante que as brincadeiras envolviam praticamente todas as crianças do bairro e elas ficavam pelas ruas até tarde da noite, porque não havia perigos.

Eu moro aqui no Pedramar há uns 18 anos, a minha infância e adolescência foram aqui, vi a comunidade se construindo. A infância aqui foi, na minha visão, muito boa. É que é infância de periferia... A periferia para a molecada, eu acho que é interessante. Eu me lembro da gente brincando. As brincadeiras eram no bairro inteiro. Elas não aconteciam só num espaço 'X'. A gente conseguia juntar o bairro inteiro e ficar até onze horas, meia-noite, correndo. E não tinha problema, perigo e tal...

Thiago e Fernanda começaram o percurso na área da arte participando de projetos culturais oferecidos na cidade de Jacareí. Ele relatou que quando ele visitava lugares históricos, por exemplo a cidade de Paraty, ele ficava encantado com o que encontrava lá e ele sentia vontade de viver em um lugar onde também houvesse manifestações culturais e artísticas e onde o patrimônio histórico fosse valorizado.

Quando eu comecei a conhecer ambientes culturais, uma cidade turística, por exemplo Paraty, achava muito legal a questão do artesanato, as manifestações culturais, o patrimônio histórico... Eu senti que eu queria pertencer a um local com aquelas características. A gente não tinha em Jacareí um local deste tipo.

Com o tempo, eles perceberam que ali, no Jardim Pedramar existiam “potências culturais e históricas”. Seu Nego já conduzia um grupo de moçambique, mas eles não haviam prestado atenção nisso.

O moçambique já existia e a gente não compreendia isso, não tinha o olhar para ele. Thiago

Segundo Thiago, faltava dar oportunidade para que aquelas potências pudessem se manifestar. A participação em projetos culturais, ajudou-os a desenvolver um novo olhar para o bairro e foi assim que eles decidiram se voltar para a arte e a cultura.

Quando começamos a participar de projetos culturais, essas vivências nos alimentaram e começamos a olhar para nossa comunidade de outra forma.

Havia potências aqui, mas elas não tinham forças. Daí nasceu o Cultura no Morro, nesse sentido de potencializar, dar voz.

Com uma consciência ampliada sobre as potencialidades do lugar e sobre o que desejavam fazer, Fernanda e Thiago conversaram e decidiram que iriam fazer alguma coisa pelas pessoas do bairro. Eles me contaram que se olharam e disseram: “Vamos mudar o mundo?”. Thiago explicou que sabe que não é possível mudar o mundo, mas eles entendem que é possível mudar o seu redor e que, se cada um fizer um pouco, o mundo poderá ser transformado. Chamou-me a atenção, a frase final desta fala do Thiago, relacionando mudança no mundo (ao redor) e mudança no mundo interior.

Ah, mas que utopia, mudar o mundo!! A gente não vai mudar o mundo, a gente sabe, mas a gente quer mudar pelo menos ao nosso redor. E se cada pessoa começar a pensar, vamos mudar ao nosso redor, vamos mudar o nosso quintal primeiro, já era. Todos os quintais vão estar de cara nova, todos os quintais vão estar melhor... Já já isso vai se proliferar, entendeu? O sentido é esse... Muda o seu mundo. Seu mundo primeiro é o mundo interior. A gente tem que mudar o mundo interior, e depois começar a mudar o mundo ao seu redor.

Thiago e Fernanda se aproximaram de Seu Nego e do grupo de moçambique que ele conduzia e eles decidiram aprender a dançar e integrar aquele grupo. A partir disso, eles tomaram a decisão de fechar uma lanchonete que Thiago e sua família tinham no bairro e transformá-lo em um espaço cultural: o Cultura no Morro. Este espaço nasceu com o objetivo de resgatar e preservar a tradição, a cultura e o meio ambiente, por meio da arte popular. Thiago e Fernanda acreditavam que a arte poderia ser usada como ferramenta para mudar o mundo interior (as pessoas) e o mundo.

O Cultura no Morro é berço de muitas ideias e ações que acontecem no Jardim Pedramar, e essas ações têm possibilitado a transformação daquele pedacinho do mundo em um lugar melhor para se viver.

E hoje, bem devagar, a gente tenta amenizar as coisas aqui no bairro. [...] A gente acha que vai mudar o mundo. Mas se mudar um pedacinho do mundo já ajuda [...]. Thiago

Aos poucos eu conheci outros moradores do bairro: Seu Aloísio, um senhor aposentado que transformou um terreno baldio em um jardim; Cida, uma senhora que mora no bairro desde sua formação, no início da década de 1990, cigana e poetisa;

Seu Gonzaga e sua esposa Marilene, que moram no bairro desde o começo e há muitos anos compraram um circo que passou pelo bairro; Marcos e Bozinho, jovens que se mudaram para o loteamento ainda criança e estão envolvidos na organização de campeonatos anuais de futebol no bairro; Mariçô e Jhonata, jovens que se mudaram para o lugar ainda bebês, e hoje são bem atuantes lá; Zezão, pedreiro e proprietário de um lanchonete, que empresta energia elétrica para as festas que são realizadas nas ruas do bairro; D. Cida, que apesar de morar há apenas 10 anos no bairro, criou uma biblioteca comunitária na garagem de sua casa, junto com um grupo de adolescentes.

Com o tempo, eu percebi que eu não sou a única pessoa que se encantou com o Jardim Pedramar. Alguns moradores do lugar compõem músicas e poesias em homenagem ao bairro. É o caso de Seu Nego. Eu tive oportunidade de vê-lo declamar várias vezes uma de suas poesias, da qual recortei o seguinte verso:

Existe o Cultura no Morro, pra quem eu peço socorro.
Existe a biblioteca? Existe sim.
O espaço é pequeno, mas ele está ali.
Hoje eu bato nesse peito e digo: Eu sou um caboclo feliz!

Cida disse-me que é feliz vivendo no bairro e que ali sente-se inspirada para escrever poesias. Contou-me que, certa noite, seu marido assistia a um jogo de futebol e ela estava na sacada de sua casa, olhando para o céu estrelado. De repente, uma poesia veio em sua mente. “Eu posso falar ela para você?”, perguntou-me Cida, no primeiro dia em que fui à sua casa. Eu disse que adoraria ouvi-la e ela continuou... “O nome da poesia é Estrelinhas”.

Eu olho para o céu à noite e vejo estrelinhas brilhando.
Elas brilham, brilham e piscam, parecem estar me chamando.
Estrelinhas cintilantes, por que brilham tanto assim?
Parecem estar brincando, parecem sorrir para mim.
É para mim que elas brilham, aqui não tem mais ninguém.
Um dia eu vou lá para cima ser uma estrelinha também.
Lá de cima eu vou brilhar para os meus entes queridos,
Pois um dia todos vão brilhar lá em cima comigo.

Em 2006, Cida foi com seu neto, que na época tinha 6 anos de idade, até a nascente de água do Córrego do Tanquinho – um riacho que corta o bairro –, ver peixinho e girinos. Ela me disse que começou a observar uma florzinha amarela na beira da nascente e, enquanto seguia o movimento da água indo e vindo até a flor,

uma poesia foi se formando em sua mente. Essa poesia recebeu o nome de “Florzinha Amarela” e Cida a recitou para mim:

À beira de um riacho nasceu uma linda flor,
Um pouco amarelada com cheirinho de amor.
À sua volta, a relva verde engrandece a beleza,
E a linda flor amarela parece uma princesa.
Para enfeitar a sua volta tem florzinha de São João,
Que enfeita a natureza e alegra o coração.
Oh, riacho pequenino, onde vai cantando assim?
Vou cumprir o destino que Deus reservou para mim.
Vou correndo, procurando, agora preciso ir.
Antes, cantarei uma canção para essa linda florzinha dormir.

Capturada por tudo isso e com muitas questões em minha mente, eu deixei acontecer. Eu aceitei o chamado e me deixei ser seduzida para viver um caso de amor com o Jardim Pedramar. “As percepções psicológicas inspiradas por Eros são vivificadoras, algo novo nasce em nós mesmos e no outro. O amor [...] abre um novo modo de perceber, porque só se pode ser completamente revelado aos olhos do amor” (HILLMAN, 1984, p. 87).

Jung (1987) afirma que há obras que se impõem ao autor, que tem sua consciência inundada por pensamentos e imagens, que a princípio ele não consegue compreender. Era isso que estava acontecendo comigo. Eu me sentia profundamente mobilizada e envolvida com aquele lugar e com aquelas pessoas, da mesma maneira que um artista envolvido na criação de uma obra. O processo criativo é, afirma Jung (1987, §115), uma “essência viva implantada na alma do homem”.

Mas como eu poderia considerar e valorizar minha própria subjetividade na realização de uma pesquisa acadêmica?

Jung valorizou sua subjetividade ao escrever sua obra. Ele considerava todos os fatos humanos dentro da relação consciente-inconsciente e ele acreditava na existência de uma atividade psíquica autônoma, não voluntária e não consciente. De acordo com Humbert (1985), Jung deu a palavra ao inconsciente e adotou uma postura diante da atividade consciente que pode ser definida por meio de três verbos: “deixar acontecer”, “considerar/engravidar” e “confrontar-se com”.

O “deixar acontecer” refere-se a reconhecer a existência do inconsciente e se deixar abandonar aos seus impulsos. “Considerar/engravidar” tem o sentido de olhar, prestar atenção aos conteúdos inconscientes e permitir que eles sigam seu curso fertilizando a atividade consciente. O “confrontar-se com” está relacionado ao momento em que a consciência reconhece o inconsciente como uma força autônoma,

com a qual ela precisa fazer uma parceria, e se posiciona diante dele, exercendo uma responsabilidade ética (HUMBERT, 1985).

No Livro Vermelho (JUNG, 2013), podemos acompanhar a difícil batalha que Jung enfrentou, quando se deu o embate entre seu inconsciente – o “espírito das profundezas” – e sua consciência – o “espírito da época”. O livro mostra os diálogos estabelecidos entre eles. Jung afirmou que esse foi seu experimento mais difícil. Ele contou que o espírito das profundezas se agitava dentro dele e ele podia sentir os efeitos dessa força autônoma, especialmente em seus escritos. “Todos os meus escritos são, de certa forma, tarefas que me foram impostas de dentro. Nasceram sob a pressão de um destino. O que eu escrevi transbordou de minha interioridade. Cedi a palavra ao espírito que me agitava” (JUNG, 2006, p. 262).

Quando nós deixamos que o espírito das profundezas se manifeste em nós, abrimos a possibilidade de que algo novo nasça, damos espaço para que ocorra uma verdadeira metamorfose psíquica. Jung levou isso muito a sério, ocupando-se assiduamente com o conteúdo de suas fantasias, dialogando com as figuras que se apresentavam à sua consciência, aceitando suas provocações e se relacionando com elas.

Frequentemente nós nos deparamos com conteúdos que alcançam nossa consciência e aparecem para nós como uma convocação, como um chamado interior. O impulso para o atendimento a essa convocação não pode ser vencido pela força de vontade e nem ser esquecido por muito tempo. São “conteúdos inconscientes que fazem exigências inegáveis ou irradiam influências com as quais a consciência terá de se defrontar, quer queira quer não” (JUNG, 1986, § 713).

O Self, “substrato inconsciente, cujo expoente real na consciência é o ego” (JUNG, 2007b, p. 58), nos provoca constantemente e se não atendemos à sua convocação, nós podemos ser tomados por uma sensação de incompletude ou de vazio interior.

Romanyshyn (2007) apresenta uma perspectiva de pesquisa que valoriza a subjetividade do pesquisador e leva em conta seus sonhos e suas intuições, em outras palavras, dá lugar à sua dinâmica inconsciente. O ato de pesquisar é entendido por ele, como um empreendimento que não é exclusivamente empírico, mas é também imaginal, ou seja, pertencente a um campo arquetípico. Isso quer dizer que a realização de uma obra faz parte do processo de individuação do pesquisador e está inscrita em algo que pertence a toda a humanidade.

A individuação é, em geral, o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto, um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. É uma necessidade natural [...] (JUNG, 1991, § 853).

A partir do momento em que eu li os escritos de Romanyshyn (2007), eu me senti autorizada a prestar atenção e a valorizar minha intuição durante este estudo. Eu resolvi considerar as experiências que tive após o início do doutorado como fontes de conhecimento legítimas: o impacto que o filme havia deixado em minha alma; o fato de eu ter ligado para o Magela após ver o filme e ele estar fazendo oficinas justamente com adolescentes; o encantamento que eu senti pelo Jardim Pedramar desde o primeiro dia em que estive lá; a experiência profunda que eu vivi naquele lugar. Assim, eu encontrei uma conexão entre o fato de eu ter ficado tão mobilizada assistindo ao filme “Como estrelas na terra” e minha grande atração pelo Jardim Pedramar: a percepção do poder de transformação que a arte oferece.

No momento em que eu assisti ao filme e decidi ligar para o Magela, acreditando que aquilo estaria de alguma forma relacionado com o tema da tese, eu deixei acontecer e fui conduzida ao Jardim Pedramar. Eu me abri para a possibilidade de me engajar com aquele lugar e com seus moradores e deixei minha sensibilidade aflorar. Eu engravidei, e passei a prestar atenção em todas as imagens que se apresentavam para mim. Redigindo este texto, eu estou exercendo meu compromisso ético, me posicionando diante do conhecimento que adquiri realizando esta investigação e compartilhando com a comunidade científica e com o mundo fora da academia.

Está claro para mim que recebi uma convocação para a realização deste trabalho e que, sob a inspiração de Eros, o deus do amor, eu fiquei mobilizada pelo Jardim Pedramar e me apaixonei pelo tema e pelo campo de pesquisa. Como afirma Hillman (1984, p. 86) “as intuições criativas não são apenas as reflexivas, são aquelas *vivências*, aquelas percepções excitantes que nascem do envolvimento. As percepções psicológicas inspiradas por eros são vivificadoras, algo novo nasce em nós e no outro”.

Depois da primeira vez em que fui ao Jardim Pedramar, eu fui ficando cada vez mais encantada e envolvida com aquele lugar e comecei a realizar sistematicamente esta investigação, não mais focando apenas nos adolescentes, mas considerando todo o lugar e os seus moradores.

Neste relato, eu vou compartilhar essa experiência de imersão no Jardim Pedramar – recorte da cidade de Jacareí que eu fiz para realizar essa pesquisa –, embasando minhas reflexões nos referenciais da psicologia analítica, iniciada por Carl Gustav Jung e da psicologia arquetípica – vertente da psicologia analítica – apresentada por James Hillman. O termo psicologia arquetípica foi usado pela primeira vez por Hillman (1991) em 1970, com a intenção de abrir uma possibilidade diferente para se pensar a psicologia analítica, numa proposta de levá-la além da clínica, levá-la para o mundo e para a cidade, a fim de que ela seja usada também para a apreciação do mundo e das coisas do mundo.

Hillman (1993) resgatou a ideia de *anima mundi* (alma do mundo) do platonismo e a colocou na base de suas reflexões sobre cidade e alma. Nesta perspectiva, não apenas os seres humanos, mas também as coisas do mundo, os objetos, os eventos possuem uma alma. Dizer que todas coisas possuem alma, significa dizer que elas têm uma face e que elas nos atraem “para o conhecimento íntimo, como se necessitassem de nós para se completarem”⁵ (SARDELLO, 1997, p.41).

Tanto Jung quanto Hillman adotaram um olhar fenomenológico que lhes permitiu “adentrar e descrever a experiência vivida e o mundo que habitavam” com detalhes (SLATER, 2013, p.34). Embora eles se diferenciem no fato de Jung ter focado na interioridade da psique (alma) e Hillman na *anima mundi* (alma do mundo), ambos, assim como aqueles que seguiram e ampliaram suas ideias, têm importantes contribuições para um estudo que aborde a associação entre a cidade e a alma⁶. Casey (1993, p. 130 *apud* BARCELLOS, 2006), foi um dos que ampliou a ideia de alma do mundo e afirmou que é preciso considerar também a ideia de alma do lugar.

O Jardim Pedramar me atraiu, me convidou a entrar e a ficar lá. Eu queria entender o que havia me capturado, e a ideia de alma do lugar apontava para uma possibilidade de compreensão.

Para realizar esta pesquisa foi necessária minha imersão na comunidade do Jardim Pedramar, pois somente engajada com o lugar eu poderia perceber sua alma e buscar uma compreensão psicológica para a vulnerabilidade e para a ideia de se

⁵ Este trecho é parte da epígrafe com a qual eu abri esta seção.

⁶ O termo alma é usado aqui numa perspectiva psicológica e está relacionado a um modo de ver o mundo que valoriza a imaginação e que pressupõe uma base poética da mente (HILLMAN, 1991), e ele será abordado em profundidade na próxima seção.

conjugar vulnerabilidade com felicidade. De acordo com Hillman (1984, p. 99):

Não podemos ver nada psicologicamente sem estarmos envolvidos e não podemos nos envolver com coisa alguma sem que isto penetre nossa alma. Ao viver um evento psicologicamente, tendemos a sentir uma ligação com ele; em sentimento e desejo tendemos a perceber a importância de alguma coisa para a alma.

No entanto, eu me deparei com outras questões, além das que eu já havia levantado no início desta seção: Como é que se percebe e que se mostra a alma de um lugar? Existe uma metodologia que permita investigar a alma de um lugar?

O que fez com que eu me encantasse com o Jardim Pedramar foi o fato de minha alma ter entrado em conjunção com a alma daquele lugar, no momento em que eu fui capturada por suas imagens. Então, de uma coisa eu já sabia: eu tinha que manter a alma em minha mente e realizar a pesquisa numa perspectiva imaginal (ROMANYSHYN, 2007). Foi assim que eu parti em busca de uma solução para o que eu considerava um verdadeiro desafio: encontrar uma maneira de pesquisar a alma de um lugar.

1.2 Encontrando profundidades na cultura dos territórios

Nós não apenas vemos nosso mundo vivo; nós nos movemos nele, nós agimos sobre ele e em resposta a ele. Nós compreendemos os lugares não somente através das cores, texturas e formas, mas com a respiração, o olfato, com a nossa pele, por meio de nossa ação muscular e esquelética, posição, nos sons do vento, da água e do tráfego. Aquelas dimensões principais do ambiente – espaço, massa, volume e profundidade – são encontradas, não primariamente pelos olhos, mas com o corpo todo, em nossos movimentos e ações (BERLEANT, 1992, p. 19).

Como parte do meu desafio de encontrar uma maneira de pesquisar a alma de um lugar, eu fui em busca de uma compreensão do significado do termo alma.

O dicionário da língua portuguesa (FERREIRA, 1999, p.100) apresenta o verbete “alma” fazendo referência ao termo *anima*, originário do latim. Dentre as afirmativas que o verbete oferece estão as seguintes: alma é “o princípio da vida”; alma é “o conjunto das funções psíquicas e dos estados de consciência do ser humano que lhe determina o comportamento, embora não tenha realidade física ou material”; alma é “a sede dos afetos, dos sentimentos, das paixões”; alma é “veemência de sentimentos, entusiasmo, arrebatamento”; alma é “expressão, animação, vida”. “Outras palavras podem ser usadas para ampliar o significado de alma: coração, vida,

calor humanidade, personalidade, propósito, emoção etc. Pode-se dizer que uma alma está ‘confusa’, ‘fragmentada’ [...], ‘está perdida’, ‘inspirada’” (AVENS, 1993, p.45-46).

“Jung, assim como Freud, muitas vezes usou de modo intercambiável os termos *Seele* (alma) e *psyche* (psique). *Seele*, em alemão, admite a acepção tanto de alma como de psique, significando também *mente* no sentido psicológico⁷” (PENNA, 2013, p. 145). Conforme Jung (1986), etimologicamente, os termos “*seele* (alemão), *soul* (inglês), *saiwala* (gótico), *saiwalô* (antigo germânico) se relacionam com o grego *aiolos* que significa móvel colorido, iridescente”. A palavra *psyche* (grego) refere-se à borboleta que se move de flor em flor. O vocábulo *saiwalô* (antigo eslavo) está ligado a *sila* e faz referência a força. “A alma é uma força que move, uma força vital” (§663).

Besserlaar (1994, p.277) apontou que a maioria das palavras usadas para fazer referência à alma “remontam a uma raiz que exprime a ideia de ‘soprar’ e à de ‘respirar’”. Em latim, nós encontramos as palavras *anima* (hálito, alma) e *animus* (ânimo, brio, coragem). A palavra alma está ligada também às ideias de movimento (*kinesis*) e de percepção (*Aisthesis*).

Abbagnano (2007), no dicionário de filosofia, dedica sete páginas para falar sobre a alma, compilando o entendimento de vários filósofos sobre o significado do termo. Anáximenes associou alma a “ar”. Os pitagóricos entendiam que alma é “harmonia”. Segundo Heráclito, alma é “fogo”. A alma é a “causa da vida”, aquilo “que se move por si mesmo, que vive e dá vida”, declarou Platão. Já Aristóteles, afirmou que a alma é “o ato final (*entelechia*) mais importante de um corpo que tem a vida em potência”.

Aristóteles (2013), em seu tratado denominado “Sobre a Alma”, fez um levantamento sobre o que seus antecessores haviam afirmado sobre a alma e percebeu que, embora o entendimento destes autores sobre a alma apresentasse variações, todos eles – Demócrito, os pitagóricos, Anaxágoras, Tales de Mileto, Heráclito e Platão – definiram a alma abordando três características: movimento, percepção sensorial e incorporeidade.

Segundo Aristóteles (2013), a alma é o princípio da vida e a fonte das atividades de todo ser vivo. É a alma que organiza a forma dos seres animados. As plantas têm uma alma vegetativa que lhes permite a nutrição e a reprodução. Os

⁷ “Ideias psicológicas são aquelas que engendram a reflexão da alma sobre sua natureza, estrutura e propósito” (HILLMAN, 2010b, p. 236).

animais têm uma alma sensitiva que lhes possibilita percepção sensorial e movimento, além da nutrição e reprodução. Os seres humanos são dotados de alma racional, com capacidades intelectuais e racionais, e possuem também a alma vegetativa e a alma sensitiva. A alma, na visão aristotélica, é o princípio da atividade do corpo.

A ideia que Platão ofereceu sobre a alma vem da física. Para ele, a alma é dotada de movimento e, quando ela está ligada ao corpo, ao mover-se, ela move também o corpo. Ao explicar a origem do mundo e do homem no *Timeu*, Platão (2011, p. 98) afirmou que o mundo é “um ser dotado de alma e intelecto”.

O mundo foi criado por um Deus, o Demiurgo, explicou Platão. A partir de um modelo de mundo ideal, perfeito, imutável, o Ser – um arquétipo que abriga em si todas as possibilidades –, este Deus deu forma ao mundo, como um escultor, usando uma massa desordenada de elementos. O corpo do mundo foi criado usando fogo e terra, e também água e ar, para garantir-lhe uma natureza sólida. O mundo foi construído com base em leis matemáticas e obedecendo inevitavelmente à proporção, por isso, é o mais perfeito possível, embora não seja um mundo ideal. Criado como uma esfera autossuficiente, o mundo gira em torno de si mesmo.

No centro do mundo, o Demiurgo colocou uma alma – preexistente e bem mais velha que o corpo do mundo – que foi entrelaçada a ele em todas as direções, desde o centro até as extremidades do céu, se espalhando por todo o seu corpo e também para fora dele. A alma do mundo é dotada de um intelecto, de uma inteligência capaz de governar o funcionamento do mundo. Foi ela que deu início a uma vida inextinguível, racional e eterna e transformou o mundo em um cosmo organizado e harmônico, onde cada coisa tem uma inteligência e sabe qual é o seu lugar.

Depois de criar o mundo e dotá-lo de uma alma, o Demiurgo criou os seres vivos – aves, peixes e seres terrestres –, também dotados de corpo e alma, e criou ainda os semideuses ou seres divinos. Os ingredientes que sobraram foram tomados pelo Demiurgo e divididos em um número limitado de almas e cada uma delas foi associada a uma estrela do firmamento. Depois disso, o Demiurgo colocou todas essas almas em um carro e as levou para conhecer o mundo e as suas leis, e, por último, entregou-as aos semideuses que estavam encarregados de criar os corpos mortais dos homens e uni-los a essas almas.

Estando ligada ao corpo, a alma que vivesse bem iria morar na estrela associada a ela, após a sua morte. Viver bem, para Platão, significava seguir as leis

do intelecto, aquelas ideias perfeitas contempladas por todas as almas antes de sua ida para o mundo. A alma que não vivesse segundo essas leis, seria rebaixada e renasceria como ser inferior – em corpo de mulher ou de animal (PLATÃO, 2011).

Tanto Aristóteles quanto Platão, entenderam que a alma não é exclusiva dos seres humanos. No entanto, a ideia de alma de Aristóteles está sempre associada a um corpo orgânico, a um ser individual. Conforme Platão, todos os seres – animados e inanimados, inclusive o próprio mundo – têm alma.

A partir de Descartes e Kant, a alma foi reduzida à ideia de consciência e associada à coordenação de eventos mentais (ABBAGNANO, 2007), o que nos conduziu a uma psicologia sem alma, isto é, “a uma psicologia onde a atividade psíquica nada mais é do que um produto bioquímico” (JUNG, 1986, §660).

Apesar de tantos estudiosos se esforçando para entender o que é a alma, este termo é ambíguo e qualquer tentativa de definir a alma se mostrará incompleta e prematura (HILLMAN, 2009, p. 160). A dificuldade de entender o que é alma e principalmente de defini-la, vem do fato de a própria alma ser o ponto de partida das experiências humanas, e, ao mesmo tempo, *objeto* e *sujeito* de sua própria ciência (JUNG, 1986). Definir o que é alma exigiria que a psique se observasse e definisse a si mesma.

Segundo Jung (1986, §688) “A investigação psicológica não conseguiu arrancar os múltiplos véus que cobrem a face da alma, porque ela é inacessível e obscura.” Mas ele aponta que o que nós sabemos sobre a natureza da matéria é tão impreciso quanto o que nós sabemos sobre a natureza da alma, não passando de suposições teóricas obscuras, que são, de fato, imagens produzidas pela alma.

Nós estamos totalmente envolvidos no mundo das imagens e a única coisa que resta da experiência imediata é a própria psique, já que é ela que organiza nossas experiências. “É minha alma, com sua riqueza de imagens, que confere cor e som ao mundo; e aquela certeza racional sumamente real que chamamos experiência é um aglomerado complicadíssimo de imagens psíquicas, mesmo em sua forma mais simples” (JUNG, 1986, §623).

Se parece impossível definir o que é alma, nós podemos nos aproximar dela intuitivamente e, neste sentido, nós “sabemos” que ela está relacionada a autenticidade e a profundidade (MOORE, 1994).

A alma é uma perspectiva, um ponto de vista sobre as coisas, um modo de ver o mundo. É a alma que observa o mundo, apreende o que é observado e permite

dar significado ao vivido (HILLMAN, 1991). Alma significa uma atitude, um estilo, alguma coisa que está nos olhos do observador e não necessariamente da coisa observada (LIOTTA, 2009).

Alma não é um conceito, mas um símbolo. “Um símbolo não define nem explica. Ele aponta para fora de si, para um significado obscuramente pressentido, que escapa à nossa compreensão e não poderia ser expresso adequadamente nas palavras de nossa linguagem atual” (JUNG, 1986, §644). Os símbolos são produzidos espontânea e naturalmente pela psique e estão presentes em todas as manifestações psíquicas. Sendo a alma um símbolo, ela não pode ser definida, mas deve ser vista como uma metáfora, para a qual podemos buscar um significado (HILLMAN, 1984). Só é possível afirmar algo sobre a alma usando sua própria linguagem, a metáfora. A alma “atua como metáfora, transpondo sentidos e liberando significados interiores enterrados” (HILLMAN, 1995, p. 46).

A alma pede que nós nos relacionemos com ela e não que nós busquemos uma compreensão literal sobre ela, e a melhor forma de nos relacionar com a alma é por meio das imagens e da imaginação. “Não podemos explicar a psique. Somos a psique. A alma quer respostas imaginativas, que a mobilizem, que a deliciem, que a aprofundem. Respostas explicativas simplesmente nos levam de volta à ciência e ao positivismo” (HILLMAN, 1989, p. 47).

As expressões artísticas falam diretamente com a nossa alma e, por isso, elas são psicológicas. Sem nenhuma preocupação em saber o que é a alma, os artistas usam essa palavra com frequência e assim são capazes, por exemplo, de dizer que a alma tem uma epiderme e pode até ser tocada com a palma de nossas mãos, como o fez Zélia Duncan na música que apresenta o título “Alma”:

Alma!
Deixa eu ver sua alma
A epiderme da alma
Superfície
Alma!
Deixa eu tocar sua alma
Com a superfície da palma
Da minha mão
Superfície

Claro que a compositora sabia que a alma não tem epiderme e que não é possível tocá-la literalmente. Ela usou uma metáfora. “[...] todas as formas de arte têm esses modos culturais abstratos para conter e prevenir um movimento linear, direto e

unilateral” (HILLMAN, 1989, p. 31). Nessas manifestações, a linearidade, a unilateralidade e a literalização perdem força, ao passo que o simbólico e o metafórico são enfatizados.

Nós não podemos tocar a alma com a palma de nossas mãos, mas nós podemos tocá-la com a nossa imaginação. Quando nós estamos muito envolvidos com alguém ou alguma coisa, nós praticamente tocamos a sua alma. “Sem a compreensão metafórica, tudo é apenas aquilo que é e deve ser entendido no nível mais simples, mais direto” (HILLMAN, 2013, p. 171).

Em um trecho não publicado, cujo manuscrito pode ser encontrado na seção de fotografias em Gotlib (1995, p.43), Clarice Lispector diz que a alma tem um peso e relaciona o peso da alma com o peso da luz, o peso da música, o peso das palavras, o peso das lembranças, o peso da saudade, o peso da ausência e o peso da solidão.

Minha alma tem o peso da luz. Tem o peso da música. Tem o peso da palavra nunca dita, prestes quem sabe a ser dita. Tem o peso de uma lembrança. Tem o peso de uma saudade. Tem o peso de um olhar. Pesa como pesa uma ausência. E a lágrima que não se chorou. Tem o imaterial peso da solidão no meio de outros.

A palavra peso provém do termo latim *pensum* (pesar) e um dos significados deste termo refere-se à força de atração e à magnitude dessa força. Neste sentido a alma tem um peso. A alma é capaz de exercer uma grande força de atração sobre nós e de nos capturar. A alma nos “invade com impulsos naturais, memórias, fantasias e medos. [...] A alma nos envolve com o tumulto e a agitação dos fenômenos e com o fluxo das impressões” (HILLMAN, 2010b, p.157).

A metáfora escolhida por Rubem Alves para falar sobre a alma é a paisagem. Ele diz que “*Alma são as paisagens que existem dentro do nosso corpo*”. Terá a alma uma localização? Numa visão aristotélica poderíamos dizer que sim, que a alma se localiza dentro de nós, mas numa visão platônica, que é a que Hillman adota e a que eu estou seguindo aqui, a alma está dentro e está fora de nós, ela está em tudo e em todos os lugares.

A alma deve ser entendida como uma operação de aprofundamento. Quando nós aprofundamos, nós adentramos o reino de Hades, o mundo das trevas – expressão usada por Hillman (2013) para se referir a uma perspectiva inteiramente psíquica. O mundo das trevas é o reino da psique ou é, de fato, a própria psique. É nesse mundo puramente psíquico que encontramos a alma. Neste reino, tudo é

evasivo, alusivo e obscuro e não há uma delimitação clara dos contrastes (HILLMAN, 2013). Sendo este o reino da alma, fica mesmo bem difícil para nós definirmos o que é alma.

Hades é, na mitologia grega, o Deus do mundo das trevas, dos inferos, do submundo, dos invisíveis. “Hades não é uma ausência, mas uma presença secreta – uma inteireza invisível. [...] é aquele que não se vê, mas ainda assim, está absolutamente presente” (HILLMAN, 2013, p. 54-57). Assim é também a alma, não podemos vê-la, mas sabemos que ela está presente.

O reino de Hades é a terra dos mortos, local para onde as almas são levadas após a morte do corpo. Neste reino, as almas são submetidas a um julgamento e, de acordo com a sentença dada, são enviadas para uma das três regiões: Campos Elíseos, Campo de Asfódelos ou Tártaro. As almas dos homens virtuosos são levadas para os Campos Elíseos, onde repousam, dançam e se divertem ao redor de paisagens verdes e floridas. O Campo de Asfódelos é o local para onde as almas que não foram julgadas nem más, nem boas ficam vagando e sussurrando, para sempre. O Tártaro é o local mais terrível do mundo dos inferos. Todos os inimigos do Olimpo – morada dos Deuses – são enviados para as cavernas e as grutas profundas do Tártaro, onde são castigadas pelos crimes cometidos.

Hades tem características ambivalentes, sendo considerado, ao mesmo tempo, o Deus da morte e o Deus da fertilidade. Clarice Lispector (1988) reconhece a ambivalência da alma quando ela diz que sua alma é ao mesmo tempo prolixa e de poucas palavras, que sua alma não esquece nunca, mas se lembra de poucas coisas.

Olhe, tenho uma alma muito prolixa e uso poucas palavras.
Sou irritável e firo facilmente.
Também sou muito calmo e perdoo logo.
Não esqueço nunca.
Mas há poucas coisas de que eu me lembre.

Então, se o reino da alma é governado por um Deus ambivalente, o meu espanto ao imaginar que onde há vulnerabilidade não poderia haver felicidade não faz sentido. A alma é ambivalente e tem, ao mesmo tempo, as qualidades de vulnerabilidade e felicidade. A ligação entre a alma e a morte, entre alma e vulnerabilidade já está dada no mito de Aquiles. O Rio Estige, aquele onde a mãe de Aquiles o banhou com o objetivo de torná-lo imortal está localizado no Tártaro, portanto, no reino de Hades.

O confronto com Hades, cujo exemplo bem conhecido é o rapto de Perséfone, é experimentado como uma violência, uma violação” (HILLMAN, 2013, p. 53). Esse confronto vira o mundo de cabeça para baixo, tira nossas certezas, arranca-nos da vida e nos leva para o vazio. Ele é vivenciado na depressão, quando nós nos deparamos com o ódio que entorpece, com a morte, com um acontecimento que tira o chão embaixo de nossos pés. A palavra morte não está sendo usada aqui num sentido literal, mas sim num sentido simbólico, significando *telos* ou completude.

Hades é o doador de alimento para a alma. O confronto com ele tem sentido de um propósito que adentra todas as vezes que falamos de alma, o propósito de convidar ou até mesmo convocar a um aprofundamento – à morte e ressurreição, ao renascimento. Na medida em que acontece um aprofundamento, a alma é feita (HILLMAN, 2013).

A alma está relacionada ao aprofundamento de eventos em experiências e se revela no modo como vislumbramos e encenamos nossas vidas. “Tudo quer se tornar mais profundo, movendo-se das conexões visíveis para as invisíveis” (HILLMAN, 2013, p. 57). O sentido para uma experiência deve ser buscado nas profundezas, no reino de Hades.

Nada pode adentrar o mundo das trevas sem se tornar psicológico. O lugar da alma não é físico nem material. O lugar da alma é o mundo da imaginação, o mundo das paixões, o mundo das fantasias, o mundo da reflexão (HILLMAN, 2010b). Isso quer dizer que nós “não podemos enxergar a alma até que a experimentemos” (HILLMAN, 2013, p. 125).

Estar no reino da alma é estar dentro da mente imaginativa, onde carne e matéria desaparecem e restam apenas as imagens imateriais e espelhadas, ou *eidola* – aquilo que aparenta ser, parece ser, se compara a. O mundo das trevas deve ser imaginado como “um mundo sem luz no qual as sombras se movem” (HILLMAN, 2013, p. 89) e suas imagens só podem ser vistas pela psique.

A alma precisa ser feita?

Segundo Hillman (1989, p. 28), “a alma não é dada, ela tem que ser feita”. Com essa afirmação, ele chama nossa atenção para a necessidade de tirar a alma da prisão dos conceitos teológicos e das estruturas de consciência que a têm oprimido. Hillman aponta a necessidade de revisarmos a ideia de alma, de forma que nós possamos libertá-la de Kant, Descartes e também do Vaticano, já que a ideia de alma ainda permanece muito atrelada à religião.

Trazendo mais uma vez Aristóteles e Platão, para pensarmos os caminhos da psicologia em sua compreensão sobre a alma, com Hillman (2010b) entendo que a psicologia de bases aristotélica se manterá no empirismo e irá lidar com a alma numa perspectiva orgânico-biológica, vendo as aflições da alma como algo errado e partindo em busca de sua cura. A psicologia de embasamento nas ideias platônicas irá lidar com a alma sempre considerando sua relação com a morte simbólica, com o morrer a partir da vida, e, nesta perspectiva, todas as aflições da alma serão ouvidas e experimentadas na busca de uma compreensão de seu propósito e não de sua cura. É neste sentido, que Jung e os pós-junguianos, especialmente Hillman, têm se esforçado para devolver a alma à psicologia e a psicologia à alma.

Quando Hillman (1991) fala que nós precisamos fazer alma (*soul making*), ele está afirmando que é preciso cultivar a alma, rejeitando o literal e explorando os significados sombrios e metafóricos, vendo e ouvindo por meio da imaginação, enxergando através dos eventos, trazendo um evento para dentro da psique e dando um significado a ele, sentindo profundamente o mundo e permitindo que as coisas do mundo adentrem o campo psíquico, iluminando os eventos e deixando que eles penetrem em nós. A alma é a “possibilidade imaginativa em nossa natureza, o experimentar através de especulação reflexiva, [...] aquele modo que reconhece todas as realidades como primariamente simbólicas ou metafóricas” (HILLMAN, 1995, p.41).

Em psicologia analítica nós aprendemos a intercambiar os termos alma e psique. Segundo Jung (1986), psique é imagem e “tudo aquilo que se torna consciente é antes de tudo, ou primeiramente, imagem” (JUNG, 2002, §75). Assim, no campo psicológico, imagem, alma e psique são a mesma coisa. Nessa direção, Hillman voltou “a chamar de *alma* aquilo que, em nossas teorias e conceitos, virou mais asceticamente a *psique* [...] reconhecido essencialmente como imagem, metáfora e experiência” (BARCELLOS, 2006, p. 96).

Mas, o que é imagem?

Há uma polissemia em torno do conceito de imagem. Baitello (2005) conta que o termo imagem se origina do latim *imago* e refere-se ao retrato de um morto. A imagem, para ele, é a presença de uma ausência e a ausência de uma presença.

As imagens podem ser acústicas, olfativas, gustativas, táteis, proprioceptivas ou visuais e há nelas uma dimensão que é visível e outra que é invisível. A dimensão invisível aos olhos só poderá ser percebida por meio de vestígios deixados pelas imagens ou captada pelos sentidos além da visão. Mesmo as imagens visíveis

possuem aspectos que são invisíveis aos nossos olhos (BAITELLO, 2005).

O neurologista Antônio Damásio (2000) diz que imagem é sinônimo de representação, que pode comunicar tanto as características físicas do objeto que ela representa quanto uma reação de alguém, decorrente do gostar ou do não gostar deste objeto.

A ideia de imagem como representação não é corroborada pela psicologia analítica. Quando Jung usa o termo imagem, ele não se refere ao retrato psíquico de um objeto externo, mas a uma imagem de fantasia, que “aparece mais ou menos abruptamente na consciência como espécie de visão” (JUNG, 1991, p. 827) e que “não é o subproduto da percepção ou da sensação, o reflexo psíquico de um objeto externo, nem a construção mental que representa de forma simbólica ideias e sentimentos” (BARCELLOS, 2012, p. 87-88).

Embora a imagem de fantasia seja sensorial, pois ela tem qualidades sensuais – forma, cor, textura –, tais qualidades não derivam de objetos externos, mas brotam espontaneamente na psique e são, ao mesmo tempo, ingredientes e produtos da imaginação. A imagem como representação, está associada à realidade objetiva, a um objeto externo e foi, em algum momento, captada pelos órgãos dos sentidos, via percepção (BERRY, 2014).

Segundo Barcellos (2012), Agamben (2011) ofereceu uma compreensão do que é imagem próxima do entendimento que a perspectiva arquetípica tem. Imagens são “traços daquilo que os homens que nos precederam desejaram e almejaram, temeram e reprimiram” (p. 79-80 *apud* Barcellos, 2012 p. 89). A diferença entre o entendimento de Agamben e o da perspectiva arquetípica, está no fato de ele dizer que as imagens estão dentro de nós porque vieram de fora, ao passo que a psicologia arquetípica compreende que as imagens estão no mundo porque primeiro estavam dentro de nós.

“Uma concepção de imagem baseada apenas na ideia de ótica não pode compreender a complexidade da imagem psíquica, que está baseada na simultaneidade, ou na abolição de sua própria inscrição no tempo” (BARCELLOS, p.89-90). Imagem é a psique se apresentando, “não é algo que vejo, é antes um modo de ver, uma *perspectiva* sobre as coisas. Pode ser sonora, tátil, pode ser uma emoção, pode estar no corpo” (BARCELLOS, 2012, p. 95).

As imagens são produzidas espontaneamente pela psique e carregam tensões, justaposições e interconexões, e elas não se reduzem a significado, relações

e percepção. Por isso, não é possível dizer que uma imagem é isso ou aquilo, nem literal e nem metaforicamente. Quando nós colocamos coisa em oposição a reflexão e literal em oposição a metafórico, nós estamos falando muito mais sobre a forma como a imagem se estrutura do que sobre a imagem em si (BERRY, 1982 *apud* BARCELLOS, 2012, p. 90).

A imagem não é um conteúdo, mas um *ato*; não é um espelho, mas um espelhamento. A imagem é um ato da alma ao qual devemos responder imaginando (BARCELLOS, 2006). “Imagens psíquicas não são necessariamente quadros visuais e podem não ser de modo algum como as imagens produzidas pelos sentidos. Em vez disso, elas são *imagens como metáforas*” (HILLMAN, 2013, p. 93).

Ao falarmos sobre as imagens nós não podemos usar termos generalizantes, porque uma imagem é sempre algo particular (HILLMAN, 2013). A “*imagem é sempre mais abrangente, mais complexa [...] que o conceito*” (HILLMAN, 1989, p. 63) e a melhor maneira de nós lidarmos com as imagens é ficando com ela e sendo fiéis a ela. “As imagens são o que a psique é” (HILLMAN, 1989, p. 63), então, quando nós ficamos com a imagem, nós recebemos de presente a possibilidade de enxergar a alma. Nós podemos dizer que a imagem é uma janela para a alma, além de ser a própria alma.

A psicologia tem duas tarefas: encontrar um *logos*, uma narrativa compreensível para a psique, e escutar a alma falando através das coisas do mundo e trabalhar para recuperar o mundo como um lugar da alma (HILLMAN, 1999). A alma não está restrita à esfera pessoal, dos instintos ou social, ela se revela nos fenômenos do mundo em geral. Por isso, para compreender a natureza da alma é preciso considerar o mundo todo.

A ideia de *anima mundi* ou alma do mundo permite-nos perceber e encontrar alma em todas as coisas, as coisas da natureza e as coisas construídas pelo homem. Quando dizemos que todas as coisas têm alma, nós entendemos que elas “expõem um segundo sentido, um subsentido mais profundo, por assim dizer, em que a imagem da essência daquilo que são, ou seu caráter, está à mostra” (BARCELLOS, 2006, p. 100).

De acordo com Sardello (1997, p. 15) existe uma energia circulante entre o mundo interior e o mundo exterior que possibilita uma constante recriação de ambos, que ele chama de alma. Ele usa a expressão “alma do mundo” para referir-se à profunda e inseparável conjunção entre indivíduo e mundo e defende a importância

de desenvolvermos uma sabedoria que nos permitirá “ver por meio” dos acontecimentos essa força circulante, essa energia que circula entre as qualidades interiores e as qualidades exteriores.

A *anima mundi* é a imagem que “se apresenta por meio de cada coisa em sua forma visível” (HILLMAN, 1993, p.14). Dizer que há alma em todas as coisas significa dizer que todas as coisas têm uma importância psicológica (HILLMAN, 1993) e reconhecer que existe um senso estético da realidade (LIOTTA, 2009). As coisas do mundo, ditas inanimadas, apresentam faces em suas imagens, e essas imagens apresentam sentidos, apresentam inteligibilidade interior, apresentam mensagens que podem ser lidas para além de suas superfícies, apresentam profundidade, apresentam interioridade. Essa interioridade não é literal e “não se refere nem à localização, nem ao continente físico. Não é uma ideia espacial, mas uma metáfora imaginal para a inerência não visível e não literal da alma, a qualidade imaginal psíquica em todos os eventos” (HILLMAN, 2010b, p.330).

Casey (1993, p. 130 *apud* BARCELLOS, 2006) defende que, além de nós resgatarmos a ideia de *anima mundi*, nós precisamos nos sensibilizar para a ideia de alma do lugar ou *anima loci*, “a alma imanente de um lugar, presente em um lugar” (p. 102). Segundo Casey, *anima loci* refere-se àquilo que “pertence resolutamente ao lugar, chamando-nos... para um reconhecimento” (p.102). Afirmar que a alma é imanente de um lugar significa que “o psíquico existe – surge e desaparece – no lugar. Está primariamente no lugar” (p.104).

Com base nas ideias de alma *do* lugar, Barcellos (2006) trouxe a perspectiva de uma alma *no* mundo, uma alma *na* cidade, uma alma *no* lugar. A expressão alma *no* mundo refere-se à “alma em cada lugar e em cada coisa, em mim e no mundo, presente na beleza e na feiura de todos os lugares e de todas as coisas” (BARCELLOS, 2006, p. 104). Foi a preposição “no” que motivou Barcellos a fazer essa reflexão, pelo fato de ele entender que tal preposição traz a consciência da prioridade que o lugar tem em nossas vidas.

As reflexões de Casey e Barcellos nos remetem a uma coisa muito importante. Além da relação entre cidade e alma, trazida por Hillman, nós também precisamos considerar a relação entre lugar e alma. Como eu estou usando com muita frequência os termos lugar, território e cidade, vou abordá-los com um pouco mais de atenção, pois eles são muito importantes num estudo que considere a alma do mundo.

Vou começar falando sobre território, porque foi este termo que usei em meu

estudo sobre a vulnerabilidade (JORGE, 2013) e ele também foi ponto de partida para a realização desta pesquisa.

De acordo com Liotta (2009, p.66), território é o “espaço físico organizado de acordo com relacionamentos e padrões jurídicos onde a comunidade vive e trabalha”. Santos (2011) afirma que território significa muito mais do que um pedaço de terra delimitado. Para ele, território é espaço vivido, é o chão usado pelas pessoas. Guattari e Rolnik (2007, p.323) afirmam que “território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente ‘em casa’. O território é sinônimo de apropriação” – processo simbólico carregado das marcas do ‘vivido’ e do valor de uso do território, no qual as pessoas se identificam positivamente com ele (HAESBAERT, 2007).

As expressões “espaço vivido” e “se sente em casa”, usadas pelos teóricos acima para definir território, nos remetem às ideias de alma que eu apresentei no decorrer desta seção. Dá para perceber a importância do território em nossa vida por meio delas, pois, quando nos referimos a algo que é importante para a vida, que tem valor e significado, estamos no reino da alma.

A noção de lugar está frequentemente associada à de espaço. Os autores aqui estudados concordam com a ideia de que lugar é mais delimitada e mais concreta que a de espaço. Na visão de Liotta (2009, p. 71),

Lugar, ao contrário de espaço indefinido, é onipresente, representa um corpo reservado, algumas vezes fechado, meio aberto, ou aberto, que, contudo, retém seu sentido de abrigo e retorno. Nós podemos retornar a um lugar: ao espaço não faria sentido. Um lugar é feito. Mesmo quando é natural, é feito na mente do homem que o reconhece e nomeia. Espaço sempre esteve lá e nós não podemos imaginá-lo bem depois. Lugar pode ser trocado ou perdido, espaço não pode. Lugar pode ser lembrado e ser fonte de nostalgia, espaço não. É uma questão de escala e significância que toma forma na mente humana [...].

Segundo Augé (1994), espaço é mais abstrato que lugar e nós usamos o termo lugar quando queremos fazer referência a um acontecimento, uma história ou um mito. Para Tuan (1983, p.61), lugar é um espaço fechado e humanizado, onde os valores são estabelecidos, remetendo-nos à segurança. Já espaço, nos remete à liberdade. O espaço permite movimento, o lugar permite a pausa. O espaço é transformado em lugar na medida em que nós o conhecemos e o dotamos de valor. A vida humana é “um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade”. Santos (2011, p.114) entende que lugar “não é apenas um quadro de vida,

mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro”.

Barcellos (2006) contrastou a ideia de lugar com a de espaço e afirmou que o termo lugar, “nos dá a particularidade do ‘onde’ dentro da imensidão do espaço”. Ele lembra que um lugar “tem um nome, uma face, uma particularidade, uma lembrança, um projeto, uma profundidade absorvente” que permite seu reconhecimento (p. 103).

Destaco mais uma vez aqui as sentenças usadas pelos autores que nos oferecem ideias de alma: “conhecer e dotar de valor”, “espaço vivido e experiência renovada”, “particularidade” e “profundidade”.

Resta-me explorar agora a palavra cidade, e vou começar relatando brevemente o que Mumford (1965) escreveu depois de fazer uma “viagem ao passado da cidade”. Como ele afirmou, as informações sobre as origens da cidade são obscuras e uma grande parte de sua história foi irrecuperavelmente perdida, mas, ainda há muita coisa a ser descoberta. Para compreender a cidade é preciso suplementar o trabalho do arqueólogo e, partindo das funções urbanas mais completas e conhecidas hoje, encontrar seus componentes originários e mais remotos. Nesse retorno no tempo e na cultura em busca das origens da cidade é preciso lembrar que, em cada época e lugar, existiam necessidades práticas que motivavam as pessoas, famílias e grupos a se reunirem em acampamentos.

Os primeiros seres humanos, os chamados homens das cavernas, viviam em intensa relação com a natureza. Inicialmente nômades, os homens foram aos poucos se apropriando da terra e criando ferramentas e aparatos que possibilitaram sua fixação posterior em determinados lugares. As motivações que aqueles homens tinham para se reunir iam além da tendência a se fixar em busca de repouso e segurança. Existem provas de que, ainda no período paleolítico ou da pedra lascada, talvez no mais antigo acampamento humano, havia uma certa preocupação com os mortos, uma vez que eles eram sepultados intencionalmente. O respeito pelos mortos provavelmente motivou a construção de pontos fixos de encontros periódicos, para o sepultamento e a realização das cerimônias, que, posteriormente, se tornaram locais de fixação das pessoas.

“A cidade dos mortos é a precursora, quase o núcleo, de todas as cidades vivas”, como explica Mumford (1965, p. 16). Lá já estavam presentes algumas das funções e finalidades da cidade moderna.

Na reunião mais remota no tempo, ao redor de uma sepultura ou de um símbolo pintado, de uma grande pedra ou de um bosque sagrado, encontram-se os primórdios de uma sucessão de instituições cívicas que vão do templo ao observatório astronômico, do teatro à universidade (p.19).

Mas havia outro lugar para onde o homem paleolítico sempre retornava, a caverna, que além de ter finalidades domésticas, de abrigo e proteção, também tinha importante papel nos rituais e na arte, o que podemos perceber quando vemos pinturas rupestres.

No momento em que a caça e a coleta de alimentos deixaram de ser suficientes para assegurar a vida das pessoas e que os homens encontraram condições favoráveis para empreender as primeiras culturas agrícolas, surgiram as aldeolas mesolíticas. Cultivando a terra e tendo a seu dispor uma maior quantidade de alimentos e condições de garantir sua segurança, o ser humano encontrou a possibilidade do ócio e passou a se interessar pela sexualidade e pela reprodução.

A partir de então, as pessoas não eram mais obrigadas a viver em pequenos grupos móveis e passou a ocupar uma região por tempo suficiente para realizar a colheita dos alimentos. Era o início do período neolítico ou idade da pedra polida, época em que o homem começou a domesticar animais e a cultivar seus alimentos, além de começar a fabricação de instrumentos polindo as pedras.

As sementes da vida urbana já estavam presentes na cultura paleolítica. No entanto, era necessário encontrar um “solo” para receber aquelas sementes. Somente no momento em que o ser humano passou a cultivar seus alimentos, este solo foi encontrado e surgiram as primeiras aldeolas, que foram precursoras das aldeias. A aldeia passou a constituir uma espécie de colônia, “uma associação permanente de famílias e vizinhos, de aves e animais, de casas, silos e celeiros, tudo isso bem preso ao solo ancestral no qual cada geração formava o humo para a próxima” (MUMFORD, 1965, p.23).

Essas primeiras aglomerações humanas ainda ficavam bastante separadas umas das outras. Em parte, porque o ser humano ainda não dominava a navegação nos rios, mas também, porque “cada aldeia era, com efeito, em si mesma, um mundo: isolada tanto por certo narcisismo e por uma sonolenta absorção em si mesma, talvez, quanto pelas meras barreiras físicas” (MUMFORD, 1965, p.31).

Na medida em que as pessoas permaneciam mais tempo numa certa região e encontrou mecanismos para prever e controlar os processos antes sujeitos à

natureza, o papel da mulher ganhou importância na nova economia da aldeia. Além de cuidar dos filhos e das tarefas domésticas, ela começou a fabricar os primeiros vasos e recipientes.

Segundo Mumford (1965), “a casa e a aldeia, e com o tempo a própria cidade, são obra da mulher. [...] Nos hieróglifos egípcios, ‘casa’ ou ‘cidade’ podem surgir como símbolos de ‘mãe’, como que a confirmar a semelhança da função formadora individual e coletiva” (p. 23). Jung (2007) também associou a cidade à mulher, ao afirmar que a cidade é um símbolo do feminino pois oferece tanto proteção quanto limites. A palavra grega para cidade é *pólis* e tem sentido de fortaleza (BESSELAAR, 1994).

Embora muita coisa da cidade já estivesse latente ou mesmo presente na aldeia, até aquele período, ela existia apenas como um óvulo não fertilizado. A mulher já estava produzindo os vasos, receptáculos simbólicos, mas faltava o homem para fecundar este óvulo.

Com a descoberta dos metais, iniciou-se o domínio das armas. Era a Idade dos Metais. Alguns homens com habilidades de caçadores, passaram a proteger a aldeia contra seus inimigos, inicialmente os animais ferozes e, posteriormente, os homens de outras aldeias. Chegou um momento em que as armas passaram a ser utilizadas não apenas para matar animais, mas também para ameaçar e dominar outros homens. Os caçadores tornaram-se chefes políticos, cresceu a importância do homem dentro da aldeia e a mulher perdeu importância.

A força da mulher tinha estado em seus encantamentos e sortilégios peculiares, nos mistérios da menstruação, da cópula e do parto, artes da vida. O poder do homem revelava-se agora em façanhas de agressão e força física, no mostrar sua capacidade de matar e em seu próprio desdém pela morte: em vencer obstáculos e impor sua vontade a outros homens, pela força, destruindo-os, caso resistissem (MUMFORD, 1965, p. 42).

Desde então, luta, domínio, comando e conquistas substituíram as finalidades centrais da aldeia, que eram a reprodução, a nutrição e o abrigo. Neste momento, o “trabalho foi destacado das outras atividades e canalizado para a ‘jornada’ de incessante labuta, sob as ordens de um capataz” (MUMFORD, 1965, p. 43).

O círculo, a caverna, a cabana, o labirinto, a espiral e a aldeia são símbolos arquitetônicos que remetem à alma. Eles nos convidam a um movimento circular, que é o movimento característico da alma (SARDELLO, 1997).

A alma atrela-se ao reino da experiência e às reflexões em meio à experiência. Move-se indiretamente num arrazoar circular, onde as retiradas são tão importantes quanto os avanços, preferindo labirintos e esquinas, dando um sentido metafórico à vida através de palavras tais como fechado, perto, vagaroso e profundo (HILLMAN, 2010b, p. 157).

Parece-me que a cidade foi perdendo sua alma, na medida em que deixou de prestar homenagens aos mortos e perdeu sua relação com a morte, com a natureza, com a mãe, e foi transformada simplesmente em local para se trabalhar, pagar impostos e comercializar produtos. Uma cidade sem alma é aquela que não provoca suspiros, um lugar onde permanecemos inertes, entediados, anestesiados. Uma estória resgatada por Hillman do livro “Tudo depende de como você vê as coisas” (JUSTER, 1999) nos ajuda a entender como seria um lugar sem alma.

Um garoto chamado Milo chegou a uma cidade e percebeu que todos ali andavam muito apressados e olhando para o chão, dando-lhe a impressão de que sabiam exatamente para onde estavam indo. Ele notou que lá não havia construções, nem ruas, nem parques, e que tudo na cidade havia desaparecido. Uma pessoa explicou-lhe que aquela cidade já havia sido linda, tinha tido construções muito bonitas e lugares encantadores para serem visitados. Naquela época, as pessoas caminhavam e paravam para ver as coisas maravilhosas que encontravam pelas ruas. Mas certo dia, as pessoas passaram a não prestar mais atenção em nada, a procurar atalhos e caminhar olhando para o chão para não se distraírem e chegarem mais rápido a seus destinos. A partir desse dia, tudo foi ficando sem graça, feio e sujo e, com o passar do tempo as coisas começaram a desaparecer. As pessoas continuaram vivendo ali, tão apressadas que nem perceberam que tudo na cidade havia desaparecido. A cidade havia perdido sua alma.

Nas nossas cidades, as coisas não estão desaparecendo literalmente, mas elas estão sendo construídas de maneiras que cada vez menos chamam a atenção do nosso olhar. Têm sido raros os momentos em que sentimos o “a-ha” que acompanha o suspiro do encantamento. Andamos cada vez mais apressados pelas ruas, prestando pouca atenção às coisas que estão por lá, e isso as mantém afastadas da nossa imaginação, portanto da alma. Podemos dizer, metaforicamente que, como a cidade visitada por Milo, nossas cidades estão ficando invisíveis.

Na cidade moderna, não há mais espaço para a alma, e nem para o corpo. Os projetos arquitetônicos modernos têm trazido passividade, monotonia e limitação para os nossos sentidos e é visível uma certa anestesia na consciência corporal das

pessoas (SENNETT, 2010).

A vida cotidiana tão acelerada reduz as oportunidades de prestarmos atenção na paisagem e estamos vivenciando o mundo “como uma experiência narcótica”, na medida em que nosso “corpo se move de maneira passiva, anestesiado no espaço, para destinos estabelecidos em uma geografia urbana fragmentada e descontínua” (SENNETT, 2010, p. 17). A via pública é planejada de forma a direcionar o fluxo do tráfego isolando áreas comerciais de residenciais, separando regiões pobres de regiões ricas.

Os espaços urbanos perderam seus atrativos e as pessoas desejam simplesmente atravessá-los, havendo pouca chance de elas se deixarem tocar por eles. O lugar se tornou pouco significativo como referente externo para as pessoas e a vida social não é mais organizada pela tradição e pelo hábito rotineiro. As conexões entre a vida individual e o intercâmbio das gerações foram rompidas, os laços sociais estão cada vez mais fluidos e a vida é organizada em torno da necessidade de enfrentar e resolver crises em períodos de transição (GIDDENS, 2002).

Perdemos o hábito de caminhar pela cidade e hoje, andamos por ela espichando o pescoço para cima e olhando para o alto, para os prédios imponentes e impressionantes, porém entorpecedores. Faltam lugares na cidade que possibilitem o encontro entre as pessoas, o olhar para o outro, o contato entre os corpos e as almas (SARDELLO, 1997).

Na seção anterior, eu disse que um dos eixos do trabalho de Hillman (1993) estuda a relação entre cidade e alma. O enlace entre alma e cidade está dado desde o início, lembrando que a psicologia profunda, a psicanálise, como a conhecemos, nasceu nas cidades (Viena, Zurique, Paris, Nancy) e que “o trabalho com a alma pertence à cultura da cidade” (p. 37). Quando nós saímos dos consultórios de psicologia, nós encontramos, primeiramente, a cidade, e é nesse momento que nós nos damos conta de que existem cidades sem alma, assim como existe alma sem cidade e alma sem a imagem da cidade.

A psicologia tem afirmado que a vida urbana é responsável pelas doenças psíquicas, que a alma adoece em decorrência da tensão urbana e, muitas pessoas têm defendido que para resgatar a alma é preciso retornar à vida no campo, à natureza, alimentando a fantasia de que a alma, perto da natureza, viverá melhor (HILLMAN, 1993).

No entanto, assim como a cidade, com sua configuração atual, pode fazer

com que as pessoas adoçam, as pessoas estão causando o adoecimento das cidades, na medida em que não prestam mais atenção nela, nem cuidam dela e de suas coisas. Os projetos arquitetônicos modernos, dificultam a experiência espontânea da alma e favorecem o entorpecimento, a anestesia: escritórios cúbicos, corredores escuros e frios, com as portas das salas trancadas, limitando ou eliminando a sensibilidade e a possibilidade de as pessoas se relacionarem entre si, e com a cidade (SARDELLO, 1997).

“Tédio e monotonia destroem experiências da alma” (HILLMAN, 2006). A cidade está morrendo com a falta do toque da mão humana. É preciso trazer de volta o trabalho manual e artesanal e o olhar humano para nossas cidades. É preciso vestir o mundo e a cidade com imaginação, imaginar a vida acontecendo na cidade, seu ritmo, seu movimento. “O trabalho com a alma consiste em desfamiliarizar, afrouxar a teia da anestesia” (SARDELLO, 1997, p. 37).

Em meados de 2014, eu passei alguns dias em Vitória (ES). Certo dia, eu fui de ônibus urbano até Vila Velha. Enquanto o ônibus estava atravessando a ponte que liga aquelas duas cidades, bem em cima do oceano, eu olhei para aquela paisagem e fui capturada por ela. Entrei num estado que eu posso denominar aqui de “deslumbramento” ou encantamento, semelhante ao que senti quando assisti a cena final do filme “Como estrelas na terra” e ao que sinto quando vou ao Jardim Pedramar.

Eu não conseguia parar de admirar aquela paisagem. Eu percebi que a maioria das pessoas que estavam naquele ônibus não estava prestando atenção alguma àquela paisagem. Alguns cochilavam, outros conversavam distraidamente e não pareciam estar experimentando o que eu experimentava. Claro, eu era uma viajante. Aquele percurso era uma experiência nova para mim e, provavelmente a maioria das pessoas dentro daquele ônibus devia estar bem familiarizada com aquela paisagem e, talvez por isso, não prestavam atenção a ela. Eu estava num estado de estesia, e eles, de anestesia.

Lembrando do conceito de afastamento proposto por Urry (1996), segundo o qual nossos sentidos se abrem para estímulos quando rompemos com as práticas de nosso cotidiano e nos afastamos do lugar conhecido, penso que é preciso encontrar uma maneira de sair dessa anestesia para olhar com mais interesse e curiosidade para aquilo que está ao nosso redor, precisamos nos deixar envolver também pela “nossa” cidade.

Me lembro aqui de Thiago, quando ele me contou que ia a Paraty e ficava

desejando viver num lugar que tivesse o que ele via lá, e, com o tempo, ou melhor, com atenção ao bairro onde ele vive, ele percebeu que ali também tinha potências, o que faltava era a possibilidade de elas despertarem. Despertar remete a acordar, sair da anestesia.

Mondo (2009) relatou uma experiência que ele viveu no início de sua carreira de psicólogo, que nos ajuda a entender um pouco mais sobre essa questão de lugares sem alma, pessoas anestesiadas e resgate da alma de um lugar. Ele trabalhava em um hospital psiquiátrico e, certo dia, percebeu que havia lá um portão que ficava permanentemente fechado. Ele ficou intrigado e, curioso, acabou descobrindo que aquele portão dava acesso a um jardim, cujo acesso das pessoas estava bloqueado. Aquele jardim foi classificado por Mondo como um não-lugar, na medida em que ele estava sendo usado simplesmente como um depósito para descartáveis e coisas que eram perturbadoras e precisavam ser escondidas. Segundo Augé (1994), os não-lugares mediam as relações das pessoas consigo mesmas e com os outros, mas só dizem respeito indiretamente à sua utilidade, por isso criam uma tensão solitária.

Mondo convenceu as pessoas a abrirem aquele portão, o que foi considerado por ele como algo muito significativo do ponto de vista psicológico, tendo em vista que uma atenção especial foi dada àquele lugar de cura. Essa atenção dada àquele lugar, “marcou o início da transformação do ‘lugar’” (MONDO, 2009, p. 284). Afinal, nas palavras de Ammann (2008, p. 14), “o jardim é um símbolo altamente complexo que nos oferece uma experiência de ida e volta particularmente bela entre os mundos interior e exterior”.

Assim como as pessoas naquele hospital psiquiátrico estavam separadas daquele jardim por um portão que era mantido sempre fechado, nossas almas também se encontram separadas do mundo, separadas da cidade, “muradas” (MONDO, 2009). A alma se recusa a estar contida dentro de limites, mas é possível encontrar o lugar da alma na paisagem examinada com cuidado (CASEY, 1991).

Sardello (1997, p. 35), com base nas ideias de Hillman, sugeriu que cada um de nós “abra a porta para o mundo, viaje através da espessura das coisas da cidade, vendo-a por meio de imagens”, pois, para sair da anestesia e resgatar a alma da cidade, é preciso envolvê-la com o ato de imaginação.

Esse movimento em direção à cidade não serve apenas para resgatar a alma individual, tirando as pessoas da anestesia. Na medida em que a alma individual e a cidade não estão desconectadas, as cidades oferecem um meio de recuperar a nossa

alma (HILLMAN, 2006).

Uma maneira privilegiada de cultivar a imaginação é contando ou ouvindo histórias. “À medida que ouvimos a história, somos transportados para ‘lá’, esse local desconhecido que se torna imediatamente familiar. [...]. Esse lugar para onde a pessoa se transporta é o lugar da imaginação” (MACHADO, 2004, p. 23-24).

Quando eu li a história contada por Mumford (1965), eu fui transportada para a idade da pedra e depois segui experimentando, em minha imaginação, as vivências de nossos ancestrais, até chegar no momento em que surgiu a cidade. Acompanhando seu relato, quando ele disse que desde a pré-história as pessoas têm o hábito de se reunir (aglomerar), de fazer rituais, de buscar abrigo e proteção e de deixar marcas nas paredes, de hábitos que nós mantemos até hoje.

Deixar marcas nas paredes, feitas com as mãos... Se reunir... Escrever isso me transportou ao Jardim Pedramar, lugar que me atraiu como campo de pesquisa. Retomo agora a questão inicial desta seção: a busca por um método que permita perceber a alma de um lugar.

Como a pesquisa seria realizada num lugar urbano, um bairro da cidade de Jacareí, pensei inicialmente em realizar uma etnografia urbana seguindo a proposta do antropólogo brasileiro Guilherme Magnani. A etnografia urbana busca compreender a dinâmica de uma cidade a partir de um *olhar de perto e de dentro*. Nesta perspectiva, o pesquisador estabelece com os participantes da pesquisa encontros e trocas nas mais diversas esferas da vida cotidiana: no trabalho, nos momentos de lazer, na vivência da religiosidade, nas atividades culturais e em contextos de participação política ou associativa das pessoas. Isso é possível, na medida em que o etnógrafo transita pela cidade e usufrui do que ela oferece, junto com os participantes da pesquisa (MAGNANI, 2002).

Segundo Magnani (2002), há duas maneiras de olhar para a cidade: “de longe e de fora” e “de perto e de dentro”. O olhar “de longe e de fora” é aquele que observa a cidade de uma perspectiva mais geral, buscando entender sua dinâmica por meio de determinantes sociais, econômicos e demográficos. O olhar “de perto e de dentro” observa a cidade buscando conhecer a particularidade, os detalhes da vida cotidiana das pessoas.

Essa possibilidade de olhar para o Jardim Pedramar “de perto e de dentro” me atraiu. Detalhes, particularidade, nos remetem à perspectiva da alma. No entanto, ela ainda não me parecia suficiente para a realização desta investigação, lembrando

que eu estava em busca de uma maneira de pesquisar a alma de um lugar. Embasada nas ideias da psicologia analítica e da psicologia arquetípica de que psique, alma e imagem são a mesma coisa, eu precisava de uma metodologia na qual as imagens fossem privilegiadas. Afinal, o que me capturou desde o primeiro dia no Jardim Pedramar, aliás, o que me capturou desde que assisti ao filme “Como estrelas na terra” foram as imagens.

A primeira coisa que a psique faz são imagens sensuais. Então, porque não imaginar uma psicologia que comece ali, na natureza estética do ser humano, na natureza estética de um mundo que se exhibe em eventos sensoriais, se exhibe aos sentidos, e a primeira reação é vivenciar a coisa como uma imagem sensorial. As coisas têm pele, face e cheiro. As coisas falam a nós e é isto o que quero dizer, basicamente, por estética, falar aos sentidos, e ter a sensibilidade àquela pele ou brilho das coisas (HILLMAN, 1989, p. 148).

Eu precisava ter em mente uma outra coisa, nessa busca por uma metodologia. A ideia de alma do mundo, ao afirmar que há alma em todas as coisas, abre espaço para uma apreciação estética do mundo e das coisas. No momento em que um objeto ou um evento se oferece como uma imagem e exige nossa atenção, ele atesta uma intencionalidade e nos convida a nos envolver com ele (HILLMAN, 1993). Jung “reconhece a importância central das imagens e seu poder de atrair, de convencer, de fascinar e de dominar” (SCANDIUCCI e FREITAS, 2015, p.45).

O Jardim Pedramar se ofereceu para mim como uma imagem e estava exigindo minha atenção. Desde a primeira vez em que eu estive lá, como eu já disse, intuitivamente, eu comecei a prestar atenção e a registrar as imagens do lugar, e também as imagens que surgiam espontaneamente em minha alma quando eu entrava em conexão com aquele lugar.

“Ficar com a imagem”⁸ é a regra básica do método da psicologia arquetípica (HILLMAN, 1991, p.10). Eu queria estender esta ideia para a atividade de pesquisa: ficar com as imagens do Jardim Pedramar, pois, de acordo com Hillman (1989, p. 137):

[...] a única forma de chegar à alma de um objeto é pensando nele como uma forma, um formato ou uma face. [...]. A questão é que qualquer coisa é uma apresentação fenomenológica, com uma profundidade, uma complexidade, um propósito, num mundo de relações, com uma memória, uma história [...]. E se olharmos para ela desta forma pode ser que comecemos a escutá-la.

⁸ “As imagens necessitam de relacionamento, não de explicação. No momento que interpretamos, transformamos o que era essencialmente natural em conceito, em linguagem conceitual, afastando-nos do fenômeno” (HILLMAN, 1991, p. 10).

[...]. É uma apreciação estética da forma como as coisas se apresentam [...] elas estão de alguma maneira formadas, alçadas e falando à imaginação (HILLMAN, 1989, p. 136-137).

Com isso em mente, eu me deparei com a etnografia sensorial⁹, metodologia proposta por Sarah Pink¹⁰ que tem como ponto de partida a multisensorialidade da experiência, valoriza os sentidos na produção de conhecimento e adota a imagem como método. Esta proposta reconhece a centralidade do corpo na atividade de pesquisa e valoriza a percepção, a memória e a imaginação (PINK, 2015).

Pink enfatiza que a sensorialidade é central na maneira como nós aprendemos, entendemos e representamos a vida das outras pessoas, e que ela está por trás de nosso modo de entender o passado, nos envolver com o presente e imaginar o futuro. A partir disso, esta metodologia vai além da possibilidade de aprender prestando atenção aos sentidos, e torna-se um modo de pensar sobre fazer etnografia considerando o papel dos sentidos na forma de experienciar e conhecer o mundo.

O geógrafo Tuan enfatizou o papel dos sentidos ao afirmar que “Um objeto ou lugar adquire realidade concreta quando nossa experiência dele é total, isto é, através de todos os sentidos, bem como com a mente ativa e reflexiva” (TUAN, 1977, p. 8 *apud* PINK, 2015, p. 13).

Ao falar em papel dos sentidos, nós adentramos o campo da estética, extensamente abordado por Berleant. Etimologicamente,

A palavra ‘estética’ vem da palavra grega *aisthesis*, que significa percepção pelos sentidos. Ela começou a ser usada no meio do século dezoito para se referir a problemas filosóficos relacionados com o significado e o julgamento da beleza na arte e na natureza, embora esses temas já fossem discutidos pelos filósofos desde a Grécia clássica (BERLEANT, 2016, p. 1).

Berleant (2016) propõe a ideia de uma estética social, e compreende que a estética envolve e modula todas as ações humanas, “incorporada na textura do mundo, como seu fundamento, e, em sendo tangível e tangente, pertencente ao campo de toda experiência e de toda a ação humana, envolvendo-a em sua totalidade (COELHO, 2017, 63).

Hillman (2010a) entende que a *aisthesis* traz a possibilidade de nós nos

⁹ A etnografia sensorial pode ser aplicada em qualquer contexto que envolva seres humanos em suas atividades práticas – ambientes urbanos, domésticos e organizacionais (PINK, 2015).

¹⁰ Sarah Pink é diretora de um centro de pesquisa em etnografia digital em Melbourne, na Austrália.

surpreendermos, pelo encantamento ou pelo horror, quando deixamos que o mundo e suas coisas penetrem em nós, e ele a associa ao coração e àquele ofegar, respirar e inalar, que traz o mundo para dentro. Ao aspirar o mundo, nós podemos reagir à sua beleza¹¹.

O coração reage à beleza. Ele também pode projetar beleza. Fazemos um edifício bonito quando paramos para ele, detemos o movimento dos pensamentos e deixamo-nos ficar com ele, em vez de meramente usá-lo (SARDELLO, 1997, p. 37).

Segundo Barcellos (2006), o chacra do coração precisa ser ativado para regatarmos a sensibilidade, sentir o arfar no peito quando nossos sentidos estão apurados e quando estamos com os olhos bem abertos para apreciar e nos envolver com as coisas do mundo.

Coração, segundo Casey (1991) é a palavra apropriada, já que ele é considerado o lugar supremo do apego humano. Nós costumamos dizer que alguém tem um lugar em nosso coração, quando esta pessoa e, principalmente as memórias relacionadas a ela, fazem parte de nós.

Lugar-coração-memória: aqui está um genuíno *mysterium coniunctionis*¹² que toma coração como o lugar da memória, memória como o lugar onde o coração está, lugar como a memória onde o coração é deixado, coração como o que é deixado no lugar lembrado (CASEY, 1991, p. 295).

Não foi apenas Pink quem falou sobre a possibilidade de aprender prestando atenção aos sentidos. Hillman (2009) trouxe a importância de prestarmos uma atenção cuidadosa a nosso corpo, observando o que o contato com a realidade evoca em nossa própria carne. Sardello (1997, p. 43) propôs uma educação da atenção para os detalhes, referindo-se a uma forma de aprender, por meio da percepção, que requer “a capacidade de perceber o mundo exterior como imagem”.

Donfrancesco (2000, p. 12) afirmou que é por meio de uma educação para a alma que podemos afinar nossa sensibilidade.

A educação para a alma, que é interminável, se volta não para demonstrar e definir, mas para exprimir, suscitar e afinar a sensibilidade e, portanto, para

¹¹ “[...] a beleza não é bonita [...]. A beleza refere-se [...] ao esplendor de cada evento específico – sua claridade, seu brilho específico [...]. Quando falamos em beleza, nos referimos à ‘forma como as coisas são apresentadas, aquilo que é inalado, *aisthesis*’; [...]” (HILLMAN, 2010a, p. 45-51).

¹² Na alquimia e na psicologia analítica, *mysterium coniunctionis* refere-se ao casamento sagrado, à união dos opostos.

educar a linguagem, para ouvir a voz, para observar a imagem visível com a atenção dirigida para o pormenor, para discernir os sons, para perceber o espaço, para distinguir os odores e os sabores, sendo este último o ato que deu o nome sabedoria, (...) saborear.

Para se deixar ser tocado pelo mundo, é preciso sensibilidade. A estética é uma teoria da sensibilidade, afirmou Berleant (2016, p. 1).

A sensibilidade conota mais que uma simples sensação, ela inclui um desenvolvimento da consciência da experiência perceptual, uma acuidade perceptual. [...]. Em resumo, eu compreendo a estética como uma teoria da sensibilidade. [...] A sensibilidade para as nuances nas relações humanas acrescenta muito à riqueza da experiência social, e essa sensibilidade pode ser chamada de estética.

Coelho (2017, p. 36), propôs uma educação para a sensibilidade como forma de “possibilitar o reconhecimento, o alargamento, o refinamento e a transformação da percepção estética que se manifesta no modo de ser, nos movimentos e na expressão do sujeito”.

Os geógrafos Allison Hayes- Conroy e Jessica Hayes-Conroy, também estão discutindo o papel dos sentidos. Eles usaram o termo “visceral” para se referirem ao reino das sensações internas, dos sentimentos e humores que surgem a partir de um engajamento com o mundo material. Visceral está relacionado à totalidade mente e corpo na vivência de uma experiência (PINK, 2015).

Para conhecer como o outro faz, é necessário participar de suas tarefas cotidianas, se envolver com suas práticas. A partir de um envolvimento material e sensorial com o ambiente de pesquisa e com as pessoas, de seu engajamento e de sua participação, prestando atenção nos pontos de interação entre sua própria intencionalidade e subjetividade e a dos outros, o etnógrafo poderá captar conhecimento sobre a vida das outras pessoas através de seu próprio corpo, experienciando o que elas experienciam, envolvendo-se corporalmente com elas e com o ambiente onde elas vivem (PINK, 2015).

A proposta de Pink (2015) remete ao conceito de engajamento estético proposto por Berleant (2016), que é a experiência total do envolvimento em uma situação, na qual não há separação entre os componentes, mas uma troca contínua na qual um atua sobre o outro. O engajamento estético permeia todas as experiências humanas, incluindo a situação social, portanto, ele também permeia as atividades do etnógrafo.

Pink (2015) aponta que Casey seguiu Merleau-Ponty, ao entender a percepção como primária e como ponto de partida para nossa habilidade de conhecer os lugares, através de um ser “em um lugar”. Segundo Casey, o lugar é central para o que Merleau-Ponty chamou de “ser no mundo”, no qual nós estamos localizados. E o corpo vivido é central ao entendimento que Casey tem de lugar.

A teoria de Casey é muito relevante para a etnografia sensorial, por dois motivos. Primeiro porque ele entende que o lugar não é estático, mas um evento, sujeito a redefinições e mudanças constantes. Em segundo lugar porque, para ele, o lugar é dotado de poder, reunindo em seu núcleo entidades animadas e inanimadas: experiências, histórias, linguagens e pensamentos. “Isso [...] permite-nos entender lugar como um domínio no qual um conjunto de diferentes tipos de coisas vêm juntas” e possibilita ao etnógrafo entender como as pessoas habitam e se movem nesse lugar (PINK, 2015, p. 35).

Esse entendimento de lugar como evento, constituído através das coisas e de nosso corpo vivido, enfatiza o imediatismo da percepção quando nos engajamos com os ambientes material, social e com as relações de poder. Etnógrafo e participantes da pesquisa estão envolvidos na produção dos lugares onde a pesquisa é realizada. O etnógrafo poderá compartilhar com os participantes da pesquisa, o que ele percebeu, aprendeu, memorizou e imaginou a partir da experiência que viveu em contato com o lugar e com essas pessoas, na medida em que ele ocupe os mesmos espaços que eles (PINK, 2015). Nesta direção, a etnografia sensorial, vem de encontro à proposta de pesquisa imaginal¹³, na medida em que não só considera, mas valoriza a subjetividade e a imaginação do pesquisador (ROMANYSHYN, 2007).

Desde a etnografia tradicional, o pesquisador usa um diário de campo (bloco de anotações), máquinas fotográficas e/ou um gravador, para registrar suas observações no campo de pesquisa e as entrevistas. Mas na contemporaneidade, muitos outros recursos podem ser utilizados para registrar com mais detalhes as experiências, tanto do etnógrafo quanto dos participantes. As tecnologias digitais modernas envolvem modos de engajamento sensorial e corporal que combinam som, visão e toque, e isso é muito apropriado quando se faz etnografia multissensorial (PINK, 2015).

Aliando caminhar e vídeo, Pink (2007, p. 240) propõe “um método de pesquisa

¹³ A proposta de Romanyshyn foi apresentada na seção 1.1.

fenomenológico que presta atenção aos elementos sensoriais da experiência humana e ao fazer-lugar”, denominado por ela de *vídeo tour* ou *caminhar com vídeo*.

Como um simples método isso significa ‘caminhar com’ e registrar com vídeo os participantes da pesquisa, como eles experienciam, contam e mostram seus ambientes material, imaterial e social de maneiras pessoal, social e culturalmente específicas.

O vídeo favorece o acesso aos aspectos sensoriais das atividades e experiências vividas, às memórias e imaginações das pessoas, bem como fornece uma rota que permite ao etnógrafo usar sua própria experiência para imaginar como é a experiência dos outros. O que for gravado pode ser visto posteriormente pelo pesquisador e pelos participantes, como forma de fomentar as reflexões e a imaginação, trazer memórias e disparar novas experiências sensoriais (PINK, 2015).

Caminhar com vídeo “abre a possibilidade de entender como as pessoas constituem ambos, suas próprias identidades e o lugar” (PINK, 2007, p. 246-247) e atende ao requisito principal na minha busca por um método que permita perceber a alma de um lugar: adotar a imagem como método de aquisição de conhecimento, ficando com a imagem.

Caminhar... Caminhar com... Caminhar pela lama... Caminhar pela valeta... Caminhar para ver os muros coloridos... Caminhar pelas profundezas daquele território. Caminhando nós transformamos um espaço em um lugar. “Caminhando, estamos no mundo, encontramos-nos num lugar específico e, ao caminhar nesse espaço, tornamo-lo um lugar, uma moradia ou um território, uma habitação com um nome” (HILLMAN, 1993, p. 53).

Eu caminhei muito pelo Jardim Pedramar. Parece até que eu já sabia que iria andar muito por ali... Antes de decidir fazer esta pesquisa lá eu comprei um gravador, e o estojo que escolhi para guardá-lo tem o formato de um tênis. Nada melhor do que um tênis confortável para fazer caminhadas... Claro, eu também comprei um exemplar do livro *Cidade & Alma*¹⁴ (Figura 2).

¹⁴ O livro *Cidade & Alma* não existe enquanto um livro publicado por James Hillman, originalmente em inglês e traduzido para o português. Ele foi editado a partir da reunião de alguns ensaios e artigos esparsos de Hillman, que tratavam do eixo temático cidade e alma, e foram traduzidos para o português. Uma única edição foi publicada, para o público brasileiro e há tempos ele está esgotado.

Figura 2: Livro Cidade e Alma e estojo-tênis para gravador
Fonte: Foto de Denise

Na etnografia sensorial, a entrevista não precisa ser realizada com pesquisador e entrevistado sentados, imobilizados e simplesmente conversando. Ela pode acontecer dentro do contexto de atividades diárias do entrevistado, com pesquisador e participantes atuando no ambiente, usando seus corpos inteiros e todos os recursos disponíveis – gestos, movimentos, objetos –, de forma que eles não apenas narram, mas também atuam, ao representar suas experiências e comunicar sobre o lugar onde eles vivem. Objetos podem ser trazidos para o contexto da entrevista pelos participantes, espontaneamente, ou por meio de solicitação do entrevistador. No segundo caso, denominado elicitación sensoria, o pesquisador pode apresentar fotografias, sons ou cheiros que evoquem respostas sensoriais nos entrevistados. Um sabor ou um cheiro, por exemplo, pode evocar memórias tanto nos participantes quanto no etnógrafo (PINK, 2015).

Praticamente todas as entrevistas que fiz durante esta pesquisa, foram realizadas desta forma não convencional. Quando eu estive no Cultura no Morro pela primeira vez, acompanhando Magela, eu e Fernanda conversamos demoradamente em pé, acompanhando a oficina e depois caminhando, enquanto ela me acompanhava até o ponto de ônibus. Eu havia pedido permissão a ela e gravei em áudio toda a nossa conversa. O modelo de entrevista que eu tinha em mente era o convencional, com pesquisador e entrevistado sentados, num local silencioso, onde, preferencialmente não houvesse interrupções. Então, na época, eu não sabia que aquela conversa, informal, realizada em meio aos adolescentes e às tintas ou pelas ruas do bairro, tinha o valor de uma entrevista.

Dias depois, eu estava caminhando pelo bairro e vi um senhor – Seu Aloísio

– carpindo um jardim. Eu o abordei, e entre uma enxadada e outra, ele me contou como havia começado a cuidar daquele lugar. Neste dia, eu não estava com o gravador, mas registrei em minha alma o barulho da enxada rasgando a terra, do cheiro da terra seca e do mato sendo arrancado. Eu podia ver as gotas de suor que caíam da face daquele jardineiro, e percebia que elas eram resultado de um esforço para cultivar a terra em um dia quente de verão. Dá para ver bem quantos elementos sensoriais estão presentes através do relato deste acontecimento tão simples. Eu mostro aqui uma foto tirada naquele dia (Figura 3A) e a última foto que tirei, quatro anos depois (Figura 3B). Olhando a foto, eu posso trazer outros elementos, por exemplo a sensação de calor e secura na foto à esquerda e a sensação de frescor, ao me imaginar embaixo daquelas árvores, agora já crescidas. Comparando os dois momentos, percebemos que há resultado, quando um jardim é cultivado com alma.

Figura 3: Jardim do Seu Aloísio: (A) No início da pesquisa e (B) No final
Fonte: Foto de Denise

Vou me estender um pouco mais aqui, para relatar outro momento no qual a riqueza de elementos sensoriais ficou ainda mais evidente. Eu já havia tomado a decisão de considerar o bairro todo como campo de pesquisa, então, eu ligava meu gravador sempre que estava com as pessoas¹⁵. Numa tarde, eu e Fernanda conversávamos na cozinha do Cultura no Morro, enquanto ela preparava um café e eu lavava as xícaras que iríamos usar. De repente, eu olhei para a janela e vi um pé de botina que havia sido transformado em um vaso para uma pequena planta. Aquela

¹⁵ A coleta de todas as informações por áudio ou vídeo foram autorizadas por escritos pelos participantes da pesquisa.

imagem me chamou muito a atenção. Uma botina velha, que havia perdido a função de proteger os pés durante o caminhar (Figura 4A), e havia sido transformada em um vaso, em frente a um suporte para coar café em formato de saci (Figura 4B). Ali, naquela situação simples e cotidiana, algo muito característico do Jardim Pedramar já se apresentou: naquele lugar, o lixo ganha nova função, o lixo é transformado em arte, e a criatividade é usada sem moderação.

O que eu registrei naquela conversa com Fernanda foi muito além de uma gravação em áudio. Ao mesmo tempo: eu sentia a água fresca em minhas mãos, enquanto eu lavava as xícaras; sentia o cheiro do café sendo coado – aliás o cheiro do café, me remete ao primeiro dia em que estive no lugar, ao primeiro café saboreado ali, sentindo o cheiro das tintas e ouvindo os adolescentes conversando e dando risadas – e eu ouvia o barulho da água sendo derramada sobre o pó de café. Mas o som que mais me chamou a atenção, foi o barulho de gansos.

Figura 4: (A) Botina-vaso e (B) Coador-saci
Fonte: Foto de Denise

“Fernanda, aqui tem gansos?” Ela me respondeu que sim e que a Mônica, mãe do Thiago, cria gansos no quintal da casa deles, ao lado do Cultura no Morro. Eu ainda não tinha ido à casa de Bedeu e Mônica, nem o visto alimentando os gansos com farelo de milho, mas eu pude imaginar um quintal com muitos gansos, que ciscavam pelo chão e botavam ovos. E, pelo alvoroço que eles fizeram, eu percebi que eles eram muitos. Eu captei todos esses sons em meu pequeno gravador: da nossa conversa, do café pingando, da água caindo da torneira, do grasnar dos gansos, do barulho dos carros que passavam pela Estrada do Tanquinho, que passa em frente ao Cultura no Morro. E aquela experiência teve com um fundo musical. Thiago me

contou, posteriormente, que um senhor que mora por ali fica tocando teclado por horas seguidas, e naquele dia, pudemos ouvi-lo tocar.

Com relação ao registro de sons (áudio), o método proposto por Pink (2015) vai muito além da gravação de entrevistas. Ele inclui captar sons de chuva, de rios ou cachoeiras, de máquinas funcionando, do canto dos pássaros ou barulho de outros animais ou dos meios de transporte, do ruído do cotidiano de um ambiente, das risadas das pessoas ou do burburinho de suas vozes, de uma cantoria, de uma torcida de futebol. Tudo isso traz informações, conhecimento, sobre o lugar e as pessoas que vivem nele, fomentando a imaginação do etnógrafo e das pessoas que tiverem contato com esses registros, e evocando lembranças.

Aos poucos eu fui percebendo que muitos moradores do Jardim Pedramar criam não só gansos, mas também patos, galinhas e galinhas d'angola. Além disso, eles plantam bananas, amoras, mangas, mandioca, chuchu e outras vegetais em seus quintais. No quintal da casa de Seu Aloísio, tem um pouco de tudo isso, e no quintal da casa da Cida também. Cida me contou que ela e o marido tomavam emprestado o terreno ao lado da casa deles para plantar. Depois de um tempo, eles acabaram comprando aquele terreno, “em suaves prestações”, como ela me disse. Dentre outras coisas, ela planta chuchu, mas, mesmo assim, uma de suas vizinhas, colhe chuchus no quintal de sua casa e leva para Cida experimentá-los.

Eu fiquei imaginando que esse costume de plantar nos quintais das moradias deve ter sido adotado desde a época da construção do bairro, já que a região pertencia a uma zona rural. Inclusive, algumas famílias já moravam por ali, antes mesmo de o bairro ser construído, como é o caso da família de Bozinho. Seu Nego disse que, no início, o loteamento parecia um grande pasto.

[...] quando eu cheguei aqui, acho que tinha umas duas ou três casas só. Inclusive quando eu construí a minha, depois até eu dava risada, minha casa parecia que estava no meio do pasto, não tinha nada, nem muro.

Pode ser ainda, que as pessoas tenham adotado o hábito de criar galinhas e gansos para ajudar com a alimentação, por questão de economia ou pela falta de estabelecimentos comerciais no bairro. Enfim, é fato que eles mantêm esse costume, como eu pude constatar inicialmente ouvindo os gansos, depois vendo-os e sentindo o cheiro de seus excrementos que acabam se acumulando pelo quintal de Bedeu.

A memória sensorial e a imaginação também têm um papel importante na

etnografia sensorial. O etnógrafo depende da experiência com os componentes sociais, físicos e intangíveis dos lugares, os quais estão inextricavelmente associados à invocação, à criação e ao reinvestimento das memórias dos participantes. Além disso, ele precisa entender como as outras pessoas imaginam, considerando a imaginação como constituinte de nossa vida cotidiana individual e também como prática coletiva (PINK, 2015).

Figura 5: Gansos no quintal de Bedeu
Fonte: Foto de Denise.

Aquela experiência me fez lembrar dos gansos que meus pais criavam no sítio deles. Aquele alvoroço de gansos no quintal me era bem familiar. Foi a partir de minha experiência anterior com gansos que eu pude olhar para um ganso no quintal de Bedeu ou para sua fotografia e sentir a textura de suas penas, o mau-cheiro característico de suas fezes e até ouvi-los grasnar. Eu nunca comi carne de gansos, mas certamente eu teria sentido o seu sabor, se eu tivesse esse registro. Mesmo assim, eu posso imaginar como seria esse sabor e a textura dura de carne de ganso.

Como eu não tenho equipamentos sofisticados para registro, eu registrei a experiência daquela tarde em meu caderninho e no gravador. Posteriormente, no dia em que gravamos a entrevista com Bedeu, aproveitei para fotografar os gansos no quintal da casa dele (Figura 5).

Dentro da proposta da etnografia sensorial, o comer junto com os participantes da pesquisa também é uma experiência carregada de significados. Na medida em que sabores, cheiros e memórias estão relacionados, o pesquisador pode

aprender, prestando atenção às texturas, aos cheiros e aos sabores, e também aos significados não-verbais que emergirem durante estes momentos (PINK, 2015). Eu trouxe acima o exemplo simples de um cafezinho, mas, eu compartilhei muitas refeições com aquelas pessoas, como vou mostrar na seção seguinte.

Estas foram as primeiras experiências estéticas que vivi no início de minha imersão na comunidade do Jardim Pedramar. Inicialmente eu ia ao bairro pontualmente, para participar de atividades para as quais eu era convidada, com hora marcada. Com o tempo, eu comecei a participar da organização das atividades – festas, bingos beneficentes, festivais, saraus – e, depois de alguns meses, eu já estava participando do cotidiano daquelas pessoas.

Eu ia ao bairro em dias e momentos diversos, frequentava a casa de alguns moradores – Bedeu, D. Cida, Cida – e os ouvia, contando histórias dos primeiros tempos de vida no lugar, comentando sobre alguma dificuldade que estavam enfrentando naquele momento, vendo fotografias ou documentos antigos que eles mantinham guardados. Com o tempo, eu passei a me sentir “como se” eu fosse daquele lugar, tamanho era o meu engajamento.

Pink (2015) alerta que o etnógrafo pode ser inundado por pensamentos, sensações, imagens e emoções, e esses momentos abrem espaço ou soam como um chamado para o corpo, assim como para uma estética ética de relacionamento com o campo. É necessário que o pesquisador se conscientize de suas próprias sensações corporais e reflita sobre elas, uma vez que os sentidos fazem parte da metodologia, e não são apenas objetos de estudo. É por meio deles que será possível entender as experiências, os valores, a forma de viver e construir as identidades das outras pessoas. Além disso, é necessário também conhecer as categorias sensoriais que as pessoas usam para descrever seus próprios ambientes.

Eu tive essa experiência de ser inundada por imagens, pensamentos e sensações. Certa noite, eu voltava para casa dirigindo meu carro, sozinha, ainda muito mobilizada e envolvida com o que eu tinha visto e vivido naquele dia. Durante o percurso de volta para minha casa, eu costumava manter o gravador ligado e ia registrando minhas observações, o que havia acontecido no lugar, com quem eu havia estado e conversado, e também as minhas impressões sobre tudo aquilo. Naquela noite, eu havia me esquecido de ligar o gravador e estava mergulhada em minhas reflexões. De repente, eu fui raptada por uma imagem-pensamento: “Se eu ficasse viúva, eu me mudaria para o Jardim Pedramar”. Quando eu saí daquele estado e me

dei conta da força com que aquela imagem me capturou, eu percebi o quanto estava envolvida, engajada com aquele lugar. Assim como Perséfone foi raptada por Hades, eu fui raptada por aquela imagem. E se estamos falando sobre rapto e sobre Hades, estamos no reino da alma.

A etnografia sensorial permite captar o não dito, o invisível e o inesperado. Parece-me que a etnografia sensorial ao dar espaço para a multisensorialidade que emerge do encontro entre pessoas e ambiente – texturas, sabores, cores, sons e aromas, bem como as diferentes e surpreendentes maneiras de compreendê-los – oferece os recursos necessários para se perceber e pesquisar a alma de um lugar. A alma que é dada em cada coisa, em sua apresentação sensorial, como um rosto que revela sua imagem interior e sua disponibilidade para a imaginação. A alma do mundo, que se apresenta na singularidade dos eventos e das coisas observadas fenomenologicamente e se revela em formatos, cores e texturas.

No Jardim Pedramar as pequenas coisas são valorizadas, o lugar favorece os encontros e o contato com o outro, suas imagens nos convidam não à anestesia, mas à estesia, ao engajamento com o lugar e à vivência de experiências estéticas, ou psicologicamente transformadoras. Vamos caminhar pelo Jardim Pedramar?

2 É JARDIM, É PEDRA, É MAR: A HISTÓRIA DO JARDIM PEDRAMAR

A história enaltece, dignifica. [...]. Qualquer pequeno evento de uma vida meramente pessoal [...] quando historiados, tomam imediatamente outro significado, ecoam como metáforas, passam da descrição para o símbolo. A história dignifica porque move os eventos para o palco da história, tornando-os, dessa forma, trágicos, épicos e imaginativos (HILLMAN, 2010c, p. 73).

Segundo Henry Corbin, não somos nós que estamos na história, mas é a história que está na alma. Ele disse que contar história é uma meditação, um processo poético, uma atividade arquetípica e autônoma da psique. Alma e história estão relacionadas, mas, a simples narrativa não é suficiente para fazer alma (HILLMAN, 2010c).

Existem duas perspectivas para contar uma história. A primeira delas é externa e histórica e foi chamada por Hillman de história de caso; a segunda perspectiva, interna e psicológica e foi denominada por ele de história da alma. Uma história de caso é a biografia dos eventos dos quais uma pessoa participou, e relata fracassos e sucessos diante dos fatos do mundo. Uma história da alma está relacionada às experiências vividas por uma pessoa, àqueles acontecimentos dos quais a pessoa tem consciência e sobre os quais alimenta ideias profundas, vendo através dos eventos e transformando-os em experiências (HILLMAN, 2010b). Quando o que vivemos apenas nos atravessa, sem deixar marcas, nos referimos ao vivido usando o termo evento. Ao contrário, quando o vivido ganha significado, ganha o campo da psique, penetra nossa alma, ele se torna uma experiência.

Apresento um exemplo que nos permitirá entender melhor a diferença entre história de caso e história de alma. Calvino (2003), imaginando como Marco Polo teria descrito para o imperador dos tártaros Kublai Khan as cinquenta e cinco cidades daquele império, que ele teria visitado, imaginou que o primeiro poderia ter descrito a cidade de Doroteia de duas maneiras. Uma delas teria sido assim:

[...] quatro torres de alumínio erguem-se de suas muralhas flanqueando sete portas com pontes levadiças que transpõem o fosso cuja água ver alimenta quatro canais que atravessam a cidade e a dividem em nove bairros, cada qual com trezentas casas e setecentas chaminés; e, levando-se em conta que as moças núbéis de um bairro se casam com jovens dos outros bairros e que as suas famílias trocam as mercadorias exclusivas que possuem: bergamotas, ovas de esturjão, astrolábios, ametistas, fazer cálculos a partir desses dados até obter todas as informações a respeito da cidade no passado no presente no futuro [...] (CALVINO, 2003, p.13-14).

A segunda maneira de falar sobre Doroteia seria assim:

Cheguei aqui na minha juventude, uma manhã; muita gente caminhava rapidamente pelas ruas em direção ao mercado, as mulheres tinham lindos dentes e olhavam nos olhos, três soldados tocavam clarim num palco, em todos os lugares ali em torno rodas giravam e desfraldavam-se escritas coloridas. Antes disso, não conhecia nada além do deserto e das trilhas das caravanas. Aquela manhã em Doroteia senti que não havia bem que não pudesse esperar da vida. Nos anos seguintes meus olhos voltaram a contemplar as extensões do deserto e das trilhas das caravanas; mas agora sei que esta é apenas uma das muitas estradas que naquela manhã se abriam para mim em Doroteia (2003, p. 13-14).

Esses dois relatos não se referem a duas cidades, mas a duas perspectivas diferentes de contar a história da cidade de Doroteia. A primeira abordou o visível, o que estava aparente, aquilo que poderia ser dito por diferentes pessoas que visitassem aquela cidade. A segunda, relatou o invisível e apresentou particularidades que só poderiam emergir a partir de um contato pessoal e singular com o lugar (CALVINO, 2003).

Nesta seção, vou contar a história do Jardim Pedramar, mostrando como as pessoas vivem lá e a forma como o bairro é lembrado, experimentado e imaginado por seus moradores. A história será contada a partir de minha vivência naquele território, lembrando que a profundidade é o lugar da alma. O visível será abordado aqui, mas o invisível, o imaginal será privilegiado, já que me proponho a contar a história da alma do Jardim Pedramar.

Eu só posso contar essa história porque os moradores do Jardim Pedramar me contaram muitas histórias. Na medida em que eles me contaram o que viveram, eles tiveram a oportunidade de tomar eventos aparentemente triviais das suas vidas e oferecer dignidade e significado a eles. E agora, quando eu re-conto a história que me contaram para contar essa história – a história do Jardim Pedramar – eu estou re-validando e re-conhecendo a importância daquilo que eles me contaram e reconhecendo sua importância para a alma, além de estar contando minha própria história: a história do meu encontro com a profundidade no Jardim Pedramar.

Somente quando alguém conta um acontecimento que foi importante e tem significado para ele isso se torna história e passa a ter sentido de alma. “Apenas entram na história aqueles eventos que foram experimentados como fatos que importam para a história contada por alguém. Apenas aquilo que é re-contado, re-dito, re-lembrado torna-se história” (HILLMAN, 1998, p. 16).

Na medida em que esta história for sendo contada, a alma do Jardim Pedramar estará sendo cultivada. “O cultivo da alma é também descrito como imaginar, ou seja, ver ou ouvir por meio de uma imaginação que enxerga a sua imagem através de um evento (HILLMAN, 1991, p. 55). Contar a história do Jardim Pedramar permitirá reconhecer sua importância e sua singularidade, transformando uma história que poderia ficar relegada apenas a uma história de caso em história da alma.

Como eu disse anteriormente, Jung entende que a psique ou a alma é constituída de imagens e que as imagens são o meio através do qual as experiências ocorrem. As imagens que me capturaram no Jardim Pedramar foram o meio privilegiado de acesso à alma do lugar. A partir de meu engajamento com o Jardim Pedramar eu pude captar um conhecimento sobre ele e sobre a vida das pessoas que moram lá.

O processo de contar a história do Jardim Pedramar aqui será realizado como uma espécie de bricolagem, por meio do qual as imagens trazidas pelos moradores do lugar, as imagens que eu coletei e as imagens (informações teóricas) oferecidas pelos pensadores que embasam este trabalho serão costuradas. O fio que irei utilizar para essa costura será a minha experiência de ter encontrado profundidades no Jardim Pedramar. Está cada vez mais evidente para mim que a imagem tem um lugar privilegiado neste estudo. A imagem como método de percepção e reflexão sobre a alma de um lugar.

2.1 A criação do Jardim Pedramar: encontrando um lugar

Qual é esse processo do espírito e da semente, cheio de fé, que toca o solo nu e o torna rico de novo? Não tenho a resposta completa. Só sei o seguinte: aquilo a que dedicamos nossos dias pode ser o mínimo que fazemos, se não compreendermos também que algo espera que a gente abra espaço para ele, algo que paira perto de nós, algo que ama, e que espera que o terreno seja preparado para que ele possa se revelar. Estou certa de que, enquanto estivermos aos cuidados dessa força de fé, [...] aquilo que alguns alegaram ser impossível tornou-se nitidamente possível, e a terra que está sem cultivo está apenas descansando – descansando à espera de que a semente venturosa chegue com o vento, com todas as bênçãos de Deus. E ela chegará (ESTÉS, 1996, p. 82-83).

O Jardim Pedramar foi criado no início da década de 1990, numa porção de terra que fazia parte da zona rural de Jacareí. Algumas pessoas já viviam no lugar quando o bairro foi construído, muitas delas ainda estão por lá e algumas já se

mudaram ou faleceram, mas seus parentes permaneceram por lá.

O principal acesso ao bairro é pela Estrada do Tanquinho. Se seguirmos em frente nesta estrada, chegaremos a Guararema, município vizinho de Jacareí. Moradores contam com orgulho que essa estrada foi rota de tropeiros e que por ela passaram grandes boiadas, pertencentes a fazendeiros da região. Isso, dizem eles, insere o Jardim Pedramar na história. O bairro fica bem afastado do centro da cidade, como disse Thiago, no limite entre o urbano e o rural. Ao seu redor o que vemos são fazendas com pastos extensos, portos de areia e uma fábrica de blocos.

O bairro está localizado na Estrada do Tanquinho, conhecida como Jacareí-Guararema. É uma localização importante. O Pedramar teve na história. Seu Nego conta que essa estrada foi aberta na enxada. Ela foi caminho de tropeiros. Aqui passavam boiadas de grandes fazendeiros. Então, é um local importante e histórico na cidade. É uma rota. Somos o último bairro da região oeste de Jacareí, depois já vem Guararema. Então, é uma coisa importante, esse isolamento, essa fronteira. O Pedramar está no limite entre o urbano e o rural.

Thiago disse algo que me chamou a atenção: *É uma localização importante. O Pedramar teve na história.* Ao mesmo tempo que essa fala valoriza o bairro, ela o inclui num contexto maior, a história da cidade de Jacareí. Em muitos momentos, não só ele, mas outros moradores do Jardim Pedramar fazem referência ao bairro como um lugar importante, não só para eles, mas para pessoas de outros lugares.

No final dos anos 1980, diante de um grande déficit habitacional que havia no município de Jacareí, muitas terras estavam sendo invadidas pelos integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Visando aumentar o número de moradias na cidade e permitir a criação de loteamentos para atender famílias de baixa renda, a Câmara dos Vereadores aprovou artigos alterando a lei do uso do solo e liberou a divisão da terra em lotes com 125m², os conhecidos meio-lotes.

No dia 12 de maio de 1991, foi criada a Associação dos Moradores do Tanquinho, com o objetivo de comprar uma porção de terras, elaborar um projeto e construir um loteamento para contemplar aproximadamente 600 famílias de baixa renda. A proposta do loteamento foi divulgada por meio de um panfleto lançado nas ruas de Jacareí, oferecendo terrenos com custo baixo e planos de pagamentos facilitados, em um local com infraestrutura.

Certo dia, eu estava no Cultura no Morro conversando com Thiago. Bedeu, pai de Thiago – um dos primeiros moradores do bairro – chegou lá carregando uma

Além deste panfleto, Bedeu guardou outros documentos da época da criação do bairro. Ele disse que estes papéis são provas da criação do loteamento e que sente muito orgulho em guardá-los.

Eu tenho umas provas do loteamento. Uns papéis que eu tenho guardado até hoje. O da propaganda que nós achamos no chão, o papelzinho do sorteio, o primeiro carnê e anúncios de jornal da época.... Eu guardei porque é uma coisa da gente, única né? A gente guarda com muito orgulho.

As palavras de Bedeu chamaram minha atenção. É possível ver a alma através delas, se apresentando na singularidade do evento “encontrar um papel jogado pelas ruas da cidade fazendo propagando da venda de um terreno”. Este evento foi levado para o campo psicológico e transformado em história da alma, repleta de significado, na medida em que ele a contava para mim. Eu destaquei a frase de Bedeu: “*Eu guardei porque é uma coisa da gente, única, né?*” porque ela traz uma imagem carregada de alma. A fala de Bedeu particulariza, toma posse, traz o detalhe, e a alma está nos detalhes, na singularidade e particularidade das coisas e do mundo.

Aqueles papéis não são simplesmente a prova de um acontecimento, mas representam um evento de alma vivido por Bedeu, além de comunicar algo sobre o Jardim Pedramar onde ele vive e possibilitar a construção de conhecimento sobre aquele lugar.

O interessado em comprar um terreno fazia uma inscrição no ponto de venda instalado na Câmara Municipal de Jacareí. Um total de 634 pessoas se inscreveu junto à associação. Moradores contam que acompanharam ansiosos o processo de compra do terreno onde seria construído o Jardim Pedramar. Cada informação sobre o andamento do processo era comemorada por eles, especialmente a notícia de que o projeto para construção do bairro havia sido aprovado junto à prefeitura.

O projeto do loteamento foi elaborado separando no terreno comprado pela associação as áreas verdes – uma parte da Mata Atlântica que permanece margeando o bairro –, a área da capela e das ruas. O restante do terreno foi dividido em 16 quadras, compostas por 634 lotes. Ele não contemplou espaço algum para a construção de equipamentos de lazer, nem de escola, creche ou posto de saúde no bairro. A área disponível para os moradores se resume aos lotes que cada morador comprou, às vias urbanas e à Capela de São Benedito, já que a mata é uma área de preservação permanente (APP).

Seu Nego disse bem isso, quando falou sobre a estrutura do bairro.

O bairro tem onze travessas. Duas avenidas principais, a Avenida Um e a Avenida Dois, e nove ruas. O que tem nas ruas? Nada. Área de lazer mesmo, não temos, só a quadra lá embaixo. E não tem lugar pra fazer área de lazer. Quem fez o loteamento, não deixou nada, só espaço para as ruas e as casas, e a área verde, que é proibido mexer nela.

Em uma foto de satélite (Figura 7), podemos ver que a mata ocupa uma parte significativa do lugar e que grande parte dos quintais das casas estão voltados para ela. Vemos também a Estrada do Tanquinho que dá acesso ao lugar e margeia o bairro do início ao fim. Dá para perceber vendo esta foto, o quanto o bairro fica isolado, afastado dos demais e do centro da cidade. Ao seu redor existem grandes fazendas com pastos para gado. À direita, podemos ver parte de um porto de areia que está em funcionamento. A rodovia D. Pedro I passa muito próxima às casas e é possível chegar até a pista pulando uma cerca baixa que separa a rodovia do bairro. Há risco de as crianças pequenas terem acesso à pista e sofrerem um acidente. Alguns adolescentes que moram no lugar me levaram até o local.

Figura 7: Imagem aérea do Jardim Pedramar
Fonte: Google Earth.

Figura 8: Imagem da Capela de São Benedito no início do bairro
Fonte: Google Earth.

No terreno destinado ao Jardim Pedramar havia uma igreja, a Capela de São Benedito (Figura 8) que, segundo relatos foi construída há mais de cem anos. Posteriormente, vou falar mais sobre essa capela e sobre sua importância para os moradores do lugar.

No dia 31 de janeiro de 1993, os compradores dos terrenos foram levados para o lugar em transportes coletivos disponibilizados pela Câmara dos Vereadores. Neste dia, foi realizado um sorteio para definir que lote seria destinado a cada um dos compradores.

[...] o pessoal da câmara arrumou um ônibus pra trazer todo o pessoal inscrito pra cá. Inclusive, arrumaram um carro de som... Ficamos aqui das sete da manhã até umas sete da noite, até fazerem todo o sorteio... Eram seiscentas pessoas, mais ou menos... Bedeu

O sorteio foi realizado próximo à Capela de São Benedito. As pessoas contam que ficaram o dia todo no lugar.

No dia do sorteio chegamos aqui 8h30 da manhã e o sorteio do meu lote saiu 16h45... Fiquei o dia inteiro ali. Foi lá perto da capela... E quando saiu o sorteio, **noossa**, que alegria! Aí desci na Rua 6, onde morei primeiro, foi muito gostoso... A minha primeira casa foi na Rua 6, lote 11. Zezão

Foram sorteados os lotes [...]. Eu vim aqui no dia do sorteio Foi até na capela ali de São Benedito, que fizeram o sorteio. Aí eu dei sorte, graças a Deus, fui sorteado com um terreninho e construí minha casinha aqui. Casinha de pobre, mas é minha! Graças a Deus. Seu Nego

Parece que o dia do sorteio ficou envolvido em um ar de mistério. Bedeu contou-me que quando ele e sua esposa passaram pela Estrada do Tanquinho, de dentro do ônibus ela apontou para um dos lotes e disse que queria aquele. Quando seu nome foi sorteado, eles viram que o terreno que eles receberam ficava exatamente *no lugar que ela queria. Era pra ser nosso mesmo!*

Tem uma coisa interessante.... No dia do sorteio dos lotes [...] A minha esposa falou: 'Eu quero um terreno aqui, oh!' [...]. Eram 7 horas da noite... Quando chegou a hora do sorteio, disseram 'atenção! Mônica tatata, sorteada para a quadra 12, lote 2'. O terreno ficava no lugar que ela queria. Era pra ser nosso mesmo!

As pessoas tinham muito medo de estarem sendo enganadas e de perderem seus terrenos. Seu Nego contou esse fato como a coisa mais interessante que ele viu no bairro. Zezão chamou a compra do terreno, naquelas condições, de *aventurar*. Para garantir que seus terrenos não seriam perdidos, as pessoas resolveram marcar território no lugar e *começar a construir* suas casas, antes mesmo de a infraestrutura do lugar ter sido feita.

A coisa mais interessante que eu vi nesse bairro aqui, foi quando a gente começou, e todo mundo disse, com uma boca só, que a gente iria perder o terreno aqui. Não, porque o Itamar não é o dono e tá vendendo, vocês vão perder o terreno. O que eu fiz? Vínhamos eu, minha mulher, minha sogra e mais um amigo... 'Vamos começar a construir'. Seu Nego

[...] as pessoas me falaram assim: Ah, você vai comprar lote no Pedramar? Isso só vai dar dinheiro para o I. fazer churrasco... Falei com meu cunhado: Vamos aventurar e comprar um lugarzinho pra fazer a casa da gente. Viemos e eu parcelei o terreno na associação. Pagamos em quinze meses. Zezão

Aquele sorteio realizado para distribuição de lotes para um grupo de moradores, poderia ter sido apenas mais um evento na vida daquelas pessoas, mas ele ganhou sacralidade e dignidade, porque está carregado de significados. O que aconteceu foi realmente muito importante para elas e ficou gravado em suas almas, transformou-se em imagens psíquicas.

E você não imagina a alegria de comprar seu primeiro terreno. '**Noossa**, que legal!' Todo fim de semana eu vinha aqui com a minha esposa, a gente arrancava o mato com a mão, essas coisas né? Zezão

A expressão "noossa" ou simplesmente "nossa" apareceu muitas vezes na fala dos moradores do Jardim Pedramar, frequentemente acompanhando o relato de

uma algo que havia lhes causado um sentimento de admiração ou de espanto.

Noossa!! Era muita lama e a gente tinha que descer até o Jardim Imperial pra poder pegar o ônibus. Marcos

Noossa!!. Era uma bagunça em casa. Marcos

'Ah! Que tal a gente fazer um campeonato nosso aqui, do bairro?' **Noossa!!!** É uma boa ideia'. Daí fomos ver quem queria participar. Marcos

É muito legal essa reflexão, porque, a gente chegou até a falar de fazer um museu do bairro. Se a gente tivesse um espaço que a gente conseguisse colocar todas essas coisas que já aconteceram... Pra quem chega poder olhar e falar **Noossa!!**'. Pra ter esse entendimento, porque é verdade, quem chega não soma. Thiago

Eu entendo que dizer “noossa” reflete o ato de trazer o mundo para dentro e de sentir uma reação de maravilhamento diante do que foi encontrado. Ela me parece ser visceral, termo que, de acordo com Pink (2015), relaciona-se à totalidade mente e corpo em algo vivido. Eu não usei a expressão “noossa” quando estive pela primeira vez no Jardim Pedramar, nem das outras tantas vezes em que me surpreendi com o que encontrei lá, mas bem que eu poderia tê-la usado, pois ela refletiria muito bem o que senti: um encantamento, um envolvimento com o lugar, uma sensação de ter sido capturada, raptada por Hades e levada ao reino da alma.

A expressão “noossa” parece ser uma resposta do coração (HILLMAN, 2010a) de uma pessoa que, engajada com o meio viveu experiência estética (BERLEANT, 1992) e pode transformar um evento em uma experiência (HILLMAN, 2010c). Ela é ainda uma expressão que me permitiu captar conhecimento sobre o lugar e sobre aquelas pessoas, na medida em que mobilizou meus sentidos e minha imaginação sobre o lugar (PINK, 2015).

Cida disse uma frase que nos ajuda a entender o significado dessa expressão “noossa”:

Então, é tudo coisa que fica gravada na minha mente, você entende? Grava de uma tal maneira, que eu não esqueço nunca mais.

Aqueles primeiros moradores do bairro, antes mesmo de se conhecerem, já haviam se reunido numa associação de moradores para alcançar um objetivo comum a todos: adquirir um pedaço de terra para construir suas casas. Neste início, o movimento para a construção das casas era intenso. As pessoas iam para lá separadamente, mas no decorrer do trabalho de construção das casas emprestavam

ferramentas uns para os outros e, muitas vezes, o dia acabava com um churrasco na rua. Como disse Cida, era um povo unido.

Sabe, todo mundo aqui estava construindo... Era uma coisa de uns emprestarem ferramentas para os outros, faltava um martelo 'Corre lá no Zezão!' Aí eles gritavam 'Seu Valdir, o senhor tem um serrote?' Aquela coisa, sabe? Todo mundo... parecendo uma comunidade mesmo, sabe? Aquele povo unido. E todo mundo, uns ajudando os outros... Era tábua de escoramento. Para escorar laje, quando um ia bater laje, ia todo mundo ajudar... Muito legal! Foi muito bom! Cida

E o gostoso era chegar no fim de semana aqui, quando tinha várias pessoas construindo suas casas, fazendo o alicerce. Aí era um churrasquinho aqui, outro ali... A turma começava separado e daí juntava com os outros, um esquema de churrasco de rua... Zezão

Essa união dos primeiros tempos parece permanecer até os dias de hoje. As pessoas do lugar costumam ser bem solidárias umas com as outras e se mobilizarem, como uma comunidade, para falar sobre questões comuns a todos e também para buscar soluções. Isso ocorre também quando ocorrem festas ou ações, que em geral acontecem nas ruas, já que o bairro não tem áreas de lazer. Vou falar sobre isso com detalhes na seção 2.3.

Cida contou-me que andou muito antes de ir morar no Jardim Pedramar, onde eles vivem há mais de vinte anos. Ela e sua família se mudaram para Jacareí, devido ao trabalho de seu esposo, na época da construção da Rodovia Carvalho Pinto. Eles haviam morado em vários bairros da cidade, mas ainda não tinham casa própria. Cida é devota de Nossa Senhora e contou-me que resolveu pedir a interseção da santa para conseguir comprar “uma casinha simples, num lugar tranquilo onde tivesse muito verde”, e que sua prece foi atendida.

Então, um dia, eu tenho até num caderno aí, uma oração que eu fiz à Nossa Senhora. Eu pedi a ela que me concedesse uma graça, da gente ter nossa casinha própria. [...]. Parece que o meu pedido já foi direto nela, sabe? Porque quando foi à tarde, nós fomos lá comprar a couve e o Seu Zé falou assim: “D. Cida, a senhora tá sabendo de uns lotes que estão vendendo lá no Tanquinho?” [...] E nós viemos, menina. Nossa Senhora veio guiando a gente, e depois, graças a Deus e a Nossa Senhora deu tudo certo, sabe?

As palavras de seu Aloísio mostram a precariedade das condições de moradia, na época, e também relatam que a região era desabitada.

Eu moro aqui há 17 anos, nessa casa. Quando eu comprei já havia dois cômodos, bem derrubados. Era de uma família com duas crianças e as portas eram cortinas, lonas. Isso aqui era um matagal só. [...]. O bairro não era tão habitado como é hoje, né? Você contava as casas que tinha aqui.

Zeção contou que sua primeira casa tinha três cômodos e um banheiro, e três famílias foram morar nela. Sua família também viveu em condições de moradia precárias.

Foi em 1993. Eu fui a décima sexta família a estar nesse bairro.... Eu construí minha casinha e viemos para cá.

A minha primeira casa foi na Rua 6, lote 11. Eu construí lá três cômodos e um banheiro e moramos três famílias naquela casa: eu, minha esposa e meu filho, meu irmão com esposa e quatro filhos e minha irmã com três filhos. Mas o que importa é você ter vontade.... Você tendo vontade, tudo se ajusta...

Fiquei imaginando três famílias, 6 adultos e 8 crianças morando numa mesma casa, de apenas três cômodos. “Noossa!” Deve ter sido bem difícil. Mas parece que isso não impediu que aquelas pessoas se sentissem felizes e satisfeitas com o fato de terem sua primeira casa própria.

Outras dificuldades enfrentadas nos primeiros anos de vida no Jardim Pedramar foram a falta de energia e de água encanada. Isso foi mencionado por praticamente todas as pessoas com quem eu conversei. A luz era tomada emprestada de uma fábrica de blocos próxima ao bairro e distribuída entre os vizinhos. Para ter água, as pessoas que tinham condições fizeram seu próprio poço, mas, a maioria dependia da entrega de água por meio de um caminhão pipa que só abastecia o lugar a cada quinze dias. A alternativa era buscar água numa mina que havia perto dali. E como também não havia coleta e tratamento de esgoto, as pessoas precisavam construir fossas ou acabavam despejando os dejetos no Córrego do Tanquinho.

A história do Pedramar... O que eu posso falar é que era um sofrimento, porque não tinha nada. Água... Eu consegui fazer um poço. A luz eu pedia emprestado a um vizinho. Seu Nego

[...] muitos já começaram a construir suas casas, pegando energia elétrica emprestada e utilizando água de poço, quando podiam construí-lo ou buscando em uma mina da região. Posteriormente o caminhão pipa começou a levar água para o lugar, a cada quinze dias. Bedeu

Quando eu vim pra cá, eu tinha 6 anos [...], a água era de poço. Não tinha água e não tinha luz. A luz, eu acho que veio um ano depois... aí chegou a iluminação, mas quando a gente veio pra cá não tinha. A água eu não sei quando veio, mas faz pouco tempo. A maioria das casas fazia poço. Cada casa fazia um. Marcos

Nem água tinha nas casas. Luz também não tinha. Algumas casas tinham luz. A água era de caminhão pipa, que vinha aqui de quinze em quinze dias. E esse problema da água. A luz até que não, porque eu pegava emprestado do vizinho. Ele instalou um fio lá dentro da casa dele e emprestava para mim, mas a condução e a água era triste. Você tinha que economizar água porque, meu amigo, era de quinze em quinze dias só. Seu Aloísio

A gente tinha que cavar poço, fossa, porque não tinha água encanada e nem rede de esgoto. Aliás, o bairro não tinha nada, só ruas e algumas casinhas. Depois veio o esgoto, a água, a luz e o asfalto. Zezão

Eu tô aqui no bairro desde que começou, há mais ou menos vinte anos. Nós chegamos aqui não tinha nada. Nem água, nem luz... Era caminhão pipa... Então, a gente já enfrentou esse sofrimento todo aí. Seu Gonzaga

No dia que a energia elétrica foi instalada os moradores comemoraram. Segundo Seu Nego, essa foi a coisa mais importante que ele viu no bairro. Dá para entender a importância deste momento. Fico imaginando como é viver em um lugar onde não há iluminação pública, você abre a torneira e não sai água dela e você depende de vizinhos para ter energia elétrica em casa. Nossa! Deve ter sido muito difícil mesmo.

Um dia, eu tava mexendo na minha casa aqui... Eu tava no alicerce ainda, e eu vi os caminhões de poste subindo e falei: Olha gente, acho que a gente vai ter luz aqui! Quando ele colocou o poste, que puxou a rede, eu perguntei para o rapaz quando viria a força e ele disse que se eu quisesse já poderia ligar na minha casa. Pra mim, foi a coisa mais importante que eu vi até hoje aqui. Aí depois veio o esgoto, veio a água, né? Antes era luz emprestada... Não tinha luz nas ruas. Tinha energia porque tinha uma fábrica de blocos e a turma emprestava dele. A água, quem não pode fazer poço, pegava lá embaixo também. Seu Nego

O bairro não foi construído no local divulgado na propaganda (Figura 6), mas em um local bem mais distante do centro da cidade, do ponto de ônibus e da feira e sem nenhuma área de lazer e equipamentos disponibilizando serviços públicos para os moradores.

Quando saiu o loteamento, ele seria lá onde é o Jardim Imperial, mas não deu certo lá e o Itamar mudou a gente aqui pra cima... Aqui não existia nada. Era só pasto. Aqui havia plantação de laranjas, e do outro lado de melancias... Essa terra pertencia a uma fazenda, a Toca do Jacaré... Eu sou um dos primeiros que construiu aqui. Seu Nego

E havia outros reveses naqueles primeiros tempos de vida no Jardim Pedramar. Todos os moradores com quem eu conversei relataram as dificuldades com a lama que se formava nas ruas e na estrada nos dias de chuva. Como no bairro não há escolas, creches, posto de saúde e nem oferece empregos para grande parte de seus moradores, a maioria das pessoas precisava se locomover para realizar essas atividades. O acesso ao bairro, como eu já disse, era feito pela Estrada do Tanquinho, que só foi pavimentada em 2009. Então, as pessoas tinham muita

dificuldade para chegar ao bairro, especialmente na época das chuvas, porque a lama que se formava na estrada impedia que os ônibus urbanos chegassem até o local.

Para entrar e sair do bairro as pessoas tiveram que encontrar alternativas. Alguns cortavam caminho pelo pasto que margeia o bairro, outros levavam garrafinhas de água para lavar os pés quando o barro acabava e alguns optavam por envolver seus sapatos em sacolinhas de plástico que eram retiradas quando eles chegavam ao Jardim Imperial, bairro vizinho onde eles tinham acesso a transporte coletivo.

Era um lamaçal só. O ônibus vinha até lá embaixo, no Imperial, não subia esse morro aí quando chovia. Era tudo terra mesmo. A maior dificuldade para as famílias era o transporte, né? Seu Aloísio

Porque na época não tinha ônibus, menina... Nossa Senhora! Todo mundo tinha que ir à pé até lá na pista. Era um barro, não tinha asfalto, né? **Nossa...** era aquele lamaçal mesmo! E as pessoas, todo mundo tinha que ir a pé lá pra pegar o ônibus pra ir na cidade, né? E vice-versa. Na volta tinha que descer lá e daí vir a pé. Muito trabalhoso, muito trabalhoso. E a criançada também tinha que ir, até hoje ainda vão, pra estudar. E os motoristas falavam que não dava pra subir quando chovia porque tinha barro, e aí, eles despejavam as crianças todas lá, na subida do morro. Às vezes criancinhas pequeninas, coitadinhas, de 6 aninhos, 7 aninhos, tinham que vir tudo a pé, sabe? Cida

O que eu me lembro é de bastante lama. E outra dificuldade também era o ônibus pra cá. No começo havia ônibus de manhã e depois a cada 2 horas. E a maioria das crianças daqui estudava no São Silvestre. Tinha um ônibus escolar que levava a gente para o São Silvestre e era uma dificuldade quando chovia. **Noossa**, era muita lama e a gente tinha que descer até o Jardim Imperial pra poder pegar o ônibus. Ele não conseguia subir. Quem trabalhava também tinha que pegar ônibus lá. [...]. Marcos

Era um sofrimento, porque não tinha asfalto, era só terra, e chovia e era barro. Tudo que acontecia aqui era só sofrimento mesmo. Por exemplo, o ônibus vinha até no bairro Nova Esperança e de lá nós subíamos à pé. Porque o ônibus não vinha até aqui... Com chuva, barro, morro... Quantas vezes a gente cortava caminho pelo pasto pra conseguir chegar aqui, porque nem o morro a gente subia à pé, com o barro. Seu Nego

As dificuldades do começo? Eram muitas né? Primeiro que não tinha asfalto. Aí quando chovia, barro... Quando secava, era pó... O pessoal subia pelo lado da fazenda, onde é pasto, pra não sujar tanto os pés. Imagine, mulher vindo com crianças, sacolas... Era pesado isso... Bedeu

Porque antes a gente vinha com o barro até aqui. Muitas vezes as pessoas desciam até o Imperial de chinelo, com uma garrafinha de água na mão, chegava lá lavava os pés e trocava o calçado para pegar ônibus e ir trabalhar na cidade. Era um barro... barro sabão, porque quem escorregava caía mesmo. Marilene

Eu mudei pra cá dia 31 de janeiro de 1994, o bairro foi sorteado em 93 e eu me mudei em 94. Quando chovia, a mulherada que trabalhava na cidade saía de casa com uma sacolinha de arroz ou de supermercado nos pés. Aí chegava lá em cima e deixava as sacolinhas lá pra pegar o circular. [...] Quantas vezes eu tive que buscar a minha esposa lá embaixo, de bicicleta,

chovendo... E quando eu subia até aqui com a bicicleta nas costas, porque ela não rodava... Era difícil. Zezão

Os problemas com a lama se tornaram um peso ainda maior – literalmente – quando uma moradora morreu e o caixão precisou ser carregado até o local onde estava o carro da funerária, que também não conseguiu subir a estrada cheia de lama.

Quando eu mudei pra esse bairro aqui, morreu uma senhora lá embaixo e o carro funerário parou lá no começo da avenida, porque não passava pelo barro. Nós tivemos que carregar o caixão até lá... Deus que a tenha, mas estava muito pesado. Nós de calça arregaçada e o barro até aqui – apontou a altura do joelho. Seu Nego

Mesmo quando não chovia, os moradores ainda enfrentavam dificuldades para se locomover do bairro já que havia apenas três horários de ônibus disponíveis no dia.

O primeiro horário de ônibus aqui foi em junho. Havia três horários por dia: cedo, ao meio-dia e à tarde. Se perdesse, tchau. [...] eu ainda falava assim: Eu vou morrer, meus filhos vão morrer, meus netos vão morrer e não vão ver asfalto aqui, nessa periferia. Zezão

A pessoa ia pra cidade, fazia o que precisava e voltava. Não tinha tanto acesso assim porque era ruim e o ônibus era demorado. Então, tipo.... Geralmente saía programado, já... 'Eu vou, faço isso e aquilo, pra pegar o ônibus', porque se perdesse aquele, só uma hora e meia depois que ia passar outro lá na cidade. Marcos

Brincar com as palavras é uma das maneiras propostas por Hillman (1989, p.65) para falar com a imagem, “a maneira poética de se trabalhar com a imagem, que libera significados que estavam aprisionados nos seus fonemas, escondidos na etimologia”. A imagem da lama acompanha os moradores do lugar. Brincando com essa palavra, lama, eu me dei conta de que se invertermos suas duas primeiras letras teremos a palavra alma. A alma do Jardim Pedramar está intimamente relacionada àquela lama dos primeiros tempos, e, invertendo a frase, a lama está intimamente ligada à alma do Jardim Pedramar. Fico imaginando que a região do reino de Hades onde as almas ficam vagando deve ser um lamaçal.

Segundo Moore (1994), tudo que se refere à vida está ligado à alma. A lama também se refere à vida, principalmente à vida dos moradores do Jardim Pedramar. E se a alma quer respostas imaginativas que a mobilizem e a deliciem, possibilitando o aprofundamento e a transformação de eventos temporais em eventos de alma (HILLMAN, 1989), aquelas vivências rodeadas pela lama, estão carregadas de alma.

A lama e a falta d'água, que eram fontes de dificuldades para os adultos nos primeiros tempos do bairro, eram, na visão da criançada, uma diversão. Eles esperavam o caminhão pipa e se divertiam na hora de encher suas caixas d'água. Atolar e escorregar no barro também acabava se tornando muito divertido. Ficava tudo tão escorregadio que o caminho até o Jardim Pedramar recebeu o nome de Morro do Sabão. As crianças recebiam dos colegas de escola nos bairros vizinhos, o apelido de pés-vermelhos, pois seus pés ficavam sujos com aquela lama toda que enfrentavam no caminho até a escola.

Thiago tinha por volta de 6 anos, na época, e se lembra bem dos primeiros tempos no lugar.

A água demorou, ficamos muito tempo sem água encanada. Era através de caminhão pipa. Eu me lembro que era uma festa quando chegava o caminhão pipa. A gente como molecada se divertia abrindo as caixas d'água e os tambores pra eles encherem. A gente achava o máximo aquilo, mas era na visão de uma criança... Isso era falta de serviço público, né? Esgoto... Até hoje a gente não tem coleta de esgoto, ele cai na nossa nascente. Então, são fatos que, quando criança a gente achava interessante... O barro também foi um problema. Mas eu me lembro da gente brincando no barro. Era muito legal! A gente atolava até o meio da perna no barro e achava muito engraçado... O ônibus não subia, a gente tinha que ir à pé até o próximo bairro pra pegar o ônibus. [...]

Dá pra sentir em suas palavras-imagens a alma sendo feito na medida em que as crianças se deliciavam escorregando na lama. Hoje, já adulto, Thiago entende que aquilo que para as crianças era fonte de diversão – aguardar o caminhão pipa para encher caixas d'água e tambores, brincar no barro e ficar atolado na estrada – era, de fato, um problema decorrente da ausência de serviços públicos.

Marcos tinha apenas 6 anos de idade quando se mudou com sua família para o Jardim Pedramar. Ele me contou que sua infância transcorreu repleta de brincadeiras nas ruas e de muita exploração do lugar, juntamente com outras crianças que também cresceram ali. Eles gostavam de brincar junto ao barranco do rio e balançavam em cordas e cipós dentro da mata. Eles também brincavam de pique-litro, polícia e ladrão e praticavam esportes, tais como vôlei, beisebol, hóquei e futebol. O futebol, antes brincadeira de criança, hoje é levado muito a sério. Marcos e alguns amigos estão à frente da organização de um campeonato anual de futebol que acontece no bairro, como mostrarei adiante.

Eu cresci aqui. Praticamente todos os meus amigos cresceram junto comigo aqui. [...] A maioria da rapaziada nessa idade de vinte, vinte e poucos anos

cresceu tudo junto, também jogando futebol... Futebol... As brincadeiras... A gente brincava bastante na rua também. A gente brincava de polícia e ladrão, de pique-litro, pega-pega, esconde-esconde.... Aí tinha garrafão... A gente jogava vôlei.... Aí na nossa rua a gente jogou beisebol, hóquei. [...]. Nessas brincadeiras misturava com outras ruas, mas na nossa rua é que a gente jogava esses esportes diferentes. A gente brincava dos personagens dos desenhos que a gente assistia.

Enquanto eu conversava com Marcos, Thiago, que trabalhava junto ao computador e acompanhava nossa conversa nos interrompeu dizendo:

Conta a importância que teve sua casa em tudo isso.... Teve uma importância histórica a sua casa...

Como propôs Pink (2015) as entrevistas que realizei com os moradores do Jardim Pedramar – que eu prefiro chamar simplesmente de conversas – não foram realizadas em um local específico, no qual eu e o participante permanecíamos sentados, simplesmente falando. Todas as conversas que tive com aquelas pessoas durante a pesquisa foram realizadas em um ambiente aberto: no espaço Cultura no Morro, onde sempre chegava alguém de repente e, muitas vezes acabava fazendo parte da conversa; no banco que fica em frente ao Cultura no Morro; num dos bancos da Praça Guarani – vou falar bastante sobre ela adiante; em frente à pastelaria, a um bar, à lanchonete, à casa de um morador.

Uma coisa me chamou muita atenção. Quando eu estava conversando com alguém e outra pessoa chegava, independentemente da idade dessa pessoa – criança, adulto, velho – a pessoa que havia chegado cumprimentava a todos, inclusive a mim, com um aperto de mão ou com um beijo, no caso de já haver uma amizade, e só interrompia a conversa, se houvesse necessidade de falar com o entrevistado, mas com muito respeito. Quando o tema da conversa podia ser estendido a essa pessoa que havia chegado ali, ela acabava ficando por perto e participava da conversa conosco.

Foi assim que Thiago participou da conversa que eu e Marcos estávamos empreendendo. Quando ele disse que a casa do Marcos teve uma importância histórica, ele referiu-se à importância que aquela casa teve para as crianças na época, mas também para o movimento que acontece no bairro hoje. Thiago era uma daquelas crianças que se reuniam, brincavam, faziam a própria comida na casa do Marcos, então, fazia todo o sentido ele participar daquela conversa, e isso não prejudicou de maneira alguma a produção de conhecimento, muito pelo contrário, favoreceu.

Ah, a minha casa...[...]. Juntava todos nós lá e era a bagunça, muita bagunça. Brincadeira e tudo, né? Vídeo game... A gente fazia macarrão pra gente comer... Ficava uma bagunça. Minha mãe ficava brava. Às vezes a gente arrumava, mas quando ela chegava de surpresa, saía todo mundo correndo e sobrava pra mim. Marcos

A rua onde Marcos mora até hoje foi, segundo ele conta, *praticamente o começo de tudo*. Além de lugar de brincadeiras de rua, ela foi um terreno fértil para muitas bandas musicais.

Ali na nossa rua, lá foi praticamente o começo de tudo. Começaram as bandas também. [...] Teve a 'Dark Mouse', que era uma banda de Funk, às vezes a gente só se reunia lá pra ficar tocando. Aí saiu 'Os Hereges'... A última foi 'A Dama'. Foram muitas, é que eu não me lembro os nomes das bandas. Marcos

Em geral, nos primeiros tempos do bairro, as brincadeiras de rua envolviam cerca de 50 crianças e duravam até uma semana inteira. Pelo depoimento dos jovens, que na época eram crianças, parece que aquelas crianças eram felizes. Marcos contou como era uma brincadeira que eles faziam na época: o pique-litro, uma espécie de jogo de esconde-esconde.

Quando a gente começava a brincar no bairro, tipo, reuniam todas as crianças pra brincar. Aí, muitas vezes, quando a gente brincava de pique-litro, muitas vezes a pessoa ficava como 'mãe' a semana inteira, porque era muita gente. [...]. Era assim.... Porque aqui tem bastante barranco, né? Então a gente ia bem na ponta do barranco e chutava o litro, daí a pessoa que tava de 'mãe' corria pra pegar o litro e todos os outros se escondiam, tipo esconde-esconde. Só que aí o cara deixava o litro ali e saía procurando as pessoas. Quando ele encontrava alguém, ele tinha que chegar primeiro que a pessoa e bater no litro. Mas se alguém chegasse e chutasse o litro, todos que estavam pegos podiam se esconder novamente.... Daí isso durava muito tempo. [...] era um esconde-esconde do bairro inteiro. De crianças entre 12 e 14 anos, acho que eram mais ou menos trinta. Aí tinha os de 16 e 17 anos.... Dava por volta de cinquenta moleques brincando. Marcos

Jhonata, hoje com 22 anos, veio morar no Jardim Pedramar quando era apenas um bebê. Ele também me contou que sua infância no lugar foi repleta de brincadeiras: esconde-esconde, cabana, balanço na corda-cipó. Mas o que eles mais gostavam era das bandas musicais. Ele e seus amiguinhos viam os mais velhos – jovens como Thiago e seus amigos – tocando instrumentos, formando bandas musicais e se apresentando no bairro e também queriam formar uma banda, mas não tinham instrumentos. Então, tiveram que improvisar. Uma gaiola de passarinho foi usada como bateria, juntamente com algumas latas. A guitarra foi feita por Bedeu. Era

de madeira e não tinha som, apenas imitava uma guitarra. Mas a criançada fazia o som com a boca. O grupo de crianças se reunia e ensaiava pelas ruas do bairro e fazia apresentações para os moradores do lugar. A banda se chamava Quebra Lata. Esse gosto pela música e a formação de bandas musicais permanece até hoje entre os moradores do Jardim Pedramar, como mostrarei posteriormente.

Quando a gente era mais jovem, a gente brincava de tudo. Brincava de esconde-esconde, essas paradas. Tinha uma balança, a gente fazia trilhas... aqui na valeta. A gente na época, tinha uma bela cabana aqui em cima. A gente fez uma cabana grande, de uns 5 metros, mais ou menos, e a gente fazia a comida em casa e levava para a cabana. Uma turma... E a gente tinha também a banda de lata. A banda se chamava Quebra Lata. A bateria era de lata, a guitarra foi o Bedeu que fez pra gente, de madeira, e a gente fazia som com a boca, cantava músicas do Mamonas Assassinas, do Nirvana... E a gente se apresentava aqui no bairro, para as pessoas do bairro mesmo. Uma parte da bateria era uma gaiola... Eu tinha uns 12 anos na época... Agora tenho 22 anos... Nem tinha asfalto aqui ainda... A gente achava que era atração no Pedramar. A gente marcava os ensaios na rua e depois ia pra casa de alguém pra desenhar.... A gente fazia desenhos de roqueiros... Até hoje a gente fala sobre isso. Era muito bacana. Jhonata

A balança à qual se referiram Marcos e Jhonata fica na valeta, no meio da mata, no barranco em torno do Córrego do Tanquinho. Há uma trilha que dá acesso ao lugar onde existem cipós e também uma corda que foi amarrada para as crianças se balançarem. Um dos adolescentes – vou chamá-lo aqui de Zedequias, ele tem 13 anos de idade, nasceu e vive no Pedramar – chegou ao Cultura no Morro num momento em que Marcos me contava sobre as brincadeiras de sua infância. Zedequias nos cumprimentou muito educadamente, com apertos de mão, e ficou por ali, dedilhando um violão. Naquele dia, quando Marcos fez referência ao balanço de corda-cipó na valeta, eu fiquei admirada e lhe disse que gostaria de conhecer o local.

No dia seguinte, eu retornei ao Jardim Pedramar e encontrei Zedequias na rua em frente ao Cultura no Morro. Ele me perguntou se eu gostaria de ir até a valeta e se ofereceu para me acompanhar até o local onde a corda está amarrada, ao lado dos cipós. Fizemos a trilha conversando sobre o lugar. Eu ofereci a ele minha máquina fotográfica e perguntei se ele poderia ir registrando o que chamasse sua atenção enquanto caminhávamos. Ele concordou e tirou várias fotografias (Figura 10). O lugar é lindo! Pena que a água do córrego está muito poluída, cheia de lixo e escura, provavelmente devido ao esgoto das casas que é despejado ali sem nenhum tratamento, já que no bairro não há serviço de esgoto.

Figura 10: Trilha caminhando com Zedequias.
Fonte: Foto de Zedequias

Em outra ocasião, conversando com Thiago, ele me contou que Zedequias havia ficado encantado com a beleza da mata e da trilha. Ele ria me contando que o garoto havia confessado a ele que nunca tinha feito aquela trilha e que não conhecia o local onde a corda está pendurada. Zedequias conheceu o local comigo, quando me guiou até lá. Parece que ele se interessou em conhecer o lugar quando ouviu Marcos me falando o quanto ele e seus amigos brincaram lá quando eram crianças.

Interessante o fato de algumas pessoas passarem a saber algo ou conhecer um local dentro do bairro onde eles vivem, de alguma maneira através da minha presença no lugar. Muitas vezes, em conversas informais com algum morador, eu contei algo que eu havia descoberto em conversa com outras pessoas, do lugar ou não, e o morador se surpreendeu, dizendo que nada sabia sobre aquilo. Posso exemplificar com o dia em que eu contei para Seu Nego que a valeta não poderia ser aterrada para fazer uma academia ao ar livre, como ele havia pensado, porque ali é uma APP. Ele ficou surpreso e disse que, sendo assim, a prefeitura deveria cuidar melhor daquele lugar.

Na conversa com Marcos ele se referiu a mais uma coisa interessante e divertida que aconteceu em sua infância. Há muitos anos, um circo mambembe foi fazer uma apresentação no Jardim Pedramar. Seu Gonzaga, que também mora no bairro desde sua construção, contou-me que desde jovem tinha vontade de ter um circo, então, decidiu oferecer o carro que ele e seu filho tinham, em troca daquele circo. A proprietária aceitou sua oferta e então, uma semana depois, ele e sua família já estavam administrando o circo.

A história do circo? O circo aconteceu assim: Chegou uma senhora aqui no bairro com um circo. Eu tenho os documentos, tenho tudo aqui do circo... retratos, fotos... Pra falar a verdade, desde criança que eu tinha o sonho de ter um circo... [...] Eu tinha um gol nessa época e falei: Dou um gol nesse circo aqui. [...]. Aí, eu comecei a tocar o circo. Gonzaga

Seu Gonzaga era o palhaço e animador do circo, sua esposa era dubladora e seus filhos trabalhavam como artistas. Ele e a esposa me contaram que dinheiro mesmo, o circo não dava, mas que eles se divertiam muito.

Então... Já que era praticamente todo mundo daqui. Aquilo ali virou uma bagunça. A criançada se enfiava lá dentro... Virou uma bagunça. [...] A gente pagava pra rir. Nós, donos do circo pagava pra rir. Gonzaga

Marcos, que na época era criança, contou-me que se divertia tanto assistindo a esses espetáculos que certo dia até caiu da arquibancada, de tanto rir. Com o tombo, ele acabou sendo a atração para as pessoas da plateia, que riram muito dele.

Eu caí de cima da arquibancada, dando risada do palhaço.... É, porque quando o circo veio, eu tinha mais ou menos 11 ou 12 anos. Eu tava no último degrau da arquibancada... Aí, não me lembro o que o palhaço fez e eu dei risada e fui pra trás e caí. Não era tão alto, né? Aí eu fui a piada. Em vez de ser o palhaço, era eu. Marcos

O circo da família Gonzaga permaneceu no bairro fazendo apresentações para os próprios moradores por algumas semanas e depois circulou pela região de Jacareí, por cerca de quatro anos. Eles tinham um ajudante, um rapaz que trabalhava no circo como capataz e também artista. Certo dia, trabalhando em outro circo, ele sofreu um acidente e morreu. Então, eles decidiram fechar o circo.

Seu Gonzaga ainda guarda a roupa de palhaço que usava no circo. Disse-me que de vez em quando ele faz animação de festas no bairro. Seus filhos também continuaram na carreira artística. Eles têm uma banda musical e fazem shows em

Jacareí e região. Há alguns anos, saiu uma reportagem num jornal da cidade falando sobre as bandas do Jardim Pedramar (Figura 11), que fazem shows beneficentes para arrecadarem alimentos para distribuir aos que necessitam.

Figura 11: Reportagem sobre show de banda do Jardim Pedramar
Fonte: Arquivo de Thiago.

A conversa que tive com Seu Gonzaga e a esposa aconteceu no quintal da casa deles. Neste dia, ele se vestiu de palhaço e enquanto sua esposa Marilene o maquiava, como fazia nos tempos do picadeiro, e os dois me contavam sobre a época do circo, dando muita risada (Figura 12). O riso e o humor, a dor e a lágrima fazem parte da ambivalência da alma.

[...] humor e riso são manifestações da alma que se impõem sem pedir licença, revelando e ocultando aspectos de um determinado fato ou sujeito [...]. Revelam o escondido do seu objeto e, por contraste, desvelam muito do imponderável do autor dos 'ditos espirituosos' (PALOMO, 2008, p. 83).

Figura 12: (A) O palhaço Gonzaga, (B) Histórias do circo (C) Álbum de fotos
Fonte: Fotos de Tainã Moreno

De forma semelhante a Bedeu, espontaneamente, Seu Gonzaga trouxe objetos para mostrar para nós enquanto contava sua história. Ele havia separado as fotografias para nos mostrar durante a conversa. Ali, em pé, acompanhando atentamente seu relato e vendo aquelas imagens, era *como se* nós tivéssemos sido transportados para aquela época em que o circo mambembe fazia apresentações no Jardim Pedramar. Era *como se* estivéssemos assistindo àqueles espetáculos. Em certo momento, eu fui remetida à minha infância, num tempo em que eu ia com meus pais e meus irmãos a um circo que estava na cidade onde morávamos. Me lembrei da fila para entrar no circo e dos palhaços que ficavam por ali vendendo objetos-lembranças do espetáculo, pipoca doce e salgada e pirulitos embalados com capas no formato de palhaço. Eu via crianças da minha idade trabalhando naqueles espetáculos e ficava imaginando como seria morar em um circo.

Pink (2015) disse que o etnógrafo é inundado por sensações, imagens e emoções quando ele está realizando a pesquisa e que, nesses momentos, o pesquisador recebe um chamado para o corpo. Era isso que estava acontecendo comigo naquele momento. Eu estava vivendo uma experiência estética (BERLEANT, 1992), ali tão engajada com aquele lugar e com aquelas pessoas, que eu até

experimentava a sensação de ter sido transportada àquele circo, àquela época em que ele esteve ali, no Jardim Pedramar. Ao mesmo tempo, eu tinha consciência daquela percepção e sabia que eu estava ali, na casa da família Gonzaga, ouvindo suas histórias. Imaginando como tudo aquilo tinha acontecido, era *como se eu sentisse* o que aquelas pessoas sentiram quando viveram tudo aquilo que estavam relatando ali.

Estávamos cultivando a alma do lugar, considerando a singularidade dos acontecimentos e iluminando-os para torna-los psicológicos (HILLMAN, 2010a). Como disse Seu Gonzaga, *“aquilo vive dentro da gente ainda, parece que enraíza, né?”* Vivências intensas e almas ficam enraizadas em nós.

Eu não larguei. Vira e mexe eu pinto a cara. [...]. Aquela coisa ainda não saiu de dentro da gente. [...] Porque aquilo vive dentro da gente ainda, parece que enraíza, né?

E para Seu Gonzaga, o verdadeiro artista é aquele que é capaz de improvisar, de estar num picadeiro.

Eu acho, pra mim, o artista mesmo verdadeiro, é aquele do picadeiro, né? Que na hora ele faz... Nem que seja no improviso, mas sai.

Continuamos nossa conversa, no quintal da casa da família Gonzaga, e de repente, o tema que, até aquele momento havia ficado em torno do circo, se ampliou e passou a englobar questões relacionadas ao bairro e a seus moradores. Este fato, de a conversa se ampliar para temas diversos envolvendo o lugar, aconteceu na maioria dos encontros que tive com as pessoas do Jardim Pedramar. Eu percebi que as pessoas daquele lugar têm o costume de falar sobre os problemas do bairro, sempre que se reúnem, e ficam tentando buscar soluções e, muitas vezes, planejam ações que possibilitem a resolução desses problemas.

Retomando a conversa na casa de Seu Gonzaga... Ele, sua esposa e Thiago mostraram-se preocupados com o bem-estar das pessoas do lugar, especialmente das crianças e dos adolescentes e também com o ambiente. Eles falaram sobre a necessidade de receberem incentivo para a realização de mais atividades culturais no bairro.

Uma das coisas que tá precisando aqui nesse bairro também é esse tipo de coisa... Um lugar pra botar as meninas pra fazer uma dança, um teatro... Um

espaço pra gente trabalhar com teatro com esse povo. Eu falo... Aqui tem gente que tem talento. Gonzaga

Eu falo porque vejo as meninas que vão lá no Cultura... Elas aprendem as coisas e têm uma cabeça boa pra caramba. [...] Aqui tem muita gente. Só falta a gente sentar... Vamos fazer... E a coisa flui. Porque vontade a gente tem, só não tem é dinheiro... Risos. Gonzaga

Mas, como eles disseram, esse financiamento não tem chegado até o bairro.

Esse dinheiro tem em algum lugar no poder público e ele não é investido aqui na gente. Eles fazem as grandes obras, os Educamais... Porque eles não olham pra cá. Thiago

Comentaram também sobre um certo abandono por parte da assistência social, que não tem dado atenção ao bairro e às suas necessidades.

Eu acho que se a assistente social tivesse mais presente aqui no bairro... Aliás, tem uma senhora, moradora daqui que sofre maus tratos das famílias. Eu já denunciei... Vieram aqui, mas ninguém fez nada. Thiago

Gonzaga disse que ele e outras pessoas no bairro, tais como Seu Nego e Thiago, lutam para oferecer alternativas para as crianças e os adolescentes do lugar. Eles acreditam que, por meio da cultura e da arte, é possível oferecer algo que possa ser interessante para os jovens e as crianças, numa tentativa de os tirar das ruas e evitar o envolvimento com a droga e com o tráfico.

Então a gente tem que tá adotando as crianças pra ver se tira essa molecadinha das ruas e das drogas. [...] Você sabe que não é fácil, né? Se não tiver uma coisa que realmente interesse eles, que bate dentro deles, é difícil a gente tirar eles disso... A gente vem tentando, na base da cultura... Sem a gente ter nada, a gente inventa alguma coisa. [...] A gente entra com quase nada e muitas vezes acontece coisa até boa. Gonzaga

Aqui tem muita droga. [...] É um bairro muito carente... Muita criança tá sendo viciada, por falta de coisas que chamem a atenção do jovem, entendeu? Marilene

Sobre a questão da saúde, Marilene disse que gosta do atendimento dos médicos no posto de saúde do bairro vizinho, onde são atendidos, mas queixou-se da demora para a marcação e realização dos exames que são solicitados. Bedeu havia me falado, em outro dia, sobre um certo abandono do poder público com relação ao Jardim Pedramar. Ele disse que são as pessoas do lugar que se movimentam em

busca de solução para seus problemas, e que o atendimento que chega ali é na área da saúde.

Depois que eles instalaram água e luz, sumiram, né? Foram embora. Não quiseram nem saber do bairro mais. Aí que veio o pessoal, a população se movendo, pessoas de fora vindo, conhecendo... Que ajudou a melhorar um pouco, né? [...] hoje eles não dão assistência. Bedeu

A única assistência que eu sei que é boa aqui, é do pessoal da saúde, que vem, atende a gente e leva pro postinho. Bedeu

A conversa chegou às questões do meio ambiente. Seu Gonzaga perguntou a Thiago se ele tinha visto que um vizinho deles estava destruindo a mata perto de suas casas.

Por falar em meio ambiente, você viu a destruição que o cara fez naquela área ali? [...]. Eles pegaram a roçadeira, derrubaram árvores... Acabou com o meio ambiente ali, acabou. Gonzaga

Thiago falou sobre a necessidade de eles conscientizarem as pessoas sobre a importância de cuidar do meio ambiente, da nascente d'água do Córrego do Tanquinho e do lixo que tem sido jogado no Córrego. A conversa chegou ao fim, bem na hora em que havíamos terminado de tomar o café que Marilene havia preparado para nós.

Neste ponto, antes de encerrar esta seção, no qual me propus a relatar a criação do Jardim Pedramar e os primeiros anos da vida no lugar, há um último tema a ser tratado: a escolha do nome dado ao bairro.

Existem duas versões sobre o fato de o nome Pedramar ter sido escolhido para o bairro. Uma delas está ligada ao fato de o nome do vereador que estava à frente da construção do bairro. *Pedra* em Tupi se diz *Ita*. Então, Pedramar seria uma referência ao nome Itamar.

Outra versão, contada pelo Thiago, diz que o nome Pedramar foi escolhido em homenagem a uma senhora que morava ao lado de um cruzeiro que ficava num bairro vizinho, a Dona Pedralina. Segundo Thiago, na época da construção do bairro, o vereador a via ao redor do cruzeiro e tendo pena dela, resolveu lhe dar um terreno. D. Pedralina teria sido uma das primeiras moradoras do Jardim Pedramar. Não foi possível entrevistá-la para checar esta versão, pois ela já faleceu.

Segundo Hillman (2013, p. 49), há um fator arquetípico envolvido no ato de dar nome a algo, e um nome nos leva à realidade:

É como se o material arquetípico escolhesse seus próprios termos descritivos como um aspecto de sua autoexpressão. Isso significa que “nomear” não é uma atividade nominalista, mas, de fato, realista, pois o nome leva-nos à sua realidade. Devemos mesmo admitir que há um fator seletivo arquetípico envolvido na invenção dos termos.

O nome Pedramar se compõem de duas palavras: *pedra* e *mar*. Vou fazer uma amplificação – prática bem conhecida na psicologia junguiana – em torno dessas duas palavras. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009), a *pedra* é um símbolo da terra-mãe e há uma relação estreita entre pedra e alma. A pedra é um elemento de construção e tem ligação com o sedentarismo do ser humano. “Antes da cidade, houve a pequena povoação, o santuário e a aldeia; antes da aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras [...]”, disse Mumford (1965, p. 11).

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), o *mar* é um símbolo da dinâmica da vida e está relacionado tanto à vida quanto à morte, tanto às possibilidades (novo) quanto às realidades já configuradas (velho). O *mar* é o lugar dos nascimentos e renascimentos, das imagens de vida e de morte.

Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes e as realidades configuradas, uma situação de ambivalência que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 592).

Pedra e água simbolizam a sabedoria. “Segundo a tradição bíblica, em função de seu caráter imutável, a pedra simboliza a *sabedoria*. Ela é frequentemente associada à água. [...] Ora, a água simboliza também a sabedoria” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.701).

O nome Pedramar está, portanto, carregado de associações com a alma. As palavras fogo, morte, vida, dinâmica da vida aparecem na seção 1.2, nas reflexões realizadas sobre o termo alma. E Pedramar está relacionado à dureza da pedra e à graciosidade das ondas do mar, disse Thiago.

[...] somos Pedramar mesmo... Somos duas forças mesmo, o mar e a Pedra, nessa força, nessa fibra mesmo, na coragem... Com toda essa graciosidade de fazer ondas, e essa dureza da pedra também.

Sim, eles são duas forças Pedra e Mar: *pedra*, a fibra e a coragem como elementos de construção e fixação à terra, e *mar* como símbolo da dinâmica da vida com seus ciclos de morte e renascimento.

A busca pela terra, por um lugar para criar raízes e viver é um tema arquetípico, isto é, ele “não é exclusivo, nem meramente pessoal, mas em algum ponto se estende e atinge toda a humanidade” (JUNG, 2000, §229). Arquetípico é aquilo que é próprio do humano e esteve/está presente em todas as épocas e em todos os lugares. Muitos povos viveram essa busca, dentre eles o povo hebreu. E eu acrescento aqui, o povo “pedramareano”.

[...] a perspectiva arquetípica oferece uma conexão entre aquilo que acontece em cada alma individual e aquilo que acontece a toda a gente, em todos os lugares, em todos os tempos. [...]. Arquetípico, em outras palavras, significa fundamentalmente humano (HILLMAN, 2010b, p. 34-35).

Parece que a maioria das pessoas que comprou um lote no Jardim Pedramar e começou a construir sua casa, antes mesmo que a rede de água e as instalações de energia elétrica estivessem disponíveis, se lançou num ato de fé, semelhante ao que fez o povo hebreu, acreditando que aquela era a semente de uma nova vida, que havia sido cultivada por muito tempo no terreno na imaginação de cada um, mas que no momento da realização do sorteio e da tomada de posse de seus terrenos pode se concretizar.

Resgato aqui um trecho da epígrafe que abriu este tópico do texto e que para mim representa bem este ato de fé.

Estou certa de que, enquanto estivermos aos cuidados dessa força de fé, [...] aquilo que alguns alegaram ser impossível tornou-se nitidamente possível, e a terra que está sem cultivo está apenas descansando – descansando à espera de que a semente venturosa chegue com o vento, com todas as bênçãos de Deus. E ela chegará (ESTÉS, 1996, pp. 82-83).

De acordo com Casey (1991), “lugar é completamente particular e único [...]. O lugar é a primeira das coisas. Todo corpo sensível está em um lugar e a alma, para existir, também precisa estar em algum lugar, não apenas no corpo humano”. Encontrar um lugar, na perspectiva de Casey tem sentido de ‘ser lugar’, de localizar-se e não apenas fixar-se em algum lugar. “A presença humana tem a capacidade de envolver todo o mundo ao seu redor” (CORBIN, 1978, p. 1 *apud* CASEY, 1991, p. 307), ela tem capacidade para encontrar e criar lugares no mundo ao seu redor. A alma habita o espaço para se encontrar e ela encontra seu lugar sendo lugar.

“Então, foi assim que nós começamos a desbravar o Pedramar!”, disse Bedeu. Nas próximas seções, vamos ver como o Jardim Pedramar tem sido habitado por

aquelas almas que encontraram um lugar e agora estão localizadas ali, envolvendo tudo e todas as coisas ao redor deles.

2.2 Cultivando o Jardim: cultura, alma e imaginação

Cultivar é um termo que reflete aquilo que a própria psique faz: ela cultiva imagens. Esse fazer imagens é o primeiro dado de toda a vida psíquica. Sim, Homo Faber, mas o que é feito são imagens, e o que essas imagens psíquicas parecem estar fazendo em nós é uma realidade psíquica que requer artesanato e imaginação (HILLMAN, 2013, p. 201-202).

Segundo Bosi (1992), os termos *cultura* e *culto* derivam do verbo latino *colo* que significa eu moro, eu ocupo a terra, eu trabalho, eu cultivo o campo. O particípio passado de *colo* é *cultus* que “traz em si não só a ação sempre reproposta de colo, o cultivar através dos séculos, mas principalmente a qualidade resultante desse trabalho e já incorporada à terra que se lavrou” (p. 15). *Cultus* é um nome-verbo, e como substantivo está relacionado não somente ao cultivo da terra, mas também ao culto dos mortos: “mostra o ser humano preso à terra e nela abrindo covas que o alimentam vivo e abrigam morto: [...] o que foi trabalhado sobre a terra; [...] o que se trabalha sob a terra [...]” (p. 14-15).

Da mesma raiz *colo*, vem *cultum*, do qual deriva *culturus* que significa “o que se vai trabalhar, o que se vai cultivar”. Como substantivo, refere-se “tanto às labutas do solo, agri-cultura, quanto ao trabalho feito no ser humano desde a infância” (BOSI, 1992, p. 16). *Culturus* está relacionado ao cultivo da terra e ao cultivo da educação, e dele deriva o termo cultura como o conhecemos hoje: “conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social” (p.16).

O dicionário de conceitos históricos (SILVA; SILVA, 2008) traz na definição de cultura as expressões “produzido pela humanidade”, “complexo de conhecimentos” e “comportamento aprendido”. De acordo com este dicionário, cultura é:

[...] tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica (p. 85).

Mumford (1967, p. 506) apresentou uma ideia de cultura que, como ele disse, abrange diferentes formas de sua manifestação:

[...] a cultura como o cuidado com a terra, a cultura como a captação e o uso disciplinado da energia no sentido de satisfação econômica do homem, a cultura como educação do corpo, como a concepção e geração dos filhos, como o cultivo de cada uma das maiores capacidades dos seres humanos, como uma personalidade que sente, que se comove, que pensa, que age; a cultura como transformação do poder em política, da experiência em ciência e filosofia, da vida na unidade e significação da arte; do todo naquele tecido de valores que os homens estão dispostos a morrer antes que a renegar – a religião (p. 506).

Como é característico do pensamento de Hillman (1993), ele considerou o termo cultura de uma maneira metafórica e disse que cultura remete a *culto* e a *oculto*, àquilo que é difícil de ver, é secreto, é misterioso, e também à *fermentação* que permite o crescimento de formas orgânicas. Essa ideia de cultura remete à *putrefactio* – putrefação, decomposição que destrói corpos orgânicos mortos –, a qual traz a possibilidade de renascimento.

Segundo Hillman (1993), cultura remete ao “Era uma vez...” e nos leva para outro tempo e outro lugar, “sempre tentando reavivar, alcançar, cultuar, repetir e ressuscitar” (p. 33). A cultura “olha para trás e tenta alcançar o passado como uma nostalgia das invisibilidades, para fazê-las presente e fundar a vida humana sobre elas” (p. 34). É esse olhar para trás que nos permite entrar em contato com as invisibilidades e re-orientar nossa vida, re-nascer.

A reflexão em torno do termo cultura remete-nos ao mundo das trevas, a Hades e a Coré-Perséfone. O mito conta que enquanto a menina Coré estava distraída olhando uma flor de narciso, de repente, a terra se abriu aos seus pés e Hades surgiu das entranhas da terra, a arrebatou e a levou para o mundo dos inferos. Quando ela regressou à terra, a partir da intercessão de Zeus junto a Hades, solicitada por sua mãe Deméter, ela havia se tornado Perséfone, uma mulher (SOUZA, 2007).

A descida ao reino de Hades “possibilita percorrer um trabalho profundo da alma [...] de caráter arquetípico, regressando à condição primordial [...] experimentando um novo nascimento [...]” (BRANDÃO, 1993, v. III *apud* RÍMOLI, 2007, p. 124). É isso que acontece quando se cultiva um grão. Sob as ordens de Hades “as sementes ocultas sob a terra germinam dando origem às plantações e às colheitas. Assim, seu reino é considerado como local das metamorfoses, das passagens da morte para a vida, da germinação, da fertilidade.” (RÍMOLI, 2007, p.120).

Grão, semente, terra... a semente venturosa que chega com o vento e cai na terra que foi preparada para recebê-la. “A terra que alimenta o grão, que alimenta o homem, que, ao ser enterrado, após a morte, alimenta o grão, que alimenta outro homem, num ciclo ininterrupto. Nada morre, tudo renasce através da terra” (RÍMOLI, 2007, p. 120). Isso é cultura, e cultura lembra jardim...

No Jardim Pedramar encontramos cultura em seus múltiplos sentidos: cultura no cuidado com a terra – na produção orgânica e no cultivo do jardim, a Praça Guarani; a cultura como educação – na valorização do conhecimento, na biblioteca comunitária; a cultura na valorização da arte como possibilidade de educação e desenvolvimento de autonomia para as pessoas do lugar, no Espaço Cultura no Morro; a cultura na preservação do patrimônio histórico e da tradição – com a Capela de São Benedito e o grupo de moçambique; a cultura como arte popular, que desfila pelas ruas do lugar, no festival AgromeraArte.

Vamos começar com o cultivo da terra. Um dos primeiros lugares que conheci no Jardim Pedramar foi o jardim que é cultivado por um morador do bairro, um senhor aposentado que foi apelidado por alguns moradores de “O Jardineiro”. Este jardim é cultivado em um pedaço de terra que fica no final de uma das quadras do loteamento, à beira da Estrada do Tanquinho (Figura 13A).

Logo que começou a cuidar do lugar, Seu Aloísio fez uma placa (Figura 13B) com o nome que ele escolheu para o jardim, Praça Guarani, e a colocou lá. Porém, ele contou que retirou a placa a pedido de um vizinho, que teve medo que a prefeitura visse aquela placa e decidisse tomar seu terreno, que fica ao lado do jardim, transformando tudo em praça pública. Quando Seu Aloísio me contou isso, eu voltei ao jardim e percebi que a placa com o nome do jardim que eu a havia fotografado, no primeiro dia que estive nele, não estava mais lá.

Eu coloquei o nome de Praça Guarani, mas o dono do terreno ao lado pediu para tirar a placa porque ficou com medo que a prefeitura venha e queira fazer uma praça ali, e pegue o que é dele. Para não arrumar confusão eu tirei a placa. Mas o batismo é Praça Guarani. Seu Aloísio

Figura 13: (A) Praça Guarani. (B) Placa com nome da praça.
Fonte: Arquivo Denise.

Figura 14: Praça Guarani em 2011
Fonte: Google Earth.

Antes de Seu Aloísio adotar aquele pedaço de terra, o lugar era um matagal (Figura 14). As pessoas estavam jogando lixo e entulho no lugar e ele ficava muito incomodado, ao ver aquele lugar cheio de mato, lixo e entulho. Então, em 2012, ele começou a cuidar do lugar nas horas de folga – ele ainda não estava aposentado – e a trabalhar para fazer um jardim ali. Com muito esforço ele limpou o terreno e preparou a terra para receber “as sementes”.

Eu sempre gostei de plantas, né. Esse jardim eu comecei em 2012. Ali era um matagal só. Um lixão. E eu comecei a limpar, aos poucos, até chegar no que tá hoje. Se você visse como era isso aqui... Seu Aloísio

A partir daquela época, ele começou a plantar frutas e flores. Hoje, onde havia lixo e mato, há um jardim. Ali tem mangueira, cajueiro, eucalipto, ingá de metro, bananeiras, cana de açúcar, mamão, mandioca, orquídeas, cactos e muitos outros tipos de flores e frutas. Seu Aloísio está até fazendo um catálogo em seu computador, onde ele registra o nome e a foto de tudo que planta. Ele explicou-me que essa foi a maneira que ele encontrou de acompanhar as espécies de plantas que estão sendo cultivadas naquele jardim, que já são mais de 60 tipos.

Thiago contou-me que, num final de tarde ele estava passando em frente ao jardim e, sobre um dos bancos feitos por Seu Aloísio havia vários pedaços de cana-de-açúcar enfileirados. Intrigado, ele perguntou ao jardineiro porque aquela cana havia sido deixada ali e ele respondeu que colocou a cana lá para que as crianças, ao passarem por ali, na volta da escola, pudessem pegá-la e levar para suas casas, se desejassem. Na verdade, a cana estava lá disponível para qualquer pessoa que passasse por ali e quisesse levá-la. Seu Aloísio compartilha tudo que é produzido no jardim com outros moradores do bairro, inclusive o que ele cultiva no quintal da sua casa.

A entrevista que fizemos com ele foi realizada durante o processo de produção de um documentário que foi imaginado, planejado e produzido durante a realização dessa investigação. De fato, essa produção fez parte de minha imersão no campo e favoreceu muito que meus objetivos de conhecer, experimentar e contar a história do Jardim Pedramar fossem alcançados. Na seção 3, falarei com detalhes sobre a produção do documentário.

Desde que eu fui ao bairro pela primeira vez, como eu já disse, eu comecei a registrar tudo que via, ouvia e sentia. Eu fotografava, filmava e fazia anotações em meu caderninho. Eu adotei o hábito de pedir que as pessoas fotografassem ou fizessem pequenos vídeos de momentos e lugares que fossem significativos ou que chamassem a atenção delas ali, para depois compartilharem comigo, no momento em que fossem me contar sobre suas vivências.

De fato, eu nem precisava pedir que eles registrassem, porque muitos moradores do Jardim Pedramar, especialmente os jovens que estão sempre envolvidos nas atividades realizadas no bairro, têm o costume de registrar o que acontece ali, fotografando, fazendo vídeos e compartilhando em redes sociais – Facebook e grupos de WhatsApp. Essa é a maneira que eles utilizam para manter as pessoas informadas sobre o que está acontecendo ou sendo planejado no lugar,

inclusive eu, que fui inserida nessas redes e, dessa forma, pude acompanhar à distância o que acontecia no Jardim Pedramar quando eu não podia estar lá.

Fabiana tinha apenas 13 anos na época. Ela nasceu no Jardim Pedramar e mora lá com sua família, e ela estava fazendo um curso de fotografia, por isso foi convidada por Thiago para fazer parte da equipe de produção do documentário. Ela ficou encarregada de gravar situações cotidianas no lugar e repassar para a equipe.

Certa noite, Fabiana contou-nos através do grupo de WhatsApp, criado por Thiago para trocas de informações sobre gravação do documentário, que o mato que fica entre a Rodovia D. Pedro I e o bairro estava pegando fogo. Ela nos enviou algumas fotografias do fogaréu e disse que estava com medo de o fogo atingir sua casa e a de seus vizinhos. Felizmente, algum tempo depois, ela nos informou que o fogo estava cedendo, sem ter provocado danos às moradias e aos moradores, e sem a presença dos bombeiros.

No dia seguinte, estávamos preparando as gravações do documentário na lanchonete do Zezão e ela e seu Nego me convidaram para irmos ver o local do incêndio. Segundo Seu Nego, o fogo começou por volta das 19 horas. Ele saía para ir visitar sua nora e viu “aquele amarelão do fogo”. A área queimada foi extensa, mas felizmente o fogo se apagou sozinho e não houve estragos, além de haver queimado boa parte do mato que separa o Pedramar da rodovia. Seu Nego apontou onde o fogo começou e, segundo ele, subiu morro acima. “Água de morro abaixo e fogo de morro acima”, ele disse. Fabiana estava fotografando e Seu Nego nos guiava e sugeria os melhores pontos para ela fotografar, seguindo as marcas do fogo. Durante o percurso, Seu Nego me contou que quando ele estava construindo sua casa, há mais de 20 anos, o caminhão com material de construção não conseguiu subir o morro pela Estrada do Tanquinho, ainda não pavimentada, então o caminhão teve que vir pela rodovia e descer ali, exatamente na encosta por onde caminhávamos.

Interessante como o caminhar por ali, para mostrar um acontecimento tão recente – a queimada do mato na noite anterior – despertou lembranças antigas em Seu Nego, da época da construção do Jardim Pedramar. Eu, ao mesmo tempo que imaginava o acontecimento tão recente, vendo as marcas do fogo e ouvindo o relato do Seu Nego e da Fabiana, imaginava aqueles primeiros anos de vida no lugar. No retorno deste percurso, eles fizeram questão de me mostrar onde eles moram, segundo Seu Nego, onde ele se esconde.

Dá para notar, através das fotografias que Fabiana tirou durante nossa

caminhada (Figura 15), que o incêndio havia acontecido nas proximidades das casas. Em outras fotografias, também tiradas por Fabiana durante aquela caminhada, podemos ver que havia muito lixo jogado na área (Figura 16A) e também, o quanto o bairro fica próximo à Rodovia D. Pedro I (Figura 16B).

Figura 15: Área atingida pelo fogo
Fonte: Foto de Fabiana.

Figura 16: (A) Lixo na área do incêndio e (B) Encosta entre rodovia e bairro
Fonte: Foto de Denise.

Mas não são apenas plantas que Seu Aloísio cultiva naquele jardim. Na praça há diferentes tipos de bancos (Figura 17). O jardineiro contou-nos que gosta muito de fazer bancos e colocá-los na praça, pois assim, as pessoas podem frequentar o lugar.

Eu gosto de fazer bancos, né? Porque aí o pessoal vai frequentando, vai até ajudando a melhorar a coisa. Sr. Aloísio

Muitos moradores se sentam nestes bancos para descansar ou para conversar com os amigos. Eu me sentei ali muitas vezes, para observar o lugar e o movimento das pessoas por lá ou para conversar com algum morador do bairro. A conversa com Jhonata, por exemplo, aconteceu ali, num dos bancos construídos por Seu Aloísio.

Figura 17: Bancos na Praça Guarani
Fonte: Acervo Cultura no Morro

Seu Aloísio também fez algumas lixeiras (Figura 18) e as colocou na praça para que os moradores depositem o lixo nelas e para depois ser recolhido pelo caminhão da prefeitura que, hoje em dia, passa no bairro três vezes por semana. E os moradores estão usando as lixeiras.

Mas o que mais vemos no jardim, em meio àquela variedade de plantas cultivadas lá, são obras de arte. Como assim, obras de arte? Que obras são essas? São obras criadas pelo Seu Aloísio, a partir do que seria considerado lixo, de materiais que ele recicla e faz arte.

Figura 18: Lixeiras na Praça Guarani
Fonte: Acervo Cultura no Morro

Thiago e Seu Aloísio conversaram sobre isso, durante a entrevista que realizamos para a produção do documentário. Reproduzo um trecho da conversa aqui, pois ele nos ajuda a entender que obras são aquelas.

Thiago: E os objetos?

Seu Aloísio: Ah, isso aí? À noite, eu fico matutando... ‘O que é que eu vou fazer amanhã?’ Daí vem a ideia e eu faço. A maioria das coisas que uso é doada. As pessoas sempre trazem as coisas aí. [...] Amigos, pessoas que conhecem o lugar.

Thiago: A gente vê que o senhor leva tudo para cima. Parece que o lixo que tava no chão falou assim ‘oh, eu tô aqui’. Como é isso? Parece que o senhor transformou o lixo. Além do lugar, o senhor transformou as coisas que estavam ali. [...] O entulho, o lixo, vira algum tipo de arte?

Seu Aloísio: Ah! sim, vira. Ah! Uma placa de isopor que veio com uma máquina que compramos, eu aproveitei e fiz lá uma oratória. É melhor do que jogar fora ou tocar fogo.

Como disse Thiago, parece que o lixo que estava no chão falou assim: “*oh, eu tô aqui*” e Seu Aloísio, ouviu o chamado do lixo, prestou atenção nele e o transformou em arte. Thiago percebeu que o lixo, assim como todas as coisas, as coisas da natureza e as coisas construídas pelo homem falam. “Como formas expressivas, as coisas falam: mostram as configurações que assumem. Elas se anunciam, atestam sua presença: ‘Olhem estamos aqui’” (HILLMAN, 1993, p.14-15).

Ouvindo o chamado do lixo, Seu Aloísio não está apenas transformando lixo em arte, ele está também cultivando um jardim, a Praça Guarani, um jardim feito com arte. Vejam que os pneus velhos, o monitor de computador e muitos outros tantos objetos ganham nova função, são expostos e valorizados, a partir do trabalho feito com as mãos do Seu Aloísio (Figura 19).

Figura 19: Um jardim feito com arte
Fonte: Foto de Tainã Moreno

A oratória à qual Seu Aloísio se referiu é apenas uma das muitas peças que ele “cultiva” na Praça Guarani. Ali, namoradeiras, cavalinhos de brinquedo e muitos outros “objetos” viram obra de arte e ganham um lugar de destaque (Figura 20).

Aquele jardim muda todos os dias. Como Seu Aloísio disse, à noite ele fica matutando e logo pela manhã podemos vê-lo lá, no jardim, inventando alguma coisa nova, a partir dos materiais que ele recebe das pessoas ou que ele encontrou em suas andanças pelo bairro ou pela cidade. As coisas que provavelmente seriam descartadas ou jogadas no lixo, ali, no jardim Pedramar, são resgatadas e transformadas em obra de arte.

Figura 20: (A) A oratória, (B) a namoradeira, (C) outras obras de arte e (D) o cavaleiro
Fonte: Fotos de Tainã Moreno

Thiago estava interessado em saber qual é, na percepção de Seu Aloísio, a visão que os moradores do Jardim Pedramar têm daquele jardim. A conversa entre eles foi a seguinte:

Thiago: Como a comunidade vê isso?

Seu Aloísio: Olha, pelo menos eles ajudam a preservar, né? Não jogam lixo... Isso já é uma ajuda.

Thiago: O que o senhor acha que isso mudou no bairro? A praça ajudou de alguma forma a comunidade?

Seu Aloísio: Ah, ajudou sim. [...] tirou aquela coisa horrorosa que tinha ali, aquele lixo. Quando eu comecei, ali tinha colchão velho, grade de cama, tudo jogado ali.

Thiago: Se aquele espaço, aquele jardim falasse, o que elealaria?

Seu Aloísio: Ah... Eu acho que elealaria: Obrigado por me conservar!

Parece que Seu Aloísio cuida daquele jardim sem se preocupar se está fazendo alguma coisa para o bairro como um todo. Para ele, o fato de as pessoas não o destruírem, já é uma coisa boa. Sua atenção é mais pontual que a de Thiago, para quem a atitude de Seu Aloísio, de limpar aquele pedaço de terra e transformá-lo em um jardim, onde o lixo ganha destaque e vira arte, é uma ação que tem uma importância maior para toda a comunidade.

Mas a vida humana não é o único lugar da alma. É exatamente este fracasso, esta negação de enxergar o aspecto sagrado do mundo construído, feito com mãos humanas, como o amor e a imaginação humanos— coisa que se vem fazendo na terra há milhares de anos —, que torna o mundo lá fora descartável, obsoleto, lixo. Precisamos salvar este lixo através de uma revolução na percepção que temos dele. Uma revolução na sensibilidade, uma revolução estética (HILLMAN, 1989, p. 147).

Para os moradores do Jardim Pedramar, arte é vida, como diz a frase que foi grafitada no muro de uma casa que fica na rua principal do bairro (Figura 21). Jardim e arte, juntos no Jardim Pedramar.

Figura 21: Grafite no muro: Arte é vida
Fonte: Foto Denise.

A arte fala a linguagem da alma, na qual tudo que é simbólico e metafórico é enfatizado. Segundo Jung (1991), a alma é a mãe e a origem de toda ação humana e ela pode ser percebida em suas múltiplas formas de manifestação. Uma dessas formas é a arte. Alma e arte estão relacionadas.

Adoto aqui uma ideia de arte entendida como qualquer atividade humana que envolva um processo criativo, que engloba desde os desenhos nas paredes cavernas até os desenhos nas paredes das casas e muros de nossas cidades. Lembrando que,

segundo Gombrich (2013, p. 21), quando falamos sobre a arte, é importante considerarmos o tempo e o lugar dentro dos quais estamos nos referindo.

[...] No passado eram homens que usavam terra colorida para esboçar silhuetas de bisões em paredes das cavernas; hoje alguns compram suas tintas e criam cartazes para colar em tapumes. Fizeram e fazem muitas outras coisas. Não há mal em chamarmos todas essas atividades de arte, desde que não nos esqueçamos de que esse termo pode assumir significados muito distintos em diferentes tempos e lugares [...].

Do ponto de vista da psicologia analítica, a arte é uma atividade psicológica e, por isso, só pode ser submetida a considerações de natureza psicológica. Na visão de Jung (1991), “apenas aquele aspecto da arte que existe no processo da criação artística pode ser objeto da psicologia” (p. 54), não o que é a arte em si.

Considerações de ordem psicológica nos remetem aos símbolos e às imagens. As imagens têm uma qualidade autônoma e independente e, em toda imagem, há uma múltipla relação de significados, de disposições, de proposições presentes simultaneamente, por isso, elas não necessitam de explicação e nem de interpretação. De acordo com Hillman (1991), as imagens solicitam tempo, imaginação, relacionamento. Nós devemos ficar com a imagem. Qualquer interpretação irá apenas nos afastar do fenômeno.

Diante de uma obra de arte, nós devemos perguntar qual é o seu sentido e prestar atenção aos fenômenos simbólicos e emocionais, ao processo criativo. Por trás do ato criativo há uma força arquetípica que foi ativada pelo espírito de uma época e de uma cultura. A obra de arte tem um significado social e tende a fazer emergir as imagens que estão no inconsciente coletivo e que são necessárias para compensar ideias e atitudes unilaterais que vigoram em determinada época e cultura (JUNG, 1991).

Segundo Sennet (2008, p.92), para os gregos, a própria cidade era considerada “uma obra de arte, resultante de um ato criativo racional, ao mesmo tempo científico e político”.

Estrella e Gonçalves (2006, p. 2) lembram que a cidade é produtora de sentidos e de modos de vida, e também espaço de criação e de produção de relações com o real, com a história e a cultura. ‘Não por acaso, os artistas vêm realizando uma série de ações que têm a cidade como personagem principal de um processo de criação que se convencionou chamar de ‘arte pública’, ‘arte urbana’.’ A cidade é, assim, tomada como ‘alguém’ com quem o artista-cidadão pode interagir, corporal e esteticamente (SCANDIUCCI, 2014. p. 104).

Considerando o tempo como sendo o momento presente, o lugar como sendo o Jardim Pedramar – o recorte que fiz da cidade para a realização deste estudo –, e olhando para a Praça Guarani como uma obra de arte que se apresenta como uma imagem, qual seria o significado social da Praça Guarani? O que ela poderia dizer sobre o Jardim Pedramar nos tempos de hoje?

Parece-me que a Praça Guarani sintetiza o que acontece no Jardim Pedramar como um todo. Havia um pedaço de terra que era considerado sem valor, estava abandonado e desprezado. As pessoas jogavam muito lixo e entulho em cima dele, aquelas coisas que também eram desvalorizadas e, por isso, deixadas à margem. Aquele pedaço de terra foi adotado por uma pessoa que passou a prestar atenção nele e a cuidar dele, transformando o que era um simples pedaço de terra – desvalorizado, abandonado, desprezado e maltratado – em um jardim. Nesse jardim, a Praça Guarani, o que antes era descartado, abandonado e deixado à margem, como a própria terra, passa a ser valorizado e ganha destaque.

Contando a história da criação do Jardim Pedramar, eu mostrei que o bairro foi construído numa área isolada, distante do centro da cidade e que, além disso, o projeto do loteamento não contemplou espaço algum que permita seu crescimento, nem a construção de equipamentos de saúde, lazer e educação. Depois que construíram o bairro, pouca atenção foi dada ao lugar, como contaram alguns moradores. O lugar ficou relegado, deixado à margem, abandonado pelo poder público, de maneira parecida com o que havia acontecido com aquele pedaço de terra que foi transformado em um jardim.

Assim como na Praça Guarani há um jardineiro que, com fé e esforço cultiva o lugar, o Jardim Pedramar, como um grande jardim, tem sido cultivado por vários jardineiros, que, com esforço e trabalho, estão cuidando do lugar e aos poucos transformando-o em um jardim repleto de arte, de fato, em uma obra de arte.

“Jardim e alma se pertencem; eles formam um espaço misterioso, entre luz e sombra, cultura e natureza, consciência e inconsciente, mente e corpo” (AMMANN, p. 8-10). Parece que a magia do jardim externo consegue nos conduzir para nosso jardim da alma, para o mundo da imaginação. Num jardim, a natureza interna e a natureza externa da alma estão em conjunção. E as brincadeiras num jardim “evocam sentimentos, imagens, fantasias que nos conduzem ao mundo da imaginação no qual psíquico e físico não estão separados” (p. 18).

São muitas as brincadeiras com as quais me deparei no Jardim Pedramar que evocaram sentimentos, imagens, fantasias e me conduziram ao mundo da imaginação. Ouvindo o relato dos moradores que se mudaram para lá ainda criança, fiquei imaginando suas brincadeiras e imediatamente fui transportada para aquele tempo, naquele lugar. Eu pude “ver e ouvir” o alvoroço e a animação da criançada reunida em torno da valeta do Córrego do Tanquinho, brincando de esconde-esconde e pique-litro durante uma semana inteira. Deve ter sido uma infância muito divertida.

Eu fui transportada para aquela trilha no meio da mata, que margeia o córrego e dá acesso ao cipó-corda, onde as crianças faziam fila esperando a sua vez de balançar de uma margem a outra do córrego, e eu ainda me imaginei participando dos campeonatos de futebol, como torcedora de um dos times formados pelas crianças do lugar.

Diante de minha própria experiência de devaneio, de imaginação, não posso deixar de reforçar aqui que, cultivar a terra, matutar durante a noite inventando o que fazer no dia seguinte, e criar coisas que permitem transformar um jardim em uma grande obra de arte, são “espaços” privilegiados de cultivo da imaginação.

“Noossa!” Que viagem ao Mundo Pedramar por meio da imaginação!

A expressão “Mundo Pedramar” surgiu certo dia, enquanto eu e Thiago conversávamos sobre a condição de isolamento a que o Jardim Pedramar ficou submetido por tanto tempo, “como se” o lugar fosse um mundo à parte. Desde esse dia, essa expressão é usada por nós, dentro de uma perspectiva metafórica.

Seguindo essa direção de pensamento, ou melhor de imaginação, que dizer sobre as brincadeiras que acontecem neste “grande” jardim, o Jardim Pedramar? Que outros lugares naquele bairro são espaço de cultivo da alma?

Figura 22: Antiga lanchonete da família de Thiago

Fonte: Google Earth.

Figura 23: Cultura no morro
Fonte: Foto Denise.

Há outro lugar no Jardim Pedramar que eu considero um espaço privilegiado de cultivo da alma. Ali há cultura no sentido de valorização da arte como possibilidade de educação e desenvolvimento da autonomia. O Cultura no Morro, sobre o qual já falei antes, surgiu a partir do desejo que dois jovens, Thiago e Fernanda, tinham de mudar o Mundo Pedramar através da arte. Em 2013, eles fecharam uma lanchonete que Thiago tinha (Figura 22) e fundaram no imóvel um espaço cultural, o Cultura no Morro (Figura 23). Thiago explicou bem o processo de transição da lanchonete, que oferecia decoração diferenciada e atrações culturais, para o espaço cultural, da alimentação do corpo para a alimentação da alma. Alimentar não só o corpo, mas também a alma e, além disso, tentar preencher um vazio que existia no bairro, o vazio deixado pelo poder público.

Antes do Cultura no Morro, nós tínhamos uma lanchonete, o Revolución, que foi criado com três amigos... E ela nasceu com esse formato de ter música... A ideia era Rock'n'roll... Tinha de tudo. Música... Uma decoração diferenciada... A gente pensou assim: Meu, porque não ter um espaço de qualidade aqui no bairro? Lanche também não existia aqui. E foi bacana. Daí, a gente começou a entender que podia trazer também umas coisas mais culturais... Até que um dia fomos convidados para participar de um festival que acontece simultaneamente em vários países. Nós fomos convidados para oferecer o alimento para as bandas. Isso deu uma dimensão interessante para o Revolución. Só que não bastou... Depois os dois meninos saíram e fiquei só eu, e eu fui entendendo que a gente tinha que, não só alimentar o corpo, mas sim alimentar a alma das pessoas também. Só aquilo não bastava. Aí veio o Cultura no Morro com esse viés, né, de tentar preencher mesmo um vazio que existia... Criando possibilidades... Thiago

Thiago e Fernanda perceberam a necessidade que as pessoas do lugar tinham de *um local para difundir, aprender, aprimorar e experimentar* – através da arte e da cultura. Essa necessidade decorria, principalmente do fato de não haver equipamentos culturais e de lazer no bairro.

Esse espaço é uma ferramenta que potencializa ações existentes na comunidade e na região, através da arte e cultura. Desde 2013 nós estamos com o espaço físico, com essa estrutura mínima e básica... O espaço nasce da necessidade de um local para difundir, aprender, aprimorar e experimentar. Hoje a comunidade do Pedramar não tem nenhum equipamento público, não tem nenhum espaço... A não ser espaços de iniciativa da comunidade. Thiago

Uma das funções do Cultura no Morro está relacionada à percepção de uma necessidade de descentralização da cultura. No município de Jacareí, as atividades culturais acontecem, em sua maioria, na região central da cidade e pouca coisa ou nada é realizado nas periferias. Aqueles jovens queriam mais cultura ali, no morro, ao lado da casa deles. Assim, nasceu o Cultura no Morro.

A gente tinha essa necessidade de descentralização da cultura em Jacareí. Nós participávamos de ações no centro e não tinha nada nas periferias, na nossa periferia. E a gente falou “meu, queremos uma coisa do lado da nossa casa, que converse com a gente”. Então, é num morro que a gente vive... Daí Cultura no Morro. Thiago

O Cultura no Morro tem como proposta disseminar a cultura e a arte e desenvolver ações de preservação ambiental. Segundo me contaram, a ideia é oferecer uma estrutura que, mesmo pequena e simples, seja confortável e permita a realização das ações que antes aconteciam nas ruas do bairro.

É um projeto pequeno, a gente não tem muito espaço. [...]. Ainda que seja tudo simples, já é uma estrutura que a gente não tinha, porque as ações começaram mesmo na rua, desde a entrega de brinquedos no Natal, os ensaios do moçambique, os shows.... Meu, a gente fazia shows em qualquer lugar, em bancos, na esquina, não estávamos nem aí... Thiago

Eu observei que o Cultura no Morro funciona como sementeira para muitas coisas que acontecem no Jardim Pedramar, e, eu pude não só acompanhar, mas participar, engajada, com meu corpo inteiro experimentando, de muitos desses eventos-experiências. Segundo Thiago, as ações que eles realizam são ferramentas de comunicação que os moradores do lugar são capazes de entender e aproveitar. Os coordenadores do espaço cultural se mostram bem cuidadosos, no sentido de não

impor nada aos moradores, e se esforçam para motivá-los e trazê-los para o envolvimento e a participação.

O Cultura no Morro desde a sua criação, tem um legado de criar ações, eventos e oficinas. Ações, com o caráter de evento, é o que mais acontece, no sentido da gente dialogar com a comunidade, de conversar com ela através de uma ferramenta de certa forma lúdica, de entretenimento... É o meio de comunicação que a gente encontrou, que o pessoal escuta e consegue compreender. [...] São ações [...] que, de certa forma, educam a comunidade, no sentido não de imposição, mas de compartilhamento, de agregação. Porque a comunidade também é realizadora, ela não é só expectadora. Esse é nosso objetivo. Thiago

Eu me lembro que, no dia em que fui à casa de Seu Gonzaga, ele e Thiago conversaram sobre essas ações. Seu Gonzaga, ao contar que ele foi um dos primeiros moradores do bairro a dar início à realização de atividades culturais e festivas – festas juninas e natalinas, apresentações de teatro e danças tradicionais, shows musicais etc. –, disse que há uma boa participação das pessoas ao que eles propõem.

Olha, eu sou um dos primeiros que começou fazendo evento aqui nesse bairro. Tudo que a gente faz, eles estão no meio... Se é uma festinha, ou um teatro... Qualquer coisa que a gente faz pra divertir eles, sempre eles comparecem, entendeu? Seu Gonzaga

Como disse Thiago, as ações não conseguem alcançar todas as pessoas do bairro, mas aos poucos os moradores, principalmente os jovens, estão se conscientizando da necessidade de se fazer um movimento para melhorar a vida no lugar.

E a comunidade tem cada vez somado mais... Temos dez anos e dá pra ver a dimensão de toda nossa ação, que começou antes mesmo de existir o Cultura no Morro... Thiago

Fernanda acredita que *as ações lá de trás, o circo... Fizeram o bairro ser o que ele é hoje*. Segundo Bedeu, as ações no bairro se intensificaram com o Cultura no Morro e estão favorecendo que outros jovens se conscientizem da necessidade de se fazer um movimento no bairro.

Hoje, de uns quatro anos pra cá tem mais ações. [...] Aí esse pessoal vai colocando na mente de outros jovens que é necessário fazer um movimento no bairro. Bedeu

Além de funcionar como incubadora de ideias e ações, o Cultura no Morro tem atuado como uma ponte entre a comunidade e o poder público. Há um esforço

constante dos coordenadores do local no intuito de conseguir apoio financeiro para a realização de oficinas culturais no bairro e de trazer atividades culturais para o lugar.

A gente sempre tenta fazer pontes com secretaria, com parceiros que trazem oficinas, vivências, teatros pra cá... Thiago

Muita coisa acontece naquele lugar e eu presenciei ou participei de muita coisa no período em que realizei a etnografia sensorial. A primeira delas foi a oficina Arte Geração de Renda (Figura 24), sobre a qual eu já falei algumas vezes. Essas fotografias foram tiradas por mim, assim como muitas outras do período inicial da pesquisa, momento em que eu não havia definido ainda a metodologia que iria adotar. Revê-las agora, para redigir este trabalho, me faz voltar no tempo e me sentir de volta àquele dia, àquele lugar. Eu posso ouvir o burburinho dos adolescentes trabalhando em suas peças e conversando animadamente, sentir o cheiro das tintas coloridas e ver as obras sendo confeccionadas e coloridas por eles. Mas do que eu mais me recordo, neste momento, é do encantamento que senti naquele dia, a partir do instante em que fui capturada pelas imagens daquele lugar. Sentir como se eu estivesse lá, me faz pensar que, de fato, eu estava bem engajada com o lugar naquele dia, pois aquela experiência não sai da minha mente e nem do meu coração e da minha alma.

Figura 24: Arte geração de renda

Fonte: Fotos de Denise.

Depois deste dia, a primeira atividade da qual participei no espaço cultural foi da peça de teatro “Má pele”, que foi apresentada pelo grupo “4 na rua é 8”. O espetáculo mostrou o drama real, vivido por crianças e adolescentes – filhos de pais que haviam contraído a hanseníase – e que foram trazidos para o preventório na cidade de Jacareí, entre 1932 e 1952, onde ficavam em observação até se verificar se elas também não haviam contraído a doença. Muitas dessas crianças jamais voltaram a ver seus pais e aquelas que haviam contraído a hanseníase eram mantidas longe do convívio com outras pessoas.

Quando Thiago me convidou para assistir à peça eu logo aceitei, pensando que aquela seria uma ótima oportunidade para conhecer as pessoas do lugar e conversar com elas. Eu passei a tarde no Cultura no Morro, acompanhando os ensaios do grupo e a arrumação do cenário. Quando o espaço cultural é usado para alguma atividade que vá receber uma quantidade maior de pessoas, é necessário retirar as cadeiras e a grande mesa que é usada durante as oficinas realizadas ali.

Naquele dia, a maior parte do espaço foi ocupada com o cenário e pelos atores e as pessoas da plateia, da qual eu fazia parte, ficaram sentadas em uma lona no chão, com exceção das pessoas de idade, que se sentaram em cadeiras (Figura 25). Eu não conhecia a história que deu origem àquela peça e fiquei tão envolvida com a apresentação que, somente quando o espetáculo acabou, eu me lembrei de que estava lá para fazer observações e conversar com os moradores do bairro que estivessem assistindo à peça.

Mais uma vez, a proposta da etnografia sensorial (PINK, 2015) e as ideias de Berleant (1992) fizeram sentido diante de minha experiência. Eu fiquei tão engajada com o ambiente, tão envolvida, que eu, de fato, estava ali como se eu fosse uma das moradoras do bairro.

Entre os dias 4 e 13 de setembro de 2017, foi realizada a exposição de fotografias “Lacuna: narrativas do silêncio”, no Cultura no Morro. Os coordenadores do espaço cultural ficaram sabendo que essa exposição iria acontecer em Jacareí, foram atrás dos organizadores e conseguiram trazê-la para o espaço. Eu estava viajando naquele período e não pude comparecer ao evento, mas ele foi cuidadosamente registrado e divulgado na página do Facebook do Cultura no Morro (Figura 26). Eu pude ver as imagens divulgadas lá e, posteriormente, conversei com alguns moradores sobre o evento.

Figura 25: Teatro Má Pele
Fonte: Fotos de Thiago.

Figura 26: Exposição de fotografias: narrativas do silêncio
Fonte: Acervo Cultura no Morro

Thiago me contou que muitas pessoas estiveram presentes na exposição, não apenas moradores do Jardim Pedramar, mas também estudantes e moradores do Jardim Imperial. A divulgação do evento foi feita pela Fundação Cultural de Jacareí, uma das patrocinadoras da exposição, mas Thiago foi pessoalmente convidar alunos e professores de uma escola do Jardim Imperial. A escola se organizou para levar seus alunos, e o interesse foi tamanho, que o período da exposição das fotografias foi prorrogado por dois dias. Aqueles que lá compareceram, visitaram também a Praça Guarani, a biblioteca comunitária – sobre a qual vou falar em breve –, e ainda andaram pelas ruas do bairro para ver seus muros coloridos com o grafite.

Essa iniciativa de convidar pessoas de outros bairros para participar de eventos no Jardim Pedramar é frequente. Eu percebi que os moradores do lugar não

só fazem questão de compartilhar o que acontece lá, mas também acolhem muito bem as pessoas de outros lugares que desejem se engajar no movimento feito no bairro. Por diversas vezes eu ouvi a expressão: “Vem somar!”.

Nesse sentido, de um engajamento com o lugar e com seu movimento, uma coisa muito interessante aconteceu comigo. Certo dia, Thiago foi me apresentar para um grupo de moradores do Jardim Pedramar, no início de uma reunião, e ele disse: “a Denise é de fora, mas é de dentro”. Com isso ele quis dizer que eu também faço parte daquele lugar, embora eu não more lá.

Fico encantada ao ver como um espaço com tão poucos recursos materiais consegue realizar tanta coisa. O Cultura no Morro se mantém funcionando sem apoio do poder público nem da iniciativa privada. Somente esporadicamente eles recebem algum financiamento, voltado para o custeio de algum projeto específico, como foi o caso do Arte Geração de Renda.

Nós somos o único espaço... Em Jacareí não tem um espaço cultural assim, que seja independente. É por nós mesmos, não temos vínculos de empresa, nem de prefeitura, que coloque alguma verba aqui, para o negócio acontecer... E hoje a gente funciona nas parcerias e com doações. Quem vem se doa numa oficina. Fernanda

O lugar é mantido com recursos particulares de seus coordenadores é difícil para eles, uma vez que também precisam que se manter e pagar as mensalidades de suas faculdades. Fernanda está cursando Serviço Social e Thiago cursa Rádio e TV. Periodicamente são organizados bazares de roupas e calçados usados e bingos, com o objetivo de angariar fundos para custear gastos com o espaço. Boa parte dos moradores do Jardim Pedramar comparece aos bingos, comprando as cartelas e participando dos jogos, doando prêmios – alimentos, objetos ou serviços – e também comprando os produtos alimentícios que são vendidos nesses dias.

Eu participei de dois desses bingos, preparando e fritando pastéis, junto com Fernanda e outras jovens. Só de me lembrar daquele momento, posso sentir o cheiro do tempero e do molho de pimenta que preparamos naquele dia, e também do óleo quente e do pastel sendo frito. E eu me recordo também do sabor dos pastéis que eu comi, entre uma fritada ou outra.

Thiago, Seu Nego e outros jovens trabalharam organizando o espaço e as mesinhas com cadeiras e também recolhendo e preparando os prêmios que seriam entregues aos vencedores. Em ambos os bingos houve grande participação dos

moradores do bairro, de todas as idades, que iam até o lugar para jogar, comer ou simplesmente apreciar a festa. A partir de 2016, os coordenadores do Cultura no Morro começaram a realizar os bingos na lanchonete do Zezão, que cede seu espaço para a realização do bingo e vende os alimentos. Me contaram que este formato de bingo agradou à população e tem trazido um ganho financeiro que ajuda na manutenção do espaço cultural.

Eu percebi um esforço dos coordenadores do espaço Cultura no Morro para que outros jovens fiquem mais autônomos e assumam frentes de trabalho, mas, Thiago e Fernanda ainda têm ficado à frente da maioria das ações. Com o objetivo de organizar melhor o funcionamento do espaço cultural e conseguir maior participação das pessoas que frequentam o lugar, inclusive financeiro, os coordenadores organizaram uma reunião no dia 02 de janeiro de 2017, para a qual eu também fui convidada. Compareceram 18 pessoas e eu, que estava sendo considerada por eles como uma usuária do espaço Cultura no Morro.

A pauta da reunião, planejada por Thiago e Fernanda, incluía três assuntos. O primeiro deles referia-se ao uso e à manutenção do espaço – planejamento e agendamento das atividades e definição de uma escala de pessoas para cuidar de tarefas como abrir, cuidar do lugar e fechá-lo ao final de cada atividade e também de limpeza. Thiago apontou que o espaço também pode ser usado como local de estudos, já que ali tem computador e internet que podem ser usados para pesquisas. Neste tema ainda, foi sugerido que os usuários colaborem com a manutenção e/ou ampliação do imóvel, quando fosse necessário, cada um ajudando com o sabe fazer – pintura, serviço de pedreiro, hidráulica, elétrica etc. – e também com alguma ajuda financeira, na medida da possibilidade de cada um. Também seriam bem-vindas doações de materiais recicláveis que pudessem ser vendidos ou usados em oficinas.

Hoje eu e Thiago que pagamos tudo – cerca de R\$160,00 por mês. Queríamos pensar em conjunto, como a gente faz pra suprir essa necessidade... Uma vez por mês a gente faz um bingo e consegue pagar a energia, a água e o telefone por uns dois meses... Pensar em como cada um pode contribuir... Pode ser com reciclagem.... Garrafas, caixotes... Que espaço cultural é esse, se a gente não tiver responsabilidade sobre o próprio lixo? Fernanda

Ficou definido que a senha do wifi, que é compartilhada com todos os que frequentam o Cultura no Morro, seria mudada mês a mês e fornecida para quem pagasse uma pequena taxa (R\$1,00) para ajudar no pagamento da conta. Isso

funcionou por pouco tempo. Eu soube, inclusive, que alguns garotos tentaram arrombar a janela do lugar para usar internet. Parece que a ideia de compartilhar funciona bem quando é para receber, mas na hora de contribuir, as coisas não funcionam tão bem.

Outro assunto tratado naquela reunião foi a definição das normas para uso compartilhado dos equipamentos, que são do espaço cultural, e podem ser emprestados, desde que sejam usados em eventos da comunidade e que a pessoa que pegue o equipamento se responsabilize por ele.

Eles estragam, a gente tem que tomar cuidado. E tudo tem que ser pra uso coletivo, não na nossa casa... É a frase do Seu Nego: 'Não precisa tratar, mas se tratou é compromisso!' Mas é a gente pensar que o compromisso é para a roda girar, tá ligado? Thiago

Após a discussão dessa pauta, ficou combinado que o grupo iria se reunir novamente em novembro de 2017, para refletir sobre o funcionamento dessa proposta durante este ano.

[...] por um ano. Aproveitando que a gente tá em janeiro... Em novembro a gente fecha e vê o que conseguimos fazer... Vídeos, bandas, ações... Fazer uma análise desse ano e ver como isso pode melhorar ou ver se isso não deve continuar. Thiago

O que me chamou muita atenção naquela reunião, foi a proposta de se formar uma rede, um grande coletivo, que vai jogar sementes ao vento e aguardar o retorno. Mas, vai aguardar trabalhando, fazendo o que sabe fazer, aprendendo e compartilhando o aprendizado. Vai aguardar arando e adubando a terra do jardim, tirando as ervas daninhas. *A gente joga sempre sementes ao vento*, disse Thiago. Mais uma vez apareceu a ideia de cultura, de cultivo... naquele grande jardim, no Jardim Pedramar. Eles lançam a semente e mantêm a fé de que colherão os frutos, frutos que serão compartilhados com outras pessoas.

Tem que ter uma rede, é isso que tá faltando. Porque cada um sozinho não vai conseguir... A gente joga sempre sementes no vento. Joga semente no vento que uma hora vem. O que propomos hoje é vocês acreditarem num coletivo grande. Firmar um compromisso com o que cada um sabe fazer, e o que não sabe aprende, um ensina para o outro.... Os aprendizados não estão na escola... Aqui [...] é um espaço de aprendizagem. Aqui temos o espaço, a luz, o material, a internet... São ferramentas... E tem as ideias, que é o principal. Porque eu sozinho tô produzindo pouco, mas agora se eu estou ouvindo, vendo... **Nooossa!** Daí eu aprendo. E o mais legal que aqui não vai ser segmentado... Ah! É o povo do rock, o povo do desenho, o povo do

artesanato, ou da cultura popular... É de quem quiser, tá ligado? Com vontade e verdade... Thiago

Segundo Thiago, o que acontece no Cultura no Morro, é muito importante para a comunidade.

Esse espaço, a gente não consegue dimensionar o quão ele é importante para a comunidade ou pra Jacareí.

As dificuldades enfrentadas pelos coordenadores do espaço cultural não são apenas financeiras. Eles contaram que enfrentam um certo preconceito pelo fato de eles trabalharem com a arte, com a cultura, muitas vezes decorrente da falta de conhecimento sobre o assunto. Thiago chama essa forma de lidar com a arte e com a cultura, utilizando-a como uma ferramenta de comunicação com a comunidade de *cultura do bem*.

Acho que nem todos aqui entendem qual é a função do Cultura no Morro. A gente não consegue conversar com todos e há um preconceito muito forte ainda [...]. Hoje já tem uma aderência maior, mas a cultura, a arte, têm uma barreira ainda a se quebrar. Tem pessoas que ainda não conseguem entender nem se deixar levar por essa cultura do bem. Porque nós estamos levando a cultura do bem e a moeda de troca é só a colaboração, só isso. Não estamos ganhando nada. A gente quer que a comunidade evolua junto com a gente, e a gente junto com ela.

Eu pude constatar o que Thiago falou. Percebi que alguns moradores do bairro sequer têm conhecimento do movimento que esses jovens fazem, preocupados com o desenvolvimento da comunidade como um todo. Outros sabem sobre ele, mas não se envolvem e não têm interesse em colaborar. Como disse Thiago, muitas pessoas não entendem a função do Cultura no Morro.

Numa das primeiras conversas que tive com Thiago e Fernanda, eu perguntei a eles de onde veio o nome Cultura no Morro. Eles responderam que este nome tem a ver com o fato de o bairro ficar num morro, numa estrada que é antiga e foi importante para a região, e também com os festejos que acontecem ali. O Cultura no Morro é uma casinha no morro onde tem festejos.

Fernanda: Foi a questão do morro né? Do morro.... Porque aqui é mais alto... a estrada vem aqui e sobe...

Thiago: A gente queria também justificar a importância da estrada aqui pro bairro, porque é uma estrada muito antiga. Há anos já teve passagem de tropeiros. Então, a gente queria dar uma triscada nisso [...]. Você vê que no logo tem uma estradinha, e é uma estradinha que sobe pro morro, que tem uma bandeirinha lá em cima, que a gente simboliza os festejos e tal...

O nome, Cultura no Morro, veio inspirado no nome de um time de futebol local, o Unidos do Morro (UDM). Ela está associada também à escravidão, ao fato de os escravos fugirem para o morro buscando se esconder e ali se unirem, ficando mais fortes e tendo seu poder de resistência intensificado. A escolha do nome Cultura no Morro, também está relacionada ao fato de a população mais pobre morar no morro. Há uma teoria do morro por trás dessa escolha: a população pobre que vai para o morro, que não era um lugar para se habitar, e o isolamento acaba intensificando um poder de resistência.

Mas antes disso veio o UDM, que é um time do bairro aqui, que disputava o campeonato, que é o Unidos do Morro. Então, o UDM também trouxe o morro. E a teoria do morro é... Eles dizem que o morro... a população pobre que veio da escravidão... foi sempre viver no morro, porque o morro não era um lugar bom de habitar... tem um pouco desse isolamento também e tal... Então, intensifica mais o nosso poder de resistência. Aí quando a gente descobriu da história da capela. **Nooossa!!!!** Aí que tem tudo a ver mesmo. As coisas começaram a conversar com a gente! [...] Nossa! As coisas começaram a vir até nós e conversavam... Thiago

Quando Thiago mencionou que eles descobriram a história da capela, ele referiu-se à Capela de São Benedito que, como eu já disse, tem mais de cem anos e já existia na área onde foi construído o loteamento. Descobrir que essa capela foi construída na época da escravidão, que aquele lugar tem história para contar, encantou os moradores do Jardim Pedramar.

O Cultura no Morro tem um logotipo que foi elaborado por Thiago e seu pai. Ele foi composto por uma imagem de cupinzeiro, devido ao fato de os cupins serem comunidades organizadas e de existirem muitos cupinzeiros ao longo da Estrada do Tanquinho (Figura 27). O logo traz uma simbologia que mostra o que o Cultura no Morro significa para a comunidade do Jardim Pedramar: há um caminho, subindo o morro, que leva a uma casinha acolhedora, localizada em numa comunidade organizada, onde tem festejos.

E a ideia do logo foi minha e de meu pai. É um caminho, a subida do morro... No ponto mais alto tem uma bandeira, que simboliza os festejos... E o formato dele é uma casa que dá a entender uma moradia, um acolhimento... E ao pé do logo, no início tem o cupim, que é um entendimento nosso de que o cupinzeiro, que tem muitos por aqui, é uma comunidade organizada... É uma simbologia que a gente começou a pensar e tentou passar isso, de certa forma. Thiago

A maioria dos recortes de depoimentos da Fernanda e do Thiago que mostrei aqui, foram colhidos durante a gravação do documentário. Ao final da entrevista, eles responderam individualmente à pergunta: “Se o Cultura no Morro falasse, o que ele diria?”

Figura 27: (A) Logotipo do Cultura no Morro e (B) cupinzeiros ao lado da Estrada do Tanquinho
Fonte: Foto de Denise.

Fernanda acha que o Cultura no Morro diria que está feliz por ver desenvolvimento cultural acontecendo ali e também por ver o cuidado que as pessoas têm umas com as outras. Ela citou o olhar cuidadoso para as crianças do bairro, como se elas fossem *nossos filhos*.

Se o Cultura no Morro falasse? Ele diria que está feliz por conta de todo esse desenvolvimento que aconteceu no decorrer do processo... desenvolvimento não de estrutura, mas cultural. Porque foi essa a nossa visão quando a gente decidiu abrir um espaço cultural. Ele está feliz com o cuidado que cada um tem com o outro, o olhar para as crianças que não são nossos filhos, mas de certa forma são nossos... E tá todo mundo ligado e preocupado mesmo com quem tá ao seu lado. Fernanda

Thiago trouxe em sua fala um alerta-convite para todas as pessoas, não só para os moradores do bairro: *Olhem com olhar atento!* Olhem com atenção para esse movimento, para essa cultura que acabou de começar, mas que pode passar tão rápido que muitos podem nem se dar conta de que algo aconteceu. Como se fosse uma onda do mar: ela vem, faz um balanço e todos que estão por ali podem perceber de alguma forma seu movimento. Alguns tomam consciência dele e procuram

entender seu significado, mas muitos, continuam em frente, sem dar atenção e nem buscar significado para o que aconteceu. É jardim, é pedra, é mar! É Pedramar!

Ele diria tanta coisa, né? Se o Cultura no Morro falasse, ele diria que começou, acabou de começar. E diria também... Pediria atenção. Olhem com o olhar atento, porque acabou de começar. Porque se vocês não olharem, e vocês... Seria num âmbito mais amplo, ele nãoalaria só para o Pedramar. Olhem com um olhar atento porque acabou de começar e quem não olhar... Vai passar e vai perder... Porque é uma cultura do amor, uma cultura da verdade. Quem não olhar com esse olhar humilde, esse olhar de transparência e de verdade, não vai ver o que passou, porque passa tão rápido... Thiago

Essa ideia de olhar com atenção me remete novamente ao entrelaçamento que observo entre as ideias de Pink, Hillman e Berleant. É preciso se envolver de corpo (e alma), sair da anestesia e viver experiências estéticas para perceber a alma do mundo.

Olhando para trás, para o que já aconteceu, Thiago refletiu sobre os objetivos que ele e Fernanda tinham quando decidiram criar o Cultura no Morro, suas motivações e explicações para que esse espaço seja independente do poder público.

Hoje o Cultura no Morro funciona. É um equipamento totalmente independente. [...]. A gente num momento resolveu: 'Esse espaço vai ser destinado para a comunidade como um equipamento de difusão de cultura e ponto'. Thiago

Embora os coordenadores do Cultura no Morro tenham apontado que é difícil manter o espaço em funcionamento, sem apoio do poder público, Thiago entende que há um lado positivo nisso: sendo independentes, eles podem atuar sem imposição *de cima para baixo*, sem interferências. Ele considera importante que as comunidades busquem independência do poder público, para fazerem do jeito que eles querem, do jeito que eles precisam, *uma coisa pensada pelo povo daquele local*, para o povo daquele local.

A inquietação de Thiago sobre a questão de haver uma certa imposição do poder público, com relação às propostas e serviços para as comunidades, veio de encontro à inquietação que me conduziu à realização do mestrado. Durante a graduação em psicologia e no início de minha atuação profissional, observei que muitas intervenções são propostas e realizadas com grupos ou comunidades. Porém, apesar de muitas dessas intervenções terem como proposta estimular a participação das pessoas no lugar onde elas vivem, elas não são construídas a partir de um

diagnóstico participativo com as pessoas que seriam alvo dessas intervenções. Muitos projetos são elaborados sob viés compreensivo-racional, com pouco ou nenhum contato prévio com a população alvo, e o profissional ou pesquisador dirige-se às comunidades acreditando que, por apresentar-se como porta-voz de um saber científico, consegue observar criticamente as ideologias dominantes e tem capacidade de suscitar a “libertação” do outro (SARRIERA, 2004).

Essa postura de imposição que observei dentro da própria academia está também muito presente nas propostas da política pública.

As políticas públicas são definidas de cima para baixo e têm por trás delas uma necessidade de controle e de normatização. A legislação preconiza que devem ser feitos estudos de território de forma que as especificidades de cada região sejam consideradas na materialização das ações, mas relatos dos peritos mostram que as ações desenvolvidas no território não vêm de encontro às verdadeiras necessidades dos usuários (JORGE, 2013, p. 156).

Em outra ocasião, Thiago já havia trazido esse tema quando me disse que o poder público não leva em conta as particularidades de cada lugar no momento de realizar suas ações. Ele contou-me que, na época em que foi feita a pavimentação asfáltica das ruas do bairro, ele defendia que se usasse um pavimento diferente, que levasse em conta as características do lugar. Porém isso não foi considerado.

[...] não adianta eles quererem dar ‘CTRL+C CTRL+V’ em todas as comunidades de Jacareí que não vai dar certo. [...] tinha que ser um pavimento alternativo, que [...] daria vazão à água. Não tem boca de lobo aqui... não dá certo quando chove de verdade. [...] ‘Como é o terreno aqui? Vocês acham que asfalto é solução?’ Não pensaram. A gente tem o córrego. Seria melhor filtrar a água, umedecer mais o solo? Sabe, vamos lá, pensar... Eles merecem qualidade. Não é isso que eles fazem. Thiago

O que foi relatado acima, de fato, é o que tem acontecido na gestão de nossas cidades: há um modelo de urbanidade que está sendo copiado e colado, sem considerar as singularidades dos lugares e menos ainda das pessoas. “Hoje se insiste em uma repetição da relação arquitetura-urbanismo em muitos centros urbanos [...]. Repete-se, por quase todas as partes, a adoção dos mesmos tipos de equipamentos no espaço público (YÁZIGI, 2001, p. 15). Yázigi deu um exemplo bem comum disso: “o empresário do lazer, que já tem pronta a mesma lista dos equipamentos que rendem e que é aplicada a qualquer lugar” (p. 16). Quando andamos por diferentes cidades e pelos vários bairros de uma cidade, podemos ver as academias ao ar livre, que proliferaram nos últimos tempos. Percebe-se que são oferecidos os mesmos

equipamentos, inclusive eles são das mesmas cores, em todos os lugares.

A gente quis assim. A gente quis que a coisa nascesse e se mantivesse independente. A gente acha justo que a sociedade acorde para um momento de independência mesmo, de criar os seus mecanismos, o seu jeito... E parar com a imposição. De fazer de baixo pra cima, e não de cima para baixo. Pintar os muros com as cores que a gente quer. Ter iluminação do jeito que a gente quer. Ter festa do jeito que a gente quer, como a gente acha que tem que ser feito. Enfim, com características do local. Não adianta a gente ficar copiando e colando formatos nas comunidades. A descentralização veio com esse intuito: 'Vamos fazer do jeito que a comunidade quer... uma coisa pensada pelo povo daquele local'. Não adianta vir de fora e... 'Oh! É isso aqui que vocês vão ter... Ah! Agora mudou... Não... Agora é isso'. Thiago

A expressão *pintar os muros com as cores que a gente quer* é seguida, literalmente, no Jardim Pedramar. Os muros do bairro estão ficando cada vez mais coloridos com o uso do grafite. Vou explorar este tema daqui a pouco, quando eu for falar sobre os festivais e todo o movimento que acontece nas ruas do bairro.

Essa luta por autonomia é bem interessante, mas não posso deixar de apontar que há um risco de se pensar que é possível desconsiderar a atuação do poder público, deixando de se mobilizar para lutar pelos próprios direitos ou até mesmo desacreditando que o Estado tem o dever de cuidar de seus cidadãos. O risco é de se cair numa certa inflação.

O Cultura no Morro, como disseram seus coordenadores, busca indagar, conscientizar e instigar os moradores do bairro a lutarem pelos seus direitos junto ao poder público, "cutucando" a prefeitura e mostrando que é possível fazer algo de qualidade com pouco recurso.

Thiago: Esse nosso formato de espaço e de ação faz cutucar e indagar muitas coisas no âmbito municipal, porque...

Fernanda: Porque é nosso direito, de fato.

Thiago: Porque é nosso direito. [...] A gente tem o papel de desmistificar muita coisa, de falar assim: 'Oh! Corre atrás de informação, corre atrás dos seus direitos. Você consegue! Você pode!' [...] A gente tá ali todo dia, a gente tá falando assim: não adianta assistencialismo que vem e vai embora no outro dia. Então, o Cultura no Morro é essa ferramenta de instigar, de indagar, de mostrar caminhos, e mostrar pra uma prefeitura, por exemplo, que é possível fazer algo com pouco recurso. É possível fazer com qualidade. É difícil fazer assim, mas é possível.

Eu percebo que os moradores do Jardim Pedramar procuram reconhecer e valorizar as características do local onde eles vivem. Parece que eles sabem que as coisas têm uma interioridade, uma inteligibilidade, segundo Hillman, que os lugares

falam. O Jardim Pedramar fala e seus moradores procuram ouvir o que ele está falando. E o Cultura no Morro tem conseguido instigar as pessoas do Jardim Pedramar a fazerem um movimento de melhoria daquele lugar. O movimento dos jovens, especialmente, cresceu bastante neste tempo em que acompanhei a vida no bairro.

Uma das coisas que deslancharam com apoio do Cultura no Morro foi a criação de uma biblioteca comunitária no bairro. Aqui, a cultura aparece como educação e valorização do conhecimento. Essa biblioteca ela está localizada em frente à Praça Guarani (Figura 28).

[...] a biblioteca está dentro do Pedramar, está de frente para um jardim que antes não estava ali, que tem crianças que entram, tem idosos que vêm aqui...
Thiago

Figura 28: Biblioteca vista da Praça Guarani
Fonte: Foto de Denise.

A biblioteca comunitária foi criada a partir da iniciativa de D. Cida e de um grupo de adolescentes que também moram do bairro – a maioria deles nasceu ali. D. Cida é professora aposentada e se mudou para o lugar há dez anos. Ela me contou que não queria se mudar para o Jardim Pedramar, porque o bairro fica muito afastado do centro da cidade e também porque ouvia dizer que ali não era um bom lugar para se viver, devido à violência.

Eu achava que esse bairro era muito longe da cidade... O povo falava que aqui era perigoso e que aqui não era bom pra morar... [...] **Nossa!!** Houve muita mudança. Depois que eu vim morar aqui eu vi que aqui não era nada daquilo que o povo falava. Aqui tem gente muito boa, tem pessoas interessadas no conhecimento, aqui tem cultura. D. Cida

De fato, nos primeiros tempos, a violência no bairro era grande. Me contaram que alguns moradores interrompiam o trânsito na Rodovia D. Pedro I, que como vimos passa bem próximo ao lugar, para assaltarem os motoristas. Além disso, eu soube que moradores foram assassinados devido ao tráfico de drogas, que estava, e ainda está presente no bairro, como nos disse Marilena.

D. Cida se mudou para o Jardim Pedramar, mesmo sem querer tanto, e decidiu fazer algo pelo bairro. Como ela nos contou em uma entrevista – que também estava sendo gravada dentro do processo de produção do documentário – foi assim que tudo começou.

Quando eu vim pra cá, eu ainda trabalhava na escola, porque eu sou professora aposentada... Então eu quis fazer alguma coisa pelo bairro. Eu comecei com alfabetização de adultos. Depois surgiu a ideia de montar uma biblioteca. Como eu tinha alguns livros de filosofia, de pedagogia e da igreja [...] eu comecei a montar com esses livros. Começamos com um armário e uma prateleira. Depois começamos a pensar em algo maior. Daí o Thiago me deu outra prateleira, fez bastante divulgação, e conseguimos montar essa biblioteca, que é mais pra ajudar o povo com conhecimento... Conhecimento de leitura, de contação de histórias, de fazer saraus, de ajudar as crianças. Tem criança que vem aqui atrás de dicionário de inglês que a professora pediu. E de estorinhas, tem mãe vem atrás de livro de histórias pra crianças.

D. Cida

D. Cida queria cultivar conhecimento e ajudar na educação daquelas pessoas. Então, ela cedeu a garagem de sua casa, e junto com o grupo de adolescentes – como eles dizem, com a sua equipe – idealizou e montou uma biblioteca comunitária ali, a Biblioteca Comunitária Ler para Crescer (BLPC).

Tem várias pessoas que nos ajudam aqui na biblioteca. Eu tenho os meus meninos, são seis adolescentes. Eles também fazem esse serviço aqui na biblioteca, de atender o povo, de ficar aqui conversando, trocando ideias pra pensar o que mais a gente vai fazer. [...] A equipe da biblioteca fica aqui conversando, pensando, pesquisando... Às vezes sai até alguns atritos, um quer de um jeito e outro quer de outro [...]. Mas a gente começa a conversar e daí acaba dando certo. D. Cida

Num determinado momento, tivemos que dar uma pausa na entrevista, pois havia muito barulho em frente à biblioteca. Fernanda foi ao portão, ver o que estava acontecendo, e viu que alguns moradores haviam se sentado num dos bancos da Praça Guarani, confeccionados por Seu Aloísio, e conversavam animadamente. Tivemos que pedir-lhes a gentileza de falarem um pouco mais baixo, para podermos dar continuidade à gravação. Thiago riu e disse: “Quem mandou a gente criar lugares gostosos!”

A BLPC atua emprestando livros para os moradores do bairro e também oferece aulas de alfabetização para adultos, ministradas pela D. Cida, e contação de histórias para crianças, que é realizada por ela ou por contadores de histórias da região, que são convidados e se disponibilizam a ir até lá. Como há muita divulgação sobre esse trabalho na biblioteca – os meninos criaram uma página para a BLPC no Facebook e estão frequentemente compartilhando informações, convites para as atividades que serão realizadas e também fotografias mostrando o que aconteceu. Muitas pessoas se interessam pelo lugar e vão até lá, não só para conhecer, mas também para contribuir.

Vieram outras pessoas, muita gente chegou depois que nós começamos a criar a biblioteca. Artistas, jornalistas, amigas que vieram ensinar artesanato... A TV câmara de Jacareí veio aqui e fez entrevista com a gente... D. Cida

Eu recebo muitas doações. O povo fica sabendo pelo Facebook, pelo Instagram... E também, uma fala para o outro. Daí eles vêm e trazem livros.... Alguns professores, que são meus amigos, ficam sabendo... D. Cida

[...] a gente tem a biblioteca que mobilizou pessoas da comunidade, traz pessoas de outros bairros, de outras cidades... Na internet, as pessoas estão compartilhando isso... Elas curtem, comentam, compartilham... Tainã

A Biblioteca LPC promove muitos eventos culturais. D. Cida contou que gosta muito de cultura, principalmente de cultura popular, de poesias, de danças, por isso, ela inventou os saraus na biblioteca.

O sarau tem tudo a ver com o momento de reunião, né? O pessoal fazia antigamente, aquelas reuniões pra ouvir músicas, pra recitar poesias. D. Cida

Figura 29: Preparação da BLPC para sua inauguração
Fonte: Foto de Denise.

Figura 30: Sarau de inauguração da BCLP
Fonte: Foto Denise.

Figura 31: Sarau de São João
Fonte: Foto de Denise.

Aliás, a biblioteca foi inaugurada com um sarau de poesias realizado durante o primeiro festival AgromeraArte, em outubro de 2015. Eu estava lá. Passamos um dia inteiro separando e organizando os livros nas prateleiras, fazendo um cadastro do

acervo em um caderno e decorando o lugar (Figura 29). Foi um dia inteiro de trabalho, inclusive na cozinha da D. Cida, onde foi preparando o pastel, que foi vendido durante o sarau, e cuja renda destinou-se à manutenção da biblioteca (Figura 30).

E o sarau fez tanto sucesso que muitos outros foram realizados. Dentro das festividades de festa junina em 2107 aconteceu o Sarau de São João (Figura 31). Neste dia, além da “degustação” de poesias e bolinho caipira, tinha fogueira, banca para troca de livros e muita dança, com a quadrilha de São João cantada por D. Cida. As almofadinhas foram colocadas no chão, à espera dos leitores.

Como aqui é uma biblioteca, resolvemos fazer um Sarau de São João. [...] organizado com brincadeiras, músicas, poesias... [...]. Também teve uma fogueira. [...] E teve a quadrilha. [...]. O sarau de São João foi isso, pra unir mais a rua, pra unir a comunidade, né? D. Cida

Figura 32: Aniversário da Biblioteca LPC
Fonte: Equipe da Biblioteca LPC

No dia 27 de outubro de 2017 foi realizado um sarau para comemorar os dois anos da criação da biblioteca (Figura 32). Eu não estava presente, mas pude acompanhar tudo à distância. Um dos adolescentes da equipe me enviou um vídeo, com duração de cerca de 4 minutos, com uma retrospectiva destes dois anos de funcionamento da biblioteca, que foi exibido para as pessoas que compareceram ao

sarau. O adolescente me contou que este vídeo seria projetado em um telão montado em frente à biblioteca, na Praça Guarani, porém, choveu muito naquele dia e eles tiveram que projetar o vídeo dentro da biblioteca mesmo. O local é pequenino, mas isso não impediu que a exibição acontecesse. Além disso, havia poesias penduradas num varal e elas, e muitas outras foram recitadas pelas pessoas presentes na festa. Foi feito até um bolo em homenagem à aniversariante, foi cortado e compartilhado com todos. Placas de sinalização haviam sido colocadas para ajudar os visitantes a se localizarem.

D. Cida disse que tinha um “causo” para nos contar – termo que ela usou para referir-se a um fato que havia ocorrido na biblioteca e que ela considera interessante.

Um causo que eu tenho pra contar, é que uma leitora faz um resumo curtinho de tudo que ela lê... Ela me contou que registra em um caderno. D. Cida

Eu também tenho um causo para contar. Estávamos gravando a entrevista com a D. Cida e um dos membros da equipe de produção do documentário comentou que seria bom irmos até a BLPC durante a semana – este dia era domingo – para gravarmos alguns moradores fazendo empréstimo de livros. Bem neste momento, fomos interrompidos por uma batida no portão. D. Cida foi atender, e a visitante era uma moradora do bairro, acompanhada pela filha – uma garotinha de cerca de 4 anos de idade. A mãe contou-nos que a garota não dava sossego a ela, insistindo para elas virem devolver os livros de estórias que haviam tomado emprestado e pegar outros. A menina entrou, sentou-se ao lado da cesta de livros infantis e escolheu três deles para levar para casa.

D. Cida nos contou que nestes dois anos de funcionamento, muitos moradores fazem empréstimo de livros na biblioteca, e eles mantêm um cadastro dos usuários e também um livro de registro dos empréstimos realizados.

Nesse tempo, nós já atendemos muitas pessoas. Eu tenho no caderno registrado as pessoas que vêm aqui emprestar livros. Vem muita criança de pré-escola, de ensino fundamental, de escolas próximas daqui. Vem mães atrás de livros, adolescentes do ensino médio e pessoas atrás de livros do enem... E eu estou muito feliz com esse trabalho, porque pelo menos eu não fico sozinha dentro de casa. Eu fiz muitas amizades. D. Cida

A biblioteca é também usada pelas pessoas como um lugar de descanso e de reflexão. E se é um lugar de reflexão, é um lugar para a alma (HILLMAN, 1993).

Tem gente que vem aqui, sabe pra que? Eles dizem assim: 'Olha, eu vim aqui pra relaxar um pouco'. Ficam aqui conversando, trocando ideias, falando da vida... D. Cida

E para finalizar a história dessa garagem para livros, não poderia faltar a expressão típica do Jardim Pedramar... Nooossa!!!

O que as pessoas do bairro pensam sobre a biblioteca? Eles gostam. Eles falam: '**Nossa**, que legal, tem uma biblioteca aqui!' D. Cida

Retomando a questão do cultivo de alma e da cultura no Jardim Pedramar, eu não posso deixar de falar sobre a Capela de São Benedito, a cultura como preservação do patrimônio cultural e religioso da comunidade. Como eu já contei, na região onde foi construído o Jardim Pedramar, já havia uma capela. Os moradores do bairro fizeram, há alguns anos, uma pesquisa para conhecer a história dessa capela, e mandaram imprimir um panfleto com o relato e também imagens dessa capela.

Segundo a pesquisa, antigos moradores da região relataram que uma família de descendentes de escravos que morava por ali, há mais de cem anos, tinha em casa uma imagem muito antiga de São Benedito. O patriarca da família, avô da esposa do Seu Nego, se empenhou em construir um lar para aquele santo e, com ajuda de outro morador da região, conhecido como Capitão Bicudo, que doou os materiais necessários, construiu a capela. Ela recebeu o nome de Capela de São Benedito do Pinga-Pinga, porque naquela época havia uma bica d'água que ficava pingando na lateral da igreja.

Essa capela, a Capela de São Benedito... Eu passei aqui em 1955, eu tinha 7 anos de idade e essa capela já existia. Nessa estrada que hoje é asfalto, passavam carros de bois... Só passavam gado, carroças e carros de boi. Inclusive, numa pesquisa que foi feita pelo Cultura no Morro, descobriram até quem doou a primeira imagem de São Benedito pra essa capela... E o nome da capela é São Benedito do Pinga-pinga. Quem doou a primeira imagem foi o bisavô da minha mulher que se chamava Seu Germânio. Minha mulher, pequeninha, cansou de vir aqui na casa da avó, que morava nesse fundão aqui. Seu Nego

Em 1974, essa capela foi demolida com o objetivo de construir uma maior no local, de forma a abrigar os devotos do santo que começaram a frequentar o santuário. Durante o período da reconstrução, a imagem de São Benedito ficou guardada na Capela São Judas Tadeu, no bairro Nova Esperança. Quando a nova capela foi inaugurada, no dia 05 de outubro deste mesmo ano, os devotos trouxeram a imagem de volta, realizando uma procissão que terminou com a realização de uma missa e de

uma festa, durante a qual foram servidos café com biscoito. Desde então, todo ano, no mês de outubro, é realizada a festa de São Benedito, que se tornou parte da tradição local. Os católicos se reúnem na avenida principal do bairro e saem em procissão, carregando o andor com o santo e cantando hinos em seu louvor (Figura 33).

Figura 33: Procissão de São Benedito
Fonte: Foto de Denise.

Como disse Seu Nego, a capela de São Benedito é muito importante para os moradores do Jardim Pedramar. Ele faz um esforço grande para que a comunidade se junte e cuide do santuário. Quando ele foi reconhecido como Mestre da cultura popular, ele recebeu um prêmio em dinheiro e se propôs a usá-lo para pintar a capela. Comprou as tintas e combinou com outros moradores do bairro de fazerem um mutirão para fazer a pintura.

Gente, a capela pra comunidade é muito importante... Nessa capela tinha casamentos, crismas, batismos, festas, leilões. [...]. Então, quem tem que ajudar a cuidar da capela? A comunidade. Quando eu fui reconhecido como mestre de moçambique e ganhei um prêmio, eu falei, vou comprar a tinta e pintar a capela. Seu Nego

Porém, ele me contou que teve muitas dificuldades para executar isso. O padre que estava na região, naquela época, não autorizou que a pintura da capela. Então, algumas pessoas da comunidade foram conversar com o bispo e só algum tempo depois, inclusive quando um novo padre havia assumido a capela, a pintura foi autorizada. Eu pude acompanhar o mutirão de moradores do bairro trabalhando na restauração da capela. Seu Nego e outros quatro moradores pintaram, com as tintas compradas por Seu Nego, as paredes internas e externas do santuário. Alguns homens carpiram a grama e também arrumaram a cerca de arame ao redor da capela. Eu posso me lembrar do cheiro de tinta fresca e das palavras de Seu Nego naquele dia. Ele me disse que não entendia o motivo de ele ter sido barrado num movimento de usar a tinta que havia doado para a capela e a mão-de-obra voluntária, para pintar um lugar que é tão importante para a comunidade católica do Jardim Pedramar, e que, naquele momento, estava realizando um sonho. A capela de São Benedito ficou mais bonita, pintada por aquele grupo de voluntários, com as tintas que Seu Nego doou (Figura 34).

Enquanto o grupo de voluntários pintava a capela, uma moradora do bairro preparava a feijoada que seria servida aos trabalhadores e a nós – Eu, Thiago e Fernanda – em sua casa. Assim que chegamos em sua casa, ela me convidou para entrar e fez questão de me mostrar toda a casa. Muito animada e falante, ela me levou para conhecer cada cômodo da casa, e disse-me que estava feliz porque havia feito uma reforma recentemente. Ela me contou que trabalha em sua casa mesmo, na garagem, coordenando um grupo de 19 pessoas em uma espécie de produção em série. Quando saímos de lá, Thiago me disse que não vê aquele tipo de trabalho com bons olhos, já que as pessoas ganham pouco por cada produto entregue, parecendo um trabalho de escravos.

Este é um ponto delicado na vida dos moradores do Jardim Pedramar. A maioria deles não consegue trabalho no bairro e precisa se locomover para o centro da cidade ou para bairros vizinhos à procura de trabalho. Muitas mulheres, como me disse Zezão, trabalham como empregadas domésticas ou faxineiras. No momento que realizei esta pesquisa, havia muitas pessoas desempregadas, e o desemprego foi um dos temas tratados naquela reunião feita no início de 2017 no Cultura no Morro. A ideia era se fazer uma rede para compartilhar saberes e habilidades, num esforço de também gerar renda para os moradores do lugar.

Figura 34: Capela de São Benedito após a pintura
Fonte: Foto de Denise.

Retornando à capela de São Benedito... Como eu já contei, essa capela está ligada à tradição de São Benedito. Há uma dança tradicional em homenagem a este santo, o moçambique. Seu Nego coordena o grupo de moradores do bairro em ensaios e apresentações. Ele me disse que o conhecimento que ele tem sobre o moçambique foi passado de geração em geração, não vem dos estudos, mas da vivência.

É conhecimento do mundo, e isso tu não aprende numa sala de faculdade, numa mesa de escola, não aprende não. Seu Nego

Seu Nego aprendeu com a tradição oral, que Benedito era cozinheiro da casa grande de uma fazenda no Brasil, na época da escravatura, e que ele levava, às escondidas, a comida que sobrava da casa grande para os escravos na senzala. O costume de se dançar moçambique no Brasil teria surgido assim, na senzala, como uma forma de agradecimento a Benedito.

Benedito pegava aquela sobra de comida escondida, levava na senzala e distribuía pros escravos. Aí o que aconteceu? Os escravos iam agradecer a comida pra ele... Então, eles batiam na colher de pau, que hoje é chamado de bastão, pra agradecer a comida [...]. É dança de negro mesmo [...]. Depois, foi aperfeiçoando, aí saiu a caixa de hoje. Mas eles batiam num toco, né? Seu Nego

Conforme explicou Seu Nego, a cantoria era uma forma de comunicação entre os escravos, já que eles eram proibidos de conversar uns com os outros.

Os negros não podiam conversar, o negro só conversava cantando, e cantando, todo mundo entendia quando um negro escravo tinha fugido ou tava no tronco. Cantando eles já sabiam quem tava, quem não, ou quem fugia. Seu Nego

Seu Nego falou detalhadamente sobre a simbologia das roupas e dos instrumentos que os moçambiqueiros usam.

[...] eu explico da roupa... A gente usa faixas [...] azul é o manto de Nossa Senhora, vermelho Divino Espirito Santo e branco é de São Benedito. Então, cada cor tem um sentido, não é por acaso. Mesma coisa os instrumentos. [...]. Nós somos três caixeiros. O que que acontece? Um vai marcar passo, o outro vai acompanhar aquele que tá marcando o passo e o outro vai marcar bastão. Porque cada instrumento tem que ter um sentido ali dentro, senão mistura tudo e não dá certo. Então, pelo menos do que eu aprendi, no moçambique que eu faço... É o raiz, certo? Seu Nego

A relação de Seu Nego com o moçambique começou cedo, como eu já disse, quando ele se queimou com óleo quente, aos dois anos de idade. Sua mãe era devota de São Benedito e prometeu que, se o filho se curasse, ele iria dançar junto à irmandade de São Benedito. Ele foi curado e a promessa foi cumprida, como ele relatou com detalhes, em uma de nossas primeiras conversas.

Quando eu tinha 6 anos, minha mãe me vestiu de branco pra cumprir a promessa. Na promessa, quem tá sendo batizado não pode dançar, porque passa no colo do rei, do mestre e de outros dançadores. Mas, eu queria dançar... Até apanhei da minha mãe naquele dia. O falecido José Silvano falou pra turma: 'Dá um bastão na mão do moleque'. E eu peguei o bastão. Vou fazer 69 anos em setembro e danço moçambique faz 62 anos. Eu sou afilhado de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário.

Seu Nego disse que essa dança mudou sua vida, trazendo conhecimento e também a possibilidade de ele guardar e transmitir essa tradição. Ele contou-me que adora fazer isso e que ele luta para que o que eles fazem dê certo.

Olha, o moçambique mudou minha vida com um pouco do conhecimento que eu tenho... A tradição que eu continuo carregando desde a idade de seis anos [...]. Eu faço isso aqui por prazer [...], eu batalho pra que aquilo que a gente tá fazendo, que é a dança do moçambique dê certo. Seu Nego

Parece que Seu Nego sente que está dando certo. Ele me contou, entusiasmado, que o fato de ele ter sido reconhecido como Mestre da Cultura em Jacareí é muito importante para ele. Ele fez questão de me mostrar a placa que ele recebeu quando foi homenageado, e uma fotografia, tirada no dia em que ele deu uma

palestra para quatrocentos alunos de uma escola da região, falando sobre essa tradição cultural.

[...] ter um resultado bom é você começar uma coisa com seis anos de idade e com sessenta anos você ser reconhecido [...]. É uma coisa muito importante na vida da gente! [...] inclusive, tá ali a placa lá, oh, quer ver? Pega aquela foto lá também, pega ali embaixo. Essa ali oh, eu dando uma palestra numa escola pra quatrocentos alunos.

Essa palestra estava inserida no projeto “Moçambique nas escolas” que foi desenvolvido juntamente ao Cultura no Morro e contou com financiamento da Fundação Cultural de Jacareí. O objetivo do projeto foi levar aos alunos de algumas escolas municipais da região informações sobre essa tradição cultural, através das palestras ministradas por Seu Nego e também de apresentações de dança, realizadas pelo grupo de moçambique do Jardim Pedramar.

Com o moçambique passamos por 14 escolas municipais e estaduais de Jacareí, mostrando essa cultura e sua importância, com Seu Nego dando workshops para crianças e adolescentes. Foi uma forma de mostrar essas culturas existentes aqui no Pedramar e em nossa cidade. Fernanda

O conhecimento que Seu Nego compartilha não se restringe ao moçambique, mas, como ele mesmo disse, é conhecimento de vida, é conhecimento de uma pessoa que, apesar de já ter mais de sessenta anos de idade, está disposto a aprender sempre.

Eu falo, tudo que eu aprendi foi na vida, e continua. Como diz o ditado, continuo aprendendo. Vou morrer sem saber, mas quanto mais eu puder aprender eu vou aprender, porque isso é muito importante pra gente. Seu Nego

Durante os ensaios Seu Nego conversa bastante com as crianças e com os jovens, sobre a importância de se manter aberto ao conhecimento, de se aprender sempre e em todo lugar. Quando ele fala sobre conhecimento, ele não se refere a conhecimento acadêmico, mas a conhecimento proveniente de experiência de vida, de uma abertura para o mundo.

Então, às vezes eu falo, inclusive para as minhas crianças: ‘Gente, vocês têm que chegar num lugar e perguntar: ‘Como é? Que é isso?’. Porque eu chego no lugar e falo: ‘Posso experimentar? Deixa eu pegar pra eu ver como é que é?’. Porque é assim que a gente aprende. Isso é conhecimento da vida. Quando a gente abre os olhos a gente vê, e é o mundo que a gente vai ver. Seu Nego

Seu Nego está falando sobre aprender experimentando, sobre abrir os olhos e ver o mundo, sobre prestar atenção e se deixar ser tocado pelo mundo. Sinto que esta fala do Seu Nego está totalmente conectada com as ideias que embasam meu estudo: aprender com os sentidos, com o corpo inteiro, experimentando (PINK, 2015), abrir os olhos e ver o mundo, se deixar ser tocado pelo mundo, sair da anestesia, ouvir o que o mundo e as coisas do mundo estão falando (HILLMAN, 1993), consciência da experiência perceptual, vivência de experiências estéticas (BERLEANT, 1992).

O mestre de moçambique prosseguiu me contando que sempre alerta as crianças e os jovens sobre a importância de respeitar os outros, não discriminar e também de fazer escolhas.

Só que isso aqui é duas estradas, certo, cada um segue aquela que quer, que achar melhor. Só que tem uns que escolhem a estrada errada. Então, eu falo pra turma: 'Gente, cada um faz o que gosta [...]. Nunca discrimine ninguém. [...] Respeito é uma coisa muito importante pra gente, né?' Seu Nego

Semanalmente, o grupo de moçambique se reúne para os ensaios, que inicialmente aconteciam pelas ruas do bairro, mas, desde que o Cultura no Morro foi aberto, são realizados lá. Foram muitas as dificuldades enfrentadas pelo grupo durante os ensaios, quando eles começaram a se reunir. Frequentemente as crianças precisavam de um banheiro ou queriam beber água, e era preciso pedir banheiro emprestado ou água para os vizinhos. Além disso, muitas vezes, as luzes das ruas davam pane e o grupo ficava no escuro.

O grupo faz apresentações em eventos realizados no município de Jacareí e também em municípios vizinhos. Eles dançam com frequência no Jardim Pedramar – nas ruas e na Capela de São Benedito – especialmente na festa que homenageia o santo (Figura 35). No entanto, qualquer acontecimento no bairro pode ser um convite para se dançar moçambique nas ruas do bairro.

Na parede lateral do Cultura no Morro está escrita a frase “a rua é o nosso quintal”, junto com outra expressão que diz muito sobre o Jardim Pedramar: “Sirva-se, o mundo é seu” (Figura 36).

Figura 35: Grupo de moçambique na festa de São Benedito
Fonte: Foto de Denise.

Figura 36: A rua é o nosso quintal. Sirva-se, o mundo é seu
Fonte: Foto de Denise.

Muitas outras coisas acontecem nas ruas do Jardim Pedramar. Os moradores do lugar adotaram o lema: “a rua é o nosso quintal”, o que quer dizer tanto usufruir quanto cuidar desse espaço que é de todos, favorecendo a apropriação daquele espaço e o entendimento de que cada um faz parte de um todo. “Sirva-se, o mundo é seu”. Para mim, esse é o sentido de comunidade a que os moradores do Jardim Pedramar tanto se referem.

Um ditado que a gente começou a usar aqui na comunidade é de que ‘a rua é o nosso quintal’. Moramos todos em meio lote, que é 5,5 m por 25 m. Essa metragem é um padrão pra esse tipo de comunidade. Quando a gente se apegar a esse espaço somente, na nossa vida, eu acho que isso é se limitar, isso é se limitar ao que foi posto, na verdade. Quando a gente joga esse legado ‘A rua é o nosso quintal’, você sai e pode usufruir da rua como o nosso quintal. E aí é diferente, porque no seu quintal você não vai jogar lixo no chão, você vai cuidar da planta, você vai regá-la... Você vai cumprimentar quem tá no seu quintal, você vai receber bem quem tá lá... Então, essa ideia, sei lá, pode-se dizer, uma breve ideologia, que a gente tá começando a instigar, é nesse sentido das pessoas se apropriarem do espaço, entender que você faz parte do todo ali. Não é fechar sua porta e não ver quem tá ali. Não, tem alguém que tá machucado lá, tem crianças se prostituindo, tem alguém fazendo alguma coisa errada... E você não pode simplesmente fechar sua janela e falar que nada tá acontecendo. Tem pessoas morrendo... Thiago

No quintal do Jardim Pedramar acontecem muitas coisas. No mês de outubro, há três anos, os moradores do bairro realizam um festival denominado AgromeraArte. Brincar com essa palavra nos ajuda a entender bem o que é esse festival. AgromeraArte: uma aglomeração de pessoas em uma ação – aglomera-ação – cultivando a alma do Jardim Pedramar em atividades que englobam a cultura nas diferentes dimensões apontadas acima: cultivo da terra, educação e conhecimento, arte popular, cultura popular e tradição.

O primeiro festival aconteceu em 2015. Eu acompanhei o processo de organização dessa ação e fotografei a lousa do Cultura no Morro, onde estava escrita a letra de uma música (Figura 37) que explica bem a proposta do evento.

A frase “os muros criam vida” faz referência ao mutirão de grafiteiros que tomou conta do bairro e coloriu seus muros e paredes (Figura 38). Antes do evento, os organizadores – a equipe do Cultura no Morro – fizeram um levantamento das pessoas que estavam interessadas em ter o muro ou parede de sua casa grafitado, e prepararam o local com uma base de tinta branca. No dia do evento, os grafiteiros se espalharam pelo bairro e colocaram mãos e imaginação à obra.

“Os muros criam vida
 As ruas enfeitadas
 Feira orgânica
 Cultura popular
 Sarau na biblioteca
 No bar, samba de vela,
 comida e diversão
 pra toda galera
 Agro mera Arte...”

Figura 37: Tema musical do AgromeraArte – 2015
 Fonte: Foto de Denise.

Figura 38: Os muros criam vida
 Fonte: Fotos de Denise.

Figura 39: Sala de projeção de vídeo grafitada na parede da lanchonete
 Fonte: Acervo Cultura no Morro

O grafite que mais me chamou a atenção foi feito na parede lateral da lanchonete do Zezão (Figura 39). Thiago contou-me que foi o próprio Zezão quem fez os primeiros traços da tela de projeção que foi grafitada naquele paredão. Essa parede já foi usada várias vezes para a projeção de vídeos e filmes para os moradores do bairro.

Zezão disse que ele acha muito importante o trabalho dos grafiteiros, que deixam suas marcas nas paredes do bairro e fazem um trabalho para a comunidade, durante o festival AgromeraArte.

E quando a gente passa filme ali, fica como se fosse uma televisão. Eu acho muito importante a pintura desses paredões, porque arte é vida, né? Você pega um paredão, como esse aqui ao lado da minha casa e faz um desenho... Todo mundo que passa, vai olhar com outros olhos aquela parede, aquela gravura que o cara fez. E outra, a pessoa não vem ali por brincadeira. Se ele trabalha no AgromeraArte, ele tá fazendo um trabalho pra comunidade... Às vezes eles nem conhecem... Mas eles fazem algo que eles sabem para as pessoas do bairro. E fica bonito. Eu acho que devia ter mais. Zezão

A feira orgânica foi realizada com o intuito de oferecer produtos orgânicos, queijos e licores artesanais produzidos no bairro. Havia também barraquinhas de artesanatos, confeccionados por moradores do bairro, tais como tapetes de retalhos de tecidos e quadrinhos feitos em madeira. (Figura 40)

Figura 40: Feira de produtos locais
Fonte: Foto de Denise.

O sarau a que se refere a música é aquele que foi realizado para inauguração da biblioteca comunitária. Nos dias do festival, aconteceu uma roda de samba em um bar localizado na avenida principal do bairro, e claro, o grupo de moçambique também marcou presença no AgromeraArte, juntamente com um grupo que dança maracatu e com bandas musicais compostas por moradores do bairro (Figura 41).

Figura 41: (A) Maracatu e (B) Show musical
Fonte: Foto de Denise.

Este primeiro AgromeraArte recebeu a exposição “Fogos, rastros e folias”, produzida pelo grupo “Invento Coletivo e Estúdio Desinvento”, cujo tema foi o tempo e o espaço na cidade de Jacareí. Além disso, aconteceu uma oficina denominada arte-fixa, que foi conduzida pelo artista Doni Bueno e teve a participação de Bedeu e de outros moradores do bairro. Uma “casa de pau-a-pique” (Figura 42B) foi construída dentro da lanchonete do Zezão, com direito a amassar o barro com os pés (Figura 42A).

Figura 42: (A) amassando o barro e (B) Casa de pau-a-pique
Fonte: Foto A de Denise e foto B de Thiago.

Para receber as pessoas que vieram de fora da cidade – artistas e voluntários – as atividades na cozinha do Cultura no Morro foram intensas. Diariamente foram preparadas refeições, na cozinha do Cultura no Morro com ingredientes, em parte, recebidos em doação. Eu ajudei no preparo das refeições, descascando alhos e cebolas, lavando folhas para a preparação das saladas e picando batatas. As refeições coletivas foram oportunidades de confraternização, de reflexão sobre o

andamento das ações e de planejamento dos próximos eventos, um espaço privilegiado para alimentação do corpo e da alma.

A primeira edição do festival AgromeraArte fez tanto sucesso que vieram outras duas. A segunda edição, realizada em outubro de 2016, também deixou muitas paredes e muros coloridos com o grafite (Figura 43), ofereceu artesanatos e hortaliças, queijo e pinga, produzidos da região e trouxe oficinas das quais moradores do bairro puderam participar.

As novidades desta edição foram a oficina de culinária vegetariana, onde foi preparada uma feijoada na cozinha do Cultura no Morro, e o caminhão palco, onde foram realizados shows musicais e um espetáculo circense, com o palhaço (Figura 44).

Há um hábito respeitoso entre os organizadores de eventos no Jardim Pedramar de se consultar os moradores da rua onde ele será realizado para verificar eles concordam com o uso do local, e, frequentemente, as pessoas não se opõem a isso. A energia elétrica usada para os microfones e as caixas de som no caminhão-palco foram tomadas por empréstimo de um morador. O costume de se pedir e emprestar energia elétrica, que começou entre os primeiros moradores do bairro, ainda foi mantido.

Figura 43: Grafites no AgromeraArte – 2016

Fonte: Foto de Denise.

Figura 44: Caminhão-palco e feijoada vegana no AgromeraArte – 2016
Fonte: Foto de Denise.

Eu não estive presente nessa terceira e última edição do AgromeraArte, em 2017, mas recebi de moradores e dos organizadores registros fotográficos e pequenos vídeos, e comentários sobre as ações. Assim, mais uma vez, eu pude acompanhar à distância acontecimentos no Jardim Pedramar. As novidades deste ano ficaram por conta da realização de uma trilha ecológica na mata ao redor do Córrego do Tanquinho. Alunos de um curso técnico em meio ambiente, do Instituto Federal de Jacareí, foram convidados e participaram da trilha, e também aproveitaram para visitar a Praça Guarani (Figura 45) e caminhar pelo bairro, para ver mais muros do bairro sendo coloridos com o grafite. Outras pessoas que se interessaram pela trilha, também puderam se participar.

O fotógrafo e estudante de biologia, Thiago Mesquita, estava fazendo um trabalho fotográfico na mata, fotografando a fauna e a flora no entorno do Córrego do Tanquinho, e incentivou a realização da trilha com o objetivo de conscientizar as pessoas sobre a necessidade de preservar o lugar. Ele e Seu Nego ajudaram na marcação da trilha na mata e também atuaram como guia no dia do evento.

Figura 45: Eco-trilha e visita à Praça Guarani no AgromeraArte – 2017
Fonte: Acervo Cultura no Morro

Figura 46: (A) Área de camping e (B) palco para luau
Fonte: Acervo Cultura no Morro

O AgromeraArte 2017 trouxe outra inovação, a construção de uma área de camping no quintal do Cultura no Morro. Essa área ficou disponível para as pessoas que vieram de fora para participar do festival e também foi usada para um luau com show de músicas de bandas locais (Figura 46).

Voltando um pouco no tempo... Como parte das festividades do carnaval 2016, uma oficina de máscaras foi realizada sob coordenação do artista Doni Bueno, na avenida principal do Jardim Pedramar, em frente a um dos bares localizados ali. A oficina durou três dias seguidos e muitas crianças participaram das atividades, sendo que as pequeninas estavam acompanhadas pela mãe ou por um irmão mais velho. As crianças confeccionaram suas máscaras usando gesso e papel machê, e quando elas secaram, elas foram pintadas e decoradas com guache, glitter e lantejoulas. Tudo com muito colorido e esbanjando brilho.

Figura 47: Varal de máscaras
Fonte: Acervo Cultura No Morro

No último dia da oficina, eu presenciei uma coisa interessante. No momento em que um ônibus urbano parou em frente ao local onde a oficina acontecia, enquanto o motorista esperava dar o horário de sua partida algumas das crianças que estavam aguardando suas máscaras, que estavam penduradas em um varal (Figura 47) se secarem, entraram no ônibus e começaram a brincar com o motorista, dando muitas risadas. Um morador me contou que aquele motorista é bem antigo na linha e conhece praticamente todos os moradores do bairro. Quando chegou a hora de o ônibus partir, o motorista disse adeus e as crianças gritaram em coro, decepcionadas, “Aaaaah!” E então retornaram para a oficina.

As comemorações daquele carnaval incluíram a realização de uma matinê de carnaval nas ruas do Jardim Pedramar (Figura 48).

Figura 48: Matinê de carnaval
Fonte: Foto de Denise.

Segundo João do Rio (2007), o amor pelas ruas é partilhado por todos e ele une, nivela e reúne as pessoas. A rua é mais do que um alinhado de casas por onde se caminha ou passeia. A rua tem alma e é fator de vida na cidade. Ela acolhe os miseráveis, aplaude os artistas e saltimbancos e é também palco de crimes e de encontros amorosos.

Porém, precisamos nos lembrar que, em toda rua há pedras. As pedras podem ser obstáculos ao nosso caminhar, mas também são essenciais para se fazer uma construção. “As pedras são a couraça da rua, a resistência que elas apresentam ao novo transeunte” (RIO, 2007, p. 37).

No Jardim Pedramar as ruas são o ponto de encontro das pessoas desde o início, desde a época da construção do bairro. Vimos que, mesmo antes de as moradias ficarem prontas, as pessoas já se reuniam nas ruas, compartilhando o medo de perderem seus terrenos, e também a energia elétrica, as dificuldades para caminhar pelas ruas devido à lama, os churrascos e as esperanças de dias melhores. E hoje, as ruas do lugar são palco de procissões, shows musicais, espetáculos, teatros, oficinas, grafite e moçambique.

Mas é também nas ruas do Jardim Pedramar que encontramos crianças correndo risco de serem atropeladas, vendendo e usando drogas, adolescentes se prostituindo, jovens e adultos consumindo bebida alcoólica nos vários bares da avenida principal ou sentados nas calçadas (Figura 49A), e lixo e entulho amontoados no fim de uma rua (Figura 49B).

Figura 49: (A) Homens bebendo na calçada e (B) lixo e entulho
Fonte: Foto (A) de Janaina Vieira e foto (B) de Denise

Até este ponto do meu relato, eu enfatizei a luz, passando rapidamente pelas sombras e contradições que, é claro, estão presentes no Jardim Pedramar. Eu comecei falando sobre as luzes, porque foram elas que me arrebataram, foram essas

imagens que me capturaram. Porém, para mostrar a alma do Jardim Pedramar e a experiência de estar e viver naquele lugar por inteiro, é preciso abordar também sua sombra. Vamos caminhar pelas profundezas do Jardim Pedramar?

2.3 Luzes e sombras: sobre viver no Jardim Pedramar

A ordem total do Cosmos. Um equívoco. A desordem é sempre ordem: a desordem no comportamento humano. O pecado. A ausência de uma certa ordem é presença de outra ordem. Tudo está sempre em ordem. A ordem na convicção dos governantes. [...] O homem dá o nome de 'desordem' à ordem que não lhe convém. [...] O nome desordem [...] não significa nada de verdadeiro, não representa coisa alguma, flatus vocis (TELLES Jr., 1996, p.209-215).

Hillman (1993) usou a imagem de uma ala dos fundos para referir-se às instituições para onde são levadas as pessoas com desordens crônicas (retardados, drogados, indolentes) e também ao nosso próprio fundo. Tudo que achamos feio, sujo, distorcido e defeituoso é levado para uma ala dos fundos, seja ela dentro ou fora de nós. Esta imagem simboliza muito bem o tema desta seção: refletir sobre a desordem crônica e a maneira como a olhamos e lidamos com ela em nossas cidades, a partir do recorte da cidade que eu elegi como campo de pesquisa, o Jardim Pedramar.

A alma é uma operação de penetração e “a dimensão da profundidade é a única que pode penetrar o que está escondido” (HILLMAN, 2013, p. 51). Vamos caminhar um pouco mais pelo Jardim Pedramar, em direção às suas profundezas, abordando o cotidiano das pessoas que vivem lá e adentrando sua ala dos fundos, mostrando a sombra ao lado da luz.

Nossa cultura tem adotado três maneiras de olhar para a ala dos fundos e, consequentemente três maneiras de lidar com ela. A primeira consiste em olhar para a ala dos fundos como se ela fosse defeituosa, sem privilégios e subdesenvolvida, em decorrência de causas externas. Adotando este olhar, nossa tendência é partir para uma tentativa de reformar, modificar, transformar essa ala, adotando uma atitude de redenção heroica, que geralmente desconsidera casos individuais (HILLMAN, 1993).

A segunda maneira de olhar para essa ala, é julgando-a amaldiçoada e incurável. Adotando este olhar não vamos perder tempo com ela, vamos procurar suprimi-la, escondê-la em algum lugar, limpar a área de alguma maneira, numa espécie de supressão heroica.

O terceiro modo de olhar para a ala dos fundos, é considerando-a como o santuário de um Deus que precisa ser idolatrado. Esse é um heroísmo assistencial, que desperta em nós fantasias de bondade e práticas democráticas. Nessa perspectiva, é preciso “remediar’ com programas as partes mais vagarosas, mais estúpidas, e re-integrá-las [...]” (HILLMAN, 1993, p. 31). Esta é a forma que o serviço social tem adotado para lidar com a desordem, buscando um ajustamento progressivo aos objetivos da civilização.

Essa perspectiva assistencialista está por trás da busca ativa, que preconiza a necessidade de ir em busca das pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade, com o objetivo de inclui-las em programas sociais oferecidos pelos CRAS, visando remediar sua situação de vulnerabilidade social (JORGE, 2013). Como disse um técnico do serviço social:

[...] o técnico do CRAS [...] tem que estar dentro da comunidade, ele tem que envolver essas famílias. [...]. Realizar um diagnóstico dentro dessa família de determinadas vulnerabilidades que vão comprometê-la ou que vão comprometer os seus membros. Ele traz essa família pra um acompanhamento social [...] para que ela saia desse quadro de vulnerabilidade social que ela está estagnada. Sujeito 1 (p. 26).

Porém, “o impulso de curar o incurável nos impede de reconhecer a essência de nossas limitações” (HILLMAN, 2013, p. 238). Um exemplo dessa limitação foi apontado por Thiago. Ele me contou que no bairro há uma senhora que recebe maus-tratos da família e que ele fez uma denúncia ao serviço público, mas eles fizeram uma visita à casa onde ela vive com alguns familiares e depois não voltaram mais lá.

O que eles fazem é tipo pra cumprir algo que foi estabelecido. Oh! Durante o ano vocês têm que fazer tantos atendimentos. É uma meta, é um tapa buraco né? Não é uma solução. Não vão resolver coisa alguma. Por exemplo, para aquela criança que tá passando fome, sei lá... Lá no bairro tem uma senhora, a J., que tá trancada lá, num quarto... Recebe maus-tratos, e cadê? Tem o estatuto do idoso... E eu tô falando de um caso, né?

Durante meu mestrado, eu refleti sobre o fato de os programas sociais não darem conta de alcançar os objetivos a que ele se propõe, e concluí que:

O grande problema, é que a discussão está muito além do CRAS. O que ele pretende formar não atua sobre a determinação do usuário, que é muito maior, porque se deve a uma problemática social como um todo, e configura um determinado lugar como território de violência e vulnerabilidade. Isso quer dizer que ali, naquele território, qualquer um é vulnerável, e todos os que entram em contato com essa vulnerabilidade são também vulneráveis (JORGE, 2013, p. 156).

Naquele trabalho, eu considerei apenas as determinações sociais. Aqui, eu acrescento que as limitações para dar conta da vulnerabilidade, decorrem principalmente do fato de se tentar remediar uma questão que tem raízes arquetípicas. A alma não existe sem suas aflições e deformidades. A alma é naturalmente vulnerável.

De acordo com Hillman (1993), a perspectiva da assistência falha em decorrência da forma como ela encara as deficiências – tanto internas quanto externas. “Com a expectativa da melhora, nós as administramos, as arranjamos, ou as ‘jogamos fora’. Esta é, acima de tudo, uma espécie de fantasia do ajustamento, progressiva, em direção aos objetivos civilizados do conformismo” (p. 31).

Mas há um quarto modo de lidar com a ala dos fundos. Considerando que há uma base arquetípica para o crônico, que ele tem sua própria natureza e requer um cuidado particularizado, podemos olhar para ela, reconhecer sua presença e lhe oferecer atenção e proteção. Nós precisamos re-ver nossas normas de ordem, em vez de ficar tentando reformar, suprimir ou remediar a ala dos fundos (HILLMAN, 1993, p. 32).

Me parece que Marilene trouxe a sombra do Jardim Pedramar, numa perspectiva de olhar próxima a essa proposta de Hillman para lidar com a ala dos fundos. Ela fez denúncias, sem se preocupar em tentar esconder, reformar ou remediar, simplesmente apresentando imagens que trazem a difícil arte de viver no Jardim Pedramar.

Ela disse que, no bairro não há opções de lazer e, por isso, crianças estão pelas ruas, consumindo drogas ou traficando e as adolescentes estão se prostituindo, por falta de escolhas¹⁷.

Na realidade todo mundo aqui é muito carente. Não tem diversão, não tem lazer. [...] não tem nada aqui no bairro. Então, o que acontece? As crianças ficam ou no meio da rua ou andando de bicicleta, com perigo de um carro pegar... ou no meio dos drogados, vendendo drogas, usando drogas... as meninas se prostituindo, pequeninhas a gente já fica sabendo de coisas delas. Marilene

¹⁷ Essa visão é ingênua no sentido de atribuir à falta de opções de lazer a causa da prostituição na adolescência e o envolvimento de crianças com as drogas e com o tráfico. No entanto, eu estou considerando aqui, a forma como Marilene lida com a sombra, e não se seu argumento é válido ou não.

Marilene disse também que acha o bairro muito afastado de tudo e que é muito difícil para eles nos finais de semana, porque há poucos horários de ônibus atendendo o lugar. Lá não há açougues, e quando alguém quer comprar carne precisa ir ao Jardim Imperial, que é o bairro mais próximo. Além disso, falta policiamento no lugar.

[...] infelizmente, polícia só vem no nosso bairro quando tem eleição, a cada quatro anos. Tudo interesseiro. Então, a gente fica sem saber o que fazer.
Marilene

Apesar de toda a dificuldade com o transporte público, com a lama antes da pavimentação da estrada e das ruas do bairro e o fato de o bairro ser afastado de tudo, outras pessoas não trouxeram essas queixas. Eu não havia me dado conta da importância do depoimento de Marilene até o momento em que eu me propus a redigir este texto, tanto que eu nunca fui à procura dela para entrevistá-la. Nas duas vezes em que eu fui conversar com o Seu Gonzaga na casa deles, ela saiu literalmente da ala dos fundos de sua casa, ela saiu dos bastidores e entrou no picadeiro, roubando a cena do palhaço e trazendo informações preciosas.

Este movimento de Marilene nos lembra Hermes, que na mitologia grega é o deus ladrão, *trickster*. Logo ao nascer ele roubou o gado pastoreado por seu irmão, o deus Apolo. Ele tinha chapéus e sandálias aladas e era capaz de transitar entre os três reinos: o Olimpo, a Terra e os Inferos. “Talvez o que mais caracterize sua mítica seja o movimento. [...] A linguagem hermética é sinônimo da linguagem velada, porque contém o segredo alquímico” (BAPTISTA, 2007, p. 253).

A imagem de uma ala dos fundos está em total conexão com a ideia de patologizar proposta por Hillman (2010b), que significa a habilidade autônoma que a alma tem de criar deformidades, sofrimentos, morbidades e de imaginar e experimentar a vida através de uma perspectiva deformada e aflita. Neste sentido, ele “não seria errado ou certo, mas simplesmente necessário, envolvendo propósitos que não temos percebido bem, e valores que precisam necessariamente apresentar-se de forma distorcida” (p. 135).

A alma não existe sem o patologizar. Quando eu digo que o Jardim Pedramar tem alma, e eu me proponho a mostrar aqui a alma daquele lugar, eu não posso deixar de mostrar a deformidade, a dor e a aflição que também estão presentes lá.

O estudo das vidas e o cuidado com a alma significam, acima de tudo, um prolongado encontro com aquilo que destrói e que é destruído, com aquilo que está quebrado e dói – ou seja com a psicopatologia. [...]. Se fôssemos capazes de descobrir sua necessidade psicológica, o patologizar não mais seria errado ou certo, mas simplesmente necessário. Queremos saber o que ele pode estar dizendo sobre a alma e o que a alma pode estar dizendo através dele (HILLMAN, 2010b, p. 133-135).

Mas ao mostrar isso, eu não pretendo sugerir nada que vise reformar, suprimir ou remediar o que for encontrado. Vou adotar a perspectiva de Hillman, reconhecendo que há uma ala dos fundos, tentar ficar com essas imagens de sombra e oferecer um olhar particularizado para elas. O que eu proponho é algo parecido com o que Seu Aloísio faz com o lixo: trazer para cima, para o alcance de nossa visão, aquilo que é considerado feio e desprezível e que seria escondido na ala dos fundos ou jogado fora. Lembrando que, quanto maior a luz, maior a sombra. É num dia ensolarado que a sombra aparece com mais evidência.

Vamos visitar a ala dos fundos do Jardim Pedramar?

É muito mais fácil e mais prazeroso olhar para a luz. Foi bem difícil escrever esta seção, em parte porque eu fui atraída e fiquei encantada pela luz no Jardim Pedramar, mas, também, porque a grande maioria dos entrevistados não mencionou a sombra, ou, quando mencionou mostrou receio de falar sobre aspectos sombrios e contraditórios do bairro, solicitando inclusive que, neste tema, seu anonimato fosse mantido. Senti uma forte resistência nas pessoas e também em mim, sempre que nós chegávamos a este tema em nossas conversas. Segundo Jung (1988, §14):

A sombra constitui um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, pois ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem dispendar energias morais. Mas nesta tomada de consciência da sombra, trata-se de reconhecer aspectos obscuros da personalidade. Este ato é a base indispensável para qualquer tipo de autoconhecimento e, por isso, via de regra, ele se defronta com considerável resistência. [...] implica, muitas vezes, um trabalho árduo que pode se estender por um largo espaço de tempo.

Esta perspectiva de olhar e de lidar com a ala dos fundos nos move da civilização para a cultura e está em sintonia com a ideia de cultura que evoca o culto, o oculto, a fermentação. Há um aspecto incurável e atemporal na alma que precisa ser cuidado, mas para fazer isso, nós precisamos ficar com ele demoradamente, deixando emergir a compaixão que nos faz desacelerar e refletindo sobre o que realmente é importante, sobre a beleza nas pequenas coisas, nas palavras, nos gestos e nas atitudes. “A educação da sensibilidade começa no ‘asilo’, a cultura

começa na desordem crônica” (HILLMAN, 1993, p. 36). Nós precisamos começar a escutar, observar e absorver com mais sensibilidade. As palavras observar, absorver me fizeram lembrar de uma imagem grafitada na parede lateral do Cultura no Morro (Figura 50).

Figura 50: Parede lateral do Cultura no Morro
Fonte: foto de Denise

Tudo na vida precisa ser cultivado: o jardim, as mudas, as sementes... Deletar, descartar, passar rapidamente para o próximo, para a próxima imagem, pode indicar necessidade de um fluxo para transformação, mas acelerando não há tempo para a transformação acontecer. É preciso aprender a acelerar com vagar – *festina lente* – e a olhar para trás para poder ver à frente (HILLMAN, 1989). É importante olhar para a ala dos fundos, para os aspectos de sombra, afinal, só assim nós poderemos ir em direção à inteireza.

Ir em frente olhando para trás e acelerar com vagar, essas são, segundo Hillman, máximas renascentistas que atendem à exigência de detalhes e de precisão, tão característicos da alma. Obter a imagem voltando a ela mil vezes, circuambular, ficar com ela em uma espécie de voyeurismo imaginal, re-olhar o que aconteceu, com respeito e sem culpa. “Olhamos de novo para aquilo que estava esquecido ou reprimido, olhamos até para os mecanismos do esquecimento e da repressão, e ganhamos um novo respeito por aquilo que olhamos novamente – quer seja em nós mesmos ou na cultura” (HILLMAN, 1989, p. 123).

Para ir em frente neste relato, eu precisei voltar atrás, no tempo e no texto, em busca da sombra, e a imagem que veio à minha mente foi a do lixo no Córrego do Tanquinho – imagens que eu vi no dia em que fiz a trilha, acompanhada por

Zedequias. A água limpa e cristalina que brota da nascente vai se tornando turva, suja e poluída (Figura 51).

Figura 51: (A) Nascente cristalina e (B) Córrego poluído
Fonte: (A) foto de Thiago e (B) foto de Denise¹⁸

Nós podemos voltar ao mundo dos cheiros, da linguagem, da cor, dos objetos, das canções, da natureza e da comida. As imagens sensuais mobilizam nossos sentidos e provocam uma resposta estética (Hillman, 1989). O que o cheiro daquele esgoto mobilizou em mim? Ele me fez um convite para prestar atenção naquele córrego e naquela mata. Ele é um pedido de socorro.

Como disse Thiago, numa conversa comigo:

Isso é o nosso calo, né? Isso tá machucando o bairro.

Hillman (1989) falou que não quer reciclar o lixo como um ecologista, ou enterrá-lo e construir algo em cima dele como um grande negócio, o que ele quer é salvar o lixo, dar a ele um lugar digno. Qual seria um lugar digno para o lixo acumulado no Córrego do Tanquinho? Se nós o convidássemos para uma conversa sincera e amorosa, sem acusações ou julgamentos, o que este lixo nos diria? Eu penso que ele denunciaria o descaso do poder público, que não realizou os serviços necessários para fazer a coleta do esgoto no Jardim Pedramar, mas também o menosprezo de muitos residentes do bairro, que não estão cuidando do lixo que eles produzem e que, por isso, ele está se acumulando à beira do córrego. Parece que somente o córrego está podendo acolher o lixo em suas margens e em seu leito.

¹⁸ Esta fotografia já foi mostrada, sem o zoom, na seção 2.1.

É evidente que a infraestrutura do bairro é precária, incluindo a rede de esgoto, o que faz com que a maioria das casas despeje seus dejetos diretamente no córrego, e a administração municipal é responsável por isso, no entanto,

[...] há também o fato de as pessoas jogarem lixo no córrego. Isso também está na sombra, o descuido com o meio ambiente. O que a gente vê na valeta, quando a gente faz a trilha? Um monte de lixo, não é só a poluição causada pelo esgoto lançado ali sem tratamento. Então, não dá para falar que é culpa só da prefeitura, do poder público, por ele não ter feito a rede de coleta de esgoto. As pessoas não estão cuidando, e isso também tem que ser denunciado... Denise¹⁹

Seu Nego e Zezão abordaram este tema em diferentes momentos, inclusive quando nós estávamos gravando a entrevista deles para a produção do documentário, e eles responderem à questão “Se o Pedramar falasse, o que ele diria?²⁰”.

Se o Pedramar falasse, ele diria: Eu tenho vergonha dessa comunidade que joga muito lixo na esquina! Seu Nego

Se o Pedramar falasse? Você me pegou de surpresa, mas vou pensar um pouco... Olha se o Pedramar falasse hoje, pra todos os políticos, que eles precisam botar a mão na consciência, ele pediria socorro pelas nascentes do córrego, que estão sendo poluídas com o esgoto. [...]. Isso seria o primeiro socorro que ele iria pedir, se ele falasse. ‘Me socorra, socorra minhas nascentes, porque sem tratamento, sem água não tem vida. E se você poluir hoje, nossos filhos, nossos netos, vão sofrer a consequência amanhã’. É isso que eu penso. O que veio na minha cabeça, eu falei. Zezão.

Thiago pensa que os moradores mais antigos do bairro não compreendem a importância que o córrego tem e ele tem uma explicação para isso.

Quando a gente conversa com algumas pessoas sobre o córrego, por exemplo, eles não entendem sua importância. Eu acho que é tão deles, tão deles, esteve sempre ali, que eles nem acham que é importante. Thiago

Parece que ele entende que a presença do córrego está tão naturalizada entre os habitantes do bairro que eles nem notam que ele está ali. Bem que Urry (1996) disse que nós precisamos nos afastar de nosso lugar de origem para começarmos a prestar atenção ao nosso redor. Nós precisamos sair da zona conhecida, do conforto

¹⁹ Esse recorte é de uma fala minha, numa das conversas com os moradores sobre a situação do córrego e da mata.

²⁰ Essa pergunta foi feita aos entrevistados para a produção do documentário: Cida, Seu Nego, Seu Aloísio, Zezão, Thiago, Fernanda, por sugestão do Thiago. A ideia dele era ouvir o que o Jardim Pedramar fala, através desses moradores.

de nosso cotidiano para poder ver além dele. Eu acredito que haja uma maneira privilegiada de conseguirmos esse afastamento do lugar de origem através do diálogo, da reflexão e da circunambulação em torno de um tema, e vejo que os momentos de conversa com os residentes do Jardim Pedramar favoreceram um afastamento e uma possibilidade de eles prestarem atenção ao bairro, vendo através de suas imagens.

Após a entrevista com o Zezão, em sua casa, ele apontou, de uma maneira bem interessante, a importância da mata ciliar, que tem sido desmatada e maltratada, e também precisa receber atenção e cuidado.

Porque as nascentes hoje... O certo seria, ter árvores em pelo menos 50 m de cada lado, e nas cabeceiras do córrego. Porque a árvore afofa a terra e quando chove a terra vai armazenar a água, e nisso, ela vai descendo aos poucos e vai alimentando as minas. Porque se tirar as árvores, daqui a cinquenta anos a gente não tem mais as minas d'água. Se não tem árvore, a terra fica seca e quando vem aquela chuva... Porque a raiz da árvore afofa a terra e onde tem húmus tem minhoca, que também faz furinhos na terra, junto com as folhas e as árvores, a água fica no solo, não vai fazer enxurrada e causar enchentes. Zezão

De acordo com Thiago, a nascente do Córrego do Tanquinho faz parte da bacia do Rio Paraíba, importante rio na região do Vale do Paraíba.

E aqui é uma das nascentes do Paraíba, a gente descobriu agora. Eu falei com o secretário do planejamento e vimos isso.

Essa “descoberta” trouxe uma importância maior ainda para aquela nascente. A curiosidade daquelas pessoas, que as chama para a busca das origens e da história do lugar e das coisas do lugar, é uma das maneiras de cultivar a alma do lugar. Descobrir a história de um lugar, dentro do lugar Jardim Pedramar, faz com que ele ganhe destaque e seja valorizado, como foi o caso também da capela de São Benedito. Eu recordo aqui que foi essa nascente que inspirou a Cida, a poetisa cigana, a escrever a poesia “Florzinha amarela”²¹.

Zezão, Thiago e Fabiana continuaram a conversa lembrando como a nascente e o córrego, há muitos anos, eram limpos e havia peixes e siris vivendo lá.

Zezão: Quando eu me mudei para o Pedramar, no tempo da seca ainda tinha água no córrego. Agora, ele fica com pouca água.

Thiago: Há um monte de esgoto ali.

²¹ ver seção 1.1

Zeão: Não tem mais peixe. Antes a turma pescava ali.

Thiago: Eu me lembro. Eu ainda não morava aqui, mas vinha na casa de uns parentes que moravam na região. Vimos capivaras na mata.

Fabiana: Eu me lembro. A gente pegava siris ali na mina.

Mas não é somente sobre o lixo e a poluição no córrego que as pessoas falam pouco no Jardim Pedramar. Eu percebi que muitas pessoas evitam falar sobre tudo que consideram feio ou perigoso no lugar. D. Cida ficou receosa ao dizer que as pessoas de fora do bairro dizem que ele é perigoso para se viver.

Uma coisa negativa que eu ouvia sobre esse bairro, é que aqui era muito violento, tinha muita briga, muita droga. Daí, eu vim morar aqui e vi que não era nada disso. Até hoje nunca aconteceu nada aqui na minha casa. [...]. Eu ouvi assim: 'Você vai morar lá, naquele lugar longe e perigoso?' Mas eu tenho medo de falar e as pessoas não gostarem, e a gente ser prejudicado, né?

Outro morador, que vou manter no anonimato, disse, em uma roda de conversa – cujo tema era a necessidade de também olharmos para a sombra do bairro –, que a luz no Jardim Pedramar é difusa e, por isso, sua sombra também é difusa. Eu perguntei-lhe o que ele quis dizer com isso, e ele me respondeu que essa ideia de sombra difusa tem um cunho religioso cristão, e que, dentro dessa perspectiva, ele busca focar no lado positivo das pessoas e do lugar.

Ele falou sobre a importância de ver o lado bom das coisas e depois contou-me que as crianças no bairro falam muitos palavrões e que os velhos, em vez de entrarem numa militância e contribuírem para a melhoria do lugar, ficam sentados à beira das calçadas fazendo fofocas e dando risadas. Ele me disse que tenta “proibir” as crianças da sua vizinhança de falarem palavrões e que ele orienta os idosos a procurarem usar seu tempo para fazer algo pela comunidade.

Parece-me que a postura destes dois depoentes acima, respectivamente, são exemplos de uma supressão e de uma redenção heroica. O primeiro, por medo de retaliação, esconde a sujeira, e o segundo, busca reformá-la.

A ideia de sombra difusa implica que ela não tenha contornos bem definidos, pois acaba ficando misturada à luz. Mas, dizer que a sombra é difusa, não garante que ela não exista, apenas diz que ela não tem contornos muito nítidos. Interessante como, na sequência da minha conversa com aquele morador, ele acabou trazendo muitas coisas da ala dos fundos. Ele contou-me que muitas pessoas do bairro ficam bebendo nos bares e nas calçadas do bairro, que há adolescentes se prostituindo e

que muitas crianças estão consumindo drogas e traficando. Mas, o que mais me chamou a atenção naquele depoimento, foi quando ele disse que o bairro está juridicamente congelado e que, diante disso, nenhuma melhoria pode ser realizada no lugar.

Eu já tinha ouvido outras pessoas falando sobre este congelamento, no início desta investigação, quando eu participei de uma reunião do orçamento participativo realizada pela prefeitura lá no bairro, em meados de 2015. Naquele dia, uma das principais queixas deles era o fato de eles não conseguirem fazer as escrituras de seus imóveis. Um dos presentes na reunião disse que eles pagam impostos e mesmo assim não têm garantia de terem seus imóveis regularizados.

A legalização de nossa documentação é o mais importante, porque nós pagamos imposto, e a gente não tem certeza se um dia a gente vai ou não ter nossos documentos. Anônimo

Algumas pessoas, que entraram com pedido da escritura antes do congelamento do bairro, conseguiram a documentação, mas a maioria não está conseguindo. Outra consequência do congelamento é que não é possível que um morador solicite ligações novas para fornecimento de água nem de energia elétrica.

No meu caso, eu consegui a documentação da primeira casa. Agora, eu construí a segunda casa e não consegui a ligação de água, nem a ligação de luz. Tá tudo congelado. Eu tive na prefeitura, falei com a engenheira. Tá tudo bloqueado, travado. Anônimo

Eu não consegui acesso a informações e documentos oficiais que pudessem trazer esclarecimentos sobre este congelamento²², mas ele existe e traz consequências negativas para os moradores do Jardim Pedramar, como eu pude testemunhar e tentei mostrar acima. Informalmente, uma funcionária da prefeitura de Jacareí – que me pediu para não ser identificada, por medo de sofrer retaliação – me disse que o congelamento de um bairro é feito fotografando-o, fazendo um censo e marcando-se um estágio do bairro que não poderá ser alterado. A partir deste congelamento, ao menos em teoria, ninguém mais poderá entrar nem sair do lugar e nenhuma construção poderá ser feita ou desfeita. No caso de nascimentos de filhos

²² Este trabalho prioriza a história de alma do Jardim Pedramar, por isso, eu entendo que a falta de informações oficiais não prejudica a reflexão feita aqui, uma vez que a perspectiva por meio da qual eu estou olhando para o congelamento do bairro é interna e psicológica, e não externa e histórica.

de residentes do lugar, é necessário um procedimento de registro dessa informação. Isso explica a dificuldade que as pessoas do bairro estão enfrentando para conseguir escritura das casas e novas ligações em redes de água e energia elétrica.

Ela disse que o congelamento do Jardim Pedramar tem muitas causas. Uma delas, decorre do fato de uma parte do bairro ter sido construída em cima de uma Área de Proteção Permanente²³ (APP) e de haver um processo, arquivado na secretaria de assuntos jurídicos, que está solicitando a retirada das pessoas daquele bairro, por questões ambientais. A outra causa, seria o fato de o bairro estar numa condição de irregularidade junto ao município, que vem desde a sua criação, por ele ter sido construído em uma área rural.

Essa funcionária me disse que acha que o congelamento veio como uma medida protetiva, numa tentativa de evitar o seguimento do processo e a possível desapropriação das pessoas daquele lugar. No caso de uma desapropriação, aquelas pessoas seriam incluídas em algum programa do governo que oferece moradias.

É característico da cidade moderna o aumento dos deslocamentos das pessoas dentro da cidade ou entre as cidades, e isso traz impactos importantes na vida delas, especialmente quando se trata de migração compulsória. As pessoas que vivem nas periferias das cidades têm sido forçadas a se afastar do centro, por questões econômicas ou de planejamento urbano, e elas acabam sendo obrigadas a viver em lugares distantes dos seus locais de origem, do seu trabalho, dos equipamentos de saúde, educação e lazer. Muitas famílias são incentivadas a se mudar para locais distantes do centro da cidade, com a construção de moradias via programas do governo, por exemplo, o “Minha casa, minha vida” (JORGE, 2013).

Em consequência disso, há um aumento populacional grande e repentino em determinados locais da cidade, sem, no entanto, ter havido uma correspondente ampliação dos serviços. Assim, as pessoas se deparam com a falta de escolas, creches, base de policiamento, unidades básicas de saúde, opções de lazer e cultura, além de transporte público deficitário (JORGE, 2013).

Supondo que os habitantes do Jardim Pedramar precisassem ser levados para outro lugar, e que houvesse um cuidado com o planejamento e a construção desse novo bairro que iria recebê-los, mesmo se esse lugar oferecesse melhores condições de moradia e melhor infraestrutura, ainda assim, na perspectiva da alma

²³ A imagem de satélite mostrada na página 68 da seção 2.1 permite-nos ver a porção de Mata Atlântica no entorno do Jardim Pedramar, a área da mata onde passa o Córrego do Tanquinho.

do lugar, eu acredito que haveria muitas perdas para eles, tanto materiais quanto imateriais.

Rodrigues (1999) estudou os efeitos sociais do deslocamento compulsório de sitiantes de Nazaré Paulista, na época da construção da Represa de Atibainha. Ela percebeu, pelas narrativas dos sitiantes que foram retirados de suas terras e levados para outro lugar, que a vivência deles – denominada por eles mesmos de desapropriação –, teve um sentido muito mais amplo do que o de perder a terra. Aquela experiência, além de tirar as pessoas de seu local de moradia e as “bases materiais sobre as quais eles estruturavam seu modo de vida” (p.140), gerou neles a sensação de terem sido enganados, bem como sentimentos de ressentimento e de insegurança, que os acompanha desde a época em que tudo aconteceu²⁴.

Yázigi (2001, p.41) disse que o lugar é “um dos referenciais indispensáveis à vida, nas esferas do cotidiano, do trabalho, dos afetos e dos ideais” e fala sobre uma ecologia num sentido amplo que inclui “a biosfera, a cultura material, a memória, as animações e as cognições”. Quando um lugar é construído ou reconstituído, todos esses fatores precisam ser levados em conta para haver menos perdas para as pessoas alvo do deslocamento.

Nós podemos pensar nas consequências de uma desapropriação para os moradores do Jardim Pedramar do ponto de vista do enraizamento. Weil (2001) disse que talvez o enraizamento seja “a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana” (p. 43). Por isso, para ela, “o desenraizamento é de longe a doença mais perigosa das sociedades humanas, pois multiplica-se a si mesmo” (p. 46-47). Interessante perceber que Weil usou o termo alma, ao falar sobre enraizamento.

Liotta (2009) usa o conceito de *raiz* para falar sobre o sofrimento das pessoas que são afastadas de sua terra de origem, e aborda o fenômeno do desenraizamento e seus efeitos nas pessoas, a nível psicológico. Ela afirma que

[...] o lugar de origem é um fator fundamental na psicologia do indivíduo e uma força que acompanha a pessoa, talvez inconscientemente, pelo resto de sua vida. [...] um lugar de origem, onde nós nascemos, é também um lugar onde uma nova forma é criada, original e única, que nos leva de volta à discussão do processo de individuação (LIOTTA, 2009, p. 41).

Mesmo as pessoas que não nasceram no Jardim Pedramar – os primeiros residentes do bairro – parecem ter nascido de novo naquele lugar, e construíram uma

²⁴ Os processos de desapropriação se iniciaram em 1969, mas ocorreram principalmente entre os anos de 1974 e 1975 (RODRIGUES, 1999).

relação de alma com ele. De acordo com Sardello (1997, p. 35), “uma cidade não é um lugar qualquer, é um local determinado dos elementos da terra, um jogo expressivo daqueles elementos que constituem as forças formadoras de sua alma”.

Pensando nas palavras raiz e enraizamento e na metáfora do jardim, que tem acompanhado minhas reflexões sobre o Jardim Pedramar, eu posso dizer que, na perspectiva da alma, aquelas pessoas estão enraizadas no lugar. As pessoas estão plantadas lá e fazem parte da ecologia daquele lugar, deixando clara a existência de uma conjunção entre as almas individuais e alma do lugar. Plantando árvores e plantando cultura, cultivando jardins e resgatando o patrimônio cultural, fazendo arte no Cultura no Morro e nos quintais – “a rua é o nosso quintal!” –, eles cultivam aquele grande jardim, o Jardim Pedramar.

Jung (2011, §49) relaciona psique (alma) e terra, ao dizer que “a psique seria entendida como *um sistema de adaptação determinado pelas condições ambientais da terra*”. Neste sentido, qualquer mudança de “terra” traz implicações para a alma. Mas, é importante nós olharmos também para as implicações de se ficar num determinado pedaço de terra. Eu falei bastante sobre as consequências de um deslocamento compulsório para os moradores do Jardim Pedramar, mas o que dizer sobre viver em um lugar afastado de tudo?

Como vimos, o Pedramar foi construído numa região muito distante dos outros bairros e do centro da cidade, além disso, até 2009, o acesso ao lugar era bem difícil devido à falta de pavimentação na Estrada do Tanquinho. Essas coisas podem nos remeter à ideia de um certo abandono por parte do poder público: aquelas pessoas foram levadas para longe e deixadas lá, abandonadas e sem cuidados. Nesse sentido, o distanciamento pode ser considerado negativo, já que deixou o bairro isolado e distanciado dos serviços.

Por outro lado, a conjugação dessas duas coisas – ser distante de outros bairros e do centro da cidade e ter um acesso difícil – parece ter resultado em um isolamento que pode ser considerado positivo. O fato de o bairro ficar isolado, parece ter favorecido que as pessoas se unissem e desenvolvessem uma maneira de lidar com os problemas do lugar que tem um foco grande no coletivo, no que eles chamam de comunidade. Se o bairro não fosse isolado, talvez ele ficasse misturado à cidade como um todo e não tivesse criado tudo isso que nós vemos lá.

O fato de os habitantes do Jardim Pedramar terem se juntado desde o começo em uma associação, de terem ficado juntos durante todo o processo de criação do

bairro – aquisição do terreno; aprovação, liberação e construção do loteamento; sorteio para recebimento dos respectivos lotes; espera pela água e energia elétrica; enfrentamento das dificuldades com a lama – e de terem começado a construir suas casas e se mudado para o bairro praticamente juntos, pode ter favorecido esse espírito de viver em comunidade e a solidariedade, tão presentes no Jardim Pedramar.

Os moradores do Jardim Pedramar se apropriam daquele lugar através da arte e da cultura. Parece que eles disseram “Nooossa, esse lugar é nosso!”, e a partir disso, eles começaram a marcar aquele território enterrando uma placa na rotatória, colorindo os muros com o grafite, cuidando da capela como patrimônio histórico e cultural, resgatando a tradição com o moçambique, plantando árvores e fazendo arte na Praça Guarani, fazendo festas e festivais nas ruas do bairro, e, principalmente vivendo ali.

Marcos e Thiago acreditam que esse afastamento e, conseqüentemente este isolamento do Jardim Pedramar, teria favorecido a união das pessoas do lugar.

Thiago: Aqui é uma comunidade que ficou... hoje não é tanto, mas ficou isolada por muito tempo, de informação, de serviços públicos e de tecnologia.

Marcos: É, porque, geralmente, fazia assim... O Gonzaga sempre fez muitos eventos, festas juninas. Daí as bandas tocavam pra gente mesmo [...]. Como o Thiago falou, era bastante isolado mesmo. Não vinha muita gente pra cá. O acesso era difícil. Antes do asfalto era difícil vir pra cá.

Na opinião de Thiago, aqueles encontros que aconteciam quando ele era criança, na casa do Marcos foram, de alguma maneira, o começo deste movimento que eles fazem no Jardim Pedramar hoje.

Daí, a gente diz que a casa do Marcos era um lugar de encontro. Porque tinha poucos lugares de encontro. Era mais a rua e a casa do Marcos. A gente conseguiu aprender de tudo e de coletividade lá. Tinha esportes, tinha vídeo game, tinha músicas, tinha desenhos. Era um jeito da gente se relacionar. Então, eu vejo que era uma geração, que hoje tem vinte e cinco, vinte e seis anos, que é hoje a galera que articula mais as frentes no bairro.

Ele vai além, dizendo que este afastamento contribuiu para o fortalecimento das raízes culturais e da tradição, tão fortes no Jardim Pedramar.

Então, talvez esse recuo do Pedramar, de ser um bairro afastado, tenha ajudado a tradição a se manter. E, por meio desse caminho, a gente conseguiu ajudar, ter uma visibilidade bacana.

Essa preocupação com a visibilidade do Jardim Pedramar é bem intensa no jovem coordenador do Cultura no Morro.

A gente sempre olha o pasto, olha o outro lado aqui. Vão lotear com certeza daqui um tempo, e a gente quer se organizar enquanto comunidade, pra quando isso acontecer, a gente não ser engolido e virar uma estrada qualquer, um bairro qualquer, não ter uma referência, e nossa história não ser reconhecida.

Ele acha necessário que o bairro se mantenha organizado enquanto comunidade para que eles não corram o risco de serem engolidos por possíveis novos loteamentos que forem construídos na região e também para não acabarem se tornando um bairro qualquer. É Jardim, é pedra, é mar.

Sobre essa questão de o Jardim Pedramar ser uma comunidade, Seu Nego trouxe muitas queixas. Ele disse que no início do loteamento eles eram uma comunidade, que as pessoas se ajudavam, elas se uniam e elas participavam das festas e do movimento em prol do cuidado com o bairro, mas hoje, ele acha que aquela comunidade não existe mais. Ao final de seu desabafo, Seu Nego trouxe novamente a questão do lixo, a importância de não se jogar lixo pelo bairro e a falta de cuidado de muitos moradores do loteamento.

Quando começou, era uma comunidade. Hoje é outra. Muita gente não gosta que eu fale, mas eu bato na mesma tecla. Quando a gente mudou pra cá, era assim, um ajudava o outro. Aí era comunidade. Hoje é ao contrário. Hoje, eu vou ser sincero, eu não vejo isso aqui como comunidade. Porque é assim, você precisa de uma coisa e ouve: 'Eu não'. É raro aquele que diz: 'Tamo junto, vamos ver o que a gente pode fazer!' Eu fazia festa junina aqui pra nossa capela, na minha rua, estrada de terra, chão batido... Eu tenho foto dessa época. Aquilo pra mim é comunidade, todo mundo se ajudava. Hoje eles não ajudam. Tá assim: Um jogo lixo ali na esquina. Você tá errado de falar pra ele que ele não pode jogar lixo lá. A gente quer uma limpeza aqui, pra vocês chegarem e falarem: **Nossa!!!**

Thiago concorda com Seu Nego, quando ele diz que muita coisa mudou de sua geração – aqueles que se mudaram para o bairro na infância – para a de seu irmão que é caçula e diz que “essa galera” não passou pelas dificuldades dos primeiros tempos e parece que ela não entende ainda o caminho que o bairro está tomando.

As pessoas que entraram no bairro há pouco tempo, não entendem o que o bairro já passou. Nunca ficaram sem luz, numa ficaram sem água, nunca pisaram no barro. Não viram a dificuldade que a gente passou. Thiago

A galera da idade do meu irmão e meu irmão, não têm isso. [...] Falta pra essa galera que tá chegando agora, entender o caminho que o bairro tá sendo. Thiago

Mas, ele acredita que uma nova comunidade está surgindo, com os garotos da biblioteca, com a Fabiana e com alguns adolescentes que são bem ativos na capela. Eu pude acompanhar uma conversa entre eles, durante a gravação da entrevista com Seu Nego para a produção do documentário.

Seu Nego, eu concordo com o que o senhor tá falando, mas o senhor acha que é possível que essa nova geração, por exemplo a Fabiana, que ainda vai fazer 14 anos... Vendo a ação desses poucos que estão fazendo, que não é a comunidade toda, mas a gente é comunidade também, porque fazemos parte... O senhor acha que é possível que essa nova geração, que a gente vê chegando devagar, possa pensar diferente, por exemplo, pensar diferente dos pais, tentar ser mais participativa? Ter mais cuidado com o córrego... A gente tem algumas pérolas aí, né? Será que, apesar de tudo, a gente no futuro ainda pode aguardar alguma coisa? Não sei se dá pra fazer uma reflexão em cima disso... Eu acho que é isso que está nos motivando, ver esse povo novo aqui. Então pense, Seu Nego, se há uma possibilidade de a gente ver uma nova comunidade nascendo aqui, com essa geração que está vindo, com essa galera nova. Thiago

Neste momento, parece que Thiago estava tentando chamar a atenção de seu Nego para a ideia de que está surgindo uma nova comunidade no Jardim Pedramar. Seu Nego pensou um pouco e respondeu que sim, uma nova comunidade está surgindo, mas ao final, trouxe novamente a queixa de que seus vizinhos mais antigos não agem mais como se eles fossem uma comunidade.

Olha, isso já começou a acontecer. Tem os garotos lá da biblioteca que se interessam por muitas coisas. Agora, nós precisamos que outros garotos interajam com esses que começaram. Essa nova comunidade tá vindo, mas a passos lentos. Porque as pessoas que chegaram aqui, ninguém quer saber de comunidade. Seu Nego

O coordenador do Cultura no Morro apresentou uma reflexão em torno da pouca participação da geração de seus pais no movimento realizado no bairro. Ele entende que aqueles primeiros moradores reivindicaram pouco e foram passivos diante dos problemas do lugar, porque eles tiveram muitas outras preocupações, incluindo a tarefa de construir suas casas e o bairro. Thiago acredita que sua geração herdou o legado de serem mais ativos.

Já conversamos entre nós, lá no bairro... Nossos pais não tiveram sagacidade, nem entendimento e talvez nem tempo e dinheiro pra fazer o que a gente tenta fazer hoje. Se eles tivessem tido essa sagacidade, eles não tinham pisado no barro tanto tempo para ir para pegar o busão lá embaixo, eles tinham reivindicado solução para os problemas do bairro. Eles não reivindicaram nada, foram meio passivos. Também, estavam construindo, cuidando de muita coisa. Por isso que eu falo, que a gente tem, tipo, um legado, já que eles deram suporte naquela época... E agora, nossa posição é essa, porque tem, sei lá, umas sete ou oito pessoas que tem essa ideologia comum com a nossa. Thiago

Uma das coisas que mostram bem a organização destes jovens, é um campeonato de futebol que acontece anualmente no bairro, desde 2014, chamado UniQuebradas. Tudo começou com aquela turminha de crianças que se reunia na casa do Marcos, nos primeiros tempos do Jardim Pedramar, que gostava muito de jogar bola. Quando ele tinha 15 anos decidiu, junto com um amigo e vizinho, o Bozinho, realizar campeonatos de futebol. Os times eram formados por garotos que se organizavam por ruas do bairro. Marcos me falou sobre isso com detalhes²⁵,

O UniQuebradas em si começou há pouco tempo [...]. Tudo começou lá em cima, num campinho de grama que tinha lá, aqui no bairro mesmo, perto do pasto. Tipo assim... A galera toda, a gente sempre gostou de jogar futebol, jogava na rua. Aí, a gente estava sempre jogando, sempre jogando... E a gente ouvia que os caras mais velhos disputavam campeonato. [...] A gente falou: 'Ah! Que tal a gente fazer um campeonato nosso aqui, do bairro?' '**Nossa**, é uma boa ideia!'. Daí fomos ver quem queria participar. Mas era um campeonato só de rua, só podia jogar quem morava na rua. Daí a gente fez as regras, as tabelas, tudo num caderno e saiu perguntando para as pessoas que moravam em cada rua, se elas queriam montar um time pra jogar um 'campeonatinho' [...]. Eu tinha 15 ou 16 anos. Hoje eu tenho 27 anos... Eu me lembro que a gente fez 'campeonatinhos' três anos seguidos, daí demos um tempo. Daí a gente voltou a fazer mais uns dois anos, demos um tempo de novo e agora voltamos, fazendo na quadra, né? já como UniQuebradas. Marcos

Na primeira edição do campeonato, realizada em 2014, os times eram todos do bairro. Em 2015 vieram times de bairros vizinhos – Jardim Imperial, Veraneio Ijal, Bairrinho e Nova Esperança –, e foi nesse ano que o campeonato recebeu o nome UniQuebradas. (Figura 52). Este nome foi grafitado na parede lateral da quadra, e tem a ver com a questão do morro, das quebradas, da mesma maneira que Cultura no Morro, e ele também remete à união das quebradas, dos bairros da região.

²⁵ Essa conversa aconteceu no dia que entrevistei Marcos, no Cultura no Morro, quando ele me contou sobre as brincadeiras na corda-cipó.

Figura 52: Grafitando o nome do campeonato UniQuebradas
Fonte: Foto de Mariçô.

Como eu já disse a quadra é o único local de lazer no bairro. Ela foi construída há cerca de 6 anos no local onde havia um campinho de futebol que os próprios jovens haviam feito. Moradores relataram que uma construtora contratou a mão-de-obra de três pedreiros do bairro para fazerem a quadra, sob orientação de um funcionário dela. Uma foto do Google Earth mostra o lugar em 2011 (Figura 53), na época da construção.

Algo aconteceu que impediu que a quadra fosse concluída e liberada oficialmente para a população. Ficaram faltando a iluminação, a marcação no piso da quadra e também traves para futebol e outros recursos para a realização de esportes. É por isso que, quando as pessoas querem usar a quadra à noite, elas precisam pedir que a prefeitura coloque luzes.

Segundo Marilene o local não foi liberado para uso devido a uma pendência jurídica entre a construtora a prefeitura.

Aonde é a quadra mesmo, que a gente tem ali, não tá terminada, há conflito com a prefeitura e a construtora... A gente nem pode fazer a festa junina ano passado. A gente não fez porque a prefeitura não autorizou. Marilene

No entanto, isso não impede que a quadra seja muito usada, durante o dia, com chuva ou sol quente ou à noite improvisando uma iluminação, afinal os moradores do bairro gostam muito de jogar bola.

Aqui, a turma gosta muito de bola. Os meninos gostam, mas aquela quadra ali é um sol escaldante, não tá terminada a quadra. Então, quero dizer, não era nem pra tá usando aquela quadra, mas as pessoas usam. Marilene

Figura 53: Quadra em construção – abr. 2011
Fonte: Google Earth.

Ela recebeu o nome de “Quadra Dito Bozo”, em homenagem a um antigo morador do bairro, já falecido, como me contou Bozinho – seu filho. A homenagem foi sugerida porque Dito Bozo foi um incentivador da realização de atividades esportivas no bairro.

Além dos campeonatos de futebol, muitas festas são realizadas lá – como é o caso das festas juninas – e também aulas de capoeira (Figura 54). Como podemos ver por esta fotografia, para a quadra ser usada à noite, os moradores improvisam com uma luz precária ou enviam um ofício à prefeitura, com antecedência, solicitando que ela coloque uma iluminação. A colocação geralmente é autorizada, mas os funcionários públicos vão até o local, colocam a iluminação no dia solicitado e retiram no dia seguinte. Quando eu ouvi isso, eu fiquei espantada. “Nossa, por que as luzes não são deixadas lá?”.

Figura 54: Aula de capoeira na quadra com iluminação improvisada
Fonte: Foto de Mariçô

Em 2017, aconteceu algo bem interessante durante a organização da festa junina. Nós estávamos gravando as entrevistas para o documentário e Fernanda me disse que ela e Thiago haviam delegado a organização da festa para alguns jovens, que estão assumindo muitas frentes de trabalho, dentre eles o Jhonata. Os dois me disseram neste dia, que um dos frutos daquela reunião feita em janeiro de 2017²⁶, foi o retorno de Jhonata à escola e também sua participação ativa nas ações a partir de então. O próprio Jhonata²⁷ reconhece sua mudança, como ele disse, “sua mente se abriu”.

E agora... O bom é que, depois daquela reunião, daquelas conversas que a gente teve no espaço, a gente abriu a mente... Fernanda e Thiago estão na correria... Vamos somar... Vamos fazer... Estamos organizando este sarau, a festa junina, a quadrilha... Jhonata

Ele contou-me que tem sido o primeiro a chegar nas ações e que aprendeu a assumir compromissos através das conversas com o Seu Nego:

E é uma coisa que eu aprendi com o Seu Nego, ele falava sempre: ‘Compromisso, compromisso!!’ É uma coisa que eu aprendi muito com ele, compromisso. Jhonata

Eu que tô começando agora a pegar essa linha de frente, fico até preocupado... Cadê o povo? Eu sou o primeiro a chegar... Na capoeira também... Jhonata

Eu ouvi Seu Nego falar sobre essa questão de compromisso. Ele fala assim:

Não precisa tratar, mas se tratou é compromisso. Seu Nego

Eu vou fazer uma interrupção neste ponto do meu relato, mesmo correndo o risco de perda de continuidade, para refletir sobre algo que me ocorreu agora e que é, na minha percepção, o maior ganho que essa investigação trouxe sobre a questão da vulnerabilidade. Para eu olhar a vulnerabilidade eu precisei ir em busca de “outros e novos olhos, pois, os antigos só poderiam ver o que estavam acostumados a ver” (JUNG, 1991, §119).

Eu disse acima que as ações do CRAS não conseguem dar conta da

²⁶ Reunião realizada no Cultura no Morro no dia 2 de janeiro de 2017, com o objetivo de convidar e mobilizar pessoas do bairro para uma participação e para um uso mais efetivo do Cultura no Morro. Falei sobre ela na seção 2.2.

²⁷ Conversei com Jhonata num dos bancos feitos por Seu Aloísio (ver seção 2.2).

vulnerabilidade²⁸ porque o serviço social a vê como algo que precisa ser remediado e ele atua apoiado numa fantasia de ajustamento progressivo. A proposta assistencialista só pode oferecer ações pontuais e ela não consegue abarcar a profundidade necessária para lidar com a vulnerabilidade.

É preciso deixar de lado a ideia de que a vulnerabilidade é algo concreto e parar de tentar tratá-la literalmente. Segundo Hillman (2010b, p. 165), “fazer algo, ajudar, tomar decisões práticas, talvez tudo isso tenha que ser abandonado ao encarmos o patologizar psicologicamente”.

A ideia de que o patologizar é errado e de que devemos ir em busca da cura acabou se tornando um instrumento político e adentrou a cena social. Porém, “a verdadeira patologia não reside no militante, mas na sociedade e nas instituições que o produziram, na lei que não reconhece realidades psicológicas, ou na moral cultural vigente que não permite desvios [...]” (HILLMAN, 2010b, p. 170).

O que eu vejo no Jardim Pedramar, de fato traz transformação, porque o que acontece lá está sintonizado com outra lógica, com a lógica da alma. A maneira como as pessoas vivem e cuidam uns dos outros e do lugar, favorece o cultivo da alma, oferece dignidade e significado a todos e a todas as coisas. Há um cuidado que integra as pessoas e o lugar e que é feito continuamente num trabalho de devoção à alma, sem a preocupação com mudanças externas, embora elas acabem acontecendo, naturalmente. “Servir à alma implica deixá-la reinar; ela conduz, nós a seguimos” (HILLMAN, 2010b, p. 166). No Jardim Pedramar, a alma encontrou espaço para reinar e, como disse Thiago, a transformação foi acontecendo de uma maneira bem orgânica, resultando em mudança interior, que aparece fora, através de imagens que nos capturam.

Foi acontecendo. Tudo foi muito orgânico. Eu acho que isso foi importante. [...] Quando começamos o espaço, escrevemos como nossa missão as palavras: “Queremos contribuir para uma formação de futuros multiplicadores da cultura do bem, cultuando a criatividade nas comunidades para formar pessoas conscientes do valor histórico material e imaterial de um povo”. E hoje a gente vê o Jho, super engajado... Os novos que estão chegando... E a mudança, que é interior. Quando você muda isso você muda tudo, não é só um ponto de vista. Thiago

²⁸ Quando falo em vulnerabilidade do ponto de vista da política pública de assistência social, refiro-me à vulnerabilidade social.

Eu consigo compreender cada vez mais a força das imagens que me capturaram. Elas são, de fato, a própria alma do lugar. É jardim, é pedra, é mar, e é comunidade, no sentido mais genuíno da palavra: com-idade. Destaquei abaixo, na fala do Thiago, expressões que carregam a força dessas imagens.

A gente tem uma raiz muito forte... A gente deixa o portão aberto aqui. Ainda há um espírito comunitário muito forte aqui no Pedramar, e é isso que alimenta a gente, o que faz a gente acreditar, perseverar, ter força para lutar.
Thiago

E ao final desta fala, Thiago trouxe algo que eu percebi e que eu já mencionei aqui, o fato de, no Jardim Pedramar, as pessoas sempre se cumprimentarem com apertos de mão, um abraço ou um beijo, quando elas chegam onde estão outras pessoas.

Todo mundo se cumprimenta, fala oi, bom dia, boa tarde, aperta as mãos, troca pó de café e açúcar com o vizinho... Eu acho que é essa vida em comunidade que faz o Cultura no Morro viver... Thiago

Após este longo, mas importante parêntese, eu retorno ao ponto onde eu fiz a interrupção no meu relato. Eu falava sobre a organização da festa junina e sobre o uso da quadra do Jardim Pedramar, mesmo em condições precárias...

Fernanda relatou que acompanhou os jovens até a prefeitura para levar o ofício pedindo iluminação da quadra no dia festa junina. Ela ficou indignada pelo fato de a funcionária da prefeitura responder da seguinte forma: *dá pra gente emprestar pra vocês* sim. Ouvir que o único equipamento público que há no bairro, não é reconhecido pelo poder público como sendo dos moradores do bairro, a deixou muito incomodada.

Nós enviamos um ofício para a prefeitura, pedindo que eles fornecessem iluminação para a quadra, para fazermos a festa junina lá. E eles responderam: 'Então, dá pra gente liberar a quadra pra vocês sim'. Não é nossa, é deles! 'Eu vou ver aqui, mas dá pra gente emprestar pra vocês sim'. A gente saiu e eu até falei com os meninos: 'Viram, como a quadra não é nossa?' Fernanda

O comentário de Thiago sobre isso foi bem claro, no sentido de “guerrilha”, como eles costumam dizer quando se referem a lutarem por seus direitos.

Chega! Hoje nós temos uma quadra poliesportiva, entre aspas... Porque não tem nada de poli e nem de esportiva... Ela é só um cimentado... As traves foi a comunidade que colocou, a partir do Uniquebradas, que é o campeonato que a gente criou... Todo independente... Um campeonato que já tá na quarta edição e integra mais de dez comunidades da região. Thiago

E ele acrescentou:

Eles não sabem ainda quem é a gente! Eles não sabem. Nós somos a galera que tá fazendo aquilo que eles não estão fazendo... E geralmente eles terceirizam isso. A gente tá fazendo, sem ganhar um real, porque a gente acha que é direito nosso, cuidando de um espaço que é nosso, do nosso quintal, no caso. Thiago

Os organizadores decidiram não aceitar aquele “empréstimo” e optaram por realizar a festa na rua, porque “no quintal da casa deles”, eles teriam mais liberdade para a montagem das barracas e para o preparo das comidas típicas que seriam vendidas. Eles precisavam usar botijões de gás, que são proibidos na quadra, segundo lei municipal.

Aqui nos deparamos com uma questão que toca na sombra do Jardim Pedramar: o costume de se fazer o que eles chamam de ações independentes, às vezes, vem acompanhado de um desrespeito às normas que viriam a garantir a segurança dos próprios moradores, como foi o caso do uso de botijões na festa junina. Na medida em que a norma é descumprida, há um risco para aquelas pessoas, que os organizadores da festa não desconhecem, mas que acabam assumindo, até como uma maneira de (sobre) viver no lugar. Algumas pessoas encontram nessas festas a possibilidade de ganhar o dinheiro que estão necessitando para suas necessidades básicas.

O cimentado de concreto, como disse Thiago, sem cobertura e sem condições de uso, foi adotado pelos moradores do Jardim Pedramar. Eles se uniram e colocaram as traves para futebol, pintaram a marcação no piso. Frequentemente o grupo se reúne para carpir o mato ao redor da quadra e refazer as marcas em seu piso (Figura 55).

Figura 55: Moradores cuidando da quadra
Fonte: Foto de Mariçô.

A funcionária da prefeitura com quem eu conversei, contou-me que a quadra foi construída no local que havia sido usado para guardar o maquinário da construtora que fez a pavimentação asfáltica na Estrada do Tanquinho e nas ruas do bairro. Ela disse que aquele local faz parte da área de proteção permanente. Sim, metaforicamente, a Quadra Dito Bozo é uma área de proteção permanente. Os moradores do lugar a adotaram e a protegem, permanentemente.

Mariçô me contou, em uma conversa que tivemos via WhatsApp²⁹, que na primeira edição do UniQuebradas, em 2014, eles ainda não tinham uniformes, então eles usaram camisetas aleatórias da mesma cor, para compor os times. Ele me enviou uma foto (Figura 56) da qual ele gosta muito, tirada naquela época.

Figura 56: UniQuebradas – 2014
Fonte: Foto de Bozinho.

²⁹ Neste momento da investigação eu estava trabalhando neste texto e já havia encerrado a pesquisa etnográfica. Porém, os moradores do Jardim Pedramar continuaram fazendo contato comigo e compartilhando informações que eles consideravam importantes. Eles sabiam e estavam acompanhando a história que estou contando aqui, e eu mantive contato com eles, como uma forma de devolutiva constante deste trabalho.

Na figura 57, vemos imagens das edições 2016 e 2017, pelas quais dá para perceber o quanto o campeonato foi crescendo. Hoje os times possuem seus uniformes e eles são escolhidos com muito cuidado.

Figura 57: (A) UniQuebradas 2016 e (B) UniQuebradas 2017
Fonte: Foto de Bozinho.

Durante os dias de jogos – realizados nos finais de semana, entre os meses março e maio – alguns moradores montam barraquinhas ao lado da quadra onde vendem água, cerveja e refrigerante. Com uma divulgação ampla, feita pelos organizadores do campeonato e a equipe do Cultura no Morro, muitas pessoas que moram em outros bairros comparecem ao campeonato.

Hoje, o campeonato não ocorre mais só com times do bairro, mas há times de bairros vizinhos participando. A edição de 2018 está sendo organizada, e eu recebi pelo WhatsApp o vídeo curto produzido pela equipe do Cultura no Morro, que será usado para sua divulgação.

Mas não é só no piso da quadra que os moradores do Jardim Pedramar deixam marcas. No muro do fundo encontramos imagens em grafite de Seu Nego e de outros membros do grupo de moçambique e também de alguns personagens de lendas folclóricas (Figura 58). Vendo a figura do lobisomem (em cima à direita), eu me lembrei de um “causo” – usando uma palavra que é comum no Jardim Pedramar – que a Marilene me contou, na primeira vez que estive na casa dela. Ela me contou, dando gargalhadas, que há muitos anos, um morador do bairro viu um lobisomem rondando o bairro. Olhando para essa história do ponto de vista da alma e pensando sobre as palavras de Marilene, eu posso dizer, metaforicamente, que há coisas assombrando o bairro, e Marilene me contou algumas histórias assombrosas.

Figura 58: Grafites nos muros no fundo da quadra
Fonte: Foto de Denise.

A palavra assombração me fez resgatar o tema desta seção: luzes e sombras no Jardim Pedramar. Eu acho importante circueambular um pouco mais em torno do tema do congelamento do bairro. Assumindo que este congelamento tenha vindo como uma forma de evitar uma ação de desapropriação, não dá para nós não pensarmos que essa medida, mesmo tendo como mote a proteção, não estaria contribuindo para que a população do lugar acabasse ficando em condições cada vez mais difíceis, já que elas não podem regularizar seus imóveis e nem fazer novas construções, nem receberem novas ligações par receberem água encanada e energia elétrica em suas casas. Isso me leva de volta a uma velha questão que me incomoda: vulneráveis ou vulnerabilizados? Em nome de uma pretensa proteção, as pessoas acabam sendo mais prejudicadas ainda.

Os residentes do Jardim Pedramar foram levados e alocados lá com anuência do município, que já sabia que as condições eram precárias. Havia promessas de melhorias, mas, tempos depois, o próprio município adotou uma medida de congelamento. Quaisquer que sejam suas causas, ele é real. O fato de o bairro estar congelado poderia ser um motivo para as pessoas ficarem paralisadas, mas não é isso que eu vejo lá, pelo contrário, aquelas pessoas estão em constante movimento.

No final de 2017, uma residente do bairro de apenas 11 anos de idade, escreveu uma mensagem para a TV Record denunciando o abandono em que a quadra se encontra. A emissora esteve no bairro no dia 02 de janeiro de 2018 e gravou uma entrevista na quadra³⁰, num horário em que várias crianças brincavam, embaixo de chuva e a entrevista foi ao ar no telejornal da emissora. Os moradores se mobilizaram e foram para a quadra no momento marcado para a gravação. Muitos jovens se posicionaram e também algumas mães. D. Cida estava lá e ela disse que tem vontade de promover atividades para a criançada nas férias, junto com a equipe da biblioteca, mas não há um local apropriado. Seu Nego também estava lá, e ele contou que esteve muitas vezes na prefeitura, solicitando a iluminação definitiva e a cobertura para a quadra, mas eles ainda não foram atendidos. A garota que escreveu para a TV Record deu entrevista, se queixando de eles não terem lugar para brincar, já que nem cobertura a quadra tem, e ela pediu que a prefeitura cuide do lugar e que também construa um parquinho para as crianças.

Certo dia, eu estava no Cultura no Morro, e um dos jovens moradores estava lá, com seu filho de 5 anos de idade. O garotinho pegou na minha mão e me pediu que o levasse ao parquinho. Eu sabia que não há um parque no bairro e olhei para a Fernanda, que estava ao meu lado. Ela me disse que o menino acha que a Praça Guarani é um parque, e sempre pede para o levarem lá para ele brincar.

Congelamento nos remete a paralisação, a aprisionamento, a anestesia. Nós podemos dizer que uma fertilização acontece no Jardim Pedramar, por baixo de um aparente aprisionamento. De acordo com Berry (2014, p. 183):

O aprisionamento é crucial para um determinado tipo de movimento novo, que podemos chamar de movimento mítico. Esse não é um aprisionamento qualquer, um aprisionamento corriqueiro – estar engarrafado, emparedado, guardado e reprimido. [...] necessitamos dos muros de pedra, dos quais não podemos escapar ou mesmo olhar além deles, para nos tornarmos conscientes de que estamos germinando [...].

Vamos imaginar as almas sendo levadas para o reino congelado de Hades e deixadas lá, à beira do Rio Estige, aquele “rio de ódio gelado que protege o mundo das trevas e que é santo e eterno, assim como o são os juramentos feitos aos deuses às margens desse frígido rio” (HILLMAN, 2013, p. 240). Apesar de o gelo fazer com que nós nos sintamos gelados e entorpecidos, no mundo das trevas ele tem uma

³⁰ Esta entrevista foi ao ar num telejornal da emissora neste mesmo dia.

função de proteção. Além disso, quem for mergulhado nas águas do Rio Estige ganha a imortalidade, ou, dito de outra forma, a invulnerabilidade.

Nós podemos imaginar também, à semelhança do mito de Coré-Perséfone, os grãos sendo enterrados, plantados numa terra, num jardim, e ganhando a possibilidade de brotar e de dar frutos. “Caminhar pelo mundo de Hades é penetrar no mundo subterrâneo e buscar o fio da essência que impulsiona a vida” (RIMOLI, 2007, p.119).

Caminhando ao redor do Córrego do Tanquinho, pela porção de Mata Atlântica que o margeia, a fauna e a flora são de uma riqueza e de uma beleza exuberante, apesar da poluição e do mau-cheiro. Eu andei por aquela mata quando fiz a trilha, acompanhada por Zedequias. Mas era preciso um olhar mais profundo para ver os seres que habitam aquela floresta. Thiago Mesquita, fotógrafo e graduando de biologia, não mora no bairro, mas ele tem tirado muitas fotografias da fauna e da flora no Jardim Pedramar (Figura 59).

Numa tarde, nós nos encontramos no Cultura no Morro, a pedido meu, para eu entrevistá-lo. Eu queria saber o que ele estava fazendo na mata do Jardim Pedramar e como ele havia chegado ali. Enquanto ele ia mostrando suas fotografias e dizendo o nome científico e o popular de cada espécie que ele havia encontrado lá, ele me respondeu assim:

Conheci o Pedramar em uma exposição fotográfica que realizei no evento ‘jacaéarte’. Fui chamado pelo Thiago Vinicius que me convidou a conhecer o bairro. Me apaixonei de cara. Soneto de Camões o lugar me pareceu. Muita coisa a fazer. O ‘faça você mesmo’ é muito implícito nas atitudes dos moradores. A partir dessa premissa, começamos a amadurecer ideias. Conhecer a mata. A fauna e flora. Um levantamento preliminar da avifauna foi realizado. Com surpresas interessantes. Os moradores se interessaram em ir a campo. Pra mim foi uma escola. Ainda é. Não existe ecologia sem as pessoas. Não existe preservação sem a comunidade. Thiago Mesquita

Como eu não acompanhei o AgromeraArte 2017 e não fiz a eco-trilha, eu também pedi que Thiago Mesquita me falasse um pouco sobre ela. Ele me contou que a eco-trilha surgiu visando chamar a atenção de instituições de pesquisa e educação, especialmente da área de educação ambiental.

Nós percebemos que precisaríamos de parcerias para resolver certas questões principais relacionadas à poluição do corpo d’ água que corta a mata ciliar, bem como o manejo da nascente, que se encontra sem cobertura vegetal, com o agravante da presença de animais de criação em constante

pisoteio onde a água 'brota'. A eco-trilha foi concebida para mostrar a floresta. Mas para mostrar o horror do esgoto, do cheiro ruim. Do que restou da exuberante mata Atlântica de 200 anos atrás. Queríamos mostrar o que já existiu ali, e dizer por que não existe mais. Que a vida persiste. Como o próprio Pedramar. Thiago Mesquita

Figura 59: Fauna e flora no Jardim Pedramar
Fonte: Fotos de Thiago Mesquita.

Borboletas, bem-te-vis, pica-paus, esquilos, anus... Água e mata ciliar poluídas, nascente sem cobertura vegetal e sendo pisoteada por animais, lixo, esgoto e mau-cheiro. Sim, a vida persiste, na mata e no Jardim Pedramar. Luz difusa, sombra difusa, exuberância e horror, ordem e desordem, tudo está lá, tudo acontece lá. É jardim, é pedra, é mar (Figura 60).

Figura 60: À beira do Córrego do Tanquinho
Fonte: Foto de Denise

Mobilizada com tantas imagens, como eu poderia não pensar em mostrar um pouco mais de tudo isso? Assim nasceu a ideia de produzir um documentário para contar essa história, destacando ainda mais o lugar das imagens nesta tarefa de mostrar a alma do Jardim Pedramar.

3 A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO: UMA INTERVENÇÃO VIA IMAGENS

Se a beleza é inerente e essencial à alma, então a beleza aparece sempre que a alma aparece. Essa revelação da essência da alma, o verdadeiro mostrar-se de Afrodite na psique, seu sorriso, é chamada de “beleza”, na linguagem dos mortais. À medida que exibem sua natureza inata, todas as coisas apresentam a natureza áurea de Afrodite; elas brilham, e dessa forma são estéticas. [...]. A forma visível é uma exibição da alma. O ser de uma coisa é revelado na exibição de sua ‘Bild’ (imagem) (HILLMAN, 2010a, p. 46).

A vontade de produzir um documentário para contar a história da alma do Jardim Pedramar foi tomando conta de mim aos poucos, fomentada pela vivência de experiências estéticas e por muitas reflexões.

O primeiro incentivo foi a reação das pessoas ao ficarem sabendo que eu estava fazendo uma pesquisa no Jardim Pedramar. Algumas me perguntaram o que havia naquele lugar tão distante que pudesse ser estudado, e outras, assustadas, me perguntaram se eu não tinha medo de ir naquele lugar perigoso. Neste sentido, o documentário traria a possibilidade de mostrar o Jardim Pedramar, especialmente para aquelas pessoas que dificilmente teriam acesso a este texto.

Outros estímulos vieram de duas experiências vividas no segundo semestre de 2015, quando eu cursei a disciplina “Arte do processo social: psicologia, estética e fenomenologia”, ministrada pelo professor Arley Andriolo.

A primeira experiência se deu durante uma aula na qual foi exibido o documentário: “Espaços de Memória”³¹, resultado de uma intervenção realizada por um grupo de pesquisadores da USP, em 2012, na cidade de São Luiz do Paraitinga (SP), logo após a enchente que destruiu boa parte da cidade e de seu patrimônio histórico e cultural, no réveillon de 2009 para 2010. Santi (2017) explica que o documentário é resultado de uma intervenção com imagens realizada por pesquisadores e por moradores de São Luiz do Paraitinga. Em sua tese, Santi analisa a produção de imagens como forma de pesquisa. Eu saí daquela aula muito mobilizada e eu só conseguia pensar que eu precisava produzir um documentário para contar a história do Jardim Pedramar.

³¹ Este documentário complementa a tese Santi (2017).

Uma atividade proposta pelo professor Arley, com o objetivo de mostrar uma possibilidade de intervenção com imagens (visuais), trouxe a segunda experiência. Os colegas que conduziram a atividade projetaram várias imagens no telão, pedindo que prestássemos atenção a elas, e depois vendaram nossos olhos e nos entregaram um pedaço de biscoit, solicitando que nós modelássemos alguma coisa. Eu modelava uma espécie de bicho e, num certo momento eu o coloquei sobre a mesinha e ele tombou para a frente. Como eu estava de olhos vendados, uma das colegas recolocou-o em minhas mãos e eu aumentei o tamanho de seus pés para que ele parasse em pé.

Posteriormente, quando eu revi as imagens que haviam sido projetadas, uma delas me chamou a atenção: era a escultura de um homem que tinha um corpo enorme e gordo e pés de porco minúsculos (Figura 61A). Neste momento, eu me dei conta de que eu havia sido capturada por aquela imagem e havia modelado algo parecido com ela (Figura 61B), sem ter nenhuma consciência disso.

É como se, naquele intervalo de tempo infinitesimal eu tivesse me mudado para o mundo das imagens, tomando emprestadas as palavras de Fernando Diniz³²: “Mudei para o mundo das imagens. Mudou a alma para outra coisa. As imagens tomam a alma da pessoa”. Dá para perceber, nas duas situações que eu relatei acima, o poder de convencer e de seduzir que as imagens têm.

Figura 61: (A) escultura (B) e Modelagem com biscoit
 Fonte: (A) <http://www.spi0n.com/sculptures-hybrides-liu-xue> e
 (B) Foto de Denise

³² Fernando Diniz foi um dos pacientes que estavam internados no Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, na época em que a Dra. Nise da Silveira criou o Ateliê de Pintura para tratar de pacientes com esquizofrenia. A partir daquele trabalho, Fernando Diniz se tornou um artista plástico conhecido no país.

Como eu disse muitas vezes, ao ser capturada pelas imagens do Jardim Pedramar, eu sentia uma necessidade imensa de registrar o que via, fotografando e gravando vídeos curtos, e os moradores do bairro já faziam isso quando eu cheguei ao bairro. Com a adoção da etnografia sensorial como método, este costume de fotografar e filmar foi intensificado em nós. Com isso, num dado momento, eu percebi que tinha centenas de fotografias e vídeos captados no Jardim Pedramar.

Em meu total desconhecimento sobre o que está por trás da produção de um filme, eu pensava que bastaria juntarmos tudo aquilo, seguir um roteiro, editar e pronto, teríamos um documentário. Fui conversar com Santi e ele me falou um pouco sobre a produção de um documentário, explicando a importância de se captar sons e imagens com qualidade³³. Diante disso, eu tinha um grande problema: seria necessário fazer as filmagens com equipamentos adequados e com pessoas especializadas, e, para isso, eu precisaria de uma equipe.

Eu contei para Thiago que eu estava pensando em produzir um documentário para contar a história do Jardim Pedramar e perguntei-lhe se ele aceitaria me ajudar. O que eu ouvi como resposta foi: “A gente sempre quis fazer isso! E agora você chegou.” Naquele dia, ele me contou que havia começado a cursar “Comunicação Social: Rádio e TV”. “Nooossa, que sincronidade!!!”.

A sincronidade³⁴ esteve presente em muitos momentos, no percurso para realização deste estudo, a começar pelo fato de eu assistir ao “Como estrelas na terra”, pensar em ligar para o Magela e ele estar conduzindo uma oficina com adolescentes no Jardim Pedramar, justamente naquele momento em que eu queria estar com os adolescentes.

Assim, nós partimos para a produção do documentário. Nós montamos uma equipe e dividimos as tarefas: Thiago ficou como diretor, Fernanda como produtora de *making of*, Tainã como diretor de fotografia, Mariô e Alan ficaram responsáveis pelo áudio direto, Jhonata como assistente de produção, Fabiana como fotografia *still*³⁵ e eu como autora e roteirista. Quanto aos equipamentos, Thiago, Tainã e Fernanda já tinham a maioria deles, pois estavam montando um estúdio de gravação, a Guandu filmes.

³³ Dias depois, ele gentilmente me enviou uma lista com sugestões de marcas e modelos de máquinas fotográficas, microfones etc.

³⁴ “[...] *coincidência significativa*, isto é, uma conexão acausal [...]” (JUNG, 1997, § 827).

³⁵ Fotografias tiradas em cenas de um filme.

Nossa equipe se reuniu algumas vezes, antes de começar as diárias³⁶. Durante as reuniões, nós fizemos o planejamento das ações e assistimos a vários documentários, para aquecer nossas ideias e fomentar reflexões. Em um dos nossos primeiros encontros, selecionamos as almas-personagens³⁷ e discutimos como eles seriam apresentados, e em que lugar cada uma delas iria aparecer.

Foram selecionados: Cida³⁸, a cigana que olha para os coqueiros e para a nascente do córrego e compõe poesias; Seu Nego, mestre de moçambique, muito ativo na comunidade; Seu Aloísio, o senhor aposentado que adotou um terreno baldio e o transformou em um jardim; Zezão, o dono da lanchonete que cede energia elétrica para as festas na rua; Seu Gonzaga, o morador que faz festas e comprou um circo que passou pelo bairro; D. Cida, a moradora que está no bairro há poucos anos e montou uma biblioteca comunitária na garagem de sua casa, junto com alguns adolescentes; Bedeu, o morador que guarda documentos da época da construção do loteamento; Thiago e Fernanda, idealizadores e coordenadores do Cultura no Morro.

Estas pessoas foram escolhidas, porque nós entendemos que elas poderiam representar a essência da alma do Jardim Pedramar, o jeito característico daquele povo, o jeito pedramareano de ser e de fazer lugar: um povo simples que decidiu cuidar e transformar o lugar onde vivem.

Nossa ideia é trazer um pouco essa essência do Pedramar, essa vontade que o povo... Que começou a florescer no povo de querer mudar... Um ponto de vista de querer mudar o local, de fazer diferente. Daí a gente pensou em algumas pessoas importantes para ajudar a gente a desvendar isso, pra mostrar o jeito simples de fazer as coisas. “É, vou catar isso e vou fazer”. “Ah! por que você ganha?”. “Não, porque eu quero fazer. É de coração.” Thiago

Todas as nossas conversas eram cuidadosamente documentadas: Thiago escrevia na lousa os pontos principais de nossa conversa, Fernanda e Fabiana fotografavam, eu fazia anotações em meu caderninho, e meu gravador ocupava sempre o centro da mesa gravando todas as nossas conversas.

As reuniões foram realizadas no Cultura no Morro, e, como lá é ponto de encontro das pessoas no Jardim Pedramar, sempre chegava algum morador do bairro por lá e ele acabava participando de nossas conversas. Certo dia, Seu Nego chegou

³⁶ Diária é o termo usado para se referir a um dia de gravação.

³⁷ No Apêndice B há uma caracterização detalhada dos habitantes do Jardim Pedramar que são mostrados no documentário e também neste texto. Eu penso que ela pode nos ajudar a entender o motivo de eles terem sido os escolhidos como almas-personagens.

³⁸ Infelizmente Cida teve um problema de saúde na época das gravações e não participou dele.

bem na hora que o café estava sendo coado. Ele contou que sua esposa tinha feito bolo, para servir para um grupo que iria realizar uma atividade na capela, na tarde daquele dia, e ele foi até sua casa algumas fatias para nós.

Durante aquele café, conversamos sobre a questão do lixo e da poluição no córrego e na valeta. Seu Nego disse que, na percepção dele, a prefeitura deveria aterrar a valeta e construir sobre o lugar uma área de lazer, com uma academia ao ar livre e um parque para as crianças. Nós lhe explicamos que isso não poderia ser feito, pois, aquela é uma APP. “Então eles deveriam cuidar ... É muito esgoto jogado ali”, respondeu Seu Nego.

Em outra ocasião, a Fabiana trouxe um bolo que ela e sua mãe haviam preparado para nosso café-reunião. Neste dia, quem chegou ali foi o Jhonata. Ele estava preocupado com as crianças que estão pelas ruas do bairro e acabam se envolvendo com o tráfico de drogas. Ele disse que estava pensando em propor uma atividade para elas e trocou ideias com Thiago sobre qual seria a melhor forma de fazer isso.

Aqueles momentos de compartilhar o café acabaram se tornando verdadeiros rituais, espaço para alimentar o corpo e a alma. Thiago associou o compartilhar café com o ritual que faz parte do moçambique, o ato de reverenciar e beijar as bandeiras dos santos, e que pode ser estendido para a própria vida.

Thiago: O café é um ato que muda mesmo.

Tainã: Liga as pessoas.

Thiago: Comer, né? Se alimentar juntos...

Fernanda: Eu acho que é o compartilhar mesmo...

Tainã: A comunhão, né?

Thiago: É um ritual. Ritual... Essa é a palavra mesmo. [...].Depois que a gente entendeu as manifestações populares nesse esquema de ritual, que começa com a chegada, depois tem o “beijamento” (das bandeiras dos santos do Moçambique)...

Fernanda: Tem o compartilhar também no final, né?

Thiago: Daí a gente entendeu que, se a vida fosse baseada nisso, já era... A gente consegue...

Há uma coisa bem interessante na última frase de Thiago. Só conhecendo um pouco o Jardim Pedramar e as expressões que eles usam lá, para entender o que ele

quis dizer com “se a vida fosse baseada nisso, já era”. Ao trazer o aprendizado da importância do ritual para a vida, ele usou a expressão “já era”, não num sentido de “então acabou”, mas sim de “é esse o caminho”.

Nós compartilhamos muitas refeições juntos. Para não perder tempo nos dias de gravação, nós nos organizávamos com antecedência pensando no cardápio e dividindo as tarefas. O simples ato de pensar no que iríamos ter para o almoço trazia informações sobre o lugar. Há um morador do bairro que cultiva hortaliças e as vende numa esquina da avenida principal do bairro. Fernanda fazia questão de comprar dele as verduras para nossa salada, mostrando uma característica interessante dos moradores do Jardim Pedramar, que é a valorização do produtor e dos produtos cultivados no bairro. É a Fernanda quem está à frente da realização da feira orgânica que nos festivais AgromeraArte. Ela vai atrás dos produtores, faz o convite e os mobiliza a participar, e ainda se oferece para vender o produto deles, sem intenção de lucrar com isso, quando eles não podem comparecer no dia do festival.

Figura 62: Reuniões, reflexões e refeições.
Fonte: Fotos de Fabiana

As reuniões e refeições foram espaços privilegiados de cultivo da alma, na medida em que muitas reflexões aconteciam nestes momentos (Figura 62). Nossas reflexões não se restringiam à produção do documentário, mas se estendiam às questões do bairro. O tema do congelamento e da situação de irregularidade em que o bairro se encontra veio à tona, certo dia.

Eu conversei com o secretário de planejamento urbano e ele me disse que o Pedramar é um bairro irregular, não ilegal, irregular. É legal mostrar isso, porque vai desmistificar um pouco a visão que os moradores têm do Itamar.
Thiago

Itamar é o vereador que esteve à frente do planejamento e da construção do Jardim Pedramar. O que Thiago apontou é o fato de alguns moradores ficarem aprisionados numa certa idealização do processo de criação do bairro e deste vereador. Eu percebi isso, especialmente nos moradores que participaram do sorteio dos lotes e começaram a construir suas casas antes de o bairro ter energia elétrica e rede de água. Parece que eles ficaram tão felizes por terem conseguido um terreno para construir a casa própria, que não puderam – e ainda não podem – ver que houve descuido e abandono por parte do poder público, sobre o qual já falei bastante em seções anteriores.

Retomando a produção do documentário... Em uma das reuniões, nós elaboramos um roteiro geral de perguntas (Apêndice C) que foi usado em todas as entrevistas. Por sugestão de Thiago, ao final, sempre pedíamos que o entrevistado respondesse à pergunta: “Se o Pedramar falasse, o que ele diria?”. O roteiro incluía uma pergunta específica para alguns dos entrevistados. Para Seu Aloísio, perguntamos também: “Se esse jardim falasse, o que ele diria?”; Para D.Cida: “Se essa biblioteca falasse, o que ele diria?”; Para Thiago e Fernanda: “Se o Cultura no Morro falasse, o que ele diria?”. Pensamos que nos casos de Seu Nego, Bedeu e Seu Gonzaga elas não fariam sentido, porque a atuação deles no bairro não está ligada a um lugar específico (um jardim, uma biblioteca, um espaço cultural).

Estas perguntas foram pensadas quando nós falávamos sobre os objetivos do documentário. Nós queríamos usar o depoimento dos moradores para dar voz ao bairro. Ele seria o protagonista, não os moradores. Hoje, com a investigação concluída e refletindo para elaborar este relato, eu percebo que não é possível separar a história de um lugar da história de seus moradores, ao menos não no Jardim Pedramar. Eu

digo isso a partir de minha experiência naquele bairro, embasada pela ideia de lugar como evento apresentada por Casey (1996), que afirma que o lugar é constituído das coisas e do nosso corpo vivido. E Berleant (1992) me ajuda ainda mais nessa afirmação, quando ele afirma que

Nós compreendemos os lugares não somente através das cores, texturas e formas, mas com a respiração, o olfato, com a nossa pele, por meio de nossa ação muscular e esquelética, posição, nos sons do vento, da água e do tráfego (p. 19)³⁹.

Como separar o lugar, das pessoas que o habitam? Então, se formos apontar quem é o protagonista no documentário, a resposta será: a alma do Jardim Pedramar.

De qualquer forma, eu reconheço que foi bem interessante usar aquelas perguntas durante as entrevistas. Nenhum entrevistado teve contato com elas antecipadamente e, ao ouvir “Se o Pedramar falasse, o que ele diria?”, praticamente todos paravam para pensar, como se estivessem buscando se conectar com o Jardim Pedramar para ouvir uma resposta.

Se o Pedramar falasse? Você me pegou de surpresa, mas vou pensar um pouco... Zezão

Eu disse praticamente todos, porque com Seu Nego foi diferente. Ele havia falado bastante em seu depoimento sobre o fato de hoje, o bairro não ser mais uma comunidade, pois as pessoas não participam mais como nos primeiros tempos.⁴⁰ Sua resposta que parecia estar na ponta da língua:

Se o Pedramar falasse, ele diria: Eu tenho vergonha dessa comunidade que joga muito lixo na esquina. Seu Nego

Tainã interferiu e pediu que Seu Nego respondesse de novo, fazendo uma reflexão sobre o bairro de uma maneira mais ampla e considerando também as coisas boas – parece que a dificuldade de olhar para a sombra e a tendência de focar a luz apareceu aqui também. Então, Seu Nego disse:

³⁹ Este trecho faz parte do parágrafo escrito por Berleant que eu já usei na epígrafe da seção 1.2.

⁴⁰ Eu já mostrei recortes do depoimento de Seu Nego quando tratei do tema da união e vida em comunidade, em seções anteriores.

Posso pensar um minuto? Se o Pedramar falasse, ele diria: Graças a Deus que tá vindo uma comunidade nova, uma nova geração de comunidade, e a tendência do Pedramar é só melhorar. O Pedramar já mudou e pode mudar pra melhor, não pra pior. Seu Nego.

Tainã não mora no Jardim Pedramar. Ele chegou lá há muitos anos, a partir dos grafites e das ações audiovisuais, e ficou, como se ele fosse de lá. Quando Thiago o convidou para participar da produção do documentário, ele aceitou rapidamente. Num café, na cozinha da D. Cida, ele se colocou, de uma maneira bem interessante, como alguém de fora que tem uma visão positiva do lugar:

Eu penso que em outros bairros os meninos não têm a mesma oportunidade. Lá não tem uma biblioteca, não tem uma ação audiovisual, não tem um espaço pra receber as pessoas pra trocar ideias... E o mais importante, é a comunidade que se apropria de um potencial... Se ajuda... E o que tem de interessante nesse encaixe de possibilidades? Você cria o hábito, e o hábito determina o resto dos nossos dias. A gente tá muito preso a valores que não são mais esses. Isso que acontece aqui nesse bairro, é especial. Eu moro no centro, um pouco mais afastado, e ali não tem nada.... As crianças não têm nada... Ali não acontece nada. As portas das casas estão fechadas... Ninguém convida o outro pra tomar um refrigerante na calçada lá, como se faz aqui. Tainã

D. Cida foi entrevistada na biblioteca LPC (Figura 63). Chegamos lá por volta de 8h30 e ela nos recebeu muito animada. Fernanda acompanhou-a até seu quarto e ajudou-a a se arrumar. Tainã sugeriu que ela apoiasse seus pés numa almofada, que fica no chão da biblioteca e é usada pelas pessoas que leem por ali mesmo. Ela espontaneamente verbalizou o quanto se sentia bem naquele momento:

Eu tô me sentindo muito feliz. Estou me sentindo assim, com meu ego lá em cima. Eu não estou ganhando nada, mas só a amizade de vocês terem vindo aqui, é muito bom. D. Cida

Em todas as pessoas e em todas as coisas ali, eu percebia que havia alma, na atenção aos detalhes, na particularidade, na simplicidade das pequenas coisas e na delicadeza, que é muito marcante nos moradores do Jardim Pedramar.

D. Cida falou sobre o processo de criação da biblioteca LPC e depois contou que as pessoas de fora falavam para ela que o bairro era um lugar perigoso e ruim para se viver. Thiago e Fernanda perceberam que ela ficou com receio de falar sobre

isso, e lhe explicaram que o depoimento dela poderia ajudar a tirar aquela visão negativa que as pessoas têm do bairro.

E sabe o que é legal? Isso aí não é só com a senhora. Todo mundo tem uma percepção do Pedramar, de fora, de que aqui é um lugar ruim, cheio de drogas, de crimes, violento... E quando a pessoa vem aqui diz: "Nossa, não é nada disso!" Thiago

É importante aparecer isso... Diziam que era negativo e quando vim pra cá percebi que era tudo diferente. Fernanda

Figura 63: Entrevista com D. Cida
Fonte: Foto de Fernanda

A entrevista se baseou em nosso roteiro de perguntas, e, ao final nós lhe perguntamos: "Se esta biblioteca falasse, o que ela diria?" Em sua resposta, D.Cida praticamente nos contou tudo o que acontece naquela biblioteca e no seu entorno. Ela contou, inclusive, que as pessoas retiram livros e vão ler no jardim, que fica em frente.

Se essa biblioteca falasse ela iria dizer que está muito feliz com as pessoas que aqui veem, com os amigos que ela fez, com o lugar que ela está, que é aqui no Jardim Pedramar, com as pessoas que veem aqui emprestar os livros e os lê, com as crianças, com os jovens... E com os idosos que veem aqui pra aprender a ler. E também com uma minha amiga que vem, empresta os livros e faz resumo de tudo que ela leu em um caderno.... Então, eu acho que se essa biblioteca falasse, ela ia dizer muito obrigado por tudo isso. E ela está localizada em frente a um jardim muito bonito. E algumas pessoas pegam os livros e vão ler sentadas nos bancos desse jardim. E esse jardim é cuidado pelo Seu Aloísio, um vizinho nosso, que também é aposentado e gosta muito da natureza. D. Cida

Do jardim, dá para ver a D. Cida atualizando os registros de empréstimos e devoluções dos livros (Figura 64). Ela me contou que vai anotando em um papelzinho, e no final do dia, atualiza o caderno de controle da biblioteca.

Figura 64: D. Cida atualizando registros de empréstimos de livros
Fonte: Foto de Denise

No dia anterior à gravação da entrevista na biblioteca, eu e Tainã estávamos no local fazendo a visita técnica – conhecendo o local da gravação e verificando fatores importantes no processo tais como luz, som, espaço etc. – enquanto Jhonata e Diego⁴¹ cuidavam dos preparativos para o Sarau de São João, que seria realizado naquela noite. D. Cida foi para a cozinha de sua casa e preparou um café para nós. Enquanto nós o saboreávamos, ela conversou com Tainã sobre o documentário.

Tainã: O nosso processo hoje – a produção do documentário – não visa o dinheiro como a espécie final, até porque o documentário eterniza o trabalho. Ele vai levar isso pra várias outras frentes: pra pessoas, entidades, lugares, situações diferentes, e a gente vai ser a referência daquele registro. [...] o bairro não tem dono, o documentário também não tem dono, ele é de todo mundo, fala de todo mundo... A nossa atuação nesse processo é deixar claro isso. A gente vem com um câmera porque ela possibilita essa troca aí com outras pessoas, mas não tem dono, todo mundo ganha.

⁴¹ Diego é o irmão caçula de Thiago.

D. Cida: E outras pessoas aí, vendo tudo isso, assistindo o documentário, eles vão ter outras ideias, outra visão do lugar. Pode melhorar, né?

D. Cida fez questão de nos convidar para almoçar na casa dela no dia da gravação (Figura 65) e ela estava tão interessada na produção do documentário que nos acompanhou na gravação das entrevistas de Bedeu e de Seu Aloísio. A conversa durante o almoço girou em torno do planejamento da próxima entrevista. Dali, nós iríamos para a casa de Bedeu, que seria o próximo a dar depoimento.

Figura 65: Refeição na casa de D. Cida
Fonte: Self de Fabiana

A conversa com Bedeu foi realizada na cozinha de sua casa (Figura 66). Estar naquela cozinha – ou rancho, como eles dizem – traz a sensação de que nós estamos em uma exposição de arte. Em suas paredes, bem como no muro interno que dá acesso a ela, há muitos objetos pendurados nas paredes: peças de madeira feitas por Bedeu, objetos antigos que parecem ter sido recuperados e restaurados.

Bedeu acendendo o fogão à lenha para cozinhar feijão

O rancho

Figura 66: Entrevista com Bedeu na cozinha.
Fonte: Foto de Fernanda

Bedeu nos contou sobre o sorteio e os primeiros tempos no bairro e, a pedido meu, ele mostrou novamente os documentos que ele guarda da época e que, espontaneamente já havia me mostrado. Ele foi filmado acendendo o fogão à lenha para cozinhar feijão e jogando milho para os gansos no quintal da casa dele, tarefas que ele costuma fazer em seu dia-a-dia, e nos falou sobre seu trabalho com madeira.

Eu faço esculturas em madeira, entalhes, pirogravuras, desenhos, e incentivo a criançada a fazer isso também. Bedeu

Foi Bedeu quem fez a placa de boas-vindas que foi “plantada” na rotatória do bairro. Eu vi muitas fotografias do acervo de Thiago que registram aquele momento, e me pareceu que eles plantavam aquela placa, marcando o território, atitude bem característica dos moradores do Jardim Pedramar (Figura 67).

Figura 67: A rotatória, ponto de encontro.
Fonte: Foto de Thiago

Durante seu depoimento, Bedeu lembrou as dificuldades dos primeiros anos no bairro, reforçando as coisas positivas do lugar.

Agora tá excelente. Falta algumas coisas, falta... É o que eu comentei no sarau da biblioteca... Muitos lugares que a gente vai, não têm uma biblioteca no bairro. Que eu sei que tem é aqui. Você vê, o bairro é um ovinho, e tem uma biblioteca, tem um pessoal ativo, que faz acontecer, faz aparecer as pessoas, dando oportunidade pra pesquisas, como a sua... O que você vê aqui, você não vê em outro lugar. Ficou muito melhor agora.

Quando perguntamos a ele, “Se o Pedramar falasse, o que ele diria?”, sua resposta veio numa direção idealizada do lugar.

Se o Pedramar falasse ele diria: Gente, vocês deixaram de comprar um pedacinho do céu.

A explicação que ele dá é bem simples: o bairro tem uma biblioteca comunitária, tem festas e tem o moçambique.

Esses dias teve um sarau na biblioteca aqui e eu falei pra D. Cida, a senhora que toma conta da biblioteca: “O único bairro que tem uma biblioteca é aqui. Você não vê em outros lugares. Lugares que têm posto de saúde, farmácia, não sei mais o que... e não têm uma biblioteca. Como o pessoal vai ficar sem educação, sem ler? Aqui tem isso. Tem as festas que o pessoal faz... Meu filho inclusive encabeça algumas dessas festas... Tem Moçambique, uma coisa que era largada e a turma aqui fez aparecer de novo” Essas coisas boas. Bedeu

Na fala de Bedeu aparece bem a questão já discutida aqui, da tendência a ver a luz e deixar a sombra difusa. As pessoas tendem a não relacionar a precariedade da infraestrutura do lugar, o congelamento e a situação de irregularidade do bairro, ao processo de construção do loteamento e à falta de ações do poder público, no momento atual, para trazer soluções definitivas para os problemas do lugar.

A idealização traz o risco de a pessoa entrar num estado de fascinação que dificulta e até impede qualquer transformação. Eu posso falar sobre isso, acessando a minha experiência de encontro com o Jardim Pedramar. Eu precisei fazer um esforço grande para olhar para as sombras do bairro. Isso pode ser percebido na seção 2.3, onde me propus a falar sobre as sombras, mas acabei fazendo um movimento de me aproximar e de me afastar dela o tempo todo. Pode ser que esse encantamento, acompanhado do desejo de ficar com as imagens de luz, aconteça também com Bedeu e com outras pessoas do bairro. Porém, é importante olhar para a sombra, para as contradições que estão presentes naquele lugar, pois só é possível transformar o que conseguirmos discriminar.

Seguindo com as gravações... Seu Nego foi filmado na capela, reverenciando seu padrinho, São Benedito, e de lá, seguimos para a casa dele, onde a entrevista foi feita. Ele falou bastante sobre a origem da capela, os primeiros tempos de vida no bairro e a tradição do moçambique (Figura 68). Foi naquele depoimento que ele trouxe as reflexões sobre o bairro enquanto comunidade, sobre as quais eu falei detalhadamente na seção 2.3.

Figura 68: Entrevista com Seu Nego.
Fonte: Foto de Fernanda

A conversa com Seu Aloísio, foi realizada no quintal de sua casa. Ele foi filmado também cuidando do jardim, mostrando o que ele faz ali praticamente todos os dias. Ele não trouxe novidades sobre o bairro como um todo, apenas lembrou as dificuldades dos primeiros tempos, com relação à falta de água, energia elétrica e asfalto, depois contou-nos com detalhes sobre o terreno abandonado, cheio de mato e entulho que ele adotou e transformou em um jardim onde ele cultiva flores e frutas, e também faz arte (Figura 69).

Figura 69: Entrevista com Seu Aloísio

Fonte: Foto de Fernanda

Zeção nos recebeu em sua casa, no andar de cima de sua lanchonete, que fica na avenida principal do bairro (Figura 70). Praticamente tudo que ele disse naquele dia já foi usado neste relato: a época do sorteio, a lama, a felicidade de ter a primeira casa própria, a união das pessoas construindo suas casas.

Durante sua entrevista eu pude conhecer sua esposa e também sua filha, uma jovem que estava na época, cursando o último ano de Economia na Unicamp. Zeção nos contou que se sente orgulhoso pelas conquistas da filha, que o que ela conseguiu foi por muito esforço dela. Ele contou-nos também que ela estava estagiando em uma grande empresa em Campinas.

Interessante notar que muitos jovens do Jardim Pedramar estão cursando o ensino superior. Eu vejo como um desafio para eles, articular esses dois lados: preservar as raízes, a tradição e o cultivo do lugar, e ir para o mundo para conseguirem estudar e também trabalhar.

Fernanda falou bastante sobre essa questão do estudo, no dia em que ela e Thiago foram entrevistados no Cultura no Morro. Os dois trabalham e estudam, e se esforçam para que as crianças e os adolescentes do bairro estudem, inclusive

deixando o espaço cultural disponível como ponto de estudo, como deixam claro naquela reunião realizada em janeiro de 2017. Ela entende que o estudo, a aquisição de conhecimento, é uma ferramenta de transformação.

É bom a gente falar também que a gente sempre conversa sobre o estudo, né? A gente fala “Meu, tem que estudar. Se não estudar a gente não vai conseguir mudar nada. É através do estudo... É a ferramenta. Eles não querem que a gente entenda do negócio, mas a gente tem que começar a entender pra poder de fato mudar”. Fernanda

Figura 70: Entrevista com Zezão
Fonte: Foto de Denise

Quando nós terminamos a entrevista com o Zezão, nós aproveitamos para captar o som ambiente do bairro: carros circulando, crianças correndo e brincando pelas ruas, cães latindo e os moradores conversando nas esquinas ou em frente suas casas. Nós precisávamos destes sons para a edição do documentário, mas eles também foram importantes, dentro da proposta da etnografia sensorial. Quando eu os

ouço, volto no tempo, naquele dia e naquele lugar, posso perceber que aquela rua tem pouca circulação de veículos, que um ônibus urbano passa por lá, que muitas crianças ficam brincando no local. Dá para imaginar, pelas falas das pessoas, que muitas delas se conhecem, pois ouvimos muitas pessoas se cumprimentando.

Seu Gonzaga também nos recebeu em sua casa, junto com Marilene, e ele conversou conosco vestindo sua roupa de palhaço e sendo maquiado pela esposa. Foi neste dia que eles nos contaram sobre a compra do circo e nos mostraram muitas fotografias daquela época. Toda a equipe ria junto com Marilene e Seu Gonzaga, ouvindo-os falar sobre os bastidores do picadeiro (Figura 71).

Foi durante a entrevista com Seu Gonzaga que Marilene, que não estava sendo filmada, fez importantes denúncias sobre a sombra do lugar. A partir daquele dia, ela, que não havia sido escolhida como personagem para o documentário, passou a ser vista por mim como uma peça importante deste processo de entender e mostrar a história da alma do Jardim Pedramar⁴².

Figura 71: Entrevista com Seu Gonzaga
Fonte: Foto de Tainã

No processo de seleção das imagens para mostrar aqui, eu revi as fotografias tiradas nos momentos que antecederam as gravações e também em seus bastidores. Rever essas imagens mobilizou em mim imagens internas (imagens psíquicas) associadas àquela experiência. Era como se eu tivesse sido transportada para o Jardim Pedramar, para aquela época, para junto daquelas pessoas.

⁴² Tema que explorei com detalhes na seção 2.3.

Eu entendo que o vídeo poderá potencializar essa experiência. De acordo com Pink (2015), o vídeo permite acessar os aspectos sensoriais das atividades e experiências vividas, favorece o acesso e a compreensão das memórias e da imaginação das pessoas, bem como uma rota que permite ao etnógrafo usar sua própria experiência para imaginar como é a experiência dos outros. Além disso, o vídeo pode ser visto posteriormente pelo pesquisador e os participantes, o que traz a possibilidade de fomentar as reflexões e a imaginação, e trazer memórias e fomentar novas experiências sensoriais.

Mas, o que fazer com as imagens? Nem a psicologia arquetípica, nem a etnografia sensorial trazem como proposta interpretar as imagens. A regra básica da psicologia arquetípica é “ficar com a imagem”, o que significa experimentá-las, nos relacionar com elas, cuidar delas, e dar a elas uma resposta imaginativa.

A etnografia sensorial, entende que todo o material coletado – a transcrição das entrevistas, as fotografias, os vídeos, os sons etc. – é sensorial, pois ele carrega biografias e memórias de todo o processo de pesquisa, além de ser evocativo do encontro entre pesquisador, participantes e lugar. Pink (2015) propõe que o material produzido seja revisto, ao lado dos participantes ou não, de forma que o pesquisador possa se reconectar com o não-verbalizado no processo, com os efeitos sensoriais e emocionais gerados naqueles encontros, o que vai fomentar sua imaginação do pesquisador e favorecer sua reflexão.

A escolha das imagens que acompanham este relato, não foi aleatória e vai muito além de uma simples ilustração. As imagens mostradas aqui, são aquelas que me convidaram a ficar mais com elas e fomentaram minha imaginação sobre o Jardim Pedramar e sobre o meu encontro com ele e com as pessoas do lugar, e as compartilho, para que você leitor, possa experimentar o que eu experimentei. Eu posso sentir a temperatura do ambiente, a alegria de estar trabalhando para concretizar um objetivo comum, o frio daqueles dias de inverno e até uma certa tensão que surgia nos momentos da gravação (Figura 72).

Dá para ver que muitos de nós (a equipe de produção) estavam com o celular ou uma câmera na mão fotografando ou filmando o processo de gravação. Nós tirávamos fotografias dos lugares, das pessoas entrevistadas, da equipe trabalhando e de detalhes que chamavam nossa atenção. As coisas do mundo, criadas por Deus e pelo homem, nos chamavam: “Olha, nós estamos aqui.” E nós as ouvíamos e nos deliciávamos interagindo com elas, acariciando-as por meio de nossos registros.

Figura 72: Equipe de produção registrando *making of*
 Fonte: (A) Foto de Tainã e (B) Foto de Denise

Outro motivo para eu ter escolhido as imagens mostradas aqui, é porque entendo que elas com certeza são uma janela para a alma do Jardim Pedramar. Como afirmou Moore (1994),

Quando você olha atentamente para a imagem da alma, você vê que ela está ligada à vida em todos os seus detalhes: boa comida, conversa satisfatória, amigos genuínos e experiências que permanecem na memória e tocam o coração. A alma é revelada no apego, no amor e na comunidade, bem como no retiro em prol da intimidade interna e da intimidade com o outro (p. xi-xii).

Aos poucos eu me dei conta de que a produção do documentário, que veio inicialmente como um desejo de compartilhar a história daquele lugar com as pessoas que não o conhecem, acabou se configurando como em uma intervenção, no sentido de ter favorecido que os próprios moradores refletissem sobre o lugar e sobre suas vidas no lugar, até mesmo mobilizando-os para uma maior participação na busca de soluções para os problemas do lugar. O processo de produção do documentário, assim como a realização desta investigação, de uma maneira geral, configurou-se uma intervenção via imagens.

4 REFLEXOS NA ALMA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mergulhados em olvido por essa experiência, emergimos sem saber exatamente o que aconteceu; sabemos apenas que fomos transformados (HILLMAN, 2009, p. 196).

Este relato foi elaborado em primeira pessoa, porque ele é resultado de reflexões tecidas em torno de observações e experiências, que vivenciamos no Jardim Pedramar, com base no arcabouço teórico estudado. O aprofundamento teórico trouxe uma percepção de que existe um entrelaçamento entre as ideias de Pink, Hillman e Berleant e que, de alguma maneira, todos eles estão trabalhando para resgatar a alma do mundo.

Conduzidos ao Jardim Pedramar com a ideia de conviver com adolescentes, para tentar entender qual seria o impacto de uma enunciação de vulnerabilidade sobre eles, nos demos conta de que estávamos conectados com o espírito da época⁴³: a ênfase que tem sido dada no Brasil à proposição de intervenções de caráter assistencialistas, embasadas na ideia de vulnerabilidade social.

Porém, na medida em que fomos inalando o Jardim Pedramar, levando-o para dentro, fomos atravessados por um desejo de fazer alma, fomos pegos pelo calcanhar – assim como Aquiles. Na medida em que nós deixamos acontecer, nós engravidamos de inusitadas possibilidades. Assim, o espírito das profundezas que se agitava dentro de nós, convocou-nos a questionar as teorias e as perspectivas que têm sido usadas para olhar para os lugares e para as pessoas. Tendo como guia o espírito das profundezas, nós tivemos a oportunidade de buscar o não realizado e de dizer o não dito durante o mestrado, abraçando uma tarefa imposta de dentro e partindo para a realização de uma experiência a serviço da alma.

A princípio, parecia que a investigação estava se distanciando muito do tema inicial do doutorado, a vulnerabilidade, mas, com o decorrer das observações e reflexões, e especialmente durante a redação deste texto, nós percebemos que o tema esteve presente o tempo todo. O que aconteceu, de fato, foi que a imersão no Jardim Pedramar nos possibilitou uma ampliação da visão para a questão da vulnerabilidade. Hoje, podemos afirmar com segurança que, na perspectiva da assistência social, o Jardim Pedramar é sim um território de vulnerabilidade (social),

⁴³ A ideia de espírito da época e espírito das profundezas foi trazida por Jung, no Livro Vermelho (JUNG, 2013), como dissemos na seção 1.1.

já que aquelas pessoas foram marcadas por um destino trágico, do ponto de vista social, e vivem em um lugar muito distante do centro da cidade, com uma infraestrutura muito precária, e estão, de maneira geral, abandonados pelo poder público. Porém, percebemos que é importante usar a expressão “vulnerabilidade social”, ao falarmos sobre a vulnerabilidade neste ponto de vista⁴⁴.

A partir dessa experiência de encontro com a profundidade (a alma) no Jardim Pedramar, compreendemos algo ainda mais importante com relação ao tema da vulnerabilidade: é possível conjugar felicidade e vulnerabilidade, pois, ambas são qualidades da alma. Os habitantes do Jardim Pedramar são, ao mesmo tempo vulneráveis e felizes, e isso pode ser afirmado pois, sendo a alma ambígua, é possível haver vulnerabilidade na felicidade e felicidade na vulnerabilidade. A vulnerabilidade, numa perspectiva psicológica, é um estado da alma, que pode ser feliz⁴⁵ quando encontra a possibilidade de ser ela mesma.

A realização deste estudo mostrou-nos que a etnografia sensorial é uma boa opção metodológica para se perceber e compreender a alma de um lugar, uma vez que ela oferece recursos para a realização de um trabalho profundo com as imagens (visíveis e invisíveis, representações e apresentações).

Seguindo esta metodologia, a maioria das entrevistas foi feita no próprio contexto de atividades das pessoas – na cozinha, em torno de uma mesa de refeição, em pé mesmo ou num banco de jardim, na calçada em frente à residência de alguém, na lanchonete, na quadra, no Cultura no Morro. Os registros feitos por meio de áudios, vídeos ou anotações tiveram consentimento livre e esclarecido dos moradores do Jardim Pedramar, que concordaram com o uso de seus nomes, imagens e relatos, sem anonimato, tanto neste texto quanto no documentário (Apêndice D).

Thiago esteve presente durante a maioria das conversas realizadas com os moradores do lugar. Inicialmente, isso aconteceu porque ele mora há muito tempo no bairro e conhece praticamente todos os seus moradores, então, ele nos acompanhava com o objetivo de nos apresentar às pessoas, e acabava ficando e participando da conversa. Posteriormente, quando já estávamos bastante próximos dos moradores, ele continuou acompanhando as conversas, já que elas aconteciam durante o

⁴⁴ No mestrado, usamos o termo vulnerabilidade, sem o complemento “social”.

⁴⁵ Não faz parte do escopo deste texto discorrermos sobre o significado da palavra felicidade, como fez Watts (1995), mas, nós nos apoiamos em Ferreira (1999, p. 891), que dentre os vários significados para a palavra “feliz”, escreveu: “que denota, ou em que há alegria, satisfação, contentamento”.

planejamento e a execução das ações realizadas pelos habitantes do Jardim Pedramar.

“Caminhar com vídeo”, como proposto por Pink, favoreceu que imagens internas fossem se apresentando, ao mesmo tempo em que as imagens do lugar eram captadas. Na medida em que pesquisadora e moradores caminhavam pelo bairro para capturar suas imagens, eles podiam sentir o lugar e dar sentido a ele, fazer o lugar e fazer um sentido de lugar.

Caminhar... Fazer lugar... Pesquisar... Foi caminhando pelo Jardim Pedramar, vivendo experiências estéticas e conversando com as pessoas que vivem lá que nós pudemos construir um conhecimento sobre aquele lugar e sobre a vida das pessoas ali.

Na proposta da etnografia sensorial, a análise, as reflexões e as devolutivas⁴⁶ acontecem durante todo o processo de pesquisa. Ver as imagens captadas trouxe a possibilidade de um relacionamento com elas e de um espelhamento, que fomentou reflexões em todos os envolvidos – moradores e pesquisadora – transformando esta investigação em um trabalho de intervenção.

Um exemplo disso está relacionado à tomada de consciência sobre a sombra. Conversar sobre a dificuldade que todos nós tínhamos de olhar para a feiura, a sujeira, a lama, a escuridão, favoreceu com que a sombra e as contradições do lugar viessem à tona e pudessem ser alvo de reflexão. Ao enveredar para o lado da sombra no Jardim Pedramar, o que nos causou mais horror, foi ouvir que o bairro pode ter sido congelado como uma medida de proteção⁴⁷. Este foi o momento da pesquisa em que a vulnerabilidade se fez mais presente. Que leis são essas que se propõem a libertar e acabam aprisionando? Vulnerável ou vulnerabilizado?

Mas a intervenção não se deu apenas no trabalho com a sombra. Durante a pesquisa foi construído um espaço de cultivo de alma, que possibilitou aos moradores do Jardim Pedramar transformarem eventos em experiências. A partir da importância dada ao Jardim Pedramar e do fato de ele ter sido escolhido como campo de estudo,

⁴⁶ A devolutiva é um retorno que o pesquisador dá para os participantes da pesquisa, acerca do conhecimento adquirido no lugar.

⁴⁷ É importante repetir aqui que eu não estou escrevendo uma história de caso, mas sim uma história da alma. Neste sentido, mesmo eu não tendo conseguido investigar as causas do congelamento, ele é fato e traz um impacto importante na vida daquelas pessoas. No caso de o congelamento não estar relacionado à intenção de proteger aqueles moradores, ainda fica minha indignação com o descaso do poder público, que permitiu que as pessoas fossem levadas para aquele lugar numa condição de irregularidade, e ofereceu, como solução, o congelamento do bairro.

houve a imantização de um campo de olhar, de sentido e de significado para as pessoas de lá. Ali já existia um forte movimento de cultivo de alma lá, mas o processo de investigação ofereceu um vaso para o cultivo de um jardim, o Jardim Pedramar. Segundo Hillman (2011, p. 61), “vasos são o modo como abraçamos os eventos, os estocamos, os estilizamos”.

A alma daquele território de espaço e de pessoas ganhou profundidade, foi cultivada, na medida em que nos envolvemos com ele, nos relacionamos com as suas imagens e procuramos dar sentido e valor a elas. O registro das imagens e a produção do documentário se configurou um jardim de alma cultivado.

Com essa pesquisa, foi possível vermos e mostrarmos a riqueza na pobreza, a beleza na feiura, a felicidade na vulnerabilidade. A beleza no simples, no delicado, no vulnerável, na gentileza dos gestos, na solidariedade, na união e comunhão de um espaço e de ideais, na simplicidade da vida...Um território profundo de imagens aberto à beleza e à vida.

Os moradores do Jardim Pedramar dão uma sustentação humana, de cultura humana àquele território, oferecem dignidade e sacralidade àquele lugar. Eles encontraram uma maneira de ir adiante, ir em frente, sem desvalorizar o passado, ao contrário, resgatando e cultivando a tradição do lugar. Há um saber presente ali. Eles dançam Moçambique, compõem músicas e formam bandas, grafitam os muros, cuidam do meio ambiente, e eles estão desenvolvendo um patrimônio cultural e de resistência, tomando o cuidado de registrar e de compartilhar esse conhecimento com outras comunidades. Quando um grupo de moradores fez uma pesquisa e descobriu que a Capela de São Benedito foi construída há mais de cem anos, eles estavam cuidando dela como um patrimônio histórico e cultural do bairro.

No Jardim Pedramar encontramos cultura em seus múltiplos sentidos. O cultivo da terra na produção orgânica; o cultivo do jardim na Praça Guarani; o cultivo da educação na biblioteca comunitária LPC; o resgate da tradição cultural e a valorização da arte com as oficinas, teatros, festivais. Todas as coisas, os artefatos do mundo, não somente o homem e a natureza, são valorizados naquele lugar, são carregados da matéria psicológica que é a alma. Todas as coisas têm alma lá. Elas têm um certo brilho, um desejo de encontro, um chamado que provoca encanto e um certo deslumbramento. Até o que seria descartado, jogado fora como lixo, atraindo e é transformado em arte naquele lugar, mostrando que a arte oferece potencial para transformar as pessoas e suas vidas, como disse Thiago, para mudar o mundo. Aqui

compreendemos a relação entre o que sentimos no final do filme “Como estrelas na terra” e esta investigação.

Refletindo sobre esta experiência, à luz da psicologia analítica e da psicologia arquetípica, nós verificamos empiricamente que as imagens são um meio privilegiado de acesso e apresentação da alma de um lugar, uma vez que permitem um olhar poético e metafórico para suas coisas, criando cultura psicológica e formas de viver. Em outras palavras, as imagens trazem visibilidade e são uma janela para a alma de um lugar.

Parecia inviável as pessoas ouvirem a nossa voz, mostramos que estamos vivos, firmes e fortes. Nos últimos tempos, várias pessoas se aproximaram de nós (Pedramar), pessoas que se tornaram moradores do coração, abraçaram essa comunidade que eu me orgulho tanto de fazer parte. [...]
Thiago

REFERÊNCIAS

- ABAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AMMANN, Ruth. *The enchantment of Gardens. A Psychological Approach*. Einsiedeln: Daimon, 2008.
- ANDRIOLO, Arley. A metamorfose do olhar na viagem de Goethe à Itália. *ArtCultura, Uberlândia, UFU*, v.13, n.23. Uberlândia, jul.- dez. 2011, p. 114-127.
- ARISTÓTELES. Sobre a alma. (Tradução: Ana Maria Lóio). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- AUGÉ, M. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.
- AVENS, Roberts. *Imaginação é realidade*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. A sociedade das imagens em série e a cultura do eco. Revista F@aro n. 2. Republicado: A cultura do eco: a sociedade das imagens em série e a cultura do eco. In: *A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo: Hacker, 2005. p. 44-57.
- BAPTISTA, Sylvia Mello Silva Baptista. Hermes. In: ALVARENGA, M. Z. (Org.) *Mitologia Simbólica: Estruturas da psique e regências míticas*. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2007, p. 251-267.
- BARCELLOS, Gustavo. *Psique e Imagem*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BARCELLOS, Gustavo. *Vôos & Raízes: ensaios sobre imaginação, arte e psicologia arquetípica*. São Paulo: Ágora, 2006.
- BERLEANT, Arnold. The Aesthetic Sense of Environment. In: *The Aesthetic of Environment*. Philadelphia: Temple University, 1992.
- BERLEANT, Arnold. O caso da estética social. Artigo produzido para o I Seminário de Estética Social. Perspectivas em Arte e Engajamento. Instituto de Psicologia da USP, 2016.
- BERRY, Patricia. *O corpo sutil de Eco. Contribuições para uma psicologia arquetípica*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BESSELAAR, José Van Den. *As palavras têm sua história*. Braga: APPACDM, 1994.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. (Tradução Diogo Mainardi). Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Filha de São Paulo, 2003.
- CASEY, E. Getting placed: Soul in space. In: CASEY, E. *Spirit and Soul: Essays in Philosophical Psychology*. Dalas: Spring, 1991, pp. 291-309.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COELHO, Cecília M. V. T. A experiência estética tecida pelo canto no processo social: Sensibilidade, Tempo, Pertencimento. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho. 2017.

DAMÁSIO, António. *O mistério da consciência. do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. (Tradução Laura Teixeira Motta). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DONFRANCESCO, Francesco. *No espelho da psique*. São Paulo: Paulus, 2000.

ESTÊS, Clarissa Pinkola. *O jardineiro que tinha fé: uma fábula sobre o que não pode morrer nunca*. (Tradução: Waldéia Barcellos). Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREITAS, L. V. de. O calor e a Luz de Héstia: sua presença nos grupos vivenciais. *Cadernos de educação*. UNIC-CPG. Edição especial de 2005.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. (Tradução: Plínio Dentzien) Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOMBRICH, Ernst Hans Josef. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1995.

GUARESCHI, N. M. F., REIS, C. D., HUNING, S. M., BERTUZZI, L. D. Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. *Estudos e pesquisas em psicologia*. n.7, v.1, p.20-30, 2007. Acesso em 09 de Julho de 2013. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a03.pdf>

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, ano IX, n.17, 2007. Acesso em 28 de setembro de 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/213/205>

HILLMAN, James. *O mito da análise: três ensaios de psicologia arquetípica*. (Tradução: Norma Telles). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HILLMAN, James. *Entre Vistas: conversas com Laura Pozzo sobre psicoterapia, biografia, amor, alma, sonhos, trabalho, imaginação e o estado da cultura*. (Tradução Lúcia Rosenberg e Gustavo Barcellos). São Paulo: Summus, 1989.

HILLMAN, James. *Psicologia arquetípica: um breve relato*. (Tradução Lúcia Rosenberg e Gustavo Barcellos). São Paulo: Cultrix, 1991.

HILLMAN, James. *Cidade & Alma*. (Tradução Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg). São Paulo: Studio Nobel, 1993.

HILLMAN, James.; MICHAEL V. *Cem anos de Psicoterapia... e o mundo está cada vez pior*. (Tradução: Norma Telles). São Paulo: Summus, 1995.

HILLMAN, James. *O livro do puer: ensaios sobre o Arquétipo do Puer Aeternus*. (Tradução Gustavo Barcellos). São Paulo: Paulus, 1998.

HILLMAN, James. *City & Soul*. New York: Spring, 2006.

HILLMAN, James. *Suicídio e alma*. (Tradução Sonia Maria Caiuby Labate). Petrópolis: Vozes, 2009.

HILLMAN, James. *O pensamento do coração e a alma do mundo*. (Tradução Gustavo Barcellos). Campinas: Verus, 2010a.

HILLMAN, James. *Re-vendo a psicologia*. (Tradução Gustavo Barcellos). Petrópolis: Vozes, 2010b.

HILLMAN, James. *Ficções que curam: psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler*. (Tradução Gustavo Barcellos, Letícia Capriotti, Andrea Alvarenga Lima, Elisabeth Miranda Sandoval). Campinas: Verus, 2010c.

HILLMAN, James. *Psicologia Alquímica*. (Trad. Gustavo Barcellos). Petrópolis: Vozes, 2011.

HILLMAN, James. *Os sonhos e o mundo das trevas*. (Trad. Gustavo Barcellos). Petrópolis: Vozes, 2013.

HUMBERT, Elie G. *Jung*. São Paulo: Summus, 1985.

JORGE, Denise Batista Pereira. *Adolescente vulnerável ou vulnerabilizado? Sentidos e usos do termo vulnerabilidade na perspectiva dos agentes sociais do município de Jacareí (SP)*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho, 2013.

JUNG, Carl Gustav. *A Natureza da psique*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG. Carl Gustav. *Sincronicidade*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. 23. ed. (Tradução de Maria Lúcia Pinto). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos e reflexões*. 1. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- JUNG, Carl Gustav. *Símbolos da transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- JUNG, Carl Gustav. *O Livro Vermelho. Liber Novus*. Edição sem ilustrações. Petrópolis: Vozes, 2013.
- JUSTER, Norton. *Tudo depende de como você vê as coisas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LIMA, Giselda de. Héstia. In: ALVARENGA, Maria Zélia. (Org.) *Mitologia Simbólica: Estruturas da psique e regências míticas*. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2007, p. 133-150.
- LIOTTA, Elena. *On Soul and Earth: The Psyche Value of Place*. London and New York: Routledge, 2009.
- MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *RBCS*, v.17, n. 49, junho de 2002. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf. Acesso em 08 de janeiro de 2015.
- MONDO, Ricardo. Places of healing. In: LIOTTA, Elena. *On Soul and Earth: The Psyche Value of Place*. London and New York: Routledge, 2009, p. 284-293.
- MOORE, Thomas. *Care of the Soul: A Guide for Cultivating Depth and Sacredness in Everyday Life*. New York: HarperPerennial, 1994.
- MUNFORD, Lewis. *A cultura das cidades*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.
- MUNFORD, Lewis. *A cidade na história*. v.1. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.
- PALOMO, Victor. Humor, riso e psicoterapia (Apolo, Hermes e Dioniso se encontram). In: *Junguiana - Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. v.26, n.2, p. 81-87, Novembro de 2008.
- PENNA, Eloisa M. D. *Epistemologia e método na obra de C. G. Jung*. São Paulo: educ, 2013.
- PINK, Sarah. *Doing sensory ethnography*. 2.ed. California: SAGE, 2015.

PINK, Sarah. Walking with video. *Visual Studies*, Vol. 22, No. 3, December 2007. Acesso em 10 de outubro de 2015. Disponível em: <http://livre-rose.hyper-media.eu/wp-content/uploads/2014/03/Pink-WalkingwithVideo.pdf>.

PLATÃO. *Timeu-Críticas*. Coimbra: CECH, 2011.

RÍMOLI, Fábila. Hades, o rei dos inferos. In: ALVARENGA, Maria Zélia. (Org.) *Mitologia Simbólica: Estruturas da psique e regências míticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 117-132.

RIO, João. do. *A alma encantadora das ruas. Crônicas*. São Paulo: Martin Claret: 2007.

RODRIGUES, C. M. C. *Águas aos olhos de Santa Luzia. Um estudo de memória sobre o deslocamento compulsório de sitiados em Nazaré Paulista*. Campinas: Editora da Unicamp: 1999.

ROMANYSHYN, Robert. D. *The Wounded Researcher: Research with Soul in Mind*. New Orleans: Spring, 2007.

SANTI, Luiz Otávio de. *Espaços da memória, uma intervenção videofotográfica como forma de pesquisa com moradores de São Luiz do Paraitinga*. Tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho, 2017.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SARDELLO, Robert. *No mundo com alma: repensando a vida moderna*. (Tradução: Pedro Maia Soares). São Paulo: Ágora, 1997.

SARRIERA, Jorge Castellá. Intervenção psicossocial e algumas questões éticas e técnicas. In: SARRIERA, Jorge Castellá (coord.). *Psicologia Comunitária: estudos atuais*. 2.ed. Porto Alegre: Sulinas, 2004.

SCANDIUCCI, Guilherme. *Um muro para a alma: a cidade de São Paulo e suas pizações à luz da psicologia arquetípica*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IP/USP – como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. 2014.

SCANDIUCCI, Guilherme; FREITAS, Laura Villares de. A psique no espaço: pertinência e imaginação do/no lugar. In: VICHETTI, Sandra Maria Patrício; ARAÚJO, Alberto Filipe (Org.). *Paisagem, Imaginário e Narratividade. Olhares transdisciplinares e novas interrogações da Psicologia Social*. São Paulo: Zagodoni, 2015.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. (Tradução: Marcos Aarão Reis). 2.ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SLATER, G. O “método” arquetípico: reflexões acerca da abordagem de Hillman aos fenômenos psicológicos. *In: Cadernos Junguianos*. Associação Junguiana do Brasil. v.9., n.9., setembro de 2013. p. 20- 34.

SOUZA, Ana Célia Rodrigues. Coré-Perséfone: um ritual iniciático da totalidade do feminino. *In: ALVARENGA, Maria Zélia. (Org.) Mitologia Simbólica: Estruturas da psique e regências míticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 299-313.

TELLES Jr., G. Meditações sobre a desordem. *In: Imaginário-USP*, n.3, p. 209-215, 1996.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. (Tradução: Livia de Oliveira). São Paulo: DIFEL, 1983.

URRY, John. O olhar do turista. *In: O olhar do turista, lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Sec/Nobel, 1996, p. 15-32.

WATTS, Alan W. O significado da felicidade. A busca da liberdade de espírito na moderna Psicologia e na Sabedoria Oriental. (Tradução de Luiz Carlos Rocha). São Paulo: Pensamento, 1995.

WEIL, Simone. *O enraizamento*. (Tradução: Maria Leonor Loureiro). Bauru: EDUSC, 2001.

YÁZIGI, Edward. *A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Sinopse do filme “Como estrelas na terra”

Título original: “Taare Zameen Par – Every Child is Special”

Diretor: Aamir Khan

Lançamento: 2007.

O filme conta a história de um menino indiano de 9 anos de idade, chamado Ishaan, que tinha dificuldades na escola. Quando a professora de Ishaan solicitava que ele fizesse a leitura de um texto, ele não conseguia e falava que as letras dançavam à sua frente. A professora ficava muito brava com sua resposta e os outros alunos zombavam dele. Nem a professora nem seus colegas de sala o compreendiam. Ninguém o olhava com cuidado e atenção.

Na casa do menino não era muito diferente. Seus pais não conseguiam perceber que ele tinha dificuldades de aprendizagem. A letra da música “Siga em frente” (*Jame Raho*), que compõe a trilha sonora do filme, mostra bem como era o dia-a-dia no lar de Ishaan. A primeira metade da música mostra o modo de viver dos pais e do irmão de Ishaan: um cotidiano acelerado e bem organizado, onde a preocupação com o relógio é bem evidente.

*Amarre os sapatos
Aperte os cintos
Prepare-se para a batalha
Carregue seu fardo*

*Com pastas em mão e
Decisão firme
Dominaremos o mundo
Nos manteremos firmes*

*Assim funciona o mundo, continue
Seu destino te espera, siga em frente
Assim funciona o mundo, siga em frente
Seu destino te espera, siga em frente*

*Eles dormem com um olho aberto
Ficar para trás não é uma opção
Trabalhe o máximo que puder
Do jeito que lhe dizem*

*Eles vivem de omeletes
Vitaminas e tônicos
Um regime estrito de trabalho e descanso
Esforçando-se, dando duro, abra caminho*

Seu destino te espera, siga em frente

O pai de Ishaan levantava-se cedo, vestia um terno, pegava sua pasta e saía apressado para o trabalho. Quando estava em casa, fazia suas refeições diante do computador, trabalhando o tempo todo. O irmão de Ishaan, alguns anos mais velho que ele, mostrava-se sempre preocupado em tirar as melhores notas. Ele tinha um hábito parecido com o de seu pai, estudava sem parar para se alimentar e não tinha tempo para se divertir. Sua mãe corria o dia todo, cuidando dos afazeres domésticos, preparando as refeições e servindo o marido e os filhos, sempre atenta ao relógio.

Certamente eram essas as expectativas que recaíam sobre Ishaan, que, não conseguindo alcançá-las, acabava se recolhendo e vivendo muito sozinho. A segunda parte da música mostra bem seu jeito de estar no mundo.

Mas aqui chegamos a outro assunto
O de acordar com as músicas de um sonho
Quando o tempo para
A fantasia se liberta

Eles sempre se perguntam
Eles sempre se perguntam

Porque o seu destino te espera, siga em frente

Eles não são escravos do tempo
Eles são livres
Tem reuniões com as borboletas
E debates com as árvores

Passam seu tempo brincando com o vento
E contando histórias às gotas de chuva
Enquanto pintam
Um novo mundo na tela do céu

Ishaan acordava sorrindo e se arrumava com lentidão. Frequentemente se distraía e se atrasava para pegar o ônibus escolar. Ele olhava para as poças d'água e via peixinhos nadando, se debruçava na janela do ônibus e se imaginava voando como um pássaro. Se sentava embaixo das árvores e brincava com os cachorros.

Em seu quarto haviam muitos brinquedos, papel, tintas e lápis de cor, tudo espalhado pelo chão. Ishaan ficava horas montando quebra-cabeças, daqueles que possuem uma grande quantidade de peças coloridas. Mas o que ele mais gostava de fazer era desenhar e pintar. As paredes ao lado de sua cama estavam repletas de desenhos coloridos.

Uma das cenas do filme mostra Ishaan pintando. Pude ver o encantamento que ele sentiu quando pingou uma grande gota de tinta vermelha sobre o papel e ficou observando-a, acompanhando o movimento da tinta escorrendo no papel. Com os olhinhos brilhando, ele pingou outra gota de tinta, agora amarela, em cima da

vermelha. Ele se divertiu misturando vermelho com amarelo, espalhando a tinta com a ponta dos dedos em movimentos circulares, vendo surgir à sua frente uma linda imagem. “Incrível!”, foi a palavra que o irmão de Ishaan usou para expressar seu encantamento ao vê-lo pintando.

Quando Ishaan andava pelas ruas, de ônibus ou a pé, ele prestava atenção em tudo que via. Ele via as pessoas correndo de um lado para o outro, executando suas tarefas, as seguia e as imitava. Ishaan se envolvia com as coisas do mundo e com as pessoas.

Em uma das cenas do filme, o garoto apareceu sentado em cima de uma pedra, olhando para a imensidão do mar e para os pássaros voando. Ishaan era um garoto sensível e curioso, e parece que sentia prazer quando aprendia algo. Além disso, ele tinha uma imaginação muito rica e era muito criativo. Tudo que ele via ganhava movimento e vida.

Após fracassadas experiências em escolas tradicionais, seu pai decidiu matriculá-lo em um colégio interno, e sua mãe, sem saber o que fazer diante disso, se calou e submeteu-se à decisão do marido.

No novo colégio, a disciplina era ainda mais rigorosa que nas escolas anteriores. Ishaan sofria muito, porque lá era ainda mais difícil alcançar as expectativas dos professores. Além disso, ele sentia muita saudade de sua casa, de sua mãe e de seu irmão. Com o tempo, ele foi se isolando cada vez mais, e acabou imerso em grande tristeza e apatia.

As coisas só começaram a mudar quando um professor substituto, chamado Nikumbh, assumiu a disciplina de arte. Com sua sensibilidade, este professor começou a prestar atenção em Ishaan e, em vez de simplesmente aceitar o que todos diziam – que ele não aprendia porque não se empenhava nos estudos –, percebeu que o garoto trocava algumas letras, tinha dificuldades para soletrar e ler e não conseguia fazer as tarefas escolares devido à dislexia. “Houve necessidade de outros e novos olhos, pois, os antigos só poderiam ver o que estavam acostumados a ver” (JUNG, 1991, §119).

Em uma das cenas do filme, Nikumbh contou em sala de aula, que pessoas famosas, tais como Leonardo da Vinci, Tomas Edison, Pablo Picasso, Agatha Christie e Walt Disney tiveram dificuldades para lidar com letras e números na infância. Ele disse a seus alunos que as pessoas são diferentes e algumas possuem limitações.

No entanto, isso não as impede de fazer coisas legais e importantes. Ishaan nem piscava. Ouvia atentamente tudo que seu professor falava.

Ao final dessa aula, Nikumbh convidou seus alunos para irem para a beira do lago construir algo, em homenagem àquelas pessoas diferentes, utilizando coisas que eles encontrassem por lá, tais como pedras, palitos, galhos, lixo.

Quando todos saíram, o professor pediu a Ishaan que conversasse um pouco com ele à sós. Ele disse ao menino que havia uma outra pessoa que tinha encontrado grandes dificuldades para aprender quando era criança. O menino parecia um tanto assustado, talvez porque esperasse que seu nome fosse dito pelo professor. No entanto, ele se surpreendeu quando Nikumbh disse seu próprio nome. Nikumbh, professor de Ishaan, também tinha tido dificuldades para aprender a ler e escrever na infância.

Ishaan tinha o costume de guardar em sua sacolinha, pequenos objetos – pedaços de madeira, pedras, cordas, botões, pedacinhos de metal, enfim, coisas que geralmente são consideradas lixo, mas que chamavam sua atenção quando ele caminhava pela cidade ou pelos arredores de sua casa. Naquele dia, quando o professor os convidou para irem à beira do lago criar algo, ele sentou-se sob uma pedra e espalhou o que estava guardado em sua sacolinha. Muito envolvido, começou a fazer uma obra de arte.

Ao final daquela atividade na beira do lago, Ishaan havia transformando pequenos objetos – que teriam sido descartados como lixo – em um aeroplano. Ele usou folhas de uma árvore para fazer as asas. O garoto era muito criativo.

Dias depois, Nikumbh foi conversar com o diretor da escola. Ele contou a seu superior sobre o problema do garoto e pediu-lhe autorização para ser seu tutor, ajudando-o não somente com a leitura e a escrita, mas em todas as matérias. O diretor relutou bastante, pois ele também não havia parado para prestar atenção em Ishaan e, conseqüentemente, não tinha percebido que o garoto tinha um grande potencial criativo. Mas, concordou com a ideia da tutoria. Desde então, Nikumbh passou a acompanhar Ishaan de perto, dentro e fora da sala de aula, oferecendo-lhe um cuidado que levava em consideração sua particularidade e individualidade.

Nikumbh ensinou Ishaan a ler, escrever e fazer contas usando todos os seus sentidos. Uma caixa com areia era usada para desenhar as letras com os dedos. As letras e os números eram desenhados no braço do garoto, que, de olhos fechados, aprendia sentindo o formato das letras na pele. Tinta colorida, papel e massinha de

modelar eram usados para fazer as letras e os números. Os números eram desenhados nos degraus da escadaria no jardim da escola, e o menino fazia as operações matemáticas ali, subindo e descendo degraus.

Aos poucos Ishaan foi se familiarizando com os números e com as letras. Ele aprendia com seu corpo inteiro, experimentando. Aprendia, fazendo arte. A arte trouxe a possibilidade de aprendizado e transformação para o menino, não apenas do ponto de vista do conhecimento escolar, mas do seu desenvolvimento e da construção de uma nova forma de estar no mundo, não mais tentando ser o que esperavam que ele fosse, mas sendo ele mesmo.

Ishaan gostava de caminhar sozinho pelo entorno da escola. Quando um lugar lhe chamava a atenção, ele se sentava na grama ou em cima de uma pedra, e era capaz de ficar horas ali, envolvido com o ambiente. Algumas vezes apenas observava e se entregava à imaginação. Em outras, ficava desenhando ou pintando. Ele era capaz de pintar tanto o que estava fora dele quanto o que estava dentro de si.

Ao final do ano letivo, Nikumbh organizou um concurso para eleger a melhor pintura. A obra escolhida seria colocada na capa do anuário da escola. Todos os alunos e professores da escola participaram da atividade, que foi realizada no jardim da escola. Na manhã do concurso, as pessoas chegavam, pegavam os materiais que iriam usar, escolhiam um lugar para se sentar e começavam a fazer arte. Aos poucos, podíamos ver pessoas, tintas coloridas e obras de arte se misturando às árvores daquele jardim.

Ishaan pintou a paisagem ao redor do lago, lugar onde ele esteve muitas vezes, durante aquele ano. Ele também pintou a si mesmo ali, na beira do lago, olhando a paisagem. Nikumbh pintou o rosto de Ishaan, com os olhos brilhantes e um sorriso aberto.

Antes de anunciar quem era o vencedor do concurso, o diretor da escola disse que Nikumbh seria efetivado no cargo de professor de arte. O diretor contou também que a banca avaliadora considerou que houve um empate entre duas pinturas: a de Ishaan e a de Nikumbh. No entanto, seus membros decidiram eleger a pintura do discípulo e não a do mestre. Dessa maneira, a pintura de Ishaan foi a vencedora e foi estampada na capa do anuário da escola.

O ano letivo havia terminado e os pais dos alunos chegaram para levá-los para a temporada de férias em suas casas. Os pais de Ishaan pareciam assustados, provavelmente preocupados com o que os professores fariam sobre seu rendimento

escolar. Afinal, eles estavam acostumados a ouvir que ele não havia conseguido atingir a meta na escola. Mas eles foram surpreendidos. Os professores contaram que Ishaan havia sido aprovado em todas as matérias e, além disso, havia se destacado por sua inteligência, criatividade e talento. Os pais de Ishaan se emocionaram, especialmente quando o viram brincando, alegre e cheio de vida.

APÊNDICE B – Caracterização das almas-personagens

Seu Aloísio: 63 anos.

Aposentado, mora no bairro há cerca de 20 anos. Adora plantas e também adora fazer bancos. Há cinco anos, adotou um terreno baldio localizado em frente à sua casa. Onde antes só havia lixo e entulho, hoje há um jardim feito com arte. Tudo que ele planta ali é catalogado, cresce e dá flores e frutos. Neste jardim há várias lixeiras e muitos bancos, feitos por ele, onde as pessoas se sentam para descansar, para conversar ou para ler os livros que pegam emprestados na biblioteca LPC. À noite, Seu Aloísio fica matutando, e no dia seguinte transforma o lixo e o entulho, que recebe como doação ou encontra pelo bairro, em obras de arte, que ficam expostas naquele Jardim, denominado por ele de Praça Guarani.

Cida: 67 anos.

Descendente de ciganos, mora no bairro desde sua formação em 1993. Ela olha para os coqueiros na sacada de sua casa ou para a nascente do Córrego do Tanquinho e se sente inspirada para escrever poesias, homenageando o lugar. Ela conta que, foi através da interseção de Nossa Senhora, de quem ela é devota, que ela e a família conseguiram comprar o terreno no Jardim Pedramar, onde construíram a casa onde moram. Ela diz que o Jardim Pedramar é o paraíso, a terra prometida. Ela participa de um grupo de dança cigana, formado na casa do idoso da cidade de Jacareí e, eventualmente, este grupo se apresenta numa festa na rua de sua casa.

Seu Gonzaga: 55 anos

Casado com Marilene. Comprou um terreno no bairro quando ele foi criado, em 1993, e ali construiu um barracão onde ia com a família nos finais de semana. Com o tempo, ele foi gostando do lugar e eles acabaram transformando o barracão em uma casa e se mudando para lá. Ele gosta muito de organizar festas e de circo. Há muitos anos, um circo mambembe se instalou no Jardim Pedramar para uma pequena temporada. Ele e sua família ofereceram o carro que tinham em troca do circo, e o administraram por cerca de 4 anos. Ele, sua esposa e filhos eram artistas do circo. Muitas apresentações foram feitas no bairro e aquilo era motivo de muita diversão, não só para os moradores do lugar, mas para Seu Gonzaga e família, que “pagavam para

rir”. Seu Gonzaga atuava como o palhaço do circo. Ele guardou sua roupa de palhaço e a utiliza para animar festas no bairro.

Marilene: 52 anos.

Esposa de Seu Gonzaga. Mora no bairro desde sua construção e, na época em que sua família administrava o circo, pintou o cabelo de loiro e atuava como dubladora, dublando a cantora Jane, da dupla Jane e Herondy. Durante as entrevistas com Seu Gonzaga, ela permanecia na janela do quarto deles, olhando as gravações e de vez em quando falava algo sobre o bairro e sobre a vida no lugar. Foi assim, saindo dos bastidores e entrando no picadeiro, que ela apontou elementos de sombra no Jardim Pedramar.

Marcos: 29 anos

Jovem, estudante de engenharia. Mudou-se para o bairro quando era criança. O fato de Marcos e muitos familiares terem se mudado para o bairro ao mesmo tempo, na época de sua construção, rendeu a eles o título de colonizadores do Jardim Pedramar. Sua casa era o ponto de encontro de muitas crianças do bairro, que na época brincavam em grupo pelas ruas e pela mata do bairro. O grupo reunia praticamente todas as crianças do bairro (cerca de 50 crianças) e suas brincadeiras – pique-litro, vôlei, futebol, balanço nos cipós da mata – duravam uma semana inteira. Marcos gosta muito de esportes e, aos 15 anos de idade, começou a organizar, junto com Bozinho – amigo e vizinho –, campeonatos de futebol. Os jogos, que começaram num campinho de terra, com alguns times formados por moradores de cada rua do bairro, há 4 anos se transformaram em um campeonato, o Uniquebradas, que dura cerca de 3 meses do ano e conta com a participação de times de outros bairros da cidade.

Bozinho: 29 anos

Mora no bairro desde os 7 anos de idade. Desde a adolescência, junto com Marcos, organiza os jogos de futebol e hoje está à frente da organização do campeonato Uniquebradas. A quadra onde o campeonato é realizado recebeu o nome de Quadra Dito Bozo em homenagem ao seu pai, falecido há 18 anos, e grande incentivador da prática de esportes no bairro.

Mariço: 26 anos.

Antes de o Jardim Pedramar ser formado, em 1990, Mariço e sua família já moravam na região. Com a construção do loteamento, eles adquiriram um terreno e construíram sua casa lá. Mariço participa ativamente do planejamento e da execução das ações no Cultura no Morro. Ele também participa dos mutirões que cuidam da quadra e da capela de São Benedito, além de jogar em um dos times do bairro que participam do Uniquebradas.

Jhonata: 22 anos

Mudou-se para o bairro ainda bebê. Ele faz parte do grupo de moçambique e aprendeu com seu Nego a importância de se cumprir os compromissos assumidos. Ele havia interrompido seus estudos e começou a se envolver no planejamento e execução das ações no Cultura no Morro. Após uma reunião realizada em janeiro de 2017 no espaço cultural, onde se falou, dentre outras coisas, sobre a importância do estudo, ele se responsabilizou pela abertura, fechamento e cuidados com o lugar, começou a participar das aulas de capoeira oferecidas na quadra e retomou seus estudos. Ele conta que, depois disso, ele é o primeiro a chegar nas atividades e fica preocupado quando as pessoas se atrasam para as atividades.

Zeão: 54 anos

Fez parte da Associação de Moradores do Tanquinho e esteve presente no dia do sorteio dos lotes, em janeiro de 1993. Logo que recebeu seu terreno, decidiu começar a construção de sua casa e se mudou para o lugar, marcando território ali. É pedreiro e proprietário de uma lanchonete localizada na avenida principal do bairro. A lanchonete foi inaugurada durante o primeiro AgromeraArte e ele fez questão de fazer ali um banheiro com acessibilidade para portadores de deficiência física. No salão principal da lanchonete, encontra-se a casa de pau-a-pique, feita com o barro amassado com os pés naquela edição do festival. Zeão empresta energia elétrica para a realização das festas na rua em frente sua lanchonete e também cede seu estabelecimento para a realização dos bingos em benefício do Cultura no Morro e do moçambique.

D. Cida: 73 anos

Professora aposentada. Mora há 10 anos no bairro. Gosta muito de poesias e de cultura, principalmente cultura popular. Ela tinha alguns livros da época em que foi professora e, junto com um grupo de adolescentes, decidiu ceder a garagem de sua casa para a criação da biblioteca comunitária Ler para Crescer. A biblioteca está localizada em frente à Praça Guarani. Inicialmente a biblioteca tinha um acervo de 200 livros e hoje, três anos após sua inauguração, já conta com 2.000 livros. D. Cida ministra ali aulas para alfabetização de adultos, organiza saraus e oficina de contação de histórias e cuida do empréstimo de livros, contando sempre com o envolvimento dos jovens que compõem a equipe da biblioteca: Redney (17 anos), João (16 anos), Thaís (21 anos) e Weslei (17 anos). A equipe está sempre reunida na biblioteca para cuidar dela e planejar novas ações.

Bedeu: 52 anos

Pai de Thiago. Fez parte da Associação de Moradores do Tanquinho e esteve presente no dia do sorteio dos lotes, em janeiro de 1993. Ele guarda, com muito cuidado, documentos da época da construção do bairro – panfleto de propaganda do lugar, carnês de pagamentos do seu lote, cupom com o número do lote sorteado – que são, segundo ele, provas do loteamento. Ele se refere ao bairro como um pedacinho do céu. Bedeu trabalha com entalhe em madeira e faz muitos objetos, inclusive foi ele quem entalhou a placa de boas-vindas que foi colocada na rotatória do bairro. Na cozinha de sua casa, o rancho, há uma porção de objetos feitos ou restaurados por ele, como se fosse uma exposição de arte. Todos os dias, pela manhã, ele acende o fogão a lenha para cozinhar feijão e alimenta os gansos que sua esposa Mônica cria no quintal da casa deles.

Seu Nego: 67 anos

Fez parte da Associação de Moradores do Tanquinho e esteve presente no dia do sorteio dos lotes, em janeiro de 1993. Foi um dos primeiros moradores a construir sua casa e se mudar para o Jardim Pedramar. Uma das coisas mais marcantes que ele vivenciou no bairro foi o dia em que a rede de energia elétrica foi ligada. Ele é devoto de São Benedito desde os 6 anos de idade e é com devoção que ele é mestre de moçambique e cuida da capela de São Benedito. Ele faz um grande esforço para que

os moradores do bairro vivam como uma comunidade, mas ele sente que hoje aquela comunidade dos primeiros tempos de vida no bairro não existe mais.

Thiago: 30 anos.

Filho de Bedeu. Mudou-se para o bairro quando tinha 7 anos de idade. Durante sua infância se divertia brincando pelas ruas do bairro, escorregando na lama e esperando o caminhão pipa chegar trazendo água. Na medida em que foi crescendo, a arte e pela cultura começaram a chamar sua atenção e Thiago percebeu a riqueza cultural do Jardim Pedramar. Com o desejo de mudar o mundo, junto com sua noiva Fernanda, decidiu fechar sua lanchonete e montar um espaço cultural no bairro, o Cultura no Morro. Thiago tem uma visão política e social ampliada e trabalha para que os moradores do lugar se conscientizem da importância de eles participarem como uma comunidade na resolução dos problemas e na melhoria do bairro. Através do Cultura no morro, ele atua como intermediário entre os moradores e o poder público. Thiago está fazendo o curso de comunicação social – rádio e TV.

Fernanda: 30 anos.

Fernanda não mora no Jardim Pedramar, mas frequenta o lugar desde sua adolescência. Quando ela e Thiago conversavam sobre a comunidade do Jardim Pedramar eles perceberam que compartilhavam o sonho de mudar o mundo e o gosto pela arte e pela cultura. Foi assim que decidiram montar o espaço cultural. Como Thiago, ela tem uma consciência política ampliada e ela sempre reforça, junto às crianças e aos jovens, a importância do estudo e trabalha para promover o protagonismo e a autonomia nessas pessoas. Ela está cursando o segundo ano do curso de Serviço Social.

Tainã: 36 anos.

Não mora no bairro. Conheceu Thiago e Fernanda em um projeto social e juntos foram amadurecendo a ideia de promover o desenvolvimento pessoal e profissional por meio da arte. Desde então, participa ativamente de todas as ações realizadas no bairro pelo Cultura no Morro e acabou se tornando um defensor do lugar. Tainã, Thiago e Fernanda decidiram fazer um acervo registrando com vídeo e fotografia as ações e o

movimento no bairro. Ele acredita que, por meio desses registros, é possível levar a comunidade para uma nova realidade, artística e social. Ele participou ativamente no processo de produção do documentário. Tainã, além de produtor cultural, é grafiteiro – há 17 anos – e fotógrafo. Muitos muros do Jardim Pedramar, incluindo o portão de acesso à biblioteca, foram grafitados por ele. Está concluindo o curso de bacharel em comunicação social.

Muitas outras almas-personagens poderiam ser apresentadas aqui, como é o caso de Zedequias – o garoto de 17 anos que me acompanhou na trilha que dá acesso ao Córrego do Tanquinho –, os adolescentes que compõem a equipe da biblioteca, e Fabiana – a adolescente de 14 anos que trabalhou como fotógrafa no *making of* do documentário. Foram apresenta aqui, as pessoas que tiveram um maior destaque na forma como esta história foi contada, mas, é necessário ressaltar que todas as pessoas que moram no Jardim Pedramar são devem ser lembradas e pois foram o chão de território onde esta pesquisa pode ser realizada.

APÊNDICE C – Roteiro para gravação das entrevistas para documentário

Perguntas para todos os entrevistados:

- 1- Como você /o Sr. / a Sra. veio morar aqui no Pedramar?
- 2- Quando foi isso?
- 3- Por que você / o Sr. / a Sra. vive neste bairro?
- 4- O que você / o Sr. / a Sra. sabe sobre a história do Pedramar?
- 5- Da época em que você / o Sr. / a Sra. se mudou para cá para hoje, mudou muita coisa? Como era antes e como é agora?
- 6- Conte um acontecimento marcante ocorrido aqui no Pedramar.
- 7- Se o Pedramar falasse, o que ele diria?

- 8- Se esse jardim falasse, o que ele diria? (pergunta específica para Seu Aloísio)

- 9- Se essa biblioteca falasse, o que ela diria? (pergunta específica para D. Cida)

- 10- Se o Cultura no Morro falasse, o que ele diria? (pergunta específica para Thiago e Fernanda)

APÊNDICE D – Termo de consentimento de direito de imagem

Você está sendo convidado a participar da pesquisa de doutorado intitulada “*Jardim, Pedra, Mar: Um olhar arquetípico para a cidade*”, realizada pela pesquisadora Denise Batista Pereira Jorge, RG: 12.188.637-2, CPF: 098.905.158-73, sob orientação do professor Gustavo Martineli Massola, junto ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

O objetivo desta pesquisa é conhecer o lugar onde você vive e narrar a história deste lugar, tanto na forma de um texto – a tese – quanto na forma de um documentário.

1 -Pelo presente instrumento, e na melhor forma de direito, o abaixo qualificado e assinado, declara expressamente que aceita participar de gravações de cenas do documentário “Jardim Pedra MareAlma”, de autoria de Denise Batista Pereira Jorge, RG. 12.188.637-2, CPF.098.905.158-73 e direção de Thiago Vinícius Lima da Silva, RG. 43.142.551-6, CPF. 349.782.368-60

Nome:		Nascimento:	
Endereço:			Nº
R.G. Nº:		C.P.F. Nº:	
Complemento:	Bairro:	Cidade:	Estado:
Nacionalidade:	Estado Civil:		Profissão:

2 -Relativamente à sua participação no documentário “Jardim, Pedra e Mar: um lugar com alma”, autoriza expressamente aos produtores, a realizar fixações, apresentações, gravações, reproduções, emissões de radiodifusão e/ou retransmissão do programa contendo a sua participação, em sua inteireza ou sob forma compactada, podendo aos produtores promover a venda e/ou cessão da obra artística, bem como a sua comercialização mediante afixação videográfica e/ou videofonográfica em suporte material para efeito de venda e/ou locação ao público, também em sua inteireza ou sob a forma compactada. A Obra poderá ser transmitida em qualquer localidade do território nacional e/ou do exterior, em qualquer dia e horário, via radiodifusão, VHF, UHF, Cabo incluindo “Pay TV” e “Pay per view” CD-Rom, DVD, telefonia móvel e fixa, MMDS, Satélite, INTERNET, ou por qualquer outro meio de transporte de sinal atualmente ou que no futuro venha a ser criado. O declarante autoriza ainda, a publicação da obra que conte com sua participação em revistas, jornais, álbuns, bem como, em qualquer mídia impressa.

3 -A presente autorização é concedida aos produtores, extensiva às suas afiliadas, às emissoras componentes de outras redes, e ainda, às emissoras independentes ou a empresas que explorem a videografia e/ou videofonografia. Tais direitos, que incluem os direitos autorais e os a ele conexos, nos termos da Lei nº 9.610/98, poderão ser exercidas pelos produtores, tanto no território nacional quanto no exterior, durante o prazo de 20 (vinte) anos.

4- - O (a) declarante autoriza os produtores a licenciar produtos e/ou serviços ligados a imagem e/ou semelhança dela exclusivamente com relação a sua participação no documentário. Os produtores inclusive poderão utilizar a imagem do filme e da participação do (a) declarante no mesmo, bem como, o som de voz desse último para divulgação do produto licenciado em quaisquer campanhas publicitárias e anúncios em quaisquer mídias.

5 -Autoriza, ainda o (a) declarante, a utilizar a imagem e voz do declarante, inclusive dublando a sua voz, se necessário, em qualquer idioma, renunciando a qualquer participação sobre eventuais vendas dos direitos do programa para outros países ou emissoras.

Local / Data:
(Assinatura):